

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL**

LUCIANA SENDER SCATENA

**SUSTENTABILIDADE, RESPONSABILIDADE SOCIAL, ÉTICA E
PRINCÍPIO DA PRECAUÇÃO – UM ESTUDO SOBRE O
AMBIENTALISMO CORPORATIVO NA INDÚSTRIA
FARMACÊUTICA.**

**SÃO PAULO
2012**

LUCIANA SENDER SCATENA

SUSTENTABILIDADE, RESPONSABILIDADE SOCIAL, ÉTICA E PRINCÍPIO DA
PRECAUÇÃO – UM ESTUDO SOBRE O AMBIENTALISMO CORPORATIVO NA
INDÚSTRIA FARMACÊUTICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM)
da Universidade de São Paulo para a obtenção
do título de Mestre em Ciência Ambiental.

Orientadora: Professora Eda Terezinha de
Oliveira Tassara

Versão Original

(Versão original disponível na Biblioteca Prof. Fonseca Telles e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da
USP)

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Sender, Luciana Scatena

Sustentabilidade, responsabilidade social, ética e princípio da precaução - um estudo sobre o ambientalismo corporativo na indústria farmacêutica / Luciana Scatena Sender; orientadora Eda Terezinha de Oliveira Tassara. . – São Paulo, 2012.

214 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo

1. Indústria farmacêutica – aspectos ambientais 2. Indústria farmacêutica – prevenção e controle 3. Desenvolvimento sustentável 4. Responsabilidade social I. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

SUSTENTABILIDADE, RESPONSABILIDADE SOCIAL, ÉTICA E PRINCÍPIO DA PRECAUÇÃO – UM ESTUDO SOBRE O AMBIENTALISMO CORPORATIVO NA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA.

AUTORA: LUCIANA SENDER SCATENA

ORIENTADORA: PROFESSORA EDA TEREZINHA DE OLIVEIRA TASSARA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciência Ambiental.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Ciência Ambiental

BANCA EXAMINADORA:

1. _____
Professor Marcos Sorrentino
Instituições: ESALQ / PROCAM

2. _____
Professor Sigmar Malvezzi
Instituições: PST-IPUSP

3. _____
Professor Isak Kruglianskas
Instituições: FEAUSP / PROCAM

São Paulo, _____ de _____ de 2012.

Aos meus amores Luisa e Leticia,
razão maior da minha existência.

AGRADECIMENTOS

À Professora Eda Tassara, muito mais do que minha orientadora. Fonte de inspiração de vida e ciência, me apoiou e me orientou verdadeiramente. Exemplo de dedicação, retidão e sabedoria. Meu profundo agradecimento por ter me estimulado e me ajudado tanto a tornar este trabalho possível.

Ao Marcelo Tassara, que gentilmente cedeu seu espaço e seus dias de descanso para que pudéssemos nos dedicar à conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, que me ensinaram os valores que hoje carrego e que me guiam em cada decisão. Pela paciência sem fim, por sempre me acalmarem e me trazerem as coisas em perspectiva e por me permitirem me envolver de verdade neste trabalho, cuidando do que eu tenho de mais precioso.

Ao meu marido, por toda a paciência, amor, compreensão, cumplicidade e apoio. E por cuidar tão bem dos nossos maiores amores.

Às minhas princesas, Luisa e Leticia, que aceitaram meu distanciamento temporário para que eu pudesse concluir o trabalho.

Aos meus irmãos, Fernando, Claudia e Andréa, pelo apoio, carinho e palavras de estímulo, sempre.

À Nicole Nothen, ajuda indispensável e de grande valor para a conclusão do trabalho.

Aos professores do PROCAM, com quem muito aprendi.

Ao meu comitê de orientação, professores Marcos Sorrentino, Pedro Jacobi e Isak Kruglianskas, pelas valiosas sugestões e considerações.

Ao professor Ricardo Abramovay, que me estimulou a estudar o tema do ambientalismo corporativo, me abrindo uma nova janela científica.

À CAPES, pela bolsa que me ajudou em um período de dedicação exclusiva.

Aos entrevistados, pelo tempo e pela disponibilidade de apoiar esta pesquisa.

Ao Luciano, da secretaria do PROCAM, por todo o apoio durante o mestrado, tirando minhas dúvidas sempre com muita disposição.

Aos colegas do mestrado, pelas ricas discussões e divertidos momentos de descontração.

RESUMO

SENDER, Luciana Scatena. **Sustentabilidade, responsabilidade social, ética e princípio da precaução - um estudo sobre o ambientalismo corporativo na indústria farmacêutica.** 2012. 214 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental Universidade de São Paulo – São Paulo, 2012.

O trabalho tem como objetivo traçar um panorama do ambientalismo corporativo, que emerge das visões de executivos atuantes na indústria farmacêutica. Assim, o estudo se desenvolve tendo como núcleo temático o próprio ambientalismo corporativo e sua associação com as expressões correlatas “Responsabilidade Social”, “Sustentabilidade” e “Desenvolvimento Sustentável”. A partir disso, discute-se, com base no princípio da precaução, questões relativas às implicações do funcionamento ético das empresas e nas empresas farmacêuticas e suas possibilidades, limites e obstáculos. O estudo empírico constrói-se sobre testemunhos de executivos de empresas farmacêuticas diretamente envolvidos na área de Responsabilidade Social e/ou Sustentabilidade.

Para tanto, selecionou-se aleatoriamente seis das principais empresas do setor (por sua colocação no ranking de vendas das indústrias farmacêuticas nacionais e multinacionais no ano de 2009), das quais entrevistou-se oito sujeitos que atuavam, no momento do levantamento, nos setores escolhidos para o estudo. Os sujeitos foram entrevistados mediante uma condução guiada por roteiro semi-estruturado composto por doze perguntas envolvendo questões relativas às noções dos executivos sobre as expressões “Responsabilidade Social” e “Sustentabilidade” e também sobre temas específicos relacionados à ética na indústria farmacêutica e ao processo de desenvolvimento de novos produtos. A interação entre o entrevistador e os entrevistados foi enriquecida com a leitura do artigo 15 da Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente, que consagra o Princípio da Precaução. A análise dos diferentes depoimentos dos executivos foi feita considerando-se as seguintes dimensões temáticas, colocadas em discussão no decorrer das entrevistas: ética, aprimoramento do funcionamento empresarial (obstáculos, tipos de racionalização, limites, caminhos etc), sistemas periciais, regulamentações e acesso a medicamentos, princípio da precaução, sua aplicabilidade e campo de autonomia na ação executiva. Sob tal perspectiva, esta investigação tem como meta fundamentar um conhecimento sobre impedimentos, limites e obstáculos para a utilização plena do princípio da precaução como critério para decisões dos executivos, bem como de apontar possibilidades para intervenções visando o aprimoramento do sistema empresarial à luz dos seus próprios pressupostos ideológicos. A meta derivada do estudo é a de subsidiar propostas comprometidas eticamente no desenvolvimento de inovações farmacêuticas e no processo de expansão de seus produtos.

Palavras-chave: Ambientalismo Corporativo, Indústria Farmacêutica, Princípio da Precaução, Ética, Responsabilidade Social.

ABSTRACT

SENDER, Luciana Scatena. **Sustainability, social responsibility, ethic and the precautionary principle – a study of corporative environmentalism in the pharmaceutical industry.** 2012. 214 p. Master's Dissertation - Graduate Program of Environmental Science. University of São Paulo, São Paulo, 2012.

The study aims to provide an overview of corporative environmentalism, which emerges from the views of executives working in the pharmaceutical industry. Thus, the study develops itself having as themed nucleus, the very same corporative environmentalism and its association with the related expressions "Social Responsibility", "Sustainability" and "Sustainable Development". From this point, it is argued, based on the precautionary principle, issues concerning the implications of the ethical functioning of companies and pharmaceutical companies and their possibilities, limitations and obstacles. The empirical part of the study is built on the testimony from executives of pharmaceutical companies, directly involved in the area of Social Responsibility and / or sustainability. To this end, we selected randomly six major companies in the sector (by placing it on the sales rankings of national and multinational pharmaceutical companies in the year of 2009), of which were interviewed eight subjects who worked at the time of the survey, in the sectors chosen for the study. The subjects were interviewed using conduction guided by a semi-structured questionnaire, consisting of twelve questions involving issues related to the notions of the executives about the terms "Social Responsibility" and "Sustainability" and also about specific topics related to ethics in the pharmaceutical industry and the process of development of new products. The interaction between the interviewer and the interviewees was enriched with the reading of the Article 15 of the Rio Declaration on Environment, which enshrines the precautionary principle. The analysis of the various statements of the executives was made considering the following thematic dimensions, placed in discussion during the interviews: ethics, improvement of business operation (barriers, types of rationalization, boundaries, paths, etc), expert systems, regulations and access to drugs, the precautionary principle, its applicability and autonomy field in the executive action. Under this perspective, this research aims to substantiate knowledge about impairments, limitations and obstacles to the full use of the precautionary principle as a criterion for the executives decisions, as well as pointing out possibilities for interventions aiming the improving of the business system under the light of their own ideological presuppositions. The goal derived from the study is subsidize proposals ethically committed in the development of pharmaceutical innovations and in the process of expanding its products.

Keywords: Corporative Environmentalism; Pharmaceutical Industry;1 Precautionary Principle; Ethics; Social Responsibility.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução das vendas do mercado farmacêutico brasileiro em US\$, por empresa, para as dez primeiras	56
Tabela 2 – Participação do mercado por empresa em US\$	57
Tabela 3 – Participação por país nas vendas de produtos farmacêuticos, em R\$	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio	30
--	----

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMFm	Medicines Facility – malária
APIMEC	Associação dos Analistas e Profissionais de Investimentos do Mercado de Capitais
BOVESPA	Bolsa de Valores do Estado de São Paulo
CEBDS	Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável
CES	Centro de Estudos em Sustentabilidade
COMEST	Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e da Tecnologia
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DNDi	Drugs for Neglected Diseases Initiative
EH&S	Environmental Health and Safety
EMEA	European Medicines Agency
EPA	Environmental Protection Agency
GAVI	Global Alliance for Vaccines and Immunization, Affordable
GHI	Global Health Initiative
IBGE	Instituto de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IIDS	Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável
ISEA	Institute of Social and Ethical Accountability
MMV	Medicines for Malaria Venture
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMS / WHO	Organização Mundial da Saúde / World Health Organization
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
RSC / CSR	Responsabilidade Social Corporativa / Corporative Social Responsibility
SAM	Sustainable Asset Management
SAI	Social Accountability International
SRI	Socially Responsible Investing
UN	United Nations (Nações Unidas)
UNESCO	United Nations Educational, Scientific e Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WBCSD	World Business Council for Sustainable Development

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. CONTEXTO TEÓRICO	14
2.1 Ambientalismo corporativo, responsabilidade social e sustentabilidade	14
2.2 Desenvolvimento Sustentável	26
2.3 Sustentabilidade	29
2.4 Responsabilidade Social	32
2.5 Ética	36
2.6 Princípio da Precaução	40
3. MÉTODO	47
3.1 Panorama contemporâneo sobre a Indústria Farmacêutica Global	48
3.1.1 O cenário global do acesso a medicamentos	48
3.1.2 Necessidade de novos medicamentos	48
3.1.3 Necessidade de maior acesso financeiro a medicamentos existentes	49
3.1.4. Necessidade de maior acessibilidade aos tratamentos existentes	49
3.1.5 O desafio das doenças não comunicáveis (não infecciosas)	50
3.1.6 Tendências na Indústria Farmacêutica e suas implicações para o acesso a medicamentos	50
3.2 Sobre a Indústria Farmacêutica no Brasil	52
3.2.1 O mercado farmacêutico brasileiro	55
3.2.2 O Brasil no mercado farmacêutico mundial	58
3.3 Indicadores	59
3.3.1 Sobre os indicadores de responsabilidade social	59
3.3.2 Indicadores e Índices gerais	62
3.3.2.1 Ibase	62
3.3.2.2 Indicadores Ethos de Responsabilidade Social	62
3.3.2.3 Global Reporting Initiative (GRI)	63
3.3.2.4 Índice de Sustentabilidade Empresarial Bovespa (ISE)	64
3.3.2.5 Dow Jones Sustainability Index	66
3.3.2.6 FTSE4Good	66
3.3.2.7 SRI Johannesburg Stock Exchange	67
3.3.3 Indicadores e Índices setoriais	68
3.3.3.1 Índice de Acesso a Medicamentos	68
3.3.3.2 Índice FarmaSustentável	72
3.4 Sobre os sujeitos	75
3.5 Sobre o levantamento empírico de informações	76
3.6 Sobre os procedimentos de análise	77

SUMÁRIO
(continuação)

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
APÊNDICES	98
APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas	99
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	100
ANEXOS	101
ANEXO A – Histórico do Desenvolvimento Sustentável	102
ANEXO B Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento	109
ANEXO C Panorama farmacêutico global.....	113
ANEXO D Normas para transcrição fonética (UFRJ/ABNT)	129
ANEXO E Transcrição das entrevistas realizadas	132

1. APRESENTAÇÃO

Considera-se que o estudo do tema do ambientalismo corporativo e da responsabilidade social na indústria farmacêutica reveste-se de relevância por suas implicações éticas, as quais devem necessariamente compor qualquer sistema de referência do teor de sustentabilidade subjacente aos efeitos de suas iniciativas e inovações. Esta investigação, nesse sentido, abre perspectivas para evidenciar limites, impedimentos e obstáculos tanto para a aplicação plena do princípio da precaução nas ações executivas cotidianas, tanto de planificação como de gestão, como, também, para subsidiar propostas de aprimoramento do funcionamento ético das indústrias farmacêuticas, especialmente no que diz respeito aos processos de inovação e expansão de seus produtos.

No primeiro capítulo, faz-se uma contextualização dos termos e expressões norteadores do estudo, quais sejam: ambientalismo corporativo, responsabilidade social, sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, ética e princípio da precaução.

A seguir, no segundo capítulo, apresenta-se o método, incluindo uma descrição sucinta do panorama contemporâneo da indústria farmacêutica global, sob o enfoque do acesso a medicamentos e uma breve retrospectiva histórica da indústria farmacêutica brasileira. Ainda nesta seção, apresenta-se os principais indicadores de responsabilidade social empresarial, gerais e setoriais, considerados relevantes no contexto do estudo. Descreve-se, também, quais foram os sujeitos do estudo, os procedimentos de coleta de informações e, por último, os procedimentos de análise das informações coletadas.

O capítulo seguinte trata, especificamente, da análise e interpretação dos resultados, elaboradas em torno de dimensões temáticas definidas e ilustradas por fragmentos reescritos dos depoimentos, em que se busca formular avaliações com base nos testemunhos dos sujeitos. Tais formulações buscam definir padrões para o aprimoramento dos atributos éticos implícitos nas ações dos executivos das indústrias farmacêuticas.

Por último, como considerações finais, aponta-se a existência de campos de autonomia que, atualizados, possibilitariam, por hipótese, o visado aprimoramento, formulando-se propostas para se enfrentar os obstáculos e limites que impediriam sua consecução.

2. CONTEXTO TEÓRICO

2.1 Ambientalismo corporativo, responsabilidade social e sustentabilidade

Em capítulo intitulado “Eixos de tensão e a nova agenda para a Psicologia Ambiental”, Enric Pol (2001) sintetiza que o termo sustentabilidade foi apresentado e definido formalmente no Relatório “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como Relatório Brundtland, em 1987. Teria sido citado quase como uma palavra mágica, sem uma definição consistente e operacional, mas com algumas virtudes e defeitos. Todo o conceito de sustentabilidade teria um enfoque diferente daquele que, a partir de uma perspectiva ecológica, se entenderia por problemas ambientais. A definição incorporaria, necessariamente, o comportamento humano, o comportamento social, as condições de vida e uma série de valores, como a solidariedade, como elementos intrínsecos à questão ambiental. Assim, os temas ambientais não poderiam ser analisados sem se levar em consideração tudo o que diz respeito ao comportamento humano. A definição de desenvolvimento sustentável contida no relatório tem uma menção a esta dimensão, porém, sem nenhuma operacionalização. Já na Conferência do Rio em 1992 (a Eco-92)¹, se deu uma grande ênfase às dimensões social e política vinculadas ao conceito.

Na Europa, em 1992 também, segundo Pol (2001), foi lançado o V Programa “Para um desenvolvimento sustentável”, já enfatizando o papel chave que as dimensões humana, social, comportamental, a participação social e a informação exercem para o entendimento e gestão de toda a temática ambiental. Neste programa estabeleceu-se que qualquer efeito ou impacto ambiental teriam uma dimensão ecológica e uma social, afetando a ambas e, conseqüentemente, o comportamento dos membros das comunidades.

Ainda, segundo esse autor, a sustentabilidade, apesar de ter sido muito criticada conceitualmente por sua falta de concretude, teria a virtude de facilitar um ponto de encontro entre interesses diversos. Isto porque seria uma ideia passível de entendimento e incorporação pelas estruturas de poder empresariais e industriais, uma vez que as mesmas viriam tomando consciência de que os recursos naturais são realmente finitos e de que haveria necessidade de adaptação a esta nova situação, mantendo sempre o “desenvolvimento”. Portanto, uma parte da sociedade que nunca aceitaria princípios ambientalistas – ecologistas, passaria a aceitá-los. Os ambientalistas-ecologistas mais radicais, por sua vez, veriam que um certo nível de

¹ Conferência da Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro (Brasil), entre 3 e 14 de junho, em 1992, que ficou conhecida como Eco-92 ou Rio-92.

desenvolvimento seria preciso, mas que teria que ser um desenvolvimento compatível com a capacidade de suporte do planeta. Assim, a ideia de desenvolvimento sustentável teria surgido como um guarda-chuva comum, como um ponto de encontro, mesmo com uns enfatizando o ‘desenvolvimento’ e outros enfatizando o ‘sustentável’.

Essa solução terminológica, no entanto, não implica o cancelamento automático dos seus diferentes significados. Oriundos de divergentes tradições históricas e linguísticas, esta junção dos termos cria tensões derivadas de suas diferenças, manifestando-se tanto nos níveis geopolíticos, como nos políticos, sociais, culturais, econômicos, psicológicos e, finalmente, ambientais. Neste campo, insere-se ainda a ambigüidade contida na utilização indiscriminada destes distintos significados como subsídio para decisões dos agentes sociais nos seus âmbitos de atuação. A esta ambigüidade incorpora-se, como um complexificador na identificação clara de alternativas de escolha para a ação e suas implicações, as diferenças de significado entre contextos de análise do ambiente *sensu stricto* (envolvendo relações do homem e seu ambiente físico) e aqueles relativos à ambiência ou socioambiente (envolvendo relações entre homens e homens e suas histórias) (THIBAUD, 2004; LATCHINIAN, 2011).

Compreender como o discurso ecológico contemporâneo (BONFIGLIOLI, 2008) emergiu e se consolidou como uma força política global com influências planetárias é uma complexa tarefa porque possui uma longa história e uma ainda desconexa sistematização de suas origens, quer arcaicas como recentes. Qualquer análise desta questão, do ponto de vista contemporâneo, exige que se tenha como referência o contexto do processo de globalização, em si de alta complexidade.

Retomando as análises apresentadas por Pol (2001), uma análise do processo da globalização, sob suas implicações lógicas, poderia ser referenciada ao longo de três eixos. São eles:

- Globalização da informação, produzida pela mídia de massa e pelas novas tecnologias da informação com seus efeitos uniformizadores, provocando achatamento das diferenças culturais e de determinados valores e ideologias.

- Globalização da tomada de consciência de que os efeitos ambientais advindos dos processos de produção e estilos de vida locais geram uma contaminação de efeitos globais, requerendo ações e intervenções com visão globalizada, mesmo que sejam (e devem ser) localizadas.

- Globalização econômica, da produção e do mercado consumidor. A tendência deste mundo globalizado é a da uniformização cultural e do consumo, e não do bem estar social. Ao contrário do que se diz, a globalização econômica não permitiria maior acesso a mercados e

maior diversidade de consumo, mas sim a redução da diversidade e a uniformização cultural e de valores, associadas a um tipo de produto e a uma forma de consumo específicos.

Desta forma, esta análise sistêmica, ao mesmo tempo em que permite identificar a busca de uniformização das necessidades humanas pela globalização da produção, também as articula em um quadro comum gerador de um achatamento uniformizador das possibilidades de escolha frente a alternativas de descrição, explicação e interpretação de fatos e/ou imagens ambientais ou socioambientais e de suas implicações, definindo ordens e tendências de consumo. Este enfoque triplo está presente e pode ser verificado no campo que se oferece aos indivíduos, em qualquer ponto do planeta onde exista a tecnoeletrônica, condicionando o domínio das vontades, criando desejos e necessidades, restringindo e estreitando as opções e limitando o campo de atuação e de pensamento. Este seria o panorama da hegemonia² (do e no processo de globalização, o que não impede a produção de rupturas dele decorrente através da imprevisibilidade das interações sociais geradas pelo uso original dos meios oferecidos pela tecnoeletrônica na definição de ações não enquadráveis nas previsões estratégicas hegemônicas).

Corroborar essa visão a definição apresentada por Milton Santos, referida por Aziz Ab'Saber (2002), para o ambiente. Segundo este autor, o ambiente consistiria na organização humana no espaço total, compreendendo os fragmentos territoriais em sua totalidade. A essa conceituação se acrescenta uma complexificação de seu significado geográfico original, incorporando-se uma dimensão de subjetivação – a um ambiente objetivo correspondem inúmeros ambientes subjetivos, experienciados, construídos ao longo dos processos de socialização dos indivíduos (TASSARA, 2004). Essa abertura geraria um campo potencial de autonomia aos indivíduos, embora circunscrito aos limites da ação hegemônica.

É sob tal configuração que inscrevemos o tema do ambientalismo corporativo como objeto deste trabalho. Consideraremos, no nosso estudo, este tema em associação com seus

² No presente trabalho, utiliza-se o termo *hegemonia* ou o adjetivo *hegemônico* considerando-se que, face à grande extensão dos estudos existentes no campo da teoria marxista sobre eles, o aprofundamento no seu significado transcenderia os objetivos deste estudo. Como ilustração do contexto conotativo em que se inscreve o sentido com que se está empregando este termo, transcreve-se a conclusão do verbete “*hegemonia*” do “Dicionário do Pensamento Marxista”, editado por Bottomore: “Alguns autores enfatizam o caráter homogêneo ou unitário e possivelmente totalizante da hegemonia, enquanto outros acentuam seus diversos elementos que não estão necessariamente enraizados em classes definidas economicamente e o modo pelo qual ela representa a convergência de grupos inteiramente diferentes bem como as concessões que isso implica. Algumas interpretações recentes pretendem que o conceito de hegemonia proporciona um instrumento teórico não apenas para a análise da sociedade burguesa e para o desenvolvimento de estratégia de transição para o socialismo, como também para a avaliação das realizações e dos limites das próprias sociedades socialistas (BOTTOMORE, 2001, p. 178).

correlatos responsabilidade social, sustentabilidade e ética profissional, os quais se evidenciam como um núcleo semântico no discurso empresarial contemporâneo.

Ambientalismo corporativo³, responsabilidade social empresarial e responsabilidade corporativa são alguns dos termos utilizados para descrever um movimento relativamente recente no ambiente corporativo e que ganha cada vez mais força nas discussões estratégicas de grupos econômicos. Vinculada a estes termos está a profunda transformação pela qual as empresas estão passando, na qual os temas de natureza ambiental deixam de ser abordados como questões de cumprimento de legislação ou de prevenção de desastres ambientais que marcaram a vida de tantas empresas, em especial as do setor químico ou petrolífero; ou seja, as questões ambientais deixam de ser tratadas como externalidades e passam a ocupar importante papel nas tomadas de decisão empresariais (ABRAMOVAY, 2007b).

Este fenômeno tem sido observado globalmente e muito se tem escrito e discutido a respeito. Nos Estados Unidos, durante o pós-guerra, foi a transferência dos conceitos de ecologia e ecossistema, juntamente com a incorporação de valores semelhantes aos defendidos pelo transcendentalismo norte-americano, que sinalizou o movimento ambientalista como um movimento político de inspiração contracultural. Como movimento social da contracultura, o ambientalismo tinha no movimento pacifista *hippie* sua principal força política. Gradativamente, dilui-se na identidade deste movimento esse aspecto definitório e o mesmo passa a se organizar como uma biopolítica, à medida em que empresas privadas e empresas nacionais começam a prever ou se antecipar às demandas ambientalistas, introduzindo medidas mitigatórias nos processos deletérios aos sistemas naturais, refletindo a apropriação do discurso contracultural inicial pelo sistema econômico dominante. Esta interpretação do fenômeno como uma biopolítica é caracterizada por Latchinian (2011) como uma burocracia ambiental, decorrente da consolidação destes ideais sob forma de regimes jurídicos de maior ou menor amplitude e profundidade. (BONFIGLIOLI, 2008; LATCHINIAN, 2011)

Nos primórdios do movimento contracultural, teve importante papel Rachel Carson, com sua obra *Silent Spring*, de 1962, na qual a autora propõe movimentos organizados contra o uso intensivo de pesticidas na agricultura conforme vinha sendo feito nos Estados Unidos. A autora, em seu relato, descreve os efeitos desastrosos do uso de DDT nas populações de aves, anfíbios e pequenos animais, entre outros. Seu manifesto se fundamenta na hipótese de que as intervenções humanas poderiam alterar negativamente o ambiente natural e também a saúde

³ Termo usado especialmente nos Estados Unidos (HOFFMAN, 2001).

humana de forma drástica. Desta vinculação da preocupação ecológica com os direitos civis e sua possível estruturação sob forma de regimes jurídicos, nasceria a enunciação de um direito específico e crucial: o da qualidade do meio ambiente na garantia da vida presente e futura (CARSON, 1962).

A década de 70 foi marcada pela ocorrência dos grandes acidentes ambientais, da Exxon Valdez, Bhopal e Chernobyl, que, por seu forte impacto, fortaleceram uma crítica da associação entre desenvolvimento e progresso, cujas origens remotas situam-se no início do século XVIII (TASSARA, 2009). É no transcorrer desta mesma década que surgem os primeiros fóruns internacionais e documentos deles decorrentes para discutir os impactos da ação humana no ambiente e regulamentá-los jurídica e eticamente: o Clube de Roma⁴, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente em Estocolmo (em 1972), a divulgação do Relatório “Nosso Futuro Comum” (em 1987), a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)⁵, a Eco-92, os Protocolos de Montreal, Kyoto, entre outros. Além destas referências, muitas outras poderiam ser introduzidas no traçado desta evolução histórica. O Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (IIDS) apresenta, em sua página na internet, um mapeamento detalhado deste processo⁶.

A partir destas ocorrências, passa-se a procurar uma alternativa ao modelo econômico vigente, buscando estabelecer regras, acordos e limites que enfrentem as disputas políticas e geopolíticas e estabeleçam um novo equilíbrio das forças contemporâneas contidas na relação Homem-Natureza e Homem-Homem. A retórica desses documentos se fundamenta na hipótese de que se busca, através dessas medidas jurídico-burocráticas, alcançar uma qualidade de vida para as gerações atuais e futuras. No entanto, este processo, do ponto de vista lógico, só se realizaria mediante a suposição de existência de uma ética universal, satisfazendo necessidades humanas historicamente contingentes. Este obstáculo de definição de uma ética universal das multidões, poderia, no entanto, ser enfrentado mediante a derivação de um princípio disciplinador das intervenções socioambientais com aplicabilidade local.

O princípio da precaução, contido na Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento⁷ e implícito nas legislações ambientais, definindo juridicamente o crivo da

⁴ Fundado em 1968, ganhou notoriedade pela elaboração do Relatório do Clube de Roma ou Relatório Meadows (por ser chefiado por Dana Meadows), primeiro relatório sobre o meio ambiente com grande repercussão.

⁵ www.pnuma.org.br

⁶ Uma reprodução deste mapeamento consta no ANEXO A deste trabalho, p. 102.

⁷ Uma reprodução desta declaração consta no ANEXO B deste trabalho, p. 109.

necessidade de conhecimento das conseqüências e riscos de aplicação de inovações tecnológicas em projetos de intervenção socioambiental em diferentes escalas e níveis, vem consistir em uma ética da aplicação da inovação, e não da definição das necessidades humanas (BONFIGLIOLI, 2008; SETZER, 2009; UNESCO, 2010).

A evolução do ambientalismo corporativo nos Estados Unidos desde 1970 é tema abordado por Andrew Hoffman em seu livro intitulado *From heresy to dogma* (2001). Com esta obra, o autor demonstra que as firmas acompanharam um conjunto de regras industriais, normas, percepções e crenças na medida em que suas políticas ambientais evoluíram. Estas instituições tiveram origem dentro do campo organizacional de cada firma, envolvendo as redes do negócio, econômicas, políticas e sociais. Hoffman descreve, ainda, o cenário destas mudanças como caracterizado por indústrias que passaram por uma profunda mudança social. E, na medida em que as perspectivas sociais mudaram, as da indústria mudaram também. Com isto, o ambientalismo deixou de ser visto como uma ameaça da sociedade e passou a ser um componente central da estratégia competitiva dos negócios.

A história do ambientalismo corporativo é uma história de mudança nas corporações, uma vez que alterou profundamente a forma e a função dos empreendimentos. O que chama a atenção no livro de Hoffman é o fato de que as motivações para a transformação das empresas neste caso se encontraram predominantemente fora delas, o que demonstra que as empresas são permeáveis às pressões sociais. Nesta obra, o autor demonstra a evolução do ambientalismo corporativo através de alguns exemplos da indústria de petróleo e da indústria química nos Estados Unidos e traz componentes importantes para que se perceba de que forma este movimento vem evoluindo.

Por exemplo, na década de 1970, os assuntos ambientais eram tratados como parte do departamento de engenharia. Atualmente, há um departamento, em geral grande e específico para tratar do tema (Environmental Health and Safety – EH&S), que dá suporte a áreas chave da empresa como a jurídica, relações públicas, contabilidade e até para o conselho diretivo.

O ambientalismo vem transformando os mercados de produtos, os desenhos de processo, as estruturas organizacionais e, principalmente, os objetivos corporativos. Esta singularidade do movimento se deve aos seus impactos holísticos em todo o campo organizacional das corporações, transcendendo questões puramente tecnológicas e permeando todas as áreas de uma firma, afetando todas as facetas da estrutura organizacional e, ainda, por ter um componente ético e moral, misturando aspectos físicos (fatos) e sociais (viscerais) da realidade corporativa. Os campos não são estruturas previamente determinadas, mas são

permeáveis às ações dos diversos atores, como ONGs, movimentos sociais e o resultado da articulação entre atores nos campos é imprevisível.

Em contraposição a esta posição, em 1970, o Nobel de Economia Milton Friedman escreveu que qualquer empresa que fizesse despesas com controle de poluição acima do que era requerido por lei para contribuir com o objetivo social de melhorar o meio ambiente estaria praticando socialismo puro (FRIEDMAN, 1970). Nesta época havia de fato um consenso de que as questões ambientais eram uma ameaça e que os investimentos nesta área não seriam recuperáveis. Paradoxalmente, setores intelectuais de compromisso teórico-crítico também argumentam por esta impossibilidade de recuperação, propondo a crítica civilizatória como a única alternativa para o enfrentamento histórico competente da crise ambiental (KOSELLECK, 1999).

Outras vozes, contemporaneamente, se contrapõem a essa possibilidade de recuperação argumentando pela impossibilidade de previsão prognóstica das conseqüências futuras da crise ambiental, por as mesmas não estarem evidenciadas pelo conhecimento científico até o presente momento (LATCHINIAN, 2011). Por outro lado, em 1995, Michael Porter e Claas van der Linde, professores de estratégia de Harvard, escreveram um artigo (PORTER; LINDE, 1995) no qual ele defende a ideia de que a proteção ambiental não se constitui em uma ameaça às corporações, mas sim em uma oportunidade de aumentar sua vantagem competitiva no mercado. Contrariamente à suposição de Friedman (1970), o que Porter afirmava era que qualquer empresa que investisse no controle de poluição além do que era requerido por lei estava, na verdade, praticando puro capitalismo. Isto vem ao encontro das teses defendidas pelos intelectuais críticos radicais, que consideram este tipo de atuação como uma estratégia de Marketing apoiada em uma tendência criada pela difusão mediática do discurso ecológico ambiental.

Em síntese, esta transformação é consensualmente considerada como uma mudança profunda na mentalidade empresarial em relação às questões ambientais. Ocorrida em um curto período histórico, esta transformação é interpretada por alguns como uma mera mudança na retórica empresarial, a adoção simbólica de procedimentos e práticas padronizados, algo sem fundamentação teórico-política, o que caracteriza o chamado *greenwashing*; por outros, é vista como um indicativo da mudança da mentalidade industrial, um sinal de que o ambientalismo foi internalizado pelas empresas como parte de seus objetivos centrais.

Hoffman, na obra já referida, analisa a mudança que ocorreu nas empresas dos setores químico e de petróleo buscando responder a duas questões básicas: como a indústria saiu de

uma postura de resistência veemente ao ambientalismo para assumir uma postura de gestão ambiental pró-ativa? Por que esta transformação ocorreu? A razão da mudança, para esse autor, estaria atrelada não às motivações internas das empresas, mas ao fato de elas terem sido forçadas a reagir. O ambientalismo evoluiu de forma muito rápida. Coisas que eram impensáveis no passado agora fazem parte das estratégias das empresas, o que não é fruto do fato de os indivíduos que trabalham nas empresas terem se tornado mais conscientes. O que esta transformação sugere é que a forma como uma firma se comporta é um reflexo de como as concepções do comportamento corporativo são definidas. As empresas, portanto, existem dentro de múltiplos campos e respondem a eles com níveis diferentes de atenção. Como descreve Hoffman, as questões empresariais não são definidas por firmas individualmente, mas são socialmente definidas pelo ambiente externo à firma – o conjunto de organizações que são influentes na formação e alteração das normas industriais. Já, como a questão ambiental é definida dentro da organização, depende de como ela é definida fora da organização. Assim, as firmas podem escolher como agir, mas as opções de escolha são limitadas pelo ambiente externo.

O autor ainda reforça a ideia de que a estrutura interna e a cultura empresarial são um reflexo das instituições dominantes do campo organizacional, o que não é um argumento sobre os interesses de *stakeholders*⁸. Isto porque os membros do campo organizacional não precisam estar em contato direto com a firma para impactar sua estrutura e suas estratégias. São as forças sociais que definem as práticas aceitas e levam as corporações a adotá-las, afetando não somente as firmas individualmente, mas o ambiente empresarial como um todo. Em suma, as mudanças organizacionais são produto das mudanças institucionais.

Em decorrência, a firma não pode ser vista de forma isolada, livre de influências do ambiente externo. Sua estrutura interna e suas práticas são um reflexo das instituições prevalecentes no campo organizacional, ao mesmo tempo em que a firma pode agir com certo grau de auto-interesse para afetar o desenvolvimento destas instituições em uma interação de reciprocidade de influências não necessariamente simétrica. Entender a evolução do ambiente institucional revela muito sobre a evolução das firmas dentro deste ambiente. A análise desta evolução demonstra como atores individuais emergem e exercem um papel importante em iniciar as mudanças institucionais e influenciando as regras e normas resultantes que guiam as ações dos outros.

⁵ *Stakeholders*: Termo em inglês utilizado para designar as partes interessadas, ou seja, qualquer indivíduo ou grupo, não acionista, que possa afetar a empresa por meio de suas opiniões ou ações, ou ser por ela afetado. (Definição deste termo disponível no endereço eletrônico http://www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/glossario/. Acesso em 07/07/08).

Hoffman, em suas análises, classifica o ambientalismo corporativo norte-americano em quatro fases. Durante os anos 1960, o tema apareceria com os agrotóxicos e a poluição do ar e a indústria adotaria uma postura de arrogância e de confiança na capacidade de o avanço tecnológico, por si só, oferecer as melhores soluções. De 1970 a 1982, surgiria uma fase regulatória, na qual as organizações teriam sido forçadas a adotar um modelo considerado desejável de comportamento. Teria sido uma fase marcada por forte oposição entre indústria e a Agência de Proteção Ambiental norte-americana (EPA). De 1982 a 1988, teria ocorrido uma fase normativa. Neste período, a gestão ambiental, embora ainda com caráter coercitivo regulatório, teria passado a ser considerada como boa prática de negócios revestindo-se de um teor de responsabilidade social. A última fase, compreendida a partir dos anos 1990, teria sido marcada pela inclusão definitiva dos temas ambientais nas estratégias empresariais.

A análise feita por Hoffman expande o foco do ambientalismo corporativo das mudanças organizacionais no nível individual, incluindo as mudanças institucionais no campo, trazendo importantes implicações para o entendimento do processo da mudança organizacional. A empresa seria uma organização baseada na sociedade, que busca atingir metas subjetivas de sobrevivência e legitimidade e não só as supostas metas objetivas de eficiência e maximização de lucro. Ou seja, o funcionamento da empresa seria dinâmico, complexo e sujeito a diferentes tipos de influência sobre o exercício racional na produção de seus objetivos. Assim, as dinâmicas organizacionais dentro e fora das firmas impactariam as percepções e ações corporativas internas.

Cabe citar o que, segundo Malvezzi (2011), seria o mais recente dos movimentos ambientalistas: a corrente denominada por Martínez-Alier, a partir de 1980, de ‘ecologismo dos pobres’, em que o autor procura defender a justiça social entre os homens, tendo tido sua origem nos conflitos ambientais causados pelo crescimento econômico e pelas desigualdades sociais. O foco da atenção estaria, assim, nos pobres de hoje e no interesse material destes pelo meio ambiente como fonte de subsistência. Segundo Malvezzi (2011), o ecologismo dos pobres estaria se expandindo a nível mundial em razão dos conflitos ecológicos e distributivos que o mundo vem enfrentando. Suporia, em sua base, uma mudança na racionalidade econômica, enquanto distribuição de renda ou de acesso e, por isso, suscitaria com força o debate da diferenciação da assistência e do assistencialismo. Os recentes movimentos sociais que vêm se manifestando no mundo e nas redes sociais, tais como os indignados na Espanha, os movimentos contra-opressivos contidos na denominada “Primavera Árabe” e,

posteriormente, o “Ocupe Wall Street”⁹, que surgiu nos Estados Unidos inspirado nestes movimentos e que se disseminou mundialmente, e outros ainda, seriam indícios deste “ecologismo dos pobres”.

Retomando a análise do ambiente institucional, tal como desenvolvido por Hoffman e outros autores engajados neste campo de debate, poderia se dizer que o mesmo é dinâmico, assim como a gestão ambiental corporativa. Portanto, ainda segundo Hoffman, não haveria empresa verde; o melhor que se poderia dizer seria como as empresas estariam se tornando verdes. Uma vez que, como mencionado acima, as empresas estão inseridas dentro de múltiplos campos, respondendo a cada um deles de formas diferentes, o autor exemplifica que, enquanto um departamento pode adotar uma gestão ambiental pró-ativa, outro pode estar fazendo lobby no Congresso para afrouxar os padrões ambientais. As mudanças regulatórias são apenas uma parte do campo organizacional que inclui ativistas, investidores, companhias de seguro, concorrentes, mídia, comunidade local, financiadores, consultores, o público em geral, consumidores, fornecedores e governos, entre outros. São os interesses desses grupos que devem ser entendidos se a firma pretende ter controle de seus assuntos ambientais.

Para Hoffman, saindo do foco interno para o externo, o modelo institucional proporcionaria visões adicionais. Assim, a gestão ambiental teria se tornado tema de importância para as relações com investidores, estratégia competitiva, crédito e se incorporaria às questões centrais da corporação. Além disto, este modelo revelaria um novo papel para os ativistas ambientais, que poderiam oferecer suporte as corporações que eles estão tentando mudar como consultores ou permanecer fora do campo tentando desenvolver novas normas institucionais e crenças, agindo como militantes, posição altamente contestada pelos socioambientalistas radicais.

Os ambientalistas poderiam, ainda, fazer alianças com organizações poderosas no campo e facilitar as mudanças institucionais que forcem firmas menos poderosas a seguirem. Ou eles poderiam vir a se aliar a novos atores institucionais, como investidores, criando pressão adicional a firmas e aumentando a consistência da ação dentro do ambiente institucional. A essência de como o ambientalismo mudaria as corporações residiria principalmente nas transformações estruturais, estratégicas e culturais, que ocorrem por decisões tomadas internamente mas que estão dentro dos limites das instituições definidas pelo ambiente social externo à organização, que é o seu campo organizacional.

⁹ Expressão original que dá nome ao movimento: “Occupy Wall Street” (OWS).

Todos os membros institucionais, que envolvem as empresas, interesses externos e governos, tanto afetariam como seriam afetados pelo campo organizacional. As estratégias corporativas emergiriam como resposta às demandas institucionais que, por sua vez, provocariam mudanças no campo organizacional. Hoffman defende que o ambientalismo corporativo deve ser visto menos como um processo puramente interno e mais como uma interação social na qual interesses externos e ações promovem uma transformação interna. A forma como as empresas definem suas responsabilidades frente ao ambiente seria um reflexo direto de como a sociedade enxerga as questões ambientais e o papel dos negócios em resposta a isto. A história do ambientalismo corporativo teria pouca relação com a trajetória de custos e regulamentação ambiental, ao contrário do que pensam muitos que atribuem a adoção de práticas para proteção ambiental por parte das empresas como estratégia para se preparar para futuras regulamentações e para garantir sua posição no mercado.

Os campos organizacionais onde as firmas existem seriam sistemas abertos, compostos por vários atores, como mencionado, que definiriam práticas sociais e ambientais que devem ser levadas em consideração nas tomadas de decisão das corporações. A literatura econômica, para Hoffman, vem tratando a proteção ambiental no contexto das externalidades, argumentando que a poluição é conseqüente da falta de precificação de recursos ambientais escassos, como água e ar limpos. Porém, quando se reconhece a presença de um ambiente institucional, os limites dos conceitos de mercado de oferta e demanda se expandiriam. Assim, os custos diretos passariam a não ser a única forma de o ambiente externo pressionar as empresas; os *stakeholders* fazem demandas institucionais para as firmas através do estabelecimento de regras, normas e concepções comuns de comportamento, exigindo revisão do posicionamento das corporações, que acabariam por influenciar decisivamente as corporações no caso do ambientalismo corporativo. Nessas circunstâncias, a ação organizacional seria muito mais uma resposta às pressões externas por legitimidade do que a demandas internas por eficiência. As motivações para a transformação que ocorre no ambientalismo corporativo, assim, seriam externas, não internas, e baseadas na legitimidade e não na eficiência.

Ainda, a ação organizacional, através das influências culturais, se tornaria uma questão de escolha dentro de um conjunto estreito e legítimo de opções. Para as empresas, o ambientalismo representaria um realinhamento de suas responsabilidades e funções. Novos empregos e funções teriam sido criados e funções antigas teriam sido alteradas para incorporar novas perspectivas e responsabilidades que refletiriam as novas demandas sociais. Em essência, o resultado seria uma nova empresa, com estrutura e função determinadas tanto

pelos interesses internos como pelos interesses institucionais que a pressionariam para a ação. Em resumo, as responsabilidades ambientais teriam, segundo Hoffman, saído da periferia dos negócios e passariam a se alocar no planejamento da estrutura e no centro das planificações das decisões empresariais e de suas repercussões sobre as ações dos diferentes atores que operacionalizam suas metas.

As informações apresentadas no texto acima constituem-se em uma sucinta descrição do panorama histórico contemporâneo no qual se inscreve a problemática sob análise no presente estudo. Contudo, torna-se necessário referenciar os entendimentos específicos que informarão o desenvolvimento do estudo sobre os temas: *desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, responsabilidade social, ética, riscos e precauções* sob a ótica implícita nos termos do *princípio da precaução*.

2.2 Desenvolvimento sustentável

De acordo com Tassara (2008, p. 69), poder-se-ia entender o campo semântico da expressão ‘desenvolvimento sustentável’ como uma

proposta de ação que preconiza a permanência do processo de globalização e de desenvolvimento histórico-econômico vigente, porém visando a promoção e a geração de riqueza, a prosperidade e a qualidade de vida para a humanidade. Os defensores do desenvolvimento sustentável propõem que a utilização dos recursos naturais seja controlada econômica e politicamente, de maneira que não sejam esgotados ou degradados, a curto ou longo prazos, preservando-os para a sua plena utilização pelas gerações futuras. Ou seja, com o desenvolvimento sustentável propõe-se a manutenção do bom funcionamento das paisagens naturais, com a preservação dos serviços que elas prestam a manutenção da sociobiodiversidade ambiental, sem que seja questionada a necessidade do prosseguimento crescente de desenvolvimento e crescimento econômico global. Trata-se de um modelo de desenvolvimento econômico de base capitalista que, reconhecendo que os recursos naturais não são infinitos, pretende satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de atendimento as gerações futuras. Esse conceito surgiu pela primeira vez em 1987, com a publicação do Relatório Brundtland pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU e foi amplamente adotado a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (ECO-92).

O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), por sua vez, introduz referências às questões relativas à tecnologias inovativas “como impulsor da inovação, de novas tecnologias e da abertura de novos mercados, o desenvolvimento sustentável fortalece o modelo empresarial atual baseado em ambiente de competitividade global”¹⁰. Em sua tese de doutorado, intitulada ‘Política Identitária Verde: uma questão de emancipação’, Malvezzi (2011) afirma, a esse respeito, que a noção de ‘desenvolvimento sustentável’ ganhou espaço nas discussões ambientais, com esta nomenclatura, através do Relatório Brundtland da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Este relatório, conforme já referido por Pol (2001) e também conhecido como ‘Nosso Futuro Comum’, delinea as principais preocupações daquele momento, alertando para um futuro ameaçado e propondo o que se chamou de ‘Desenvolvimento Sustentável’, nele incluindo o papel da economia internacional. Ainda, aborda desafios de interesse comum, como a questão do aumento populacional e as limitações dos recursos naturais, a segurança alimentar, os desafios para as espécies e ecossistemas, a questão energética, industrial - como produzir mais com menos - e o desafio da urbanização. Propõe-se uma agenda global para a

¹⁰ Este trecho foi retirado da seção “Missão” da CEBDS, no endereço eletrônico: www.cebds.org.br/cebds/cebds-missao.asp. Acesso em 08/11/2011.

mudança, através do esforço coletivo na gestão dos oceanos e do espaço, a promoção da paz, segurança, desenvolvimento e equilíbrio ambiental e outras propostas de mudanças no ambiente legal e institucional, amparando as ações necessárias.

A base das ideias contidas na expressão “desenvolvimento sustentável” se situa no documento “Nosso futuro comum” (“Our Common Future” – UN, 1987, s/p, tradução nossa), que prevê:

Nós vemos a possibilidade de uma nova era de crescimento econômico, que deve estar baseado em políticas que dêem sustentação e expandem a base de recursos ambientais. E nós acreditamos que este crescimento é absolutamente essencial para amenizar a grande pobreza que assola os países em desenvolvimento.

Já Veiga (2006a), defende que expressão ‘desenvolvimento sustentável’ teria tido origem na polêmica sobre a possibilidade de a expansão da economia poder ser conciliada com a preservação do meio ambiente, vindo a se tornar, a partir da segunda metade do século XX, uma força social mobilizadora e geradora de novo direcionador político. Para o autor, o fato de a expressão estar sendo empregada de forma generalizada teria um ponto bastante positivo: mostraria que boa parte das elites passaria a tomar consciência da problemática dos limites naturais e de que não se deveria perseguir o desenvolvimento a qualquer custo, mas sim o ecologicamente sustentável. Com isto, a qualificação do termo ‘desenvolvimento’ com o uso do adjetivo ‘sustentável’ refletiria a necessidade de se repensar a noção de desenvolvimento atual.

Segundo Nobre e Amazonas (2002), ainda no contexto da análise de Veiga (2006b), o adjetivo “sustentável”, ofereceria ao termo a noção de estoque dos recursos naturais e a capacidade de suporte e absorção do planeta. Com este significado, o termo desenvolvimento ganharia uma conotação que iria além da econômica, envolvendo ainda aspectos políticos, sociais, territoriais, científicos, tecnológicos e culturais e proporcionando ao desenvolvimento a possibilidade de desdobramento em um novo modelo (VEIGA, 2005).

Neste mesmo artigo, Veiga (2006b) concorda com a análise apresentada por Pol em 2001, buscando compreender o que separaria o desenvolvimento da sustentabilidade. Segundo ele, não poderia ser mais profundo o abismo que separa os significados dos termos ‘desenvolvimento’ e ‘sustentável’. Argumenta que, desde a publicação do Relatório Brundtland pelas Nações Unidas para qualificar o processo de desenvolvimento, o adjetivo sustentável sempre teria exprimido o desejo de que seu principal motor - o crescimento econômico - pudesse ser compatível com a conservação dos ecossistemas. Perguntar-se-ia, com esse autor, se, na contramão dos fatos históricos do passado, seria possível conciliar um

crescimento com a conservação da natureza? No entanto, apesar desta indeterminação, a expressão “desenvolvimento sustentável” viria conquistar uma profunda força social, demonstrando a necessidade de que esses dois termos, analiticamente antagônicos, se interpenetrassem para que pudessem ser construídos elementos para superar este obstáculo. Para tanto, seria necessária a realização da crítica do próprio desenvolvimento, distinguindo claramente meios e fins. Para ele (VEIGA, 2006b), isto viria a viabilizar a formação de um

entendimento coletivo de que a finalidade do desenvolvimento é a liberdade, e que o crescimento econômico não será para sempre o principal meio de atingi-lo, mesmo que já o tenha sido por mais de dez milênios. Nada impedirá que esse meio passe a ser cada vez mais insuficiente, depois desnecessário, e bem mais tarde contraproducente. Deixará então de ser mero sonho a conservação dos ecossistemas que tiverem resistido.”

Neste contexto, Veiga ressalta ainda que o crescimento econômico poderia possibilitar o desenvolvimento, porém não seria sua garantia, já que o desenvolvimento ocorreria uma vez que houvesse uma reaproximação entre ética, economia e política. Desenvolvimento, reforçando, significaria criar condições para que os indivíduos tenham oportunidade para se auto-realizarem e para serem felizes. Assim, seriam necessários não apenas esforços coletivos e individuais, bem como uma combinação de trabalho autônomo e heterônomo e de tempo gasto em atividades não econômicas (VEIGA, 2005, p. 23). No que diz respeito ao desenvolvimento humano, esse autor defende que

só há desenvolvimento quando os benefícios do crescimento servem à ampliação das capacidades humanas, entendidas como o conjunto das coisas que as pessoas podem ser, ou fazer, na vida. E são quatro as mais elementares: ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter acesso aos recursos necessários para um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade.

Pol (2001) reforça a importância para que o desenvolvimento sustentável torne possível uma gestão que leve em consideração os impactos sociais, o comportamento humano dentro das organizações e da produção, o ser humano como consumidor e os usos que se fazem dos produtos. Isto significa que os modelos de deseabilidade para a vida social futura e planetária, compartilhados ou não, implicando construções de formas de relação arbitrárias entre o homem e o ambiente e o homem e o homem, por mais fundamentadas científica e politicamente que sejam, dependeriam da formulação de um projeto utópico, que por sua vez, dependeria, para se realizar, de um planejamento adaptativo (COSTA, 1986) aplicado na produção gradativa e criteriosa de seus ideais (TELPA, 2011).

2.3 Sustentabilidade

Segundo Tassara (2008, p. 180-181), o uso do termo “sustentabilidade” pode ser descrito da seguinte forma:

Diz-se da qualidade de um empreendimento humano que, nas suas interações com o universo socioambiental, fundamenta sua viabilidade econômica, simultaneamente, em critérios de respeito a justiça social, aos valores e a diversidade das culturas envolvidas, a distribuição equitativa e democrática das riquezas materiais e não materiais, e a correção ecológica. Pode ser definida como a capacidade de desenvolver processos produtivos e de gerar riquezas a partir da apropriação de recursos naturais, sem provocar o esgotamento da natureza ou a degradação socioambiental. A sustentabilidade alcança sua plenitude com a coletivização das ações individuais e comunitárias sobre o meio ambiente e suas conseqüências, gerando sociedades sustentáveis.

Da mesma forma que o termo ‘desenvolvimento sustentável’, atribui-se como marco para a vulgarização do uso do termo “sustentabilidade”, mesmo que apenas no campo da fala de intelectuais orgânicos, o Relatório Brundtland “Nosso futuro comum”, de 1987. Para Malvezzi (2011), o termo sustentabilidade derivaria do Latim *sustentare* (manter) e *sustinere* (não deixar cair). Entretanto, grande parte da literatura relativa ao tema considera o aparecimento de uma conceituação para ele após a Segunda Guerra Mundial, quando a relação da sociedade com o ambiente físico passou a ser analisada sob a ótica de sua complexidade e da produção de riscos, gerando uma análise sistêmica quer da questão ambiental como da socioambiental. Sustentabilidade seria, nesse contexto, uma forma de se planejar e, com base na previsão de catástrofes iminentes derivadas da contínua deterioração dos recursos naturais e/ou da aplicação indiscriminada de tecnologias de inovação de alto poder destrutivo, planificar mecanismos de impedimento de sua produção ou utilização acrítica (TASSARA, 1992).

Assume destaque na discussão desta temática a criação da Agenda 21¹¹ e dos

¹¹ “A **Agenda 21** pode ser definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. A **Agenda 21 Brasileira** é um instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do país, resultado de uma vasta consulta à população brasileira. Foi coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e Agenda 21 (CPDS); construído a partir das diretrizes da Agenda 21 Global; e entregue à sociedade, por fim, em 2002. A **Agenda 21 Local** é o processo de planejamento participativo de um determinado território que envolve a implantação, ali, de um Fórum de Agenda 21. Composto por governo e sociedade civil, o Fórum é responsável pela construção de um Plano Local de Desenvolvimento Sustentável, que estrutura as prioridades locais por meio de projetos e ações de curto, médio e longo prazos. No Fórum são também definidos os meios de implementação e as responsabilidades do governo e dos demais setores da sociedade local na implementação, acompanhamento e revisão desses projetos e ações.” Esta definição foi retirada da página na internet do Ministério do Meio Ambiente, disponível no endereço eletrônico: <http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18> . Acesso em 15/12/11.

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio¹², estabelecidas e definidas durante, respectivamente, a Eco-92 e a Conferência sobre Desenvolvimento Sustentável de Johannesburgo em 2002. A figura a seguir (Figura 1), é disponibilizada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para ilustrar os Objetivos do Milênio:



Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
 Fonte: <http://www.nospodemos.org.br/objetivos>¹³

Para Veiga (2006a, p. 89),

a sustentabilidade não é, e nunca será, uma noção de natureza precisa, discreta, analítica ou aritmética, como qualquer positivista gostaria que fosse. Tanto quanto a ideia de democracia – entre muitas outras ideias tão fundamentais para a evolução da humanidade – ela sempre será contraditória, pois nunca poderá ser encontrada em estado puro.

Obviamente, esta impossibilidade deriva não da natureza intrínseca do conceito, mas das implicações de sua utilização na construção de ambientes ditos sustentáveis e/ou no impedimento da disrupção socioambiental provocada por intervenções não crivadas pelo

¹² Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ou “Metas para o Milênio” – “Millenium Goals”), publicadas em 2000, apresentavam oito objetivos para o milênio que compreendiam 1) erradicação da fome e da pobreza, 2) universalização da educação primária, 3) promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres, 4) redução da mortalidade na infância, 5) melhorar a saúde materna, 6) combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças, 7) garantir a sustentabilidade ambiental e 8) estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

¹³ Esta figura pode ser encontrada no endereço eletrônico <http://www.nospodemos.org.br/objetivos>, ao qual se teve acesso através da página na internet do PNUD Brasil: <http://www.pnud.org.br/odm/index.php#>. Acesso em: (31/08/2011).

princípio da precaução. Dessa forma, no primeiro caso, estão condicionadas pelo desenho utópico que é eletivo, mesmo quando eleito por uma multidão; no segundo caso, dependeriam do julgamento *post-hoc* de processos de projeção e planejamento das intervenções em pauta. Veiga (2006a) destaca que a expressão ‘sustentabilidade’ passou a exprimir a necessidade do uso responsável dos recursos ambientais devido ao fato de evocar, em última instância, “uma espécie de ética de perpetuação da humanidade e da vida” (VEIGA, 2006a, p. 88). Seria possível interpretar essa ética, se considerada universal, como aquela expressa pelas exigências da aplicação do princípio da precaução, como defendido anteriormente.

Para além do pensamento de Veiga, Pol (2001), ao abordar as estratégias usadas para evolução do comportamento humano na sociedade em geral em direção à sustentabilidade, cita como a mais usada aquela baseada na ideia de que dar informação mudaria as atitudes dos cidadãos, independentemente de que em local se incluiriam nas hierarquias de poder de decisão e, conseqüentemente, garantiria a mudança de seu comportamento. Porém, segundo este último autor, a informação somente, apesar de necessária, não seria suficiente, pois significaria supor que o ser humano seria fundamentalmente racional e coerente. Isto significaria não levar em consideração os complexos processos afetivos e de influência social, entre outros tantos, que limitariam a possibilidade de manifestação, em espaços de locução, de uma racionalidade *sensu strictu*, uma intersubjetividade ílesa¹⁴ (HABERMAS, 1990). Por isso, seria de suma importância que as organizações buscassem e encontrassem estratégias de mudança mais eficientes, se possível acopladas no desenvolvimento de espaços de locução não estrategicamente operados pois, neste caso, além das operações de manipulação de interesses não tematizados na esfera pública, reproduziriam vieses autoritários e preconceituosos subjacentes.

¹⁴ “(...) Eu prefiro falar da ideia da intersubjetividade ílesa. Essa ideia pode ser obtida a partir da análise de condições necessárias do entendimento em geral – ela caracteriza a manifestação de condições simétricas do reconhecimento recíproco e livre de sujeitos que agem comunicativamente entre si” (Habermas, 1990, pág. 106).

2.4 Responsabilidade Social

A responsabilidade social e ética das empresas e instituições, sob o âmbito do ambientalismo corporativo, refere-se a, segundo Tassara (2008, p. 41):

a sua relação com a comunidade na qual estão inseridas, por intermédio do apoio ou do desenvolvimento de ações que beneficiem a sociedade como um todo e não apenas seus funcionários ou colaboradores diretos. Ou seja, empresa socialmente responsável é aquela que possui a capacidade de ouvir os interesses das diferentes partes (acionistas, funcionários, prestadores de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo) e conseguir incorporá-los ao planejamento de suas atividades, buscando atender às demandas de todos. Uma empresa cidadã atua como co-responsável pelos problemas da sociedade e do meio ambiente.

Já a responsabilidade ambiental corporativa constituir-se-ia em algo novo e, a nosso ver, pouco explorada de forma crítica, embora tenha sido rapidamente absorvida, como retórica, pela gestão empresarial, institucional e administrativa, conforme já nos referimos. A dimensão responsabilidade ambiental tornou-se um atributo necessário das empresas, instituições ou corporações que pretendam se apresentar como atuando ativamente como co-responsáveis pelos problemas da sociedade e do meio ambiente. Com esse objetivo, para terem coerência entre seus discursos e suas ações e finalidades, devem desenvolver programas que se justifiquem na melhoria das condições socioambientais nas áreas em que atuam e na valorização de formas de desenvolvimento sustentável, além da difusão de suas práticas e produtos. Nesse sentido, frequentemente propõem a criação de programas e/ou projetos sociais vinculados ao terceiro setor, paralelamente à sua atuação econômica como empresa.

Assim, responsabilidade social corporativa (RSC) é definida pelo World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) como

o comprometimento permanente das empresas em agir eticamente e contribuir para o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que melhora a qualidade de vida da força de trabalho e de suas famílias bem como da comunidade local e da sociedade em geral. (WBCSD, s/p, tradução nossa)¹⁵

¹⁵ Trecho original retirado da página da internet do WBCSD: “the continuing commitment by business to behave ethically and contribute to economic development while improving the quality of life of the workforce and their families, as well as of the local community and society at large”. Essa definição foi desenvolvida em 1998 pelo WBCSD, para o primeiro diálogo sobre Responsabilidade Social Corporativa, na Holanda. Mais informações na página do WBCSD, no endereço eletrônico: www.wbcsd.org.

Sob tal perspectiva, a RSC tem sido vista, por vários autores, como um tema que deveria vir a ocupar o ponto central das decisões estratégicas das empresas que interpretam essas ações como uma busca coerente de vantagem competitiva¹⁶.

Um dos principais defensores desta visão é Michael Porter, renomado professor de estratégia da Harvard Business School. Em artigo escrito com Mark Kramer (PORTER; KRAMER, 2006), os autores sustentam a visão de que não só a RSC seria possível como deveria ser um balizador na tomada de decisões estratégicas das empresas que buscam vantagens competitivas em seus setores de atuação. Quando se aborda a RSC estrategicamente, de forma que se apliquem os recursos corretos pela empresa, o resultado tenderia a ser um tremendo progresso social. Para isto, os autores sugerem um modelo denominado “Mapeamento das Oportunidades Sociais”, estruturado com base na cadeia de valor de cada negócio. A justificativa para o uso deste modelo se basearia na constatação de que as empresas e a sociedade estariam interconectadas e, portanto, deveria se estudar os impactos negativos e positivos dos negócios sob dois ângulos complementares: *Inside Out* (de dentro para fora) e *Outside In* (de fora para dentro). Através desta ferramenta, as empresas poderiam desenvolver iniciativas que teriam mais valor compartilhado (*shared value*), beneficiando tanto a sociedade como a empresa, reforçando a competitividade da empresa e melhorando as condições sociais paralelamente. A RSC estratégica, portanto, iria além da boa cidadania corporativa e da mitigação dos efeitos negativos do negócio na cadeia de valor e passaria a ser vista como um componente importante para o sucesso do negócio.

Para os mesmos autores, as empresas exercem uma influência profunda e positiva na sociedade, através da criação de empregos, do investimento de capital e por fazerem negócios diariamente. Assim, a coisa mais importante que uma empresa poderia fazer pela sociedade seria contribuir para uma economia próspera, verdade da qual as ONGs e governos freqüentemente se esqueceriam. As empresas, no entanto, não poderia obter prosperidade econômica a qualquer custo social e ambiental. Deveriam, portanto, se preocupar com estas questões de forma estratégica e não da forma fragmentada e desconexa do negócio como estariam fazendo, através apenas de contribuições filantrópicas pontuais. Muitas empresas já

¹⁶ As análises acima apresentadas refletem uma concepção ideológica que subjaz monoliticamente no mundo corporativo norte-americano. Esta impostação se transmite, através das corporações multinacionais, na estrutura das organizações empresariais a elas relativas. Contudo, através do processo de mundialização que, conforme conceitua Aziz Ab’Saber (2002), se refere às diferenças produzidas pelo encontro entre as forças de globalização e as realidades locais, esta transposição abre um campo de interferências assistemáticas e de difícil delimitação, no processo de decisão referente ao funcionamento das empresas fora do espaço geográfico norte-americano. Estas interferências geram ambientes empresariais específicos, constituindo-se em fatos que merecem, a título próprio, ser estudados, embora, devido a seu caráter *ad-hoc*, apresentem dificuldade para uma sua delimitação empírica.

estariam fazendo muito para melhorar as conseqüências sociais e ambientais de suas atividades, porém esses esforços não chegariam nem perto do potencial produtivo que apresentam por duas razões, segundo eles: primeiramente, as empresas estariam encarando os negócios como algo contra a sociedade – um erro, uma vez que os dois são claramente interdependentes; em segundo lugar, as abordagens em RSC seriam genéricas, quando o ideal seria que elas caminhassem em direção às estratégias das empresas.

Os autores reforçam que muitas empresas passariam a pensar em RSC depois de terem sido surpresas por pressões da sociedade em resposta a assuntos que antes não se pensava que seriam sua responsabilidade. Organizações ativistas estariam ficando cada vez mais agressivas e eficazes em pressionar as corporações publicamente, forçando-as a responderem e a se posicionarem diante de denúncias. Além disto, as leis estariam também exigido uma postura diferenciada das empresas frente às questões de ordem socioambiental. Estas pressões demonstrariam claramente que cada vez mais os *stakeholders* responsabilizariam as empresas por questões socioambientais, ressaltando os enormes riscos financeiros potenciais para qualquer empresa que tenha uma conduta considerada inaceitável.

Porém, apesar de que as empresas teriam acordado para estes riscos, os executivos ainda não saberiam como lidar com a RSC de forma estratégica e acabariam, em geral, publicando longos relatórios de resultado socioambiental que refletiriam a visão fragmentada que estaria sendo utilizada. De forma geral, o tema da RSC seria abordado nas empresas a partir de quatro argumentos: obrigação moral, sustentabilidade, licença para operar e reputação. Os quatro se refeririam, basicamente, à visão que os *stakeholders* terim das empresas. O argumento de Porter e Kramer (2006) é que as empresas que enxergassem a RSC como uma ferramenta para lidar com as pressões externas em geral, adotariam uma série de reações defensivas de curto-prazo, o que significaria um sem fim de respostas paliativas com mínimo valor social e sem benefícios estratégicos para o negócio.

Adicionalmente, os autores defendem que corporações de sucesso precisariam de uma sociedade saudável e vice-versa. Assim, qualquer empresa que buscasse seus objetivos às custas da sociedade e do ambiente na qual operam teriam um sucesso temporário e ilusório. Porém, não se poderia negar que as empresas teriam um papel importantíssimo para a sociedade e que nenhum programa social conseguiria superar o setor empresarial quando se fala de geração de empregos, riqueza e inovações que melhorem as condições de vida da sociedade. Portanto, caso governos, ONGs e organizações da sociedade civil decidissem enfraquecer a habilidade das empresas de operar de forma produtiva, poderiam ganhar as batalhas, mas perderiam a guerra. Os autores reconhecem que nenhum negócio poderia

resolver todos os problemas da sociedade ou assumir os custos para isto. Mas, defendem que cada empresa deveria selecionar um tema que estivesse diretamente ligado ao seu negócio. Os outros pontos da agenda social deveriam ser deixados a cargo de outras indústrias, ONGs e governos que estivessem mais bem posicionados no campo.

Complementarmente, Smith, Vogel e Levine (2010) defendem que a RSC teria uma relação direta com o engajamento dos funcionários, podendo influenciar o seu comportamento através da identificação, do sentimento de reciprocidade, promovendo uma mudança das atitudes e necessidades, levando-os a aumentar a qualidade do trabalho, reduzindo as demissões e pedidos de demissão e até aumentar a eficiência organizacional, levando a uma melhora na performance financeira. Neste caso, estaria envolvida a questão do encontro do indivíduo com uma causa no trabalho, com um significado, o que beneficiaria indubitavelmente as empresas. Ainda, a RSC poderia influenciar diretamente a adoção, por parte dos funcionários, de comportamentos socialmente responsáveis dentro das corporações, uma vez que promoveria um sentido de respeito e orgulho por aquelas corporações que são reconhecidas pelas suas contribuições positivas para a sociedade.

Os autores defendem que, neste momento de grave crise econômica, a responsabilidade corporativa deveria ganhar maior atenção e importância, em especial para os fundamentos da responsabilidade – seja no setor financeiro, seja no produtivo, seja no que se refere ao consumo e acrescentaríamos a isso, no que se refere às implicações socioambientais na introdução e no uso de produtos inovadores e estranhos às práticas características das diferentes culturas. Isto devido ao fato de que seria muito pouco provável que os desafios globais dos negócios responsáveis desaparecessem no curto-prazo, assim como a crise financeira e a recessão. Este cenário levaria não somente a um aumento da importância da responsabilidade corporativa, como também a um repensar dos fundamentos das inovações e da pesquisa redefinindo o papel e o lugar dos negócios na sociedade.

2.5 Ética

O dicionário de filosofia de Mora (1998), em seu verbete “Ética”, afirma: “Ética deriva do termo grego *ethos*, que significa “costume”, tendo sido, por isto, definida frequentemente como a doutrina dos costumes” (MORA, 1998, p. 245). Subsequentemente, esse autor faz um estudo hermenêutico interpretando diferentes acepções que, ao longo da história da civilização Greco-romana, os significados que este termo vem assumindo. Assim, discorre sobre o seu sentido aristotélico, expressando que, para ele, as virtudes éticas seriam aquelas que se desenvolveriam na prática e que estariam orientadas para a consecução de fins, servindo, portanto, para a realização da ordem na vida do Estado – a justiça, a amizade etc – e teria sua origem direta nos costumes e no hábito.

O vocábulo ‘ético’ teria evoluído para se identificar cada vez mais com o vocábulo moral; a ética teria chegado a significar propriamente a ciência que se ocuparia dos objetos morais em todas as suas formas, uma filosofia moral. Assim, poderia se dizer que o objeto da ética seriam os sistemas morais. Para o autor, a história da ética filosófica coincidiria com uma história da ética ocidental, uma vez que a consideração da ética como disciplina filosófica “especial” surgiu “em sua maturidade” apenas no Ocidente, mesmo considerando-se que se tenham produzido ideias morais e “sistemas” de ideias morais em comunidades distintas da ocidental. De fato, esta história teria começado somente, de um modo formal, com Aristóteles. Ainda assim, é possível encontrar precedentes para a constituição da ética como disciplina filosófica antes de Aristóteles. De acordo com Mora (1998, p. 247)

Muitos autores consideram Sócrates o fundador de uma reflexão ética autônoma, embora reconhecendo que a mesma não teria sido possível sem o sistema de ideias morais no seio das quais o filósofo vivia e, especialmente, sem as questões suscitadas acerca dessa ideias pelos sofistas.

Aristóteles não só teria fundado a ética como disciplina filosófica, mas também teria apresentado a maior parte dos problemas que ocupariam a atenção dos filósofos morais: relação entre as normas e os bens, entre a ética individual e a social, entre outros. A história da ética se complicaria a partir do Renascimento, época na qual ressurgem muitas tendências éticas do período antigo, caso do estoicismo, por exemplo. No transcorrer do período compreendido entre os séculos XV a XVII, apareceram fortes tendências de imitação neo-estóica, incluindo escritos de filósofos importantes, como Descartes e Spinoza. Por outro lado, problemas novos que emergiram referentes às relações entre o indivíduo e a sociedade e às

mudanças de normas nas relações entre indivíduos e nações, conduziram a reformulações radicais das teorias éticas, promovendo o surgimento de diversos sistemas que aspiravam mudar as bases da reflexão ético-filosófica (Hobbes e Maquiavel, entre outros).

A questão da origem das ideias morais se consolida, como questão fundamental, para a maioria dos pensadores modernos. Alguns encontraram-na em certas faculdades inatas do homem, ora de caráter intelectual, ora de caráter emotivo. Outros buscaram a ética numa intuição especial, ou no senso comum, ou na simpatia ou na utilidade individual / social. Outros chamaram a atenção para o papel que a sociedade desempenharia na formação dos conceitos éticos. Finalmente, houve aqueles que insistiram em que o fundamento último da ética continuaria sendo a crença religiosa ou a dogmática religiosa. Porém, a ética teria sofrido uma mudança radical com a filosofia de Kant, que repeliu toda ética dos bens e procurou definir uma ética formal, autônoma e, em certa medida, impregnada de rigor.

No vasto conjunto da ética contemporânea, as teorias propostas corresponderiam, de um modo bastante aproximado, aos tipos de filosofia, ou “doutrina filosófica” elaborados. Como conclusão, citaríamos Mora (1998, p. 252)

não parece haver possibilidade de formular normas morais “objetivas”, fundadas em Deus, na sociedade, na Natureza, em um suposto reino objetivo de valores ou normas, de modo que o único “imperativo” ético possível parece ser o de que cada um tem de decidir por si mesmo, em vista de sua própria e intransferível situação concreta, o que vai fazer e o que vai ser.

Nesse sentido, as considerações apresentadas por Mora em seu verbete sobre ética apenas referendam as dificuldades práticas encontradas em se configurar um referencial único e, portanto, universal, para a análise do caráter ético ou não de um processo de decisão sobre ações e omissões, quer ambientais como socioambientais. No caso da aplicação destas ideias no campo do ambientalismo corporativo, elas dependeriam da localização de cada sujeito na estrutura da organização e das implicações desta localização na definição de necessidades e formas de supri-las no funcionamento empresarial.

Na busca de definição de um referencial comum para disciplinar eticamente decisões de intervenções políticas, científicas e empresariais, a Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e da Tecnologia (COMEST) da UNESCO¹⁷, produziu um documento específico. Este documento foi divulgado para instruir a discussão dos participantes representantes dos países latino-americanos e do Caribe, em reunião realizada recentemente em Montevideo (2010), para analisar as relações entre ética e mudanças

¹⁷ UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

climáticas. Neste documento foi apresentada uma lista de elementos a serem considerados nos juízos e avaliações sobre intervenções ambientais e/ ou socioambientais no que diz respeito a suas implicações éticas. Segundo este documento, os valores éticos se implementariam em práticas (comportamento individual ou de grupo, políticas corporativas ou públicas) através de princípios e regras que, juntamente com os valores, constituiriam uma parte importante da ética. Entre os valores éticos fundamentais, poderiam ser considerados:

- o bem de indivíduos e comunidades;
- a solidariedade e a unidade entre indivíduos e dentro das comunidades;
- as virtudes;
- a excelência no bem, na solidariedade e
- as virtudes expressas nos ideais morais.

Tais valores se promoveriam através de princípios éticos, tais como: não causar dano; contribuir para o bem dos demais; ser não violento e justo e ser tolerante e respeitar a dignidade dos demais. Segundo o informe da COMEST (UNESCO, 2010), existiriam vários princípios aceitos no foro internacional que poderiam ser utilizados para fornecer elementos de valor como base para uma ética, por exemplo, das mudanças climáticas. Conforme defendido por Tassara (2010), representante brasileira da referida comissão, o princípio da precaução seria um deles. Não apenas isto, mas, para esta autora, ele seria o único instrumento ético existente, até o presente momento, que poderia ser de uma aplicabilidade universal. Esta tese foi aceita, consensualmente, pelo grupo de representantes que participavam da referida reunião realizada em Montevidéo.

Dessa forma, de acordo com esta concepção, para que haja ética nas decisões, se deveria pressupor o respeito à autonomia humana e à plena capacidade dos seres humanos de articular um conhecimento prévio sobre a consequência de suas escolhas sobre elas. Isto pressuporia um sujeito racional capaz de considerar alternativas de opção à luz de relações entre causa e efeito bastante definidas, assim como, em si, alternativas respeitadoras da liberdade plena de escolha entre distintas opções. Nesse sentido, nos remeteríamos à conceituação oferecida por Moscovici (1961), quando este autor afirma que a apresentação de uma alternativa como sendo uma única possibilidade constituiria, do ponto de vista da Psicologia Social, uma ação de propaganda.

Em linguagem comum, a COMEST sugere que, quando as atividades humanas puderem provocar um dano moralmente inaceitável e que se apresente como cientificamente plausível,

embora incerto, deveriam ser adotadas medidas para evitar ou diminuir esse dano. Entre os danos por esta comissão considerados moralmente inaceitáveis, em relatório da COMEST que versa especificamente sobre o princípio da precaução (UNESCO, 2005, p. 14), estariam os seguintes:

- dano que represente uma ameaça contra a saúde ou vidas humanas;
- dano ambiental ou socioambiental grave ou irreversível;
- dano injusto para com as diferentes gerações presentes ou futuras;
- dano imposto sem que se tenha levado em consideração os direitos humanos dos afetados.

Dessa forma, sob tal referencial, pode-se ressaltar que qualquer inovação deveria ser analisada e julgada, em suas conseqüências, ao longo de seus efeitos situados nas dimensões social, política, cultural, biológica, geopolítica e ecológica. Em decorrência, seria necessária a definição de uma disciplina de critérios éticos para o julgamento dos efeitos de alternativas de expansão global (ou local) de inovações tecnológicas e/ ou socioculturais, considerando-as como uma primeira etapa de um processo dinâmico de construção histórica intencionalmente produzida.

2.6 Princípio da precaução

Conforme referido, segundo o informe da COMEST (2010), existiriam vários princípios aceitos no foro internacional que poderiam ser utilizados para fornecer elementos de valor como base para uma ética. No entanto, para nós, o princípio da precaução seria o único instrumento ético existente, até o presente momento, que poderia vir a ser de uma aplicabilidade universal, uma vez que oferece elementos que, embora apresentando fortes obstáculos para sua operacionalização, permite o respeito à diversidade com que se manifestam as necessidades humanas. Dessa forma, esta opção de avaliação ética condiciona-se pela delimitação dos limites da análise a campos localizados geográfica, cultural e socialmente. A esse respeito, Kourilsky e Viney (2000, p. 51) *apud* Setzer (2007, p. 76) afirmam que

A ideia geral do princípio da precaução é estabelecer uma postura a ser seguida por todos aqueles que adotam uma decisão relacionada a atividades, que se suponha, possam comportar um perigo grave para o meio ambiente, a saúde ou para a segurança das gerações atuais e futuras. Por ele, impõe-se ao Poder Público o dever de fazer prevalecer os imperativos da saúde e da segurança sobre a liberdade comercial dos Estados, com o propósito de que sejam adotados todos os dispositivos que permitam detectar e avaliar o risco e reduzi-lo a um nível aceitável. Tal dispositivo de precaução deve ter um custo econômico e social suportável, ser proporcional à amplitude do risco e ser revisado a qualquer momento.

Segundo Setzer (2007), a consolidação do princípio da precaução se deu ao longo dos anos 90 do século passado, tendo como marco do processo a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro. Em seu ‘princípio 15’, a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (vide Anexo B), discorre sobre os direitos e obrigações gerais dos órgãos governamentais nacionais e consagra o princípio da precaução nos seguintes termos:

Princípio 15

Para que o ambiente seja protegido, serão aplicadas pelos Estados, de acordo com as suas capacidades, medidas preventivas. Onde existam ameaças de riscos sérios ou irreversíveis não será utilizada a falta de certeza científica total como razão para o adiamento de medidas eficazes em termos de custo para evitar a degradação ambiental.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “Panorama do princípio da precaução: o direito do ambiente face aos novos riscos e incertezas”, Setzer (2007) desenvolve um

competente estudo da problemática do princípio da precaução, à luz de sua estrutura jurídica. Para ela, a definição supra-referida da Declaração do Rio, seria a mais aceita e difundida definição do princípio da precaução, apesar de haver diversas outras. O princípio da precaução seria considerado como um motivador de atitudes, correspondendo à busca objetiva de redução dos riscos e incertezas, sem expor o ambiente a um excesso de inovações ou a uma ausência de invenções. Isto, especialmente se se considerar que sua aplicação não buscaria o risco zero, mas sim exigiria avaliações mais cautelosas para a tomada de decisão em um contexto mais amplo. Ainda segundo esta autora, haveria muito debate ao redor do tema, especialmente no que se refere ao nível de evidência científica necessário para justificar a adoção de medidas de precaução.

A esse respeito, Setzer (2007) afirma que, de um lado, se colocaria uma interpretação estrita do princípio, que defende que atividades e substâncias potencialmente prejudiciais ao meio ambiente ou à saúde sejam controladas e até proibidas, independentemente da existência de evidências conclusivas; de outro, uma interpretação menos estrita, que requer tais evidências como pressuposto para a tomada de medidas. Vários autores contemporâneos, entre os quais citaríamos Latchinian (2011), consideram – com base em estudos científicos rigorosos e recentes – que há poucas evidências que comprovem a procedência de temores relacionados à produção antrópica de efeitos sobre o clima ou sobre a biodiversidade. Para eles, a aplicação da ética da precaução deveria estar restrita à gestão ambiental, implicando no entanto, a inclusão apenas de resultados científicos comprovados nos processos de planejamento e avaliação de intervenções ambientais ou socioambientais.

No contexto da indústria farmacêutica, segundo Setzer (2007), o desenvolvimento de novos produtos com base no princípio da precaução não requeriria a prova de sua nocividade, mas sim a demonstração de que seus benefícios são superiores a eventuais impactos negativos e inconvenientes sobre o meio ambiente e a saúde. Para que isto se torne possível, os envolvidos no processo de inovação deveriam empaticamente se colocar como parte da comunidade, promovendo debates sobre as finalidades das inovações e considerando interesses de curto, médio e longo prazos. A nosso ver, isto somente seria possível a partir do desenvolvimento de pesquisas originais subsidiando estas condições de aplicação do princípio da precaução nos termos preconizados pela autora.

Prosseguindo, Setzer (2007) afirma que o princípio da precaução não deveria postergar a ação para se prevenir um dano sério aos humanos ou ao ambiente enquanto se esperaria que venha a ser estabelecida uma prova científica rigorosa sobre as causas e efeitos de inovações. A incerteza científica, no contexto de risco e perigo potencial não teria a função de

estabelecer fundamentos para a inação; ao contrário, deveria estabelecer elementos para a ação, incluindo uma busca efetiva de maiores conhecimentos sobre os riscos e perigos potenciais, o que, mais uma vez a nosso ver, implicaria o desenvolvimento de pesquisas originais.

Outro importante ponto a ser ressaltado é o de que o princípio da precaução não seria um instrumento de busca da verdade científica, nem tampouco um apontador de verdades e mentiras. Ele seria, sim, um instrumento de gestão de risco, de questionamento e de fundamento ético de tomada de decisões baseadas em atitudes responsáveis e posturas preocupadas com a existência e a qualidade de vida das diversas gerações (SETZER, 2007). Decorre destas afirmações que este instrumento de gestão de risco estaria condicionado primeiramente ao envolvimento de indivíduos, grupos e sociedades na definição de suas necessidades, a partir da qual seriam passíveis de serem estabelecidos os processos de julgamento das implicações de intervenções ambientais ou socioambientais de caráter inovativo, tanto no âmbito da ciência como no âmbito das mudanças socioculturais provocadas pela sua introdução. Após essa sequência de momentos, o princípio da precaução poderia vir a ser aplicado no processo de decisão sobre as práticas em questão.

Hermitte (2005) ressalta, ainda, que o princípio da precaução marca a dualidade existente entre a previsibilidade e a imprevisibilidade, características da sociedade do risco, que exploraria a existência de controvérsias. Este princípio, para ela, trataria daquilo que não teria sido totalmente demonstrado, uma vez que não estaria fundamentado sobre simples hipóteses verificadas cientificamente. Neste contexto, o princípio da precaução teria como objetivo definir e implementar procedimentos que permitiriam a elaboração de uma decisão racional em uma fase dominada por incertezas e controvérsias, de forma a diminuir a gravidade dos possíveis efeitos adversos derivados de inovações. Mesmo diante de incertezas e controvérsias, as decisões tomadas deveriam se basear nos melhores dados científicos disponíveis nos resultados de pesquisa mais recentes. Consequentemente, restaria ao poder público a escolha do nível de risco aceitável.

Ainda segundo esta autora, a importância do princípio da precaução não estaria ligada somente ao seu conteúdo, independentemente de sua relevância, mas também à sua capacidade de levar, de forma lógica, à criação e definição de outras regras pertinentes, tais como os princípios de informação, que designaria a obrigatoriedade da transmissão de dados e informações às pessoas atingidas e interessadas e a transparência, que deveria ser entendida como o livre acesso à informação. A divulgação de informações perseguiria múltiplas

funções: como uma ferramenta de gestão dos riscos, seja de forma individual (etiquetagem dos produtos alergênicos, por exemplo) ou coletiva (ações de boicote) e particularmente de escolha em correr ou não um risco (etiquetagem dos organismos geneticamente modificados, divulgação dos locais de aterramento de lixos, por exemplo). Já a transparência designaria mais a característica geral de um sistema que organiza o acesso a algumas informações para fins políticos. A transparência pareceria ser uma condição necessária, cujo intuito é de tornar os riscos aceitáveis, visto que ela permitiria a discussão e, enfim, a participação do público no momento da decisão. Informação, transparência e participação do público constituiriam, com isso, um tríptico que mudaria o conteúdo do direito. Assim, na ausência de alternativa, em havendo a necessidade de correr riscos, então, sem dúvida, as potenciais vítimas poderiam opinar (HERMITTE, 2005).

Em seu artigo intitulado “Ciência, decisão, ação: três observações em torno do princípio da precaução”, Noiville (2005) descreve a existência de posições extremamente antagônicas ao princípio da precaução. De um lado, haveria os que lhe são favoráveis e veriam nele um instrumento indispensável ao desenvolvimento sustentável e à proteção da saúde. Esta seria, segundo a autora, a própria finalidade atribuída ao princípio da precaução, considerando-se o fato de que, em sua essência, esse princípio afirmaria que a ausência de certeza científica quanto aos riscos de um produto ou de uma atividade não constituiria motivo para retardar a adoção de medidas que poderiam permitir a prevenção de um eventual prejuízo. Desse modo, o princípio proporia um avanço em relação à atitude clássica, como a adotada por exemplo nos casos da vaca louca ou do amianto, que permitiria, pela simples razão de não se haver confirmação do risco por meio de uma prova científica, que se ignorasse a necessidade de certas advertências prévias ou imediatas.

O princípio implicaria uma contraposição a essa atitude clássica e convidaria a agir antes mesmo de se obter a prova do risco real. E, para a mesma autora, seria precisamente nesse ponto que alguns afirmariam que o princípio da precaução nos colocaria à deriva. Isto se daria porque esse princípio admitiria a adoção de medidas em meio à incerteza científica, isto é, em um contexto no qual nem todos os dados foram ainda colhidos, o que afastaria qualquer processo racional e nos levaria a adotar medidas sem nenhum fundamento. Avaliar profundamente os organismos geneticamente modificados antes de qualquer disseminação, abater o gado para conter o mal da vaca louca e recolher certos antibióticos utilizados no crescimento dos rebanhos seriam apenas alguns exemplos.

Assim, o princípio da precaução levaria à tomada de decisões de cunho oportunístico e político, muito mais do que, àquela preocupação típica de uma sociedade industrializada, que

seria a prevenção do risco sempre considerado um mal a ser erradicado. Desta forma, a autora afirma que o princípio da precaução não afastaria, ao contrário aumentaria a necessidade de um procedimento científico, incluindo o recolhimento de um vasto conjunto de dados científicos disponíveis antes de tomar a decisão de comercializar um produto ou de desenvolver uma atividade e garantir que a adoção de medidas de precaução se desse em face de indícios confiáveis de plausibilidade do risco. Estas seriam as duas facetas de uma mesma exigência que imporia, enfim, não a recusa, mas o acolhimento do rigor científico na ação pública.

Noiville (2005) argumenta que o princípio da precaução levaria estruturalmente à exclusão de todo e qualquer risco; em outras palavras, levaria à busca do denominado de “risco zero”, algo totalmente irreal. A jurisprudência, que sempre teria considerado que as situações de risco seriam situações complexas nas quais quem decide deveria ter total autonomia de decisão, reafirmaria mais uma vez essa autonomia, realçando a natureza política de tal decisão. Segundo Noiville (2005, p. 52)

seja no que concerne ao momento em que se deva aplicar o princípio da precaução, seja quanto à forma de sua implementação, essa “escolha [...] resulta de uma decisão eminentemente política, em função do que seja ‘aceitável pela sociedade’”, isto é, em função do que a autoridade considere como sendo *o ponto crítico a partir do qual o risco se torna inaceitável*.

Esta mesma autora ressalta, ainda, que toda medida de precaução deveria ser proporcional ao risco alegado, o que significaria que entre as opções que se lhe abrem – proibição pura e simples de um produto, obrigatoriedade da avaliação prévia, organização de uma fiscalização sanitária, financiamento de um programa de pesquisa destinado a discernir os riscos com maior precisão, como exemplos –, a autoridade pública deveria escolher aquela que fosse efetivamente necessária para assegurar a proteção à saúde pública e ao meio ambiente. Com isso, a exigência de proporcionalidade inevitavelmente conduziria o encarregado da tomada de decisão a ponderar os interesses em causa, antes de adotar qualquer medida de precaução, que deveria variar em função da amplitude do dano vislumbrado, da maior ou menor dificuldade técnica de controlar o uso do produto em questão, da existência ou da ausência de produtos substitutivos e da maior ou menor aceitação do risco pela sociedade.

Cabe mencionar que, segundo Varella (2005), a sociedade teria diferentes percepções de riscos, que independem do risco concreto do objeto do que se teme. Para endereçar estas diferenças, o autor destaca que o direito internacional econômico as reconheceria e

possibilitaria, com algumas ressalvas, o estabelecimento pelos países de diferentes níveis de aceitação do risco. Em função de diversas características da modernidade, os riscos não mais retornariam exclusivamente a grupos organizados que tivessem contribuído para sua geração, mas a toda a sociedade, independente de grupos. Esta observação seria fruto da edificação de grandes concentrações urbanas, do hiperconsumismo de diferentes produtos, da entrega do ser humano às novas tecnologias e da maior interdependência ambiental e econômica global, como exemplos. A natureza se tornaria parte do processo industrial, diminuindo a distância entre ambiente artificial, e natural, uma vez que todos passariam a ser controlados pelo homem e a sofrer os efeitos das ações humanas.

De acordo com o mesmo autor, a reação face aos riscos pelos principais atores sociais, sejam eles: executivo, judiciário, ministério público, empresas, organizações da sociedade civil estaria sendo objeto de estudo por diversos autores há vários anos. Alguns defenderiam a mobilização de forças por parte dos diferentes atores para minimizar os possíveis impactos negativos de novos riscos. Outros pregariam a impossibilidade ou a não-necessidade de se tomar iniciativas precaucionárias, já que a geração de novos riscos faria parte da própria evolução social e que as tecnologias a serem geradas na época da existência concreta dos futuros riscos, permitiriam alternativas de soluções ainda inexistentes no tempo presente. De qualquer forma, o autor reconhece que não haveria como evitar os riscos ou iniciar uma busca incessante por um nível zero de riscos, mas sim, como anteriormente mencionado, procurar administrar os riscos inerentes a própria sociedade reflexiva.

Neste contexto, o autor defende que a dinâmica de construção de riscos não poderia ser técnica, mas deveria ser social, uma vez que envolveria a própria percepção dos riscos pela sociedade, apresentando uma análise da constituição e dinâmica de riscos desenvolvida por Hood, Rothstein e Baldwin (2001 *apud* VARELLA, 2005). A análise, apresentada a seguir, diria respeito a três conjuntos de fatores que, segundo Varella (2005), contribuiriam para entender as diversas possibilidades e razões para a mais ou menos atenta percepção social de riscos. São eles: o conteúdo do risco, o contexto do risco, os interesses relacionados ao tema e a dinâmica da gestão de risco pelos atores. Resumidamente, o princípio da precaução não afastaria a necessidade de se fazer escolhas, nem a utilização do bom senso, que consistiria em ponderar os interesses em jogo quanto a tais escolhas. Neste contexto, o ponto nodal das verdadeiras dificuldades, muito mais do que o significado *stricto sensu* do princípio da precaução, seria justamente a redifinição clara de quais os critérios e as condições sob as quais o risco se tornaria aceitável ou não.

As análises apresentadas segundo a ótica de diferentes autores sobre o princípio da

precaução fortalecem a leitura do fundamento da aplicabilidade deste princípio em uma ética da racionalidade. Nesses termos, o processo de decisão sobre os limites da aplicação de inovações e de suas propagações envolveria diferentes atores. De acordo com Tassara e Ardans (2003, p. 17),

de um lado: o próprio Estado, sede do poder planejador das políticas públicas, os cidadãos (individualmente ou enquanto membros de associações, ONGs, etc., integrantes da sociedade civil), convocados por aquele a participar e os técnicos que, fazendo parte do mecanismo estatal ou empresarial de planejamento, execução e avaliação das políticas públicas são, ao mesmo tempo, cidadãos desse mesmo Estado, delicada posição nessa dialética de poder e participação que a todos implica; de outro lado, incluiria os processos nos quais esse atores estão envolvidos.

3 MÉTODO

A globalização do processo da produção e do consumo vem revestindo as corporações multinacionais do chamado “ambientalismo corporativo”, materializando-se na estrutura das respectivas organizações. Hoje, nesta estrutura estão previstos setores criados sob denominações que expressam esta materialização, sob nomenclatura de departamentos de Responsabilidade Social, Ética e Sustentabilidade. Além disso, foram definidos elementos para uma avaliação dos processos de produção e disseminação dos produtos sob forma dos indicadores que a fundamentam e relatórios para extroverter à sociedade suas práticas consoantes com o cumprimento de seus compromissos ambientais corporativos.

Desenvolveu-se o presente estudo, aplicado à indústria farmacêutica sediada no Brasil (nacional ou multinacional), tendo em vista verificar se e como esta estrutura e os elementos normativos a ela acoplados vêm possibilitando a veiculação de um funcionamento executivo coerente com os objetivos expressos nas justificativas que propõem a sua criação. O propósito do estudo é o de permitir a verificação de, em que medida e de que forma, o ambientalismo corporativo se apresenta no discurso de funcionários responsáveis por esses setores e como os mesmos discorrem e expressam juízos a respeito, das e sobre as possibilidades, limites e obstáculos de sua ação executiva no exercício cotidiano de suas funções.

Para relatar o desenvolvimento e os resultados desse estudo, subdividiremos o capítulo referente ao seu *método* em:

a) o contexto no qual se insere o estudo, apresentando-se uma sucinta descrição panorâmica contemporânea da indústria farmacêutica global, sob enfoque do acesso a medicamentos (item 3.1) e uma breve retrospectiva histórica da indústria farmacêutica brasileira (item 3.2);

b) os principais indicadores de responsabilidade social empresarial, gerais e setoriais (item 3.3);

c) os sujeitos do estudo (item 3.4);

d) os procedimentos de coleta de informações (item 3.5) e;

e) os procedimentos de análise das informações coletadas (item 3.6).

3.1 Panorama contemporâneo sobre a Indústria Farmacêutica Global

Os temas da indústria farmacêutica, sua inserção na sociedade e os principais desafios envolvidos em sua atuação são assuntos de discussão de duas organizações de renome: a OXFAM e a Sustainability. Ambas têm desenvolvido importantes estudos sobre os temas e alguns dados são apresentados a seguir. Maiores informações sobre estes estudos podem ser encontradas no ANEXO C.

3.1.1 O cenário global do acesso a medicamentos

Nos últimos anos, houve um progresso significativo na melhoria do acesso a tratamentos, vacinas e testes de diagnóstico. O número de pessoas recebendo tratamento para HIV/AIDS¹⁸ nos países de baixa e média renda, nos últimos cinco anos, aumentou em 10 vezes (WHO)¹⁹. Nota-se, também, uma expansão significativa em escala e escopo das atividades de pesquisa para doenças negligenciadas.

Entretanto, há muito ainda a ser feito. Doenças como diarreia e pneumonia continuam sendo os principais causadores de morte de crianças em países de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio e baixo (WHO). HIV/AIDS, tuberculose, malária e várias doenças tropicais continuam endêmicas em grande parte do mundo. Os medicamentos são caros, não acessíveis ou tem disponibilidade limitada para uma parte importante da população mundial.

3.1.2 Necessidade de novos medicamentos

As doenças tropicais negligenciadas representam a principal área onde há falta de medicamentos, uma vez que continuam recebendo aporte insuficiente de recursos em pesquisa e desenvolvimento. Essas enfermidades causam sérios problemas de saúde em populações de países pobres, principalmente, pois praticamente não existem nos países desenvolvidos.

Nos últimos anos, surgiram novas colaborações na área de pesquisa, novos mecanismos de financiamento internacionais e se nota maior engajamento das empresas para endereçar esta questão. No entanto, ainda há muito que se fazer. Além das necessidades de mais pesquisa e inovação para as doenças negligenciadas, o surgimento de casos de HIV/AIDS e tuberculose resistentes também demandam atenção no desenvolvimento de

¹⁸ HIV/AIDS – Human Immunodeficiency Virus / Acquired Immunodeficiency Syndrome (Sigla em português: SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

¹⁹ WHO – World Health Organization (<http://www.who.int/en/>).

novas drogas.

Outra área prioritária é a de pesquisa incremental, que tem por objetivo adaptar os medicamentos existentes a grupos de idades específicas, desenvolver doses combinadas para aumentar a adesão aos tratamentos e formulações adaptadas às condições climáticas dos países. Um exemplo é a necessidade de medicamentos pediátricos para tratamento de HIV/AIDS, o que raramente ocorre fora dos países pobres.

Algumas iniciativas importantes merecem destaque: Drugs for Neglected Diseases Initiative (DNDi), PATH e a Medicines for Malaria Venture (MMV), projeto G-Finder do George Institute²⁰.

3.1.3 Necessidade de maior acesso financeiro aos medicamentos existentes

No que diz respeito aos medicamentos existentes, o custo representa um enorme obstáculo para a acessibilidade. Para os produtos que já perderam patente, as empresas de genéricos exercem papel fundamental na redução dos preços através do aumento da concorrência. Nota-se importante redução nos medicamentos anti-retrovirais, usados para tratamento da AIDS, por exemplo.

Para os produtos patenteados, as empresas detentoras das patentes têm o importante papel de repensar suas estratégias de precificação e de parceria com empresas locais para tornar os medicamentos mais acessíveis às populações pobres. Algumas iniciativas globais podem ser citadas, tais como: *Global Fund to Fight AIDS, Tuberculosis and Malaria (Global Fund)*, *Global Alliance for Vaccines and Immunization (GAVI)*, *Affordable Medicines Facility - malaria (AMFm)*, *Global Health Initiative (GHI)* e *UNITAID*²¹.

3.1.4 Necessidade de maior acessibilidade aos tratamentos existentes

Para que novos medicamentos se tornem acessíveis aos pacientes, eles devem primeiramente obter o registro nas autoridades governamentais dos países. O processo de registro continua sendo um importante gargalo em países com recursos humanos e financeiros insuficientes. Além disso, algumas empresas podem optar por não registrar seus produtos em alguns países cujos mercados não são considerados economicamente viáveis. Alguns mecanismos internacionais vêm sendo discutidos e introduzidos visando a redução deste

²⁰ Endereço eletrônico: www.georgeinstitute.org

²¹ Medicine Index (2010).

problema regulatório, como harmonizações e avaliações para outros mercados (o artigo 58 da EMEA – agência reguladora européia²² – visa oferecer avaliações para produtos comercializados fora da Europa, facilitando o processo de registro em outros países (THE EUROPEAN MEDICINES AGENCY, 2005).

Uma vez registrado o produto, as questões da produção de medicamentos de alta qualidade e em quantidade suficiente são essenciais para a acessibilidade dos produtos aos pacientes. Com relação à qualidade, verifica-se que os países de baixo IDH enfrentam a existência de produtos de baixa qualidade, contaminados ou com baixos níveis do ingrediente ativo. Com relação à quantidade, várias organizações internacionais, como a Fundação Clinton e a UNITAID, têm trabalhado para criar incentivos mercadológicos para aumentar o fornecimento de produtos essenciais. Algumas empresas, ainda, têm se envolvido em licenciamentos voluntários não exclusivos e em acordos de transferência de tecnologia para companhias de genéricos internacionais e locais.

3.1.5 O desafio crescente das doenças não comunicáveis (não infecciosas)

As doenças não infecciosas²³ são responsáveis por cerca de 60% de todas as mortes no mundo, sendo que 80% destas acontecem em países de baixa ou média renda. O aumento das condições crônicas se deve ao envelhecimento das populações, às mudanças nos estilos de vida e ao êxito no combate às doenças infecciosas no passado (DAAR, et al., 2007).

3.1.6 Tendências na indústria farmacêutica e suas implicações para o acesso a medicamentos

Um dos principais desafios da indústria é o grande número de patentes que serão expiradas nos próximos anos. Muitas delas são de medicamentos ditos “*blockbusters*”, ou seja, medicamentos em que se investiu uma enorme soma e que representam grande parte do faturamento das empresas. Segundo informações da IMS, a indústria farmacêutica global enfrentará perdas cumulativas da ordem de US\$137 bilhões em vendas, no período de 2009-2013, devido à perda de patentes e aumento da concorrência por genéricos (IMS HEALTH, 2009). Além disso, existem poucos produtos novos entrando no mercado, ou seja, não há renovação desses remédios denominados “*blockbusters*”.

²² Endereço eletrônico: www.ema.europa.eu/

²³ As principais doenças crônicas não infecciosas são: transtornos depressivos, doenças cardíacas isquêmicas e doenças vasculares cerebrais, doenças pulmonares obstrutivas crônicas, diabetes mellitus, asma, osteoartrites, cirrose hepática, nefrite / nefrose, epilepsia. (WHO)

Observa-se ainda, a formação de alianças estratégicas entre empresas farmacêuticas de países desenvolvidos e empresas de genéricos ou a compra dessas empresas especialmente na Índia, com a promoção de produtos genéricos de marca. Esta dinâmica terá grandes implicações para o acesso a medicamentos. Neste sentido, os anos de 2008 e 2009 já foram marcados por um número importante de fusões e aquisições no setor, sendo as principais a compra da Wyeth pela Pfizer e a compra da Schering-Plough pela Merck & Co. Ambas adquiriram vários produtos em processo de pesquisa, redes de distribuição de medicamentos em distintos países e ainda não se sabe de que forma todo o potencial adquirido será aproveitado.

Verificou-se, também, forte movimento de empresas de pesquisa para o espaço dos genéricos, tais como: A compra da maioria das ações da Ranbaxy (Índia) pela Daiichi; a compra da Zentiva (República Tcheca), da Medley (Brasil) e dos Laboratórios Kendrick (México) pela Sanofi-Aventis; e compra do negócio de Soluções de Saúde da Piramal (Índia) pela Abbott.

Este aumento das aquisições e colaborações entre empresas de pesquisa e genéricos tem o potencial de reduzir os preços dos produtos patenteados, uma vez que as empresas de pesquisa passam a ter acesso a produções de menor custo e a capacidade de distribuição das empresas de genéricos. Estas, por sua vez, de forma geral, são fundamentais para garantir o acesso aos medicamentos existentes, enquanto as empresas de pesquisa podem melhorar o acesso através de mecanismos como a pesquisa de novos produtos necessários em países pobres.

3.2 Sobre a indústria farmacêutica no Brasil

As primeiras boticas da época da colonização eram modestas e se localizavam em pontos centrais. Nos séculos XVII e XVIII, elas se assemelhavam às européias. Em geral situadas nas principais ruas, ocupavam dois compartimentos da casa onde residia o boticário. Na sala da frente, as drogas eram expostas para a venda; na outra, fazia-se a manipulação. A partir do final do século XIX, o trabalho das boticas coloniais foi sendo aprimorado e muitas farmácias, que vendiam produtos importados, acabaram criando seus laboratórios artesanais e depois industriais. As boticas passaram a ser conhecidas como farmácias e a profissão de farmacêutico começou a se institucionalizar na Europa e no Brasil. Ainda neste século, se instalaram os laboratórios oficiais de pesquisa e produção de fármacos, importantes antecessores da moderna indústria farmacêutica no Brasil.

Nas primeiras décadas do século XX, instalaram-se no Brasil também laboratórios e indústrias de vários países da Europa e dos Estados Unidos. O primeiro produto industrializado nacionalmente foi a pomada Boro-Borácica, lançada em 1860 pelo farmacêutico gaúcho João Daudt Filho. Ao longo do século XIX e início do XX, os produtos fabricados industrialmente começaram a ganhar o espaço daqueles fabricados em pequenos laboratórios de manipulação. Em São Paulo, a primeira grande botica foi a Veado D'Ouro, fundada em 1854. A primeira escola de ensino específico de farmácia no Brasil foi a Escola de Farmácia de Ouro Preto, fundada em 1839. Já a escola de São Paulo começou a funcionar em fevereiro de 1899, tendo sido incorporada posteriormente à Universidade de São Paulo. Aos poucos foi desaparecendo a figura do farmacêutico prático, dando espaço aos diplomados pelas diversas escolas que foram surgindo no país ao longo do século XIX.

Cytrynowicz (2007) afirma que “no início do século XX, as empresas estrangeiras no país tinham pouca participação no mercado (7,3% do faturamento do mercado farmacêutico em 1920). Esta participação se tornaria crescente nas décadas seguintes (CYTRYNOWICZ, 2007, p. 33); e afirma também que, “dados do IBGE mostram que houve um forte crescimento do setor na década de 1910: o número de fábricas passou de 623 em 1911 para 1.356 em 1920; enquanto a produção (em milhões de objetos produzidos) passou de 7,6 em 1911 para 18,5 em 1920 (CYTRYNOWICZ, 2007, p. 35).

Também em 1910 formaram-se no país empresas consideradas mais avançadas tecnologicamente – as indústrias de produtos biológicos: soros, vacinas e opoterápicos. Alguns autores consideram o desenvolvimento da máquina de compressão de pílulas para produção em série, em 1807 pelos irmãos Wyeth, farmacêuticos norte-americanos, como o

marco do início da indústria farmacêutica. No Brasil, os comprimidos começaram a ser fabricados em escala industrial no início do século 20, época considerada com a de estabelecimento da indústria no país. Ainda segundo Cytrynowicz (2007, p. 51),

A consolidação da indústria, o estabelecimento da capacidade tecnológica, entre técnicos e processos, e o amadurecimento de um mercado, ocorridos no início do século 20, permitiram a indústria dar um salto significativo com a Primeira Guerra Mundial, tanto as empresas de capital nacional como as de capital estrangeiro que se instalaram no País.

No início do século XX, entre as empresas estrangeiras, as mais presentes no mercado farmacêutico latino-americano eram as alemãs, seguidas pelas francesas, inglesas e norte-americanas. A década de 1930 viu, com Getúlio Vargas e a intervenção do Estado nas atividades econômicas, o crescimento de vários laboratórios nacionais e marcou a transição para concepções industriais. Processos de produção passaram a incluir novas tecnologias, novos produtos foram sendo introduzidos, novas descobertas nas áreas médica e farmacêutica, avanços no sistema logístico, produção em larga escala, barateamento dos produtos foram algumas das mudanças ocorridas e que levaram a uma série de modificações do próprio setor farmacêutico. Farmácias autônomas foram sendo substituídas por grandes redes e a profissão de farmacêutico foi ganhando cada vez mais importância.

Porém, o grande divisor no mundo e no Brasil no que diz respeito à trajetória da indústria farmacêutica foi o final da Segunda Guerra Mundial, com a descoberta dos antibióticos²⁴ e sua produção industrial. Essa descoberta promoveu uma revolução da própria medicina e das práticas terapêuticas, criando uma nova era de tratamento e cura. Estabelecimentos fabris foram ampliados significativamente e grandes empresas multinacionais passaram a fabricar medicamentos em escala industrial no Brasil. No entanto, as indústrias nacionais não conseguiram acompanhar as multinacionais no que diz respeito às novas exigências de pesquisa científica para o desenvolvimento de medicamentos e às necessárias inovações tecnológicas, se esforçando para dividir o mercado com os laboratórios estrangeiros, especialmente norte-americanos e as casas importadoras. Isto levou à associação de empresas nacionais com estrangeiras para acompanhar os grandes avanços na produção de

²⁴ Foi em 1928 que Alexander Fleming, acidentalmente, descobriu a penicilina; seu uso clínico foi comprovado em 1941.

medicamentos²⁵. O Código de Propriedades Industriais de 1945 abolia a patente de produto, reconhecendo apenas as patentes de processos e os registros de marcas.

Em 1969, no entanto, foi assinado um Decreto-lei que revogou as patentes de processo na indústria farmacêutica. Esta decisão estabeleceu o fim das restrições à produção por similaridade de qualquer medicamento ou substância ativa descoberta, estimulando a fabricação de medicamentos por cópia – os similares, implicando em custos significativamente menores de produção. A reação da indústria de medicamentos de referencia foi imediata e a argumentação era a de que o não respeito às patentes e à propriedade industrial desestimulava o investimento no País, uma vez que o custo de produção dos similares era mais baixo por não incluir os custos com pesquisa e desenvolvimento.

A década de 1950, com os planos de Juscelino Kubitschek, consolidou um novo patamar na história da indústria farmacêutica, que passou a ocupar lugar de destaque na indústria mundial. Nos anos de 1960 e 1970, ao contrário da década de 1950, foram tomadas várias medidas visando proteger e estimular o desenvolvimento da indústria nacional. O controle oficial de preços dos medicamentos continuava em vigor, o que levou a retirada de diversos produtos do mercado pela redução da margem de lucro dos laboratórios. De acordo com Cytrynowicz (2007, p. 142)

Em 1975, o Brasil se tornou o sétimo mercado mundial de medicamentos. Em 1975, entre os 460 laboratórios farmacêuticos, 385 (84%) tinham capital nacional e 75 (16%) eram subsidiários de firmas estrangeiras; a estas últimas correspondia 88% do faturamento do setor.

O lançamento da talidomida no início da década de 1960 e o trágico uso do medicamento durante a gravidez, provocando milhares de casos de malformação congênita, desencadeou uma redução no ritmo de lançamento de novos produtos e a criação de medidas de maior rigor e controle, de atenção à segurança e reações adversas aos fármacos, levando a novas políticas de registro, testes clínicos e controle de qualidade dos produtos. Ainda de acordo com Cytrynowicz, 2007, p. 157),

A década de 1990 e a primeira metade dos anos 2000 constituíram um período de intensas mudanças na configuração de mercado da indústria farmacêutica no Brasil, com significativas transformações de ordem institucional, legal, industrial e comercial. Foram anos de abertura econômica; de fusões e aquisições de impacto; de

²⁵ Em 1937, a Silva Araújo uniu-se à francesa Roussel. Em 1950, a Medicamenta Fontoura associou-se à Wyeth, o que significou um fato marcante no cenário nacional de antibióticos. Outros laboratórios modernizaram-se por conta própria, como foi o caso do laboratório ISA.

reformulações internas nas empresas para fazer frente aos desafios da globalização; de promulgação no Brasil da Lei de Patentes²⁶; de lançamento dos medicamentos genéricos; do desenvolvimento de medicamentos inovadores para o tratamento de doenças importantes (AIDS, câncer, doenças cardíacas, etc.); de revitalização da indústria de capital nacional, que passou a ocupar fatia expressiva de mercado; de criação da ANVISA e de uma série de políticas governamentais que reformularam o sistema público de saúde, como a implantação do SUS. Todos estes fatores tiveram implicações diretas no perfil da indústria farmacêutica no País e expressam o dinamismo do setor e sua intensa capacidade de transformação diante de conjunturas políticas e econômicas diversas.

Os medicamentos genéricos surgiram em 1999 como consequência da promulgação da Lei de Patentes e tinham por objetivo a ampliação do acesso da população aos produtos farmacêuticos. Com a globalização, o Brasil passou a adotar regulamentos emitidos pela Organização Mundial de Saúde para a produção de medicamentos (Boas Práticas de Fabricação). Ainda, em 1996, criou-se a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que regulamenta os princípios básicos da pesquisa clínica. Em 2005, a indústria farmacêutica no Brasil era composta por 645 empresas; das 12 maiores, 7 eram multinacionais e 5 nacionais.

Por fim, pode-se concluir que a indústria farmacêutica no Brasil é marcada por forte dinamismo e tem alto potencial de transformação, em sua capacidade de produzir, unindo ciência, tecnologia e indústria para a fabricação de novos medicamentos, tendo amplas perspectivas e novas possibilidades para o futuro.

3.2.1 O mercado farmacêutico brasileiro

Existem hoje no mercado farmacêutico brasileiro 398 empresas registradas, nacionais e multinacionais. De dezembro de 2009 a novembro de 2010, a indústria farmacêutica movimentou US\$ 20 bilhões, incluindo vendas para todos os canais e de todos os medicamentos.

As tabelas a seguir mostram a evolução do mercado de dezembro de 2005 até novembro de 2010, destacando, ainda, as dez primeiras empresas do ranking de produtos farmacêuticos humanos.

²⁶ A lei de patentes entrou em vigor no Brasil em 1997. Antes, porém, em 1994, o Brasil aderiu ao Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights – TRIPS, que é um acordo internacional sobre direitos de propriedade intelectual, parte do tratado geral que criou a Organização Mundial do Comércio, OMC.

	DOLARES (MM)				
	Dez'05 - Nov'06	Dez'06 - Nov'07	Dez'07 - Nov'08	Dez'08 - Nov'09	Dez'09 - Nov'10
TOTAL	9.788	11.910	14.794	14.803	20.270
EMS PHARMA	563	796	974	989	1.404
MEDLEY	452	641	825	764	1.265
SANOFI-AVENTIS	645	764	920	891	1.104
ACHE	581	660	832	848	1.075
EUROFARMA	307	406	541	612	779
NOVARTIS	421	508	614	595	765
PFIZER	480	511	580	528	629
NEO QUIMICA	69	89	138	220	553
MSD	393	436	517	454	542
ASTRAZENECA	184	247	341	366	489

Tabela 1 - Evolução das vendas do mercado farmacêutico brasileiro em US\$, por empresa, para as dez primeiras.

Fonte: IMS HEALTH²⁷

²⁷ Auditoria de coleta e análise de dados. Endereço eletrônico: <http://imshealth.com/portal/site/imshealth/>

	PARTICIPAÇÃO POR EMPRESA EM DÓLARES (US\$)				
	Dez'05 -	Dez'06 -	Dez'07 -	Dez'08 -	Dez'09 -
	Nov'06	Nov'07	Nov'08	Nov'09	Nov'10
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
EMS PHARMA	5,7%	6,7%	6,6%	6,7%	6,9%
MEDLEY	4,6%	5,4%	5,6%	5,2%	6,2%
SANOFI-AVENTIS	6,6%	6,4%	6,2%	6,0%	5,4%
ACHE	5,9%	5,5%	5,6%	5,7%	5,3%
EUROFARMA	3,1%	3,4%	3,7%	4,1%	3,8%
NOVARTIS	4,3%	4,3%	4,2%	4,0%	3,8%
PFIZER	4,9%	4,3%	3,9%	3,6%	3,1%
NEO QUIMICA	0,7%	0,7%	0,9%	1,5%	2,7%
MSD	4,0%	3,7%	3,5%	3,1%	2,7%

Tabela 2 - Participação do mercado por empresa em US\$.

Fonte: IMS HEALTH

3.2.2 O Brasil no mercado farmacêutico mundial

O Brasil ocupa lugar de destaque no cenário farmacêutico mundial, por ser um dos países que mais cresce, junto com outros emergentes como a China e Índia. O maior mercado do mundo é o norte-americano, seguido pelo japonês, alemão e francês. Ainda, o mercado farmacêutico brasileiro ocupa a décima colocação no mercado mundial, participando com 2,3% das vendas totais de medicamentos do mundo, conforme se vê abaixo.

MARKET SHARE REAIS					
	Nov'05 - Out'06	Nov'06 - Out'07	Nov'07 - Out'08	Nov'08 - Out'09	Nov'09 - Out'10
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
US	42,8%	42,4%	40,9%	40,3%	40,0%
JAPAN	13,0%	12,4%	12,3%	12,1%	11,7%
GERMANY	5,6%	5,5%	5,5%	5,4%	5,3%
FRANCE	5,9%	5,8%	5,7%	5,5%	5,3%
CHINA	2,0%	2,3%	3,0%	3,5%	4,2%
ITALY	3,7%	3,5%	3,5%	3,5%	3,4%
SPAIN	2,9%	2,9%	3,0%	3,0%	3,0%
CANADA	2,7%	2,7%	2,8%	2,8%	2,8%
UK	2,8%	2,8%	2,7%	2,7%	2,7%
BRAZIL	1,7%	1,7%	1,8%	2,0%	2,3%
AUSTRALIA	1,4%	1,4%	1,5%	1,5%	1,5%
TURKEY	1,1%	1,2%	1,2%	1,4%	1,3%
MEXICO	1,3%	1,4%	1,3%	1,3%	1,2%
INDIA	0,9%	0,9%	1,0%	1,1%	1,2%

Tabela 3 - Participação por país nas vendas de produtos farmacêuticos, em R\$.

Fonte: IMS HEALTH

3.3 Indicadores

3.3.1 Sobre os indicadores de responsabilidade social²⁸

As análises realizadas através do uso de indicadores vêm ganhando peso nas metodologias utilizadas para resumir a informação de caráter técnico e científico, permitindo sua transmissão de forma sintética, desde que preservada a essência da informação e utilizadas apenas as variáveis que melhor servem os objetivos e não todas as que podem ser medidas ou analisadas. A informação é assim mais facilmente utilizável por tomadores de decisão, gestores, políticos, grupos de interesse ou pelo público em geral.

A formulação de indicadores pressupõe a disponibilidade de informações e dados confiáveis e comparáveis num determinado período de tempo. Esse é o principal desafio que se apresenta, ou seja, apontar caminhos para a identificação de parâmetros confiáveis e comparáveis no tempo para a averiguação do cumprimento e do progresso das práticas de gestão sustentável de maneira custo-efetiva. Há grande variabilidade de tipos e qualidade de informações que podem impedir sua comparação, daí ser necessário identificar alguns parâmetros comparáveis, legitimados pelas partes interessadas e convenientes para o sistema em questão.

Não se pode deixar de mencionar que a utilização de indicadores e índices não é uma abordagem pacífica. Sempre se recobre de alguma controvérsia, em face das simplificações que são efetuadas na aplicação destas metodologias. As eventuais perdas (ou descontinuidade) de informação têm constituído um entrave à adoção de forma generalizada e consensual dos sistemas de indicadores e índices.

São considerados indicadores aqueles parâmetros selecionados e considerados isoladamente ou combinados entre si que apresentam relevância para refletir condições específicas dos sistemas em análise. Um conjunto de indicadores selecionados pode revelar a situação atual de uma instituição, seja ela governo, empresa ou outra organização da sociedade civil e, portanto, permitir a comparação com outras de mesma natureza ou, ainda, indicar a sua evolução em relação à sua própria situação em algum momento anterior.

A origem da palavra indicador (do latim *indicare*) representa algo a salientar ou a revelar. Indicadores de qualidade do ar ou da água, via de regra, baseiam-se num conjunto restrito de parâmetros intrinsecamente relevantes, mas que são também representativos do

²⁸ As informações apresentadas neste item estão baseadas na obra de Mazon (2007).

conjunto, de forma que além de servirem para a mensuração e avaliação das concentrações de determinados poluentes no ambiente, comparação dos níveis detectados com os níveis considerados aceitáveis e avaliação de tendências, fornecem evidências ou “pistas” confiáveis da evolução da qualidade ambiental, por exemplo.

Existem duas categorias de indicadores que tratam das questões relativas à Responsabilidade Social Empresarial: os indicadores para relatórios (Ibase, Ethos e GRI) e os indicadores para índices (indicadores componentes dos índices utilizados pelas instituições financeiras – ISE, DJSI, FTSE4good e JSE). Diferentemente dos indicadores para relatórios, onde há sempre a possibilidade de se colocar notas explicativas quando algum aspecto deixar pontos de dúvida, os indicadores para índices são completamente objetivos, pois devem ser relatados ou respondidos independentemente - via eletrônica, não havendo, portanto possibilidade de dubiedades ou notas explicativas.

De natureza e finalidades distintas ambos devem ser precisos, repetitivos (chegam ao mesmo resultado caso se faça uma nova observação do mesmo parâmetro), reprodutíveis (uma segunda pessoa chega ao mesmo resultado fazendo sua observação independentemente da primeira), e estáveis (sua precisão e reprodutibilidade não deteriorarão ao longo do tempo). A simplicidade (inteligível para a maioria das partes interessadas), consistência (aplicável à maior parte das instituições) e comparabilidade (permite comparar o desempenho de diversas instituições) são também características desejáveis num indicador ou num conjunto de indicadores de sustentabilidade. Finalmente, a seleção de um conjunto de indicadores deve passar pelo teste da utilidade (seu valor para o fim a que se destina) e sua praticabilidade (quão factível ou possível é a observação de um dado parâmetro) o que inclui, entre outros fatores, sua complexidade, resistências possíveis (“fator medo”) e os custos envolvidos em sua observação.

Vale ressaltar que, também o processo de construção, tanto do ISE como do GRI, não prescindiu de ampla consulta aos mais diversos grupos de interesse (*stakeholders*) que os validaram e legitimaram. É muito importante notar também que os indicadores são dinâmicos, devendo ser revistos e atualizados periodicamente visto que tratam de questões ligadas a avanços socioambientais e de aspectos econômico-financeiros cuja natureza e amplitude ainda estão sendo compreendidas e assimiladas pelas empresas.

Além de credibilidade, diversidade é o outro elemento fundamental para o mercado de ações. Diversidade é essencial, pois investidores têm necessidades variadas e na busca contínua de desenvolvimento, a possibilidade de incluir elementos que venham a depurar

riscos e maximizar retornos é sempre bem-vinda.

A história moderna da incorporação de princípios de sustentabilidade ao mercado de ações remonta aos anos 60. A efervescente década recheada de protestos e berço da chamada contracultura foi também terreno fértil para que a ética associada ao mercado de ações fosse questionada. Conceitos como responsabilidade social corporativa e prestação de contas à sociedade ou a atores específicos (*accountability*) tiveram aí sua origem, embalados pelas discussões sobre a Guerra no Vietnã, a luta pelos direitos civis nos EUA e igualdade de direitos das mulheres. Estes temas foram ampliados nos anos 70, com as discussões sobre as condições e outras questões laborais e dos protestos anti-nucleares.

O mercado potencial para investimentos socialmente responsáveis ampliou-se durante os anos 80 e 90, catalisado por uma crescente presença de temas como racismo na África do Sul e grandes acidentes ambientais como o de Bhopal na Índia, Chernobyl na antiga União Soviética e Exxon Valdez no Mar do Norte. Esses desastres ecológicos, como mudança climática global e degradação da camada de ozônio trouxeram o meio ambiente para o centro das discussões e o mercado de ações não ficou imune a elas.

Em 1997, os investimentos que levam em consideração critérios sócias e ambientais, chamados de Socially Responsible Investing (SRI), acumulavam um total de US\$ 1 trilhão de dólares. Com o lançamento dos índices DJSI (1999) e FTSE4good (2001) e o licenciamento crescente de produtos atrelados a eles, em 2003 já eram contabilizados 200 Fundos SRI, produtos desenhados para investidores modernos com os mais variados perfis. Encontra-se aí desde fundos éticos e religiosos, como fundos com bases técnicas de última geração atraindo mais de US\$ 2.3 trilhões em aplicações.

A experiência brasileira com Investimentos Socialmente Responsáveis (SRI) teve início em janeiro de 2001, quando o Unibanco lançou o primeiro serviço de pesquisa para fundos verdes. Os relatórios dessas pesquisas, que apresentavam informações sociais e ambientais de empresas listadas na BOVESPA, eram enviados exclusivamente para fundos socialmente responsáveis (SRI) no exterior. No final de 2001, o Banco Real ABN Amro lançou os Fundos Ethical FIA, primeiros dois fundos SRI em mercados emergentes. De lá até hoje, o Ethical I, dirigido ao varejo, apresenta um desempenho de 148% contra 116% do Ibovespa para o mesmo período. Em 2004, o Banco Itaú lançou o Itaú Excelência Social, com foco específico em desempenho na área de responsabilidade social corporativa.

A partir deste momento, questões como performance socioambiental, transparência e governança corporativa passaram a fazer parte do vocabulário de alguns gestores brasileiros que, anteriormente encarariam estes temas como excesso de romantismo. As crises éticas

enfrentadas por gigantes internacionais como Enron e WorldCom mostraram a fragilidade de demonstrativos financeiros e auditores independentes na ausência de governança e transparência, o que alavancou ainda mais o setor de SRI.

3.3.2 Indicadores e índices gerais

3.3.2.1 Ibase

O conjunto de indicadores para relatórios mais antigo do Brasil é aquele desenvolvido pelo IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) de preenchimento voluntário para seus associados e que pode, atualmente, conferir para as empresas que produzirem seus Balanços Sociais segundo seu modelo, o Selo Balanço Social Ibase (www.ibase.org.br). Criado em 1981 pelo economista e sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho, o Ibase é uma instituição de utilidade pública federal, sem fins lucrativos, sem vinculação religiosa e a partido político. Sua missão é a construção da democracia, combatendo desigualdades e estimulando a participação cidadã. Ele conta, desde 1997, com um banco de dados de Balanços Sociais produzidos segundo seu conjunto de indicadores composto de dezenas das principais empresas do Brasil.

3.3.2.2 Indicadores Ethos de Responsabilidade Social

O Instituto Ethos de Responsabilidade Social desenvolveu os Indicadores Ethos, com o objetivo central de oferecer às empresas uma ferramenta de gestão para o diagnóstico e planejamento das práticas de responsabilidade social empresarial. Os indicadores existem desde 1999 e vêm sendo atualizados ao longo dos anos²⁹.

Representam uma ferramenta de uso essencialmente interno, que permite a avaliação da gestão no que diz respeito à incorporação de práticas de responsabilidade social, além do planejamento de estratégias e do monitoramento do desempenho geral da empresa. Os temas abarcados pelos indicadores são: Valores, Transparência e Governança³⁰, Público Interno³¹,

²⁹ www.ethos.org.br

³⁰ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/valores.asp

³¹ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/publico_interno.asp

Meio Ambiente³², Fornecedores³³, Consumidores e Clientes³⁴, Comunidade³⁵ e Governo e Sociedade³⁶.

Aplicando os indicadores e enviando os resultados ao Instituto Ethos, as empresas entram para um banco de melhores práticas, onde cada empresa pode comparar seus resultados com aquelas que são referência no tema em questão. A partir de 2004, observa-se um processo de integração dos Indicadores Ethos de RSE com iniciativas similares de grande relevância como o Pacto Global, as Metas do Milênio, as Diretrizes para Relatórios de Sustentabilidade do GRI (Global Reporting Initiative), com a Norma SA8000 (Social Accountability 8000) do SAI (Social Accountability International) e com a Norma AA1000 (Accountability 1000) do ISEA (Institute of Social and Ethical Accountability).

Com o avanço do movimento de responsabilidade social no Brasil e na América Latina, um amplo processo de revisão dos Indicadores Ethos foi iniciado em outubro de 2010 para a construção dos Indicadores Ethos - 3ª Geração, cujo lançamento deve ocorrer no ano de 2012. Por meio de um espaço *multistakeholder* de troca e aprendizagem, que propicia um processo estruturado e participativo entre diversas partes interessadas, a terceira geração dos Indicadores Ethos potencializará sua utilização como ferramenta de gestão para o diagnóstico e para o planejamento das práticas de responsabilidade social empresarial (RSE)³⁷.

3.3.2.3 Global Reporting Initiative (GRI)

A Global Reporting Initiative (GRI) lançou sua primeira versão de indicadores em 2000. Já em 2006, lançou a terceira versão, conhecida como G-3, dos indicadores para construção dos Balanços de Sustentabilidade pelas empresas. O modelo desenvolvido pelo GRI já é, sem dúvida, o padrão internacional para Balanços Sociais ou de Sustentabilidade. As diretrizes do GRI foram projetadas para incentivar o aprendizado e a responsabilização (“accountability”) dos atores. O propósito do GRI é fornecer um arcabouço para os relatórios de sustentabilidade que fortaleça as ligações entre os aspectos ambientais, econômicos e sociais do desempenho de uma instituição / empresa / corporação.

Da mesma maneira que os relatórios financeiros, o GRI identificou e incorporou uma

³² www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/meio_ambiente.asp

³³ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/fornecedores.asp

³⁴ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/consumidores.asp

³⁵ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/comunidade.asp

³⁶ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/temas/governo.asp

³⁷ www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/default.asp

série de características qualitativas que fortalecem a credibilidade dos dados que são reportados, conforme abaixo:

- **Relevância** para grupos de usuários com necessidades e expectativas diversas;
- **Confiabilidade**, ou seja, dados livres de influências, inclinações tendenciosas e erros materiais;
- **Inteligibilidade** para usuários envolvidos com o tema;
- **Comparabilidade**, permitindo o monitoramento e comparação em banco de boas práticas;
- **Temporalidade**, para que seja possível a identificação de tendências e resultados de forma objetiva;
- **Verificabilidade**, fortalecendo a credibilidade da informação reportada.

Pode-se afirmar que estamos em uma nova era de reportes corporativos com a utilização desse arcabouço que permite às empresas avaliar o seu desempenho econômico, social e ambiental – as três dimensões da sustentabilidade. A grande chave do sucesso e aceitação mundial do GRI está no seu processo de geração, validação e legitimação dos indicadores a partir de um consenso mundial com os mais diversos “*stakeholders*”, inclusive no Brasil (www.globalreporting.org).

3.3.2.4 Índice de Sustentabilidade Empresarial Bovespa (ISE)

A liderança de protagonistas como a Associação dos Analistas e Profissionais de Investimentos do Mercado de Capitais (APIMEC) incentivando o debate sobre sustentabilidade no mercado de capitais foi fundamental para que analistas de investimentos cada vez mais ampliassem o escopo de suas análises. O quadro formado por estes elementos não deixa dúvidas sobre o estágio de amadurecimento do setor financeiro e empresarial no Brasil, que conta ainda com um sólido apoio de organizações da sociedade civil que atuam na área de finanças sustentáveis e responsabilidade corporativa.

Conectada aos grandes movimentos de segmentação nos mercados internacionais, a BOVESPA lançou o Novo Mercado e é a primeira bolsa a unir-se aos signatários do Pacto Global das Nações Unidas. Como parte deste processo, e instigada pelo setor financeiro privado que carecia de um benchmark para os novos fundos SRI, a Bovespa propôs a criação de um grupo de trabalho (GT) para a elaboração de um índice de sustentabilidade. Esse GT

multi-stakeholder constituiu-se inicialmente de representantes de instituições protagonistas em temas relativos à Responsabilidade Corporativa (RSC), Governança Corporativa (GC), Meio Ambiente e Mercado de Capitais. Mais tarde, com apoio financeiro do IFC (International Finance Corporation), braço privado do Banco Mundial, esse GT acompanhou e validou os trabalhos do CES (Centro de Estudos em Sustentabilidade) da FGV-EAESP, entidade contratada para elaborar e implantar a metodologia de cálculo do ISE. Com a implantação do Índice, o GT foi então transformado no Conselho Deliberativo do ISE (CISE).

Dimensões do ISE

O ISE afere o desempenho das empresas emissoras das ações mais negociadas na BOVESPA através de um questionário fundamentado conceito do “*triple bottom line*”. Esse conceito considera a avaliação integrada de elementos sociais, ambientais e econômico-financeiros. Por questões de relevância, os aspectos de governança corporativa foram destacados formando um quarto grupo de indicadores. Fiel aos princípios do “*positive screening*”, os idealizadores do ISE criaram (ou deram destaque a) mais dois grupos de indicadores: a) critérios de natureza do produto, que considera se o produto da empresa acarreta danos ou riscos à saúde dos consumidores) e b) critérios gerais, que levam em conta, por exemplo, se a empresa publica balanços sociais e sua posição face os acordos globais como o Global Compact (www.globalcompact.org).

Como balizador e “benchmark” para fundos de natureza semelhante, o ISE mede o retorno total de uma carteira teórica composta por ações de empresas comprometidas com sustentabilidade (número sempre menor ou igual a 40 empresas). Ações sem liquidez não são consideradas para inclusão no ISE, mas tão somente aquelas mais negociadas na BOVESPA são selecionadas e ponderadas (na carteira) pelo valor de mercado das ações disponíveis para negociação. Assim, o ISE é composto pelos papéis das empresas melhor classificadas em termos de sustentabilidade e também de liquidez, cujos critérios de seleção e classificação são referendados pelo CISE.

3.3.2.5 Dow Jones Sustainability Index

Mantendo a liderança em índices, a Dow Jones foi o primeiro grande grupo do setor a incorporar sustentabilidade aos seus produtos. O Índice Dow Jones de Sustentabilidade (Dow Jones Sustainability Index - DJSI) foi lançado em 1999 pela Dow Jones Indexes e a SAM (Sustainable Asset Management), gestora de recursos da Suíça especializada em empresas comprometidas com responsabilidade social, ambiental e cultural. O índice, que acompanha a *performance* financeira de empresas consideradas líderes no campo do desenvolvimento sustentável, incluiu 318 empresas de 24 países na edição referente ao período 2004-2005. A seleção das companhias participantes do índice é feita a partir de um amplo questionário elaborado pela SAM centrado nos aspectos de desempenho ambiental, inovação, governança corporativa, relações com investidores e comunidade em geral. O DJSI utiliza uma metodologia conhecida como “*Best in Class*” através da qual são selecionadas as empresas com melhor desempenho em cada um dos setores econômicos, excluindo-se apenas empresas do setor de defesa, com faturamento acima de 50% oriundo da venda de armas³⁸.

3.3.2.6 FTSE4Good

Acompanhando de perto a experiência americana, a Bolsa de Londres e o Financial Times lançaram o FTSE4Good³⁹, em 2001. A série, composta por quatro índices, foi desenvolvida pela empresa de pesquisa EIRIS e mede o desempenho de empresas na Inglaterra, Europa, América e resto do mundo utilizando critérios que envolvem meio ambiente, direitos humanos e engajamento de *stakeholders* definidos pelo índice. Nesse índice entram apenas empresas que atendam certas medidas pré-estabelecidas de boas práticas quanto a questões ambientais, sociais e humanitárias. O FTSE4Good exclui as indústrias bélica, nuclear e tabagista.

³⁸ www.sustainability-indexes.com

³⁹ www.ftse.com/ftse4good/

3.3.2.7 SRI – Johannesburg Stock Exchange

A África do Sul foi o primeiro mercado emergente a incorporar a sustentabilidade em seu mercado de ações. A Bolsa de Valores de Johannesburg (Johannesburg Stock Exchange - JSE) lançou em 2003 seu índice SRI⁴⁰, inspirando-se fortemente no FTSE4Good Index. A maior diferença entre os dois índices é que a JSE não exclui empresas como dos setores de tabaco, álcool, jogos de azar, etc. Em vez de excluí-las, o JSE categoriza estas empresas como de alto impacto. A classificação é feita a partir de critérios sociais, econômicos, ambientais e de governança corporativa. Cada categoria é subdividida em *política, gerenciamento, desempenho, e reporting*. Consulta pública e alguns critérios são considerados basilares e, portanto, a empresa deve necessariamente pontuar nestas categorias para ser incluída no ranking do JSE.

⁴⁰ www.jse.co.za/sri

3.3.3 Indicadores e Índices setoriais

3.3.3.1 Índice de Acesso a Medicamentos⁴¹

“As empresas estão começando a entender que o valor da Responsabilidade Corporativa não esta somente na oportunidade de fazer a coisa certa, mas na de gerar valor para o próprio negócio. O Índice de Acesso a Medicamentos oferece as empresas uma chance de melhorar seu desempenho e explorar novos modelos de negócio, ao mesmo tempo em que ajudam as sociedades necessitadas.”

(Knut Kjaer – Ex-presidente da RiskMetrics Group e do Norges Bank Investment Management (1997-2007)).

“É animador ver como o conceito de avaliação independente do desempenho das empresas farmacêuticas na promoção do acesso universal a medicamentos essenciais amadureceu e esta sendo cada vez mais reconhecido como uma valiosa ferramenta de promoção da responsabilidade corporativa”.

(Mr.Hans Hogerzeil – Diretor de Políticas Farmacêuticas e de Medicamentos Essenciais da Organização Mundial de Saúde (WHO – OMS))

O Índice de Acesso a Medicamentos é uma ferramenta inovadora, totalmente independente e colaborativa que foi criada para mensurar e comparar os esforços das empresas farmacêuticas para ajudar a enfrentar o desafio do acesso global a medicamentos. Busca engajar os investidores privados e as indústrias do setor e, com isto, encorajar a colaboração de outros *stakeholders*.

O desenvolvimento, a concepção, o levantamento de informações, a monitoria, a divulgação e o acompanhamento do índice são realizados por duas organizações: a *Access to Medicine Foundation* e a *Innovest Strategic Value Advisors*.

A *Access to Medicine Foundation*⁴² foi fundada em 2005, está baseada na Holanda e tem o objetivo de melhorar o acesso à saúde, em seu sentido mais amplo, nos países em desenvolvimento e, em especial, de encorajar a indústria farmacêutica a aceitar um papel maior nesta questão. Já a *Innovest Strategic Value Advisors*⁴³ é uma empresa internacional de pesquisa e consultoria em investimentos fundada em 1995, especializada na análise de parâmetros “não tradicionais” de risco e valor de ações, incluindo a *performance* das empresas nas questões ambientais, sociais e de governança estratégica. Atualmente tem cerca de US\$1.1 bilhões sob consultoria direta em clientes, de mais de 80 setores industriais, incluindo o farmacêutico, em 20 países.

⁴¹ www.accesstomedicineindex.org

⁴² Endereço eletrônico da Access to Medicine Foundation: atmindex.org

⁴³ Endereço eletrônico da Innovest Strategic Value Advisors: innovestgroup.com

O trabalho da Access to Medicine Foundation teve início em 2005, com o objetivo de criar um índice que ajude milhares de pessoas no planeta a ter melhor acesso aos medicamentos de que necessitam urgentemente. Este objetivo está alinhado aos Objetivos do Milênio da ONU: Redução da mortalidade infantil, melhora da saúde materna e combate ao HIV/AIDS, malária e outras doenças relacionadas à pobreza. É crucial para o desenvolvimento de países de baixa renda o acesso universal aos tratamentos existentes e a busca por tratamentos novos e acessíveis para doenças que vêm sendo negligenciadas.

A Fundação acredita que melhorar o acesso global a medicamentos é uma responsabilidade de todos: governos, pesquisadores, ONGs, investidores e empresas farmacêuticas. A primeira edição do Índice, publicada em 2008, demonstra claramente que há enormes diferenças dentro da indústria como um todo. Pela primeira vez, identificam-se práticas de sucesso que são colocadas como exemplos para as outras. A construção do Índice teve a participação de diversos *stakeholders*, incluindo a Academia, Governos, Especialistas Independentes, a indústria farmacêutica, organizações internacionais, investidores e ONGs.

As organizadoras do índice esperam que o mesmo seja de grande valia para investidores que querem considerar mais fortemente o compromisso das empresas com a responsabilidade social, como testemunhado pelo número de investidores institucionais que assinaram o *Investor Statement* proposto pela Fundação. Além disso, governos, pesquisadores e ONGs poderão buscar seus parceiros adequados e desenvolver com eles novas práticas empresariais.

Os objetivos gerais do Índice são:

1. Fornecer a todos os *stakeholders*, incluindo investidores, informação confiável, imparcial e independente sobre os esforços das empresas de propiciar acesso global a medicamentos;
2. Fornecer às empresas farmacêuticas meios transparentes de avaliar, monitorar e melhorar sua performance e seu perfil público e de investimentos;
3. Fornecer uma plataforma na qual todos os *stakeholders* podem continuamente discutir as melhores práticas e as lições aprendidas.

A primeira edição do Índice, publicada em junho de 2008, ofereceu o primeiro relatório de melhores práticas e políticas de acesso a medicamento das vinte maiores empresas farmacêuticas globais, sendo 17 empresas de pesquisa e inovação e 3 de medicamentos genéricos. O índice de 2010 analisou 27 empresas, das quais 20 de pesquisa e 7 de genéricos.

Nesta segunda edição, as empresas foram avaliadas conforme seus esforços de fornecer acesso a medicamentos, vacinas e testes de diagnóstico as populações de 88 países – estes países foram escolhidos entre aqueles classificados pelo Índice de Desenvolvimento Humano da ONU como aqueles de níveis baixos ou médios. O índice cobre 33 doenças prioritárias, incluindo as doenças tropicais negligenciadas, assim como as dez doenças comunicáveis mais importantes e as dez não comunicáveis em relação aos surtos nos países abarcados pelo índice.

Nota-se um avanço importante no que diz respeito ao acesso a medicamentos. O Índice tem sido reconhecido como uma ferramenta importante para aumentar a cooperação entre os vários *stakeholders* envolvidos, recebendo mais atenção da indústria como um todo. Muitos estão usando as informações para ajudar a influenciar a agenda política de discussão do acesso global a medicamentos e é este o grande potencial que se vê com o trabalho desenvolvido pelo Índice – melhorar consideravelmente a saúde global. Porém, os organizadores reconhecem que ainda há muito objetivos a serem atingidos.

Os dados coletados na segunda edição são baseados em 106 indicadores que medem as atividades em quatro áreas estratégicas (Compromisso, Transparência, Desempenho e Inovação) e sete áreas técnicas descritas a seguir:

- 1. Gestão do Acesso a Medicamentos:** a maioria das empresas reconhece a relevância do tema do acesso a medicamentos e desenvolveu políticas no nível diretivo, tem feito esforços para integrar o acesso a medicamentos em sua estratégia de longo-prazo e desenvolveu políticas e processo para planejar, implementar, mensurar, monitorar e reportar seus programas em colaboração com os *stakeholders*. A gestão efetiva do acesso a medicamentos ajudará as empresas a implementarem programas eficazes de acesso a medicamentos. As empresas, de forma geral, disponibilizam políticas claras de acesso a medicamentos no nível global, mas não revelam como os programas são implementados nos níveis locais, por exemplo, por suas subsidiárias.
- 2. Influência nas políticas públicas e no mercado:** empresas farmacêuticas têm sido criticadas por seu lobby extensivo que pode não ser para o interesse geral. Nos últimos anos, as empresas se moveram em direção a uma maior revelação de suas posições em temas relacionados ao debate sobre o acesso a medicamentos e sobre seu financiamento de grupos de pacientes, associações médicas, grupos comerciais, associações da

indústria e partidos políticos. Uma maior transparência nas atividades de lobby poderia melhorar a prestação de contas (accountability) das empresas aos acionistas e à sociedade como um todo.

3. **Investimento em P&D para doenças negligenciadas e graves⁴⁴:** o número de programas de P&D focado em doenças negligenciadas vem aumentando. Empresas com ou sem expertise relevante a P&D para estas doenças indicam que reconhecem a necessidade de novos tratamentos. Várias empresas parecem usar sua expertise proativamente para responder à falta de medicamentos para doenças negligenciadas. Tradicionalmente, as empresas europeias têm sido mais ativas nesse campo, mas o envolvimento das empresas americanas vem aumentando. Além disso, as empresas vêm, de forma crescente, se apoiando em parcerias para implementar programas de P&D para doenças negligenciadas.

4. **Patentes e Licenciamento:** as empresas crescentemente contam com acordos de licenciamento e/ou transferência de tecnologia com fabricantes de genéricos no mundo em desenvolvimento para aumentar a capacidade de produção e garantir o fornecimento de produtos acessíveis e de boa qualidade no longo-prazo. As licenças voluntárias fazem com que a propriedade das drogas fique nas mãos dos detentores da patente e protegem as empresas na publicidade negativa associada ao preço de produtos de marca. Entretanto, as empresas ainda devem desenvolver indicadores de performance (KPI) para mostrar sua efetividade. A maioria das licenças envolve doenças infecciosas.

5. **Avanços na Construção de Capacidade para Desenvolvimento de Produtos e Distribuição:** Muitas empresas demonstram o desejo de usar seu *expertise* no desenvolvimento de drogas, na fabricação, controle de qualidade, distribuição e gestão de recursos humanos para fomentar a capacidade de produção de medicamentos no mundo em desenvolvimento. Entretanto, em áreas como a fármaco-vigilância, o envolvimento das empresas é limitado.

⁴⁴ Doenças que contribuem para 1% ou mais do total de mortes no mundo de acordo com o Projeto de Controle Prioritário de Doenças. Incluem: TB, HIV/AIDS, diarreias, sarampo, malária, infecções respiratórias baixas, condições perinatais, câncer de estômago, câncer de colon, reto e fígado, câncer na traquéia, brônquios e pulmão, diabetes mellitus, doenças cardíacas hipertensivas e isquêmicas, doenças cerebrovasculares, doenças pulmonares crônicas obstrutivas, cirrose hepática, nefrite e nefrose.

6. **Determinação igualitária de preços / Estratégias de precificação:** Algumas empresas confiam em programas de doação, ao invés de criar mecanismos mais sustentáveis de preços igualitários. As políticas de preço igualitário focam no tratamento de doenças infecciosas, não comunicáveis e crônicas. Apesar de as empresas farmacêuticas muitas vezes não terem o controle total da precificação, o desenvolvimento de esquemas de preços sustentáveis que endereçam o poder de compra das populações em países de média e alta renda esta se tornando algo bastante importante.

7. **Programas de Doação de Medicamentos / Atividades filantrópicas:** todos os programas de doação de medicamentos das empresas estão em conformidade com as regras da OMS para doação de medicamentos. Grande parte das empresas indica que percebe que as doações não representam um componente chave em uma estratégia de acesso a medicamentos de longo prazo, uma vez que elas criam distorções nos mercados locais. Ainda, de forma geral, os programas de doação representam uma estratégia clara, como em situações de emergência ou de um programa de erradicação de determinada doença e são promovidos através de parcerias com ONGs locais ou organizações internacionais.

Enquanto as empresas expandirem suas atividades no mundo em desenvolvimento, identificar oportunidades estratégicas e focar na criação de valor sustentável se tornará uma questão bastante relevante. O Índice defende que todos nós temos uma responsabilidade comum de melhorar o acesso global a medicamentos, diagnóstico, vacinas e outras tecnologias da saúde. Porém, as empresas farmacêuticas, como donas de um conhecimento único, de tecnologia e infra-estrutura devem ser parte integral destes esforços.

Muitas empresas já começaram a agir. Entretanto, é difícil para o mundo externo às empresas enxergar a extensão do engajamento das empresas ao problema – aquelas que estão envolvidas ativamente podem não receber os créditos que merecem, enquanto outras menos comprometidas podem evitar algumas perguntas difíceis. O Índice de Acesso a Medicamentos é uma ferramenta importante para este fim.

3.3.3.2 Índice FarmaSustentável

O projeto FarmaSustentável surgiu em 2004, a partir de uma ideia comum de dois executivos da área farmacêutica, que observando a forma como as empresas tratavam seus projetos de responsabilidade sustentável, decidiram organizar as iniciativas da indústria farmacêutica nessa área. A primeira percepção foi que, na maioria das vezes, as iniciativas de responsabilidade social das empresas eram limitadas a ações filantrópicas e incentivo social isolado. Não havia e ainda não há, em grande parte desse universo, uma política bem estruturada por parte das empresas. Frequentemente, ainda se confunde responsabilidade social com sustentabilidade.

Foi com esse intuito que os responsáveis pelo projeto, juntamente com diversos colaboradores, deram início a um movimento que visa levar conhecimento e produtividade nesse segmento.

Desde seu início, o projeto alcança o reconhecimento de executivos do mercado e participa do dia a dia dos profissionais envolvidos com as ações ligadas à sustentabilidade.

Missão

- Criar constantemente, canais que estimulem a discussão e a reflexão sobre os temas da sustentabilidade, bem como seu alinhamento com as estratégias de negócio comuns às empresas que compõem o setor farmacêutico brasileiro.
- Formar e compartilhar um entendimento comum sobre sustentabilidade para todas as empresas do setor farmacêutico brasileiro.
- Auxiliar diretamente ou através de parcerias, as empresas do setor a integrarem os conceitos e temas da sustentabilidade às suas estratégias de negócios.

Com a publicação dos Indicadores de Sustentabilidade do Setor Farmacêutico Brasileiro, o trabalho pelo projeto FarmaSustentável materializa-se em resultados concretos, dando ao setor um instrumental inédito para o diagnóstico e a reflexão sobre as práticas e os modelos de gestão vigentes, observados pela ótica da sustentabilidade.

Indicadores

1. ACESSO

Buscar continuamente formas que ampliem o acesso da população as terapias medicamentosas já disponíveis, bem como as novas terapias, observando, sobretudo, a população de baixa renda.

2. ENGAJAMENTO DE *STAKEHOLDERS*

Manter contato contínuo com os públicos de interesse, buscando o levantamento e o pleno entendimento de suas demandas e integrando estas ao planejamento estratégico da corporação.

3. INOVAÇÃO CONTÍNUA

Garantir a criação contínua de valor para todos os públicos de interesse e a sociedade como um todo, por meio de processos eficientes e produtos inovadores.

4. ATENÇÃO AO MEIO AMBIENTE

Propiciar formas de atuação que reduzam o impacto das operações no meio ambiente.

5. CONSUMO E PRESCRIÇÃO RESPONSÁVEIS

Estimular o consumo responsável por parte dos consumidores e pacientes, desencorajando os excessos e o uso inadequado de seus produtos / serviços, bem como incentivar a prescrição responsável por parte dos profissionais de saúde, garantindo o respeito às indicações de bula dos produtos e/ou indicações testadas e validadas cientificamente por estudos clínicos.

3.4 Sobre os sujeitos

Os sujeitos deste estudo são executivos que atuavam nos setores de Responsabilidade Social, Ética e Sustentabilidade da indústria farmacêutica nacional ou multinacional. Selecionou-se aleatoriamente um grupo de seis das principais empresas do setor (por sua alta colocação no ranking de vendas das indústrias farmacêuticas nacionais e multinacionais no ano de 2009), sendo duas empresas nacionais e quatro multinacionais, respeitando-se proporcionalmente a representatividade da participação destes dois grupos no ranking geral do setor. Das empresas selecionadas, foram entrevistados oito sujeitos que atuavam, no momento do levantamento, nos setores escolhidos para o estudo. Como executivos, todos os sujeitos tinham formação universitária completa e se enquadravam em nível socioeconômico A, conforme classificação adotada pelo IBGE⁴⁵, com salários correspondendo aproximadamente a dez mil reais mensais. Suas idades oscilavam entre 25 e 45 anos, sendo, conforme ocorre na maior parte das empresas nestas funções, a maioria de mulheres. Todos os sujeitos tinham algum tipo de especialização ou aperfeiçoamento realizado no Brasil ou exterior nas áreas de sustentabilidade e responsabilidade social.

⁴⁵ www.ibge.gov.br

3.5 Sobre o levantamento empírico de informações

As entrevistas foram realizadas, em sua grande maioria, no recinto das empresas, na própria estação de trabalho dos executivos em pauta. Foi exceção uma entrevista realizada em uma livraria, atendendo a solicitação do próprio entrevistado, que alegou sentir-se mais à vontade fora do ambiente de trabalho. Os sujeitos foram entrevistados mediante uma condução guiada por um roteiro semi-estruturado (vide Apêndice A, p. 99) composto por doze perguntas, envolvendo questões relativas às noções dos executivos sobre os termos Responsabilidade Social e Sustentabilidade e sobre temas específicos relacionados à ética na indústria farmacêutica e ao processo de desenvolvimento de novos produtos.

No transcorrer das entrevistas, como em uma interação dialógica, indagava-se sobre as repercussões destes conceitos e de sua aplicabilidade no exercício funcional, incluindo avaliações dos entrevistados sobre as possibilidades, limites e obstáculos para o cumprimento adequado destas novas exigências corporativas. A interação entre o entrevistador e os entrevistados foi enriquecida com a leitura, pelo entrevistador aos entrevistados, do artigo 15 da Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente, que consagra o Princípio da Precaução (Vide Anexo B, p. 109). As entrevistas duraram em média 45 minutos, oscilando entre 30 e 60 minutos, totalizando quase cinco horas de diálogos. As mesmas foram integralmente gravadas, utilizando-se um gravador de som digital, com autorização prévia dos entrevistados, tanto para a concessão das entrevistas (através da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - vide Apêndice B, p. 100), como para sua gravação e utilização de seu conteúdo na realização da pesquisa proposta. Conforme referido no Termo de Consentimento, todas as referências, quer ao depoente como à empresa e aos seus produtos, foram mantidas em anonimato. As entrevistas foram integralmente transcritas (vide Anexo E, p. 132), tendo-se utilizado, para transpô-las, normas para transcrições fonéticas estabelecidas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2002, 2003)⁴⁶. O texto correspondente às transcrições foi encaminhado para apreciação dos entrevistados, solicitando-se a eles que se manifestassem sobre se gostariam de completar ou alterar seus depoimentos. Apenas um dos depoentes solicitou alterações ao depoimento, mudando o teor de alguns de seus conteúdos.

⁴⁶ Foram utilizadas as recomendações da ABNT adaptadas especialmente para normatizar transcrições fonéticas – para transformação em texto de depoimentos orais gravados. O manual da ABNT, disponibilizado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, pode ser encontrado no endereço eletrônico: <http://www.usp.br/procam/documentos%20downloads/diretrizesfinal.pdf> e as normas específicas para transcrição podem ser encontradas no endereço eletrônico www.concordancia.lettras.ufrj.br e também constam no Anexo D (p. 129) deste trabalho para consulta de interessados.

3.6 Sobre os procedimentos de análise

Os depoimentos transcritos foram analisados considerando-se a questão da interpretação conforme conceitua Orlandi em sua obra intitulada “Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico”. Para esta autora, “a questão da interpretação está presente em pelo menos três modos de operar com a linguagem: na análise de conteúdo, na hermenêutica e na análise do discurso” (ORLANDI, 2007, p. 148).

Em uma síntese apresentada por Luca (2011), poder-se-ia conceituar estes três modos de operar como segue. A análise de conteúdo, uma forma tradicional de interpretar textos bastante divulgada contemporaneamente pela obra de Bardin (1977), buscaria comprovar pressupostos teóricos anteriormente eleitos para fundamentar a análise identificando sua aplicação no texto. Já a hermenêutica teria uma base filosófica, circunscrevendo a análise no campo da relação entre retórica e dialética. Finalmente, na análise de discurso propriamente dita, seriam pensadas as relações entre a língua e a ideologia, considerando-se o discurso como o substrato para a compreensão da produção dos sentidos da fala. Sob tal enfoque, a grande diferença entre essas três perspectivas seria a de que, na análise de discurso haveria um grande investimento na análise do modo de formulação das falas, nela enfocando-se não apenas o que é dito, mas como é dito.

Dado o contexto teórico-conceitual em questão no presente estudo, a análise dos depoimentos teria que identificar, no discurso, elementos para fundamentar juízos e avaliações sobre como, nas falas destes executivos, estaria se materializando ou não o ambientalismo corporativo - delimitando limites, obstáculos e possibilidades de consecução de seus pressupostos ideológicos em interação com a lógica das operações da máquina corporativa no contexto do capitalismo global. A análise desenvolvida neste estudo, dada a amplitude de seu contexto e os limites para a sua execução, não poderia ser uma aplicação rigorosa das preconizações feitas por Orlandi supra referidas. No entanto, seus propósitos analíticos obrigam a um passeio entre os três modos de operar a linguagem apresentados por essa autora. Sem pretensões de se aprofundar nos recursos técnicos, o panorama longitudinal destas manifestações será privilegiado no estudo dos depoimentos. Considerando que, conforme define Bosi, “intuição é conhecimento por imagens” (BOSI, 2003, p.75), a análise vai se apoiar em imagens contidas nas unidades ‘falas’.

A transcrição efetuada com base nas normas da ABNT e da UFRJ permitiu a identificação no texto de duas linhas independentes e articuladas na fala: a linha prosódica (as entonações, pausas, os silêncios, indicativos de interferências afetivas e/ou lógicas no

depoimento) e a linha mnemônica (referente aos conteúdos das imagens e recursos retóricos utilizados para expressão das ideias), levando à possibilidade de se encontrar tensões resultantes de eventuais conflitos e contradições e também os lugares de invenção das imagens na construção da retórica. A concatenação das falas explícita ou inferida fundamenta a análise de argumentos ou proto-argumentos nelas contidos.

Dessa forma, as imagens formaram o atrator para a busca de concatenações argumentativas contidas no discurso. Portanto, as interpretações representariam a perspectiva do analista a partir de sua história e das referências eleitas para o estudo não tendo a pretensão de se apresentarem como verdades definitivas, estando, assim, sujeitas a crivos derivados de um aprofundamento de outros aspectos nela envolvidos. Seriam, assim, uma proposta de abertura de perspectivas para a discussão e para a sustentação de análises sobre impedimentos e obstáculos para a aplicação plena do princípio da precaução, como fundamento ético disciplinar de inovações farmacêuticas e da expansão de seus produtos.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir, apresenta-se os principais resultados da análise desenvolvida, feita considerando-se o conjunto dos depoimentos dos diferentes sujeitos relativos a cada dimensão temática colocada em discussão, ou seja: ética, aprimoramento do funcionamento empresarial (obstáculos, tipos de racionalização, limites, caminhos etc), sistemas periciais, regulamentações e acesso a medicamentos, princípio da precaução, sua aplicabilidade e campo de autonomia na ação executiva.

Deve-se salientar que esta análise não inclui referências à utilização de argumentos envolvendo a aplicação dos indicadores e índices apresentados na seção do método. Embora as questões que orientaram a entrevista não fizessem referência explícita a esses elementos, causa surpresa o fato de que, em nenhum dos testemunhos, os mesmos fossem sequer mencionados. Compreender este fato implica na necessidade de desenvolvimento de um estudo específico e, portanto, transcende os objetivos do presente trabalho. Dessa forma, toda a análise que faremos a seguir será orientada para a formulação de juízos emulados de avaliações baseadas em testemunhos dos sujeitos e referentes a possíveis aprimoramentos do funcionamento ético nas ações corporativas da indústria farmacêutica. Decorre que a percepção de um campo de autonomia de ação poderia estar evidenciada mediante o conhecimento, a leitura e análise dos quadros objetivos produzidos por sistemas periciais competentes e legítimos representados pelos indicadores e índices exaustivamente publicados. Não se exclui que esta competência poderia não anular a necessidade de se compreender as possibilidades e limites do campo de autonomia fora da esfera estritamente técnico-cognitiva, portanto, no âmbito subjetivo. Mesmo porque a produção de indicadores, se não estrategicamente conduzida, constitui-se em processo dinâmico aberto para o futuro e exterior social e geográfico, deixando margens para novas necessidades não previstas nos seus quadros. Assim, a análise apresentada a seguir está circunscrita a estes limites e condições.

Em primeiro lugar, pôde-se constatar uma indefinição no que diz respeito ao entendimento do termo “ética”, observando-se repetidamente uma correlação entre a ética com a transparência no processo de pesquisa de novos medicamentos. Assim, a ética estaria restrita à obrigatoriedade, da indústria, de divulgar de forma ampla e clara, todas as

informações relevantes ao processo de pesquisa e inovação⁴⁷. Ilustram esta percepção as seguintes asserções afirmativas:

- *A ética e a transparência andam de mãos dadas.* (p. 138)
- *Tudo o que se faz na indústria farmacêutica, se você quiser fazer de uma forma sustentável e ética, tudo tem que estar muito aberto, muito claro.* (p. 152)
- *Os fins não justificam os meios – aí que entra a questão da ética. Quanto a empresa abre de forma clara e transparente as informações aos consumidores.* (p. 168, 169)

Referem-se à ética, ainda como sendo algo implícito no próprio funcionamento da empresa, relacionando-se a ela através da reputação como um atributo determinante de sua longevidade no mercado. Assim, a ética é vista como uma característica da corporação, como um quesito que pode afetar os negócios da empresa se não cumprido, pela redução de seus lucros ou prejudicando sua imagem. Sob a ótica da hegemonia, o desempenho da corporação é julgado, com referência ao sistema econômico capitalista, considerando-o legítimo sem eventuais outros questionamentos. Dessa forma, a responsabilidade social coincidiria com a ética e esta última com os propósitos apregoados e executados pela corporação.

As asserções abaixo são ilustrativas desta interpretação de uma indissociação entre estrutura e funcionamento corporativo, sem uma crítica de ausências ou inadequações éticas, o que seria um impeditivo ao aprimoramento do exercício funcional:

- *Ser uma empresa socialmente responsável prescinde de ser uma empresa ética.* (p. 146)
- *Hoje, ser ético não é escolha, é necessidade. Caso contrário, a empresa tem sua reputação afetada.* (p. 154)
- *A empresa é ética no limite do que ela pode ser ética – o morro tem uma ética, os traficantes têm uma ética própria.* (p. 147)
- *A ética é a relação ganha-ganha, mas não é sempre que a empresa consegue atingir o grau ideal que seria de ética.* (p. 163)
- *O grande desafio das empresas é manter o equilíbrio dentro de um universo capitalista que sempre fala: primeiro eu ganho. A ética deveria ser o ponto principal,*

⁴⁷ Os trechos dos depoimentos que foram selecionados para ilustrar esta análise foram reescritos de forma a retirar o compromisso prosódico implícito na sua transcrição, de maneira a apresentá-los de forma compatível com a escrita convencional para não diálogos. As citações utilizadas neste item correspondem a estes trechos modificados. Os leitores interessados em acompanhar a transcrição envolvendo as linhas prosódica e mnemônica de acordo com as normas da ABNT, encontrarão ao lado de cada uma das citações o número de página correspondente ao trecho retirado do Anexo D.

mas algumas empresas aplicam, outras não. Tem uma demanda da sociedade para a empresa começar a olhar todos esses meandros, mas ainda não é cem por cento. (p. 163)

- O ideal mesmo seria não fazer errado, mas fazer certo é bem mais difícil. (p. 169)
- É a questão do equilíbrio, de brincar de deus. O que eu decido, eu assumo o risco ou não. Quando você fala em empresa, se eu assumir o risco e tiver um impacto extremamente negativo, vai comprometer vidas e a imagem da empresa. (p. 171)

- Não acho que o processo de desenvolvimento deva ser mais extenso porque, quanto mais se pesquisa, mais vidas eu deixo de salvar neste período. Acredito que as pesquisas já são desenhadas de uma forma pra se ter controle razoável do benefício que o produto possa oferecer. Qual é o preço da vida? (p. 185)

- A ética tem que fazer parte dos valores da empresa, tem que permear todos os negócios, todas as atitudes da companhia, em qualquer área. (p. 190)

- O setor farmacêutico é muito regulado, somos obrigados a fazer muitas coisas que outros setores não precisam. É um setor especial, tem que ter cuidado maior ainda com a ética. Deve ter gente que não faz a coisa certa, mas eu acredito que seja um setor ético. (p. 190)

- A ética faz parte do processo todo, mas nem sempre ela é clara, transparente. Tem muitas empresas que fazem ações de cunho puramente marketeiro. (p. 200)

- A indústria farmacêutica é muito mal vista, com razão, pelo seu histórico no mundo. Tinham uma postura não ética com médicos, desenvolvimento de medicamentos, testes, o que ainda ocorre. Quem trabalha na indústria tem um desafio enorme de mostrar que o que está fazendo é correto. (p. 200)

- Falta uma conscientização dos próprios funcionários das empresas, que é um trabalho muito demorado. Muitas vezes as pessoas nem querem ser conscientizadas, não querem mudar, o que é mais comum nas áreas comerciais e marketing. (p. 202)

- Mas, o funcionário não tem escolha porque a empresa tem uma política de sustentabilidade que todos são obrigados a seguir, inclusive no tocante à ética. (p. 202)

– Eu estou há doze anos na empresa então isso diz um pouco sobre a ética da empresa – é muito difícil você ficar muito tempo em um lugar que não preserva isso, construir uma história em um lugar em que os valores pessoais não coincidam com os da empresa. (p. 179)

Esta última fala consiste em uma argumentação que pode ser interpretada como uma justificativa frente a uma não ação executiva individual quando se identifica, cognitivamente,

inconsistências entre a retórica empresarial e a maneira como ela está se materializando no seu funcionamento. Esta argumentação pode ser entendida como uma das formas de racionalização, expressando a veiculação, consciente ou inconsciente, de ideologias influenciando a racionalidade das decisões, um substrato de alienação do processo social. A esse respeito, temos que distinguir racionalidade de racionalização tal como discutido por Tassara e Ardans (2003, p. 19):

Racionalidade faz referência a processos lógicos e epistemológicos nos quais, a partir de determinadas premissas e pela via da argumentação, derivam-se conseqüências legítimas, do ponto de vista formal; a relação lógica implica que se for aceita uma afirmação estarão sendo aceitas as suas premissas. A racionalidade exige, precisamente, tornar transparente essa derivação lógica pela via argumentativa, o que torna possível a crítica, seja do ponto de vista forma ou seja do ponto de vista do conteúdo da afirmação em questão. Deste modo, crítica e racionalidade são componentes inseparáveis do mesmo processo epistemológico. Racionalização, por sua vez, refere-se a afirmações cujas premissas são desconhecidas ou deliberadamente escamoteadas, impedindo o conhecimento da argumentação (que eleva da afirmação às suas premissas) e impossibilitando, por conseqüência, a crítica. “Verdades” cujo fundamento desconhecemos são ideologia, pois, ao serem apagadas as premissas, são as mesmas incorporadas como conhecimento estabelecido, absoluto, a-temporal, o que, entretanto, é ilegítimo, por desvincularmos a “verdade” de sua fundamentação lógica.

Considerando o contexto ideológico no qual se inscreve o ambientalismo corporativo, esta forma de racionalização expressaria, do ponto de vista da hegemonia, uma racionalidade. Paradoxalmente, essa racionalidade estaria delimitando um campo de obstáculos para o aprimoramento do funcionamento ético das empresas, uma vez que ela acomoda tensões advindas de contradições e ineficiências na própria consolidação das colorações éticas revestindo ações corporativas. Este tipo de racionalidade pode estar fundamentado em dimensões afetivas ou cognitivas, conscientes ou inconscientes (DAMERGIAN, 1991) dos sujeitos em pauta. Ou seja, de um ponto de vista lógico, os executivos poderiam vir a considerar a possibilidade de aprimoramento no interior da própria máquina estrutural da empresa no seu exercício funcional cotidiano, sem ferir os pressupostos da hegemonia e, portanto, legitimamente enquadrados no seu *status quo*.

Frente a essa possibilidade, pode-se identificar outros tipos de argumentos estruturados sobre racionalizações que justifiquem uma omissão, conforme a seguir.

- No trabalho falta preparo da liderança, que seria o maior limitador até para o desenvolvimento da própria companhia. O modelo de negócio é atrasado e, como a Sustentabilidade está ligada à cultura, é algo que demora para mudar, para que se chegue em um novo modelo de gestão. (p. 155, 158, 159)

- *A empresa se mostra como ela quer e não como ela é. (p. 160)*
- *Falta vontade de todo mundo – da empresa tomar coragem e fazer mais e da sociedade cobrar também. (p. 165)*
- *A alta gestão não tem essa visão de qual o papel da empresa na sociedade como um todo. (p. 189)*
- *A empresa vai pela questão do investimento que ela fez no produto e minimizar o máximo possível os efeitos adversos, mas se houver liberalidade da ANVISA acho que qualquer indústria farmacêutica vai lançar o produto. Se você quiser lançar um produto tem que colocar todos os riscos e a população deveria julgar, o médico deveria ser mais criterioso. Será que um tempo maior de pesquisa, de desenvolvimento não faria com que os resultados adversos fossem reduzidos cada vez mais? Mas esse tempo implica em recurso financeiro, então o que se escolhe fazer?(p. 169)*
- *O modelo da indústria hoje tem muita restrição e funciona bem. O medicamento com efeitos adversos pode ser válido, mas é obrigatório que ele contenha todas as informações claras, não subentendidas. Se a gente fosse Deus, conseguiria chegar no ponto de não ter efeito colateral, mas o homem ainda não conseguiu chegar nesse ponto. A ciência busca a perfeição, mas não é perfeita. Tem alguém lá no fim que toma a decisão. Se alguém decidiu e o órgão regulador aprovou, então é válido, desde que seja muito explicitado. É a comunicação da indústria com o médico, com o governo e com a sociedade, depois do médico com o paciente. É o papel do médico deixar tudo muito claro para o paciente, independente de ele ler a bula. (p.204)*
- *Muita coisa ainda é a questão do ser humano: eu faço a minha parte, mas se eu puder deixar que o outro decida, eu fiz a minha parte. (p. 168)*
- *Imagino que todos os laboratórios enfrentem esse dilema ético em algum momento e têm que tomar a decisão de abortar um produto / projeto. Não sei se eu fosse o presidente ou a diretora da unidade de pesquisa, desenvolvimento e inovação o que eu faria. Mas, como não está nas minhas mãos tomar essa decisão, é muito fácil falar eu pararia. Mas, eu pararia. (p. 150)*
- *Cabe ao médico avaliar se vale o risco para o seu paciente. O médico precisa esclarecer ao paciente, por mais que ele não leia a bula, sobre os riscos e benefícios do medicamento. Como todas as questões de saúde não são cartesianas, precisa haver conversa. (p. 186)*
- *Como indústria, eu preciso garantir que a minha parte eu faça. (p. 186)*

As falas acima denotam a acomodação destes depoentes em uma postura conformista diante dos seus reconhecimentos de indícios de uma inconsistência entre a estrutura e o funcionamento corporativo. Este tipo de argumento supõe a responsabilidade para outros níveis hierárquicos da ação, alegando que isso extrapolaria o seu campo de autonomia. Por exemplo, o executivo que se refere à alta liderança como algo a parte, distante e da qual se depende totalmente para o atingimento dos pressupostos apreçados da Sustentabilidade nos negócios.

Pode-se também verificar, nestes depoimento, que, embora os termos “sustentabilidade”, “ética” e “responsabilidade social” apresentem-se como palavras distintas, seus significados parecem ser no mínimo semelhantes ou intimamente correlacionados. Esta prática se repete em muitos depoimentos, reafirmando a nosso ver o referido compromisso hegemônico manifestando-se sob forma de ideologia monolítica nas análises por eles efetuadas.

No entanto, outros argumentos apontam para a necessidade de sistemas técnicos periciais (GIDDENS, 1991) e instâncias políticas com competências específicas que extrapolariam aquelas dos executivos da indústria farmacêutica. Essa necessidade seria logicamente procedente, na medida em que os repertórios técnicos e as necessidades políticas requeridas para o seu exercício são, muitas vezes, situadas nas fronteiras do conhecimento científico, tanto no campo farmacológico como no campo da saúde pública e das implicações socioambientais resultantes das necessidades de participação das populações envolvidas e/ou impactadas na introdução de medicamentos e inovações.

Os textos abaixo mostram uma construção argumentativa inscrita no campo da racionalidade *sensu stricto*, uma vez que os depoentes se distanciam criticamente de seu campo de atuação para pensar sobre a situação de maneira a questionar racionalmente, e não ideologicamente, seus compromissos de verdade.

- Mas, é muito difícil para um leigo fazer essa observação se qualquer resultado é válido na indústria, do que é o risco válido para ter um resultado efetivo, do que é um menor impacto pra um melhor resultado. Eu acho que tem que ter um conjunto de forças atuando pra tomar essa decisão – co-responsabilidade, responsabilidade compartilhada. Quem se compromete para assumir, quem tem conhecimento bastante para assumir – é a indústria ou o órgão regulador, ou os profissionais da saúde, ou a própria pessoa que vai consumir o medicamento. Para isso é preciso ter a informação. (p. 170)

- A sustentabilidade está ligada à questão da responsabilidade compartilhada, que tem a ver com não tomar a decisão sozinho justamente porque ninguém tem a propriedade de tomar a decisão sozinho sobre nada. Deve-se pegar o maior número de opiniões pra tomar o melhor caminho, já que nunca ninguém vai ter 100% de comprovação científica de nada. (p. 171)

- As pesquisas deveriam ser realmente abertas pra população, o que não existe hoje na indústria farmacêutica. Não existe consulta pública na indústria, talvez porque seja muito técnico. Mas deveria haver, deveria se ouvir as outras partes, que é o grande exercício que as empresas precisam fazer para realmente falar de Sustentabilidade. Estar disposto a ouvir e acatar. (p. 171)

- Tudo o que se sabe está na bula. E o que não se sabe ainda? (p. 152)

Dentro deste mesmo campo racional, surgem contra-argumentos que poderiam também ser classificados como forma de racionalização, uma vez que transferem a responsabilidade das decisões e dos riscos para fora do seu campo de autonomia, embora muitas vezes haja elementos nos argumentos que são procedentes. Mas, são utilizados como justificativas para transferências e/ou omissões de responsabilidade frente a decisões implicadas no funcionamento corporativo, no que diz respeito às inovações. Seriam formas de limites para as perícias e as possibilidades de ação e regulamentação:

- Está nas mãos dos órgãos reguladores tomar essa decisão, mas quanto esses órgãos são criteriosos na escolha? O segmento farmacêutico ainda está muito na mão da questão política, dos órgãos reguladores e aí todo mundo se acomoda um pouquinho. Ninguém corre o risco. (p. 169)

- A gente parte do pressuposto que um produto que está no mercado já passou pelo crivo de todo mundo, da ANVISA. Acredito que o produto só é lançado uma vez que se tenha segurança, tranquilidade de que todos os princípios éticos e de precaução tenham sido obedecidos porque eu não consigo conceber nada diferente. Não conheço profundamente esses processos no segmento, mas posso dizer que conheço bem aqui na empresa. (p. 152)

- No fim, são as agências reguladoras que determinam se você pode ou não pode comercializar um produto. (p. 207)

- A empresa já decidiu tirar um produto aprovado do mercado. É uma decisão difícil, porque são anos de pesquisa e muito dinheiro investido. São pessoas que decidem, mas a culpa volta para a empresa. Acredito que exista uma regulamentação internacional para os níveis de segurança baseados no risco. Se não existir, acho que deveria. (p. 208)

A análise da delicada questão de universalização do acesso a medicamentos e inovações também induz os depoentes a se esgrimir entre conflitos para tomada de decisão e contradições entre a ideologia do ambientalismo corporativo e a estrutura e o funcionamento da máquina empresarial.

- Acho difícil você ter a certeza quando está desenvolvendo um medicamento. Tem alguns danos que você tem conhecimento e que você tem controle, que estão na sua mão e tem outros que você não tem como mensurar e nem como esperar. Eu acho que esses danos você tenta controlar, mas eu acho que tem outros pontos que você pode melhorar, como o ganho que é toda a questão de acesso desse produto, o ganho quando ele está sendo comercializado. (p. 135)

- Pensando no produto que você pesquisou e já está sendo comercializado, eu acho que você poder colocar de uma forma mais acessível, permitindo que mais pessoas tenham acesso a ele e não colocando como um novo produto, com preços muito altos, apenas para o acesso de uma elite. Eu acho que, assim, você garante que ele seja menos danoso pro meio em que ele está. (p. 135)

- Quando você fala em sustentabilidade, você não está pedindo pra que ele mude algo de imediato. Você está pedindo pra que pessoa, o gestor ou o envolvido no processo entenda o que é sustentabilidade e, entendendo o impacto que a sustentabilidade possa ter no trabalho dele, ele faça as inserções. Eu acho que esse é o meio mais correto de se aplicar a sustentabilidade, as pessoas entenderem o que é e aos poucos irem mexendo nos seus processos e incluindo algumas coisas básicas, mas incluindo a questão de acesso a medicamentos por exemplo. O quanto isso é questionado ou não, o quanto isso é importante ou não na hora de preencher um relatório pra algum órgão que seja patronal ou um órgão que (reúna) um grupo de empresas. (p. 176)

- Para uma empresa evoluir eu acho que são dois caminhos: um é o lado da inovação, de você buscar coisas novas mesmo e outro é continuar trabalhando nos produtos que hoje atendem as doenças do dia-a-dia e expandir isso, por que eu acho que aqui é que a gente começa um trabalho de expansão de acesso, de mais pessoas terem acesso a esses produtos, mais pessoas poderem se tratar, ir ao médico. Então eu acho que aí tem um ganho de saúde da população como um todo. Eu acho que todas as empresas estão caminhando pra essas duas linhas, algumas se focam mais num lado, algumas se focam mais em outro, outras vêem as duas áreas como importantes. (p. 192)

De uma forma geral, todos os entrevistados declaram acreditar que o princípio da precaução deva ser seguido e também que é seguido nas empresas onde atuam. Essas declarações, na maioria das vezes, apresentam-se híbridas, mesclando aspectos racionais com

elementos de racionalizações. Contudo, a separação entre esses aspectos permite identificar zonas nas quais intervenções para o aprimoramento do funcionamento ético poderiam ocorrer.

- O princípio da precaução é o que guia a nossa conduta completa, de expor o mínimo possível de risco ao paciente. Tiramos o principal produto da companhia de mercado, era o maior faturamento global, porque durante estudos de fase quatro, com o produto já em comercialização, se descobriu em uma população muito pequena um possível aumento de riscos. (p. 184)

- Quanto à aplicabilidade do princípio da precaução, acho que ele de fato deveria ser um princípio. Como aplicar esse princípio talvez com um comitê de pessoas de alto saber que, diante de um dilema desses saberia como tomar a decisão, se aplica ou não o princípio da precaução. No caso de medicamentos com vários substitutos (ex: para dor de cabeça), a decisão é mais fácil, mas e quando o medicamento é a única opção? (p. 151)

- O princípio da precaução se aplica à indústria farmacêutica não só em produto novo, mas em todos os produtos. Tem coisas que você só vai aprendendo aos poucos, com o produto no mercado. (p. 193)

- Tem coisas que são impossíveis de se ver em um estudo clínico, portanto, o importante mesmo é o trabalho de farmacovigilância, depois que o produto chega no mercado. Porque aí sim será testado em diferentes populações. O processo de desenvolvimento não é o problema, acompanhar depois é essencial. (p. 194)

- O princípio é obedecido, eu acredito. (p. 194)

- O princípio da precaução é usado e bem aplicado porque a indústria não pode mais lançar o medicamento porque ela quer, tem agências reguladoras no mundo inteiro. Talvez a indústria de medicamentos seja uma das mais avançadas nesse ponto. Será que tudo vale a pena? Depende do ponto de vista e eu acho que tem que ter espaço para o livre-arbítrio. Com ele, você divide a responsabilidade, vira uma responsabilidade compartilhada com governos, médicos, indústria, pacientes. (p. 207)

- Do que eu sei da indústria, o princípio da precaução é aplicado, porque senão não teria sentido fazer pesquisa. (p. 209)

Do conjunto de todas as dimensões temáticas acima analisadas, emerge o campo da autonomia como o foco central de tensão, onde circulam juízos protetores dos depoentes frente a um exercício avaliado como, no mínimo, incompleto ou mesmo inconsistente no exercício de suas funções executivas.

- *O principal limitador é o comodismo... É um trabalho de formiguinha, mas sozinho não dá. (p.141, 142)*

- *Ainda não se quer mexer nos processos para inserir a sustentabilidade nos negócios, de forma transversal, isto não é prioridade, o que é uma frustração. O importante é tentar, saber onde está a dificuldade e sempre bater nela, tentando abrir espaço. Devo fazer bem o que a empresa valoriza para que a área vá sendo reconhecida, ganhando peso. Esta é uma questão de poder dentro da organização e de prioridades que esse poder coloca. É importante não perder a visão do que é certo e do que é ideal e, a partir desse ideal, fazer o que a empresa te cobra, mas sempre com o olhar lá na frente, o que poderia ser melhor. Não pode se acomodar. (p. 175)*

- *Os gargalos e o desafio têm muito a ver com o meu entendimento de ética e o dos outros. Deve-se buscar o caminho do meio, mas não é fácil. É necessária uma discussão contínua. (p. 188)*

- *Principal desafio é o tempo, de as pessoas entenderem, captarem as informações. E a questão da imagem da indústria, que tem muito a ser trabalhada para melhorar. (p. 197)*

- *O principal obstáculo é a questão cultural, especialmente em uma multinacional. (p. 213)*

Em síntese, o que subjaz é uma percepção de que, no campo da autonomia se situariam possibilidades de intervenções aprimradoras do funcionamento corporativo e não necessariamente contraditórias com a ideologia do ambientalismo corporativo. Considera-se que identificá-las é uma tarefa de alta exigência intelectual e investimento emocional. Assim, a questão que se colocaria seriam as dificuldades de delimitação e de definição de quais poderiam vir a ser subsídios para o planejamento das intervenções visadas e/ou necessárias, uma vez que seriam revestidas de inovação e, em muitos aspectos, transcenderiam competências setoriais na empresa e extrapolariam repertórios construídos sob a égide das formações convencionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se das informações levantadas por este estudo que existiria um campo de autonomia para o aprimoramento do funcionamento das corporações no que diz respeito à ética, mesmo que circunscrita ao respeito aos pressupostos hegemônicos e aos seus comprometimentos com a ideologia do ambientalismo corporativo. Talvez seja um campo restrito, mas considerá-lo abriria possibilidades para intervenções visando o referido aprimoramento do sistema empresarial à luz dos seus próprios pressupostos ideológicos. Obviamente, esta transformação dependeria de projetos delimitando ideais e de planejamentos para subsidiar sua consecução.

Após a delimitação de um espaço de autonomia para tal aprimoramento seria possível o julgamento da compatibilidade de ações colocadas em movimento com o preconizado pelo princípio da precaução no âmbito do contexto corporativo da indústria farmacêutica. Assumindo, como a dimensão pragmática das falas dos depoentes expressou, a indistinção entre os termos “responsabilidade social”, “sustentabilidade” e “ética”, pode-se dizer, parafraseando Agamben (2004), que à incerteza terminológica corresponderia pontualmente a incerteza conceitual. Para este autor, a terminologia é o instante propriamente poético do pensamento e, portanto, escolhas terminológicas nunca são neutras. Em decorrência, pode-se assumir essa indistinção como uma licença poética permitindo a geração de pensamentos criativos sobre as projeções do ambientalismo corporativo sobre o funcionamento das empresas.

Nesses termos, pode-se concluir que, para os setores de ética, responsabilidade social e sustentabilidade, o presente estudo permitiria supor que o aprimoramento funcional é possível, na medida em que a ética viesse a servir como uma referência, tendo como base operacional a aplicação do princípio da precaução. Embora esta tarefa possa ser considerada de alta complexidade, implicando na construção de uma nova cultura organizacional no funcionamento das corporações, como pode-se subentender das análises desenvolvidas pelos sujeitos depoentes, a questão do aprimoramento deveria ser enfrentada, necessitando contar, para seu desenvolvimento competente, com o apoio de avaliações periciais e com o compartilhamento transversal de opiniões e visões de executivos envolvidos na globalidade do funcionamento corporativo. No limite, tais alterações poderiam vir a retroagir sobre necessidades de mudanças na própria estrutura empresarial, não baseadas em transformações casuísticas efetuadas *ad hoc*, mas fundamentadas com rigor nas próprias exigências de aprimoramento funcional identificadas mediante uma análise criteriosa de seu desempenho.

Dessa forma, o que se poderia fazer seria lutar pela criação de limites e critérios éticos para informar e subsidiar a ação. Para tal, ter-se-ia que considerar que o princípio da precaução implica, para ser aplicado, que o impacto das inovações não seja analisado como um campo de certezas e verdades, o que ele não é, pois não é possível se saber os resultados do encontro dos medicamentos com o comportamento social e seus efeitos sobre o mundo global. Estas certezas situam-se no campo das fronteiras do conhecimento que, pela sua própria definição, está sempre aberta para o futuro frente a questões novas que surjam em decorrência dos conhecimentos progressos.

Haveria, portanto, zonas de perturbações na análise que os executivos envolvidos deveriam desenvolver, considerando que os mesmos teriam que assumir necessariamente uma responsabilidade social diante da difusão de produtos ou medicamentos novos, permanecendo a dúvida de aonde se situariam essas interfaces de responsabilidade e quais seriam seus limites de poder.

A indústria farmacêutica, sob a ótica do capitalismo global, não pode existir fora das exigências do processo contemporâneo de produção. Assim, haveria pressões, em princípio dependentes das ações periciais dentro de campos específicos de decisão, delimitando setores independentes, mas necessariamente articulados na autonomia de decisão.

A aplicação de critérios éticos vinculados ao princípio da precaução poderia vir a consistir em filtros para a sociedade e fonte de informação para as corporações. Obviamente que nestas ações se manifestariam conflitos individuais, setoriais, departamentais e até organizacionais, uma vez que a autonomia passaria também a transferir uma responsabilização frente aos campos de decisões relativos, constituindo riscos para os executivos no universo do funcionamento corporativo. Destes conflitos, pode-se inferir, decorreriam as racionalizações exibidas pelos executivos em seus argumentos, degladiando-se entre conflitos, contradições e aspirações. Soma-se a isso as considerações apresentadas anteriormente sobre a não aplicação das referências objetivas oferecidas pelos indicadores e índices do desempenho da indústria farmacêutica nas avaliações dos executivos. Infere-se que esta ausência é fator de impedimento do traçado de um panorama objetivo e pericial que poderia se apresentar como redutor do espaço subjetivo de interpretações racionalizadas baseadas em imagens e fantasias não passíveis de crítica.

Pode-se concluir que, sob tal perspectiva, além do aprimoramento a ser buscado dentro do campo de autonomia do funcionamento executivo, o princípio de precaução teria que estar legislado em regimes jurídicos que transcendam a ação dos indivíduos no âmbito corporativo. Ele teria que disciplinar, também, as corporações e não apenas as ações

executivas - em campos de autonomia maiores ou menores, mas situados em e a partir de um nível de governança mundial.

Assim, por último, a delimitação deste campo de autonomia executiva deveria vir a implicar não só na necessidade de definição universal em nível de governança mundial dos critérios e condições éticas derivadas da aplicação do princípio da precaução nas inovações na indústria farmacêutica, mas também na necessidade de profundas e dinâmicas reformulações nas áreas atinentes à formação de recursos humanos. Estas reformulações teriam que ser pautadas pelas repercussões éticas de análises avaliativas de processos globais que visem aprimorar o funcionamento do sistema internacional no que se refere à disciplina de aplicações de inovações tecnológicas de alto impacto no campo socioambiental, na indústria farmacêutica. Além disso, teria que se apoiar necessária e anteriormente no estudo pericial dos descritores de desempenho da indústria farmacêutica implicando na crítica dos processos que os produziram e de suas repercussões sobre os produtos por ele gerados.

Nesses termos, Tassara (2003, p.85)

desenvolver uma racionalidade da relação conhecimento-poder, através do esclarecimento crítico, sustentaria então a possibilidade lógica de uma racionalidade ética. Para produzi-la, considera-se que seria necessária a instauração de instâncias de reflexividade da (re)socialização aplicada às suas dimensões epistêmica, psicossocial e psicológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Ambientalismo empresarial. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, 01 out. 2007b. p. 21-21.

AB'SABER, A. Entrevista concedida a Marcello Tassara para o vídeo-documentário “**USP Recicla**”. São Paulo: CECAE-USP, 2002.

AGAMBEN, G. **Stato di eccezione**. Torino: Bollati Boringhieri. Ed. brasileira Estado de exceção. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520** : informação e documentação : citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro 2002

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências : elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação : trabalhos acadêmicos : apresentação. Rio de Janeiro, 2002

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NB-6024**: informações e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226p.

BONFIGLIOLI, C. P. **Discurso ecológico: a palavra e a fotografia no Protocolo de Kyoto**. 169fls. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

BOTTOMORE, T. (Ed.) **Dicionário do pensamento marxista**. Co-Editores: Laurence Harris, V. G. Kiernan e Ralph Miliband. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 454p.

CARSON, R. **Silent spring**. Boston: Houghton Mifflin, 1962. 368p.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O HOMEM E O MEIO AMBIENTE EM ESTOCOLMO. Estocolmo, 1972.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO NO RIO DE JANEIRO (ECO-92). Rio de Janeiro, 1992.

COSTA, L. R. F. Estratégias de planejamento. **Ciência e Cultura**. v.38. n.8., p1366-1373, set. 1986.

CYTRYNOWICZ, M. (Org.). **Origens e Trajetória da Indústria Farmacêutica no Brasil**. São Paulo: Editora Narrativa Um, 2007.

DAMERGIAN, S. O inconsciente na interação humana. **Psicologia USP**, v. 2. p. 65-76. São Paulo, 1991.

FRIEDMAN, M. The social responsibility of business is to increase its profits. **The New York Times Magazine**, New York, sep. 13, 1970.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HABERMAS, J. **Passado como futuro**. Trad. Flávio Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1990]1993.

HERMITTE, M-A. Os fundamentos jurídicos da sociedade do risco. Uma análise de U. Beck. *In* VARELLA, M. D. (Org.). **A dinâmica e a percepção pública de riscos e das respostas do direito internacional econômico**. Brasília: Pallotti, 2005.

HOFFMAN, A. J. From heresy to dogma: an institutional history of corporate environmentalism. **Stanford: Stanford University Press**, 2001.

KOSELLECK, R. **Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Trad. Luciana V. B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: edUERJ/ Contraponto, 1999.

LATCHINIAN, A. **Globotomia. Del ambientalismo medeatico a la burocrazia ambiental**. 3.ed. Montevideo: Editora Puntocero, 2011.

LUCA, A. Q. de. **Uma análise de discurso do Coletivo Educador Ambiental de Campinas – Sentidos de coletividade.** Processo FAPESP 2010/17695-3. Relatório apresentado para exame de qualificação ao Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) do Instituto de Eletrotécnica e Energia (IEE) da Universidade de São Paulo. São Paulo, de 2011.

MALVEZZI, M. **Política Identitária Verde: uma questão de emancipação.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAZON, R. Negócios sustentáveis e seus indicadores. In: KEINERT, T. M. M., (Org.) **Organizações sustentáveis: utopias e inovações.** São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007, p.43-65.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**, 3.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.245 – 252.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise.** Paris: Press Universitaire Francaise (PUFE), 1961.

NOBRE, M.; AMAZONAS, M. **Desenvolvimento sustentável: A institucionalização de um conceito.** Brasília: Editora Ibama, 2002

NOIVILLE, C. Ciência, decisão, ação: três observações em torno do princípio da precaução. In: VARELLA, M. D. (Org.). **Governo dos Riscos.** Brasília: Pallotti, 2005.

VARELLA, M. D. A dinâmica e a percepção pública de riscos e das respostas do direito internacional econômico. In: _____ (Org.). **Governo dos Riscos.** Brasília: Pallotti, 2005.

ORLANDI, E. P. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5.ed. Campinas: Pontes, 2007.

POL, E. Eixos de tensão e a nova agenda para a Psicologia Ambiental. Uma perspectiva européia. In: TASSARA, E. T. de O. (Org.) **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano.** São Paulo: EDUC, FAPESP, 2001. p.51-67.

PORTER, M.; LINDE, C.V.D. Green and Competitive: Ending the Stalemate. **Harvard Business Review**, Set-Out. 1995.

PORTER, M.; KRAMER, M. R. Strategy and Society. The Link Between Competitive Advantage and Corporate Social Responsibility. **Harvard Business Review**, Dez. 2006.

SETZER, J. **Panorama do princípio da precaução: o direito do ambiente face aos novos riscos e incertezas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SMITH, N.C.; VOGEL, D.; LEVINE, D. **Global challenges in responsible business**. (Cambridge companions to management). New York: Cambridge University Press, 2010. xxii, 309 p.

TERCER ENCUENTRO DE PSICOLOGIA AMBIENTAL LATINOAMERICANA (TELPA), Ciudad de Mexico, 21 a 25 de novembro de 2011. **Anais**. UNAM/UPAEP, Tlaxcala, IAPS. Anais. Mexico, 2011.

TASSARA, E. T. de O. **“Ética e mudanças climáticas”**. Informe apresentado na reunião realizada pela Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e da Tecnologia (COMEST) – UNESCO em Montevideo, junho, 2010.

_____. O pensamento contemporâneo e o enfrentamento da crise ambiental: uma análise desde a Psicologia Social. In: **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. CARVALHO, I. C. de M.; GRUN, M. e TRAJBER, R. (Orgs.). Brasília, UNESCO E MEC, 2009. p. 221-233.

_____. (em orelha) In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. do C. (Eds.) **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

_____. **Conhecimento e poder. A criação científica à luz de relações entre lógica, linguagem e pensamento**. Tese de Livre Docência. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (PST), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

_____. **A propagação da ideologia do ambientalismo e a produção estratégica da dominação**. Espaços e Debates. Ano XII. n.35. 1992, p.11-15.

TASSARA, E. T. de O.; ARDANS, O. **Participação emancipatória: reflexões sobre a mudança social na complexidade contemporânea**. Imaginário – USP, n.9, p.15-31, 2003.

TASSARA, H. Desenvolvimento Sustentável (verbete). In: TASSARA, E. T. de O. (Org.) **Dicionário Socioambiental. Idéias, Definições e Conceitos**. Pesquisa e texto: Helena Tassara; Fotos: Ricardo Burg Mlynarz. São Paulo, FAARTE, 2008. p.69., 208p.

THE EUROPEAN MEDICINES AGENCY, 2005. **Annual report of the European Medicines Agency**, 2005. Disponível em http://www.ema.europa.eu/docs/en_GB/document_library/Annual_report/2009/12/WC500016660.pdf .

THIBAUD, J-P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. do C. (Eds.) **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004, p. 347-361.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Report by the World Commission on the Ethics of Scientific Knowledge and Technology (COMEST): “The Ethical Implications of Global Climate Change”**. UNESCO, 2010. Printed in Paris. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001881/188198e.pdf> . Acesso em 18/12/2011.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **The Precautionary Principle**. UNESCO, 2005. Disponível em http://www.who.int/topics/hiv_aids/en/ . Acesso em 18/12/2011.

UNITED NATIONS (UN). **Our common future: report of the world commission on environment and development**. Disponível em: www.un.org/documents (18/07/2011).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas .Grupo Di Teses. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP** : documento eletrônico e impresso. São Paulo : SIBI-USP, 2004.

VARELLA, M. D. (Org.). **A dinâmica e a percepção pública de riscos e das respostas do direito internacional econômico**. Brasília: Pallotti, 2005.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

_____. **Meio Ambiente & Desenvolvimento**. São Paulo: Editora Senac, 2006a.

_____. **A dialética socioambiental**. Valor Econômico, 24/01/06. 2006b.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. Health topics – HIV / AIDS. Disponível em: http://www.who.int/topics/hiv_aids/en/ . Acesso em 18/12/2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas

- Nome da Empresa
- Nome do entrevistado

- Perguntas Direcionadas:

O que você entende por Responsabilidade Social?

1. O que você entende por Sustentabilidade?
2. Na sua opinião, esses conceitos se relacionam de alguma forma com a ética?
3. E de que forma a ética se relaciona com as atividades da indústria farmacêutica? É um caso especial ou é igual a qualquer outra atividade / setor?
4. Como você acha que a indústria farmacêutica avança? Pela invenção, inovação?
5. Qualquer resultado em inovação é válido? Quando não é?
6. Você conhece o princípio da precaução, já ouviu falar nele? (enunciar para uniformizar).

A Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (*cf.* Anexo B), consagrou o *princípio da precaução* nos seguintes termos:

“Princípio 15: Com o fim de proteger o meio ambiente, o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos Estados, de acordo com suas capacidades. Quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis, a ausência de certeza científica absoluta não será utilizada como razão para o adiamento de medidas economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental”.

7. Este princípio seria aplicável na indústria farmacêutica quando se desenvolve um medicamento novo?
Como seria aplicável?
8. Depois da nossa conversa, você reafirma o que você disse sobre Responsabilidade Social e Sustentabilidade?
9. Como você enxerga isso tudo no seu trabalho?
10. O que você pensa tem aplicabilidade no seu trabalho? Ou é impossível essa transposição?
Se impossível, por quê?

APÊDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada (o) Participante

Sou pesquisadora do PROCAM – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo e estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é estudar a incorporação de indicadores de responsabilidade social e sustentabilidade na indústria farmacêutica no Brasil.

Sua participação envolve conceder entrevistas acerca de sua atividade e de sua visão sobre o tema, a qual fundamentará a análise do estado da arte do setor frente à Sustentabilidade. Estas entrevistas serão gravadas e transcritas se você permitir assinando este termo.

A participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitem identificação.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar e nem estando previsto qualquer tipo de prejuízo derivado de sua participação, com ela você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno em estudo e para a produção de conhecimentos científicos sobre o tema. Todo material produzido pela pesquisa será mantido sob guarda da pesquisadora.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora através dos telefones (11) 2691-4391 e (11) 8444-0776.

Atenciosamente,

Pesquisadora

Nome: Luciana Sender Scatena

Assinatura:

Local e Data:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido cópia deste termo de consentimento.

Participante

Nome:

Assinatura:

Local e Data:

ANEXOS

ANEXO A – Histórico do Desenvolvimento Sustentável

A seguir, apresenta-se uma linha do tempo do Desenvolvimento Sustentável, desenvolvida pelo Instituto Internacional do Desenvolvimento Sustentável (IISD). Este texto está disponível no endereço eletrônico: http://www.iisd.org/pdf/2009/sd_timeline_2009.pdf . (Acesso em 18/12/2011.)

THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT TIMELINE

Rachel Carson's *Silent Spring* was published in 1962. Many consider the book's release a turning point in our understanding of the interconnections among the environment, the economy and social well-being. Since then, many milestones have marked the journey toward sustainable development.

This timeline captures some of them.

From its inaugural edition in 1997 to the present, the Sustainable Development Timeline has been prepared by Heather Creech, IISD Director of Global Connectivity and staff and associates. This 6th edition officially commemorates the 20th anniversary of IISD, and a future full of sustainable possibilities.

The vision of the International Institute for Sustainable Development (IISD) is better living for all—sustainably. Its mission is to champion innovation, enabling societies to live sustainably.

www.iisd.org

1962 | *Silent Spring*, by Rachel Carson, brings together research on toxicology, ecology and epidemiology to suggest that agricultural pesticides are building to catastrophic levels, linked to damage to animal species and human health.

1967 | Environmental Defense Fund (EDF) is formed to pursue legal solutions to environmental damage. The EDF goes to court to stop the Suffolk County Mosquito Control Commission from spraying DDT on Long Island's marshes. www.environmentaldefense.org

1968 | Biosphere. Intergovernmental Conference for Rational Use and Conservation of the Biosphere (UNESCO) is held; early discussions occur on the concept of ecologically sustainable development. www.unesco.org

| Paul Ehrlich publishes *The Population Bomb*, on the connection between human population, resource exploitation and the environment.

1969 | Friends of the Earth forms as an advocacy organization dedicated to the prevention of environmental degradation, the preservation of diversity and the role of citizens in decision-making. www.foe.org

| National Environmental Policy Act is passed in the United States, making it one of the first countries to establish a national legislative framework to protect the environment. The law sets the basis for environmental impact assessment in the world.

| *Partners in Development* and IDRC (1970). Report of the Commission on International Development. This is the first of the international commissions to consider a new approach to development, focused on research and knowledge in the South. The report leads to the formation of the International Development Research Centre in 1970. www.idrc.ca

1970 | First Earth Day held as a national teach-in on the environment. An estimated 20 million people participate in peaceful demonstrations across the United States. www.earthday.net

| Natural Resources Defense Council forms with

a staff of lawyers and scientists to push for comprehensive U.S. environmental policy. www.nrdc.org

1971 | Greenpeace starts in Canada and launches an aggressive agenda to stop environmental damage through civil protests and non-violent interference. www.greenpeace.org

| Founex Report is prepared by a panel of experts calling for the integration of environment and development strategies.

| Polluter pays principle. Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) Council says those causing pollution should pay the resulting costs.

| International Institute for Environment and Development (IIED) is established in the United Kingdom to seek ways for countries to make economic progress without destroying the environmental resource base. www.iied.org

| René Dubos and Barbara Ward write Only One Earth, which sounds an urgent alarm about the impact of human activity on the biosphere, but expresses optimism that shared concern for the planet could lead humankind to create a common future.

1972 | UN Conference on the Human Environment and UNEP. The Stockholm conference is rooted in the pollution and acid rain problems of northern Europe. It leads to the establishment of many national environmental protection agencies and the United Nations Environment Programme (UNEP). www.unep.org

| Environnement et Développement du Tiers-Monde (ENDA) is established in Senegal, in 1978 becoming an international NGO concerned with empowering local peoples, eliminating poverty, and promoting southern research and training for sustainable development. www.enda.sn

| Club of Rome publishes the controversial Limits to Growth, which predicts dire consequences if growth is not slowed. Northern countries criticize the report for not including technological solutions; Southern countries are incensed because it advocates abandonment of economic development. www.clubofrome.org

1973 | United States enacts the Endangered Species Act, becoming one of the first countries to implement legal protections for its heritage in fish, wildlife and plants.

| Chipko movement is born in India in response to deforestation and environmental degradation. These women's actions influence both forestry and women's participation in environmental issues. www.rightlivelihood.org/recipe/chipko.htm

| OPEC oil crisis fuels limits-to-growth debate.

1974 | Rowland and Molina release work on chlorofluorocarbons (CFCs) in the scientific journal Nature, calculating that continued use of CFCs at current rates would critically deplete the ozone layer.

| Latin American World Model developed by the Fundación Bariloche. It is the South's response to Limits to Growth and calls for growth and equity for the Third World. www.fundacionbariloche.org.ar/LP-mod-latinoam.htm

1975 | CITES. The Convention on International Trade in Endangered Species of Flora and Fauna comes into force. www.cites.org

| Worldwatch Institute established in the United States to raise public awareness of global environmental threats and catalyze effective policy responses; begins publishing annual State of the World in 1984. www.worldwatch.org

1976| Habitat, the UN Conference on Human Settlements, is the first global meeting to link the environment and human settlement.

1977| Green Belt Movement starts in Kenya, using community tree planting to prevent desertification. www.greenbeltmovement.org

| UN Conference on Desertification is held.

1978 | Amoco Cadiz oil spill occurs off the coast of Brittany. | OECD Directorate of the Environment relaunches research on environmental and economic linkages. www.oecd.org

1979 | Convention on Long-Range Transboundary Air Pollution is adopted.

| Banking on the Biosphere, IIED report on practices of nine multilateral development agencies including the World Bank, sets the stage for reforms that are still underway.

| Three Mile Island nuclear accident occurs in Pennsylvania, United States.

1980 | World Conservation Strategy released by the International Union for the Conservation of Nature (IUCN). The section “Towards Sustainable Development” identifies the main agents of habitat destruction as poverty, population pressure, social inequity and trading regimes. The report calls for a new international development strategy to redress inequities. www.iucn.org

| Independent Commission on International Development Issues publishes North-South: A Programme for Survival (Brandt Report), calling for a new economic relationship between North and South.

| Global 2000 report is released. It recognizes biodiversity for the first time as critical to the proper functioning of the planetary ecosystem. It asserts that the robust nature of ecosystems is weakened by species extinction.

1981 | World Health Assembly unanimously adopts the Global Strategy for Health for All by the Year 2000, which affirms that the major social goal of governments should be for all peoples to attain a level of health that would permit them to lead socially and economically productive lives. www.who.org

1982 | World Resources Institute is established in the United States. It begins publishing biennial assessments of world resources in 1986. www.wri.org

| UN Convention on the Law of the Sea is adopted. It establishes material rules concerning environmental standards and enforcement provisions dealing with marine pollution. www.un.org/ e ia /los

| International debt crisis erupts and threatens the world financial system. It turns the 1980s into a lost decade for Latin America and other developing regions.

| The UN World Charter for Nature adopts the principle that every form of life is unique and should be respected regardless of its value to humankind. It calls for an understanding of our dependence on natural resources and the need to control our exploitation of them. www.un.org/documents/ga/res/37/a37r007.htm

1983 | Development Alternatives is established in India. It fosters a new relationship among people, technology and the environment in the South. www.devalt.org

| Grameen Bank is established to provide credit to the poorest of the poor in Bangladesh, launching a new understanding of the role of microcredit in development. www.grameen-info.org

1984| Toxic chemical leak leaves 10,000 dead and 300,000 injured in Bhopal, India. www.bhopal.net

| Drought in Ethiopia. Between 250,000 and 1 million people die from starvation.

| Third World Network is founded as the activist voice of the South on issues of economics, development and environment. www.twinside.org.sg

| International Conference on Environment and Economics held by the OECD concludes that the environment and economics should be mutually reinforcing. It helps to shape the report Our Common Future.

1985| Responsible Care, an initiative of the Canadian Chemical Producers, provides a code of conduct for chemical producers that has now been adopted in many countries. www.ccpa.ca

| Climate change. Meeting in Austria of the World Meteorological Society, the UNEP and the International Council of Scientific Unions reports on the buildup of carbon dioxide and other “greenhouse gases” in the atmosphere. They predict global warming.

| Antarctic ozone hole discovered by British and American scientists.

1986 | Chernobyl nuclear station accident generates a massive toxic radioactive explosion.

1987 | Our Common Future (Brundtland Report). Report of the World Commission on Environment and Development weaves together social, economic, cultural and environmental issues and global solutions. It popularizes the term “sustainable development.”

| OECD Development Advisory Committee creates guidelines for environment and development in bilateral aid policies. www.oecd.org/dac

| Montreal Protocol on Substances that Deplete the Ozone Layer is adopted. <http://ozone.unep.org>

1988 | Chico Mendes, a Brazilian rubber tapper fighting the destruction of the Amazon rainforest, is assassinated. Scientists use satellite photos to document what the Amazon fires are doing to the rainforest. www.chicomendes.com

| Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) is established to assess the most up-to-date scientific, technical and socioeconomic research in the field. www.ipcc.ch

1989 | Exxon Valdez tanker runs aground, dumping 11 million gallons of oil into Alaska’s Prince William Sound. www.evostc.state.ak.us

| Stockholm Environment Institute is established as an independent institute for carrying out global and regional environmental research. www.sei.se

1990 | International Institute for Sustainable Development (IISD) is established in Canada and begins publishing the Earth Negotiations Bulletin as the authoritative record of international negotiations on environment and development. www.iisd.org

| UN Summit for Children is held, an important recognition of the impact of the environment on future generations. www.unicef.org/wsc

| Regional Environmental Centre for Central and Eastern Europe is established to address environmental challenges across the region, with an emphasis on the engagement of business as well as governments and civil society. www.rec.org

1991 | The Canadian east coast cod fishery collapses when only 2,700 tonnes of spawning biomass are left after a harvest of 190,000 tonnes.

| Hundreds of oil fires burn in Kuwait for months following the Persian Gulf War.

1992 | The Business Council for Sustainable Development publishes Changing Course, establishing business interests in promoting sustainable development practices. www.wbcsd.ch

| Earth Summit. UN Conference on Environment and Development (UNCED) is held in Rio de Janeiro. Agreements

are reached on the action plan Agenda 21 and on the Convention on Biological Diversity, the Framework Convention on Climate Change and the non-binding Forest Principles.

1993 | First meeting of the UN Commission on Sustainable Development, established to ensure follow-up to UNCED, enhance international cooperation and rationalize intergovernmental decision-making capacity. www.un.org/esa/sustdev

1994 | Global Environment Facility is established, restructuring billions of aid dollars to give more decision-making power to developing countries. www.gefweb.org

| China's Agenda 21, a white paper on the People's Republic of China's population, environment and development, is published. China sets an international example for national strategies for sustainable development.

1995 | Execution of Ken Saro-Wiwa in Nigeria brings international attention to the links among human rights, environmental justice, security and economic growth.

| World Trade Organization (WTO) is established, with formal recognition of trade, environment and development linkages. www.wto.org

1995 | World Summit for Social Development is held in Copenhagen. It is the first time the international community expresses a clear commitment to eradicating absolute poverty. www.un.org/esa/socdev/wssd/index.html

| Fourth World Conference on Women is held in Beijing. Negotiations recognize that the status of women has advanced, but obstacles remain to the realization of women's rights as human rights. www.un.org/womenwatch/daw/e_ia

1996 | ISO 14001 is formally adopted as a voluntary international standard for corporate environmental management systems. www.iso.org

1997 | Asian ecological and financial chaos. Land-clearing fires intensified by El Niño-induced drought result in haze blanketing the region and cause US\$3 billion in health costs and fire-related damage. Concurrently, the market crashes, raising questions about currency speculation and the need for government economic reforms.

1998 | Controversy over genetically modified (GM) organisms. Global environmental and food security concerns are raised, the European Union blocks imports of GM crops from North America, and farmers in developing countries rebel against "terminator technology," GM plants whose seeds will not germinate.

| Unusually severe weather. China experiences the worst floods in decades, two-thirds of Bangladesh is underwater for several months from monsoons, Hurricane Mitch destroys parts of Central America, 54 countries are hit by floods and 45 by drought, and the global temperature reaches the highest ever recorded. <http://lwf.ncdc.noaa.gov/oa/climate/research/1998/ann/extremes98.html>

1999 | Launch of the Dow Jones Sustainability Indexes. The first of its kind, the tool provides guidance to investors looking for profitable companies that follow sustainable development principles. www.sustainability-index.com

| Third WTO Ministerial Conference held in Seattle. Thousands of demonstrators protest the negative effects of globalization and the growth of global corporations. Along with deep conflicts among WTO delegates, they scuttle the negotiations. The first of many anti- globalization protests, the demonstrations signal a new era of confrontation between disaffected stakeholders and those in power. www.iisd.org/trade/wto/seattleandsd.htm

2000| UN Millennium Development Goals. The largest-ever gathering of world leaders agrees to a set of time-bound and measurable goals for combating poverty, hunger, disease, illiteracy, environmental degradation and discrimination against women, to be achieved by 2015. www.un.org/millenniumgoals

| Miss Waldron's red colobus monkey is declared extinct, the first extinction in several centuries of a member of the primate order, to which humans belong. According to the IUCN Red List, 11,046 species are now threatened with extinction.

2001| 9/11. Terrorists representing anti- Western, non-state interests and ideologies attack the World Trade Center and Pentagon, marking the end of an era of unhindered economic expansion. Stock markets and economies stumble and the United States gears up for a war on terrorism.

2002| World Summit on Sustainable Development is held in Johannesburg, marking 10 years since the UNCED. In a climate of frustration at the lack of government progress, the summit promotes "partnerships" as a nonnegotiated approach to sustainability. www.worldsummit2002.org

| Global Reporting Initiative releases guidelines for reporting on the economic, environmental and social dimensions of business activities. www.globalreporting.org

2004| Wangari Muta Maathai is awarded the Nobel Peace Prize. Founder of the Green Belt Movement in Kenya, she is the first environmentalist to be awarded a Nobel Prize. <http://nobelprize.org/peace/laureates/2004>

| HIV/AIDS pandemic in sub-Saharan Africa. In 2004 alone, 2.5 million people in the region die of AIDS, and over three million become newly infected. With only 10 per cent of the world's population, the region is home to more than 60 per cent of all people living with HIV. www.unaids.org

2005 | Kyoto Protocol enters into force, legally binding developed country parties to goals for greenhouse gas emission reductions, and establishing the Clean Development Mechanism for developing countries.

| Millennium Ecosystem Assessment is released. 1,300 experts from 95 countries provide scientific information concerning the consequences of ecosystem change for human well-being. www.millenniumassessment.org

2006 | Stern Report makes the convincing economic case that the costs of inaction on climate change will be up to 20 times greater than measures required to address the issue today. www.sternreview.org.uk

2007 | Public attention to climate change increases. Former U.S. Vice President Al Gore's documentary, An Inconvenient Truth, wins an Academy Award, and the IPCC's alarming forecasts about the planet's health make headlines. The IPCC and Gore share the Nobel Peace Prize. www.ipcc.ch

| More signs of ecosystem stress emerge. In addition to an earlier prediction that fish stocks could disappear in 50 years, scientists say sharks and bee colonies are also at risk.

2008 | World food, fuel and financial crises converge. Global food prices increase 43 per cent in one year; growing energy demand in China, India and elsewhere sends energy prices soaring; financial institutions falter over the collapse of mortgage lending in the United States and markets tumble, sending the world into recession.

| Green economy ideas enter the mainstream. National governments invest a portion of their economic stimulus in environmental actions, and a low-carbon economy and green growth become new objectives for the future economy. www.oecd.org/dataoecd/58/34/44077822.pdf

| Increasing urbanization. For the first time in history, more than 50 per cent of the world's population lives in towns and cities.

2009 | Fire and ice headlines. Multiyear sea ice all but disappears from the Arctic Ocean, and the Australian drought that commenced in 2003 leads to the worst wildfires in history.

| G20 promises phase out of fossil fuel subsidies. Experts estimate that annual subsidies could amount to \$500 billion, equal to 1 per cent of world GDP. www.globalsubsidies.org/files/assets/I_policy_brief_on_G-20_Announcement_Oct_09-1.pdf

| Connectivity throughout the world exceeds predictions. About 60 per cent of world's people now have mobile phones, and 25 per cent are on the Internet. Social networking is directly influencing citizen engagement, from the Obama presidential campaign to the contested Iranian election.

| Copenhagen climate negotiations. The domestic targets and actions of large emitters such as the United States and China take centre stage, but the international process continues to be seen as critical to measuring whether those actions are meeting the global reductions that science demands. The outcomes of the Copenhagen negotiations are unclear: the process may be in trouble but the Copenhagen Accord itself may be a breakthrough in terms of engaging developing countries. www.iisd.ca/climate/cop15/

ANEXO B – Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

A seguir, reproduz-se o texto da Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, documento elaborado na Conferência da Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro (Brasil), em 1992 (Rio-92). Este texto está disponível no endereço eletrônico http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/documentos/convs/decl_rio92.pdf. (Acesso em 18/01/2012).

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, tendo se reunido no Rio de Janeiro, de 3 a 14 de junho de 1992, reafirmando a Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, adotada em Estocolmo em 16 de junho de 1972, e buscando avançar a partir dela, com o objetivo de estabelecer uma nova e justa parceria global mediante a criação de novos níveis de cooperação entre os Estados, os setores-chaves da sociedade e os indivíduos, trabalhando com vistas à conclusão de acordos internacionais que respeitem os interesses de todos e protejam a integridade do sistema global de meio ambiente e desenvolvimento, reconhecendo a natureza integral e interdependente da Terra, nosso lar, proclama que:

Princípio 1

Os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza.

Princípio 2

Os Estados, de acordo com a Carta das Nações Unidas e com os princípios do direito internacional, têm o direito soberano de explorar seus próprios recursos segundo suas próprias políticas de meio ambiente e de desenvolvimento, e a responsabilidade de assegurar que atividades sob sua jurisdição ou seu controle não causem danos ao meio ambiente de outros Estados ou de áreas além dos limites da jurisdição nacional.

Princípio 3

O direito ao desenvolvimento deve ser exercido de modo a permitir que sejam atendidas equitativamente as necessidades de desenvolvimento e de meio ambiente das gerações presentes e futuras.

Princípio 4

Para alcançar o desenvolvimento sustentável, a proteção ambiental constituirá parte integrante do processo de desenvolvimento e não pode ser considerada isoladamente deste.

Princípio 5

Para todos os Estados e todos os indivíduos, como requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável, irão cooperar na tarefa essencial de erradicar a pobreza, a fim de reduzir as disparidades de padrões de vida e melhor atender às necessidades da maioria da população do mundo.

Princípio 6

Será dada prioridade especial à situação e às necessidades especiais dos países em desenvolvimento, especialmente dos países menos desenvolvidos e daqueles ecologicamente mais vulneráveis. As ações internacionais na área do meio ambiente e do desenvolvimento devem também atender aos interesses e às necessidades de todos os países.

Princípio 7

Os Estados irão cooperar, em espírito de parceria global, para a conservação, proteção e restauração da saúde e da integridade do ecossistema terrestre. Considerando as diversas contribuições para a degradação do meio ambiente global, os Estados têm responsabilidades comuns, porém diferenciadas. Os países desenvolvidos reconhecem a responsabilidade que lhes cabe na busca internacional do desenvolvimento sustentável, tendo em vista as pressões exercidas por suas sociedades sobre o meio ambiente global e as tecnologias e recursos financeiros que controlam.

Princípio 8

Para alcançar o desenvolvimento sustentável e uma qualidade de vida mais elevada para todos, os Estados devem reduzir e eliminar os padrões insustentáveis de produção e consumo, e promover políticas demográficas adequadas.

Princípio 9

Os Estados devem cooperar no fortalecimento da capacitação endógena para o desenvolvimento sustentável, mediante o aprimoramento da compreensão científica por meio do intercâmbio de conhecimentos científicos e tecnológicos, e mediante a intensificação do desenvolvimento, da adaptação, da difusão e da transferência de tecnologias, incluindo as tecnologias novas e inovadoras.

Princípio 10

A melhor maneira de tratar as questões ambientais é assegurar a participação, no nível apropriado, de todos os cidadãos interessados. No nível nacional, cada indivíduo terá acesso adequado às informações relativas ao meio ambiente de que disponham as autoridades públicas, inclusive informações acerca de materiais e atividades perigosas em suas comunidades, bem como a oportunidade de participar dos processos decisórios. Os Estados irão facilitar e estimular a conscientização e a participação popular, colocando as informações à disposição de todos. Será proporcionado o acesso efetivo a mecanismos judiciais e administrativos, inclusive no que se refere à compensação e reparação de danos.

Princípio 11

Os Estados adotarão legislação ambiental eficaz. As normas ambientais, e os objetivos e as prioridades de gerenciamento deverão refletir o contexto ambiental e de meio ambiente a que se aplicam. As normas aplicadas por alguns países poderão ser inadequadas para outros, em particular para os países em desenvolvimento, acarretando custos econômicos e sociais injustificados.

Princípio 12

Os Estados devem cooperar na promoção de um sistema econômico internacional aberto e favorável, propício ao crescimento econômico e ao desenvolvimento sustentável em todos os países, de forma a possibilitar o tratamento mais adequado dos problemas da degradação ambiental. As medidas de política comercial para fins ambientais não devem constituir um meio de discriminação arbitrária ou injustificável, ou uma restrição disfarçada ao comércio internacional. Devem ser evitadas ações unilaterais para o tratamento dos desafios internacionais fora da jurisdição do país importador. As medidas internacionais relativas a problemas ambientais transfronteiriços ou globais deve, na medida do possível, basear-se no consenso internacional.

Princípio 13

Os Estados irão desenvolver legislação nacional relativa à responsabilidade e à indenização das vítimas de poluição e de outros danos ambientais. Os Estados irão também cooperar, de maneira expedita e mais determinada, no desenvolvimento do direito internacional no que se refere à responsabilidade e à indenização por efeitos adversos dos danos ambientais causados, em áreas fora de sua jurisdição, por atividades dentro de sua jurisdição ou sob seu controle.

Princípio 14

Os Estados devem cooperar de forma efetiva para desestimular ou prevenir a realocação e transferência, para outros Estados, de atividades e substâncias que causem degradação ambiental grave ou que sejam prejudiciais à saúde humana.

Princípio 15

Com o fim de proteger o meio ambiente, o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos Estados, de acordo com suas capacidades. Quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis, a ausência de certeza científica absoluta não será utilizada como razão para o adiamento de medidas economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental.

Princípio 16

As autoridades nacionais devem procurar promover a internacionalização dos custos ambientais e o uso de instrumentos econômicos, tendo em vista a abordagem segundo a qual o poluidor deve, em princípio, arcar com o custo da poluição, com a devida atenção ao interesse público e sem provocar distorções no comércio e nos investimentos internacionais.

Princípio 17

A avaliação do impacto ambiental, como instrumento nacional, será efetuada para as atividades planejadas que possam vir a ter um impacto adverso significativo sobre o meio ambiente e estejam sujeitas à decisão de uma autoridade nacional competente.

Princípio 18

Os Estados notificarão imediatamente outros Estados acerca de desastres naturais ou outras situações de emergência que possam vir a provocar súbitos efeitos prejudiciais sobre o meio ambiente destes últimos. Todos os esforços serão envidados pela comunidade internacional para ajudar os Estados afetados.

Princípio 19

Os Estados fornecerão, oportunamente, aos Estados potencialmente afetados, notificação prévia e informações relevantes acerca de atividades que possam vir a ter considerável impacto transfronteiriço negativo sobre o meio ambiente, e se consultarão com estes tão logo seja possível e de boa fé.

Princípio 20

As mulheres têm um papel vital no gerenciamento do meio ambiente e no desenvolvimento. Sua participação plena é, portanto, essencial para se alcançar o desenvolvimento sustentável.

Princípio 21

A criatividade, os ideais e a coragem dos jovens do mundo devem ser mobilizados para criar uma parceria global com vistas a alcançar o desenvolvimento sustentável e assegurar um futuro melhor para todos.

Princípio 22

Os povos indígenas e suas comunidades, bem como outras comunidades locais, têm um papel vital no gerenciamento ambiental e no desenvolvimento, em virtude de seus conhecimentos e de suas práticas tradicionais. Os Estados devem reconhecer e apoiar adequadamente sua identidade, cultura e interesses, e oferecer condições para sua efetiva participação no atingimento do desenvolvimento sustentável.

Princípio 23

O meio ambiente e os recursos naturais dos povos submetidos a opressão, dominação e ocupação serão protegidos.

Princípio 24

A guerra é, por definição, prejudicial ao desenvolvimento sustentável. Os Estados irão, por conseguinte, respeitar o direito internacional aplicável à proteção do meio ambiente em tempos de conflitos armados e irão cooperar para seu desenvolvimento progressivo, quando necessário.

Princípio 25

A paz, o desenvolvimento e a proteção ambiental são interdependentes e indivisíveis.

Princípio 26

Os Estados solucionarão todas as suas controvérsias ambientais de forma pacífica, utilizando-se dos meios apropriados, de conformidade com a Carta das Nações Unidas.

Princípio 27

Os Estados e os povos irão cooperar de boa fé e imbuídos de um espírito de parceria para a realização dos princípios consubstanciados nesta Declaração, e para o desenvolvimento progressivo do direito internacional no campo do desenvolvimento sustentável.

ANEXO C – PANORAMA FARMACÊUTICO GLOBAL

A seguir, é apresentado um conjunto de informações presentes em estudos realizados pela OXFAM International e pela consultoria SustainAbility, que complementam as informações relativas ao panorama farmacêutico global, apresentado no trabalho.

ANEXO C.1 - OXFAM International

Sobre a OXFAM

A Oxfam International é uma confederação de 13 organizações parceiras no mundo todo para promover mudanças duradouras. Trabalha diretamente com comunidades e visa influenciar os detentores de poder para assegurar que a população pobre possa ter melhor qualidade de vida e meio de subsistência e tenham voz ativa nas decisões que a afetem.

O que faz?

Trabalha em mais de 100 países para superar a pobreza e a injustiça. Tem mais de 3mil organizações parceiras locais e trabalha com pessoas vivendo na pobreza lutando pelo exercício de seus direitos humanos, para assegurar sua dignidade como cidadãos plenos e para que tenham controle de suas próprias vidas.

História

A Oxfam International foi fundada em 1995 por um grupo de organizações não-governamentais independentes. Seu objetivo era trabalhar em conjunto para obter um impacto maior na busca pela redução da pobreza e da injustiça internacionalmente. O nome 'Oxfam' vem de Oxford Committee for Famine Relief, fundado na Grã-Bretanha em 1942. Hoje, há 13 organizações membro da Oxfam International confederation. Elas estão sediadas na: Austrália, Bélgica, Canadá, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Hong Kong, Irlanda, Holanda, Nova Zelândia, Quebec, Espanha e Estados Unidos. O Secretariado da Oxfam International é sediado em Oxford, Grã-Bretanha.

Missão

A Oxfam International é um grupo internacional de organizações não-governamentais independentes dedicada à luta contra a pobreza e injustiças no mundo. As unidades da Oxfam trabalham em conjunto internacionalmente para obter maior impacto através de seus esforços coletivos.

Compromissos com os direitos humanos

O respeito aos direitos humanos ajudará a tirar as pessoas da pobreza e injustiça, permitir que elas assegurem sua dignidade e garantira um desenvolvimento sustentável.

A OXFAM acredita que todos devem ter o direito a:

- Subsistência e modo de vida decente
- Serviços básicos de educação e saúde
- Segurança
- Ser ouvido
- Ser tratado como igual

Temas com os quais trabalha

- Cidadania plena
- Agricultura
- Eficácia na assistência
- Mudanças Climáticas
- Educação
- Resposta a emergências
- HIV e AIDS
- Direitos indígenas e de minorias
- Recursos naturais
- Paz e segurança
- Setor privado
- Comércio
- Expansão da juventude

A seguir apresenta-se um resumo de alguns dos relatórios divulgados pela OXFAM no que se refere à indústria farmacêutica e ao acesso a medicamentos.

- ❖ 2001: ‘Cut the Cost’ – campanha OXFAM em resposta aos impactos drásticos no acesso a medicamentos pelas populações pobres devido ao regime de propriedade intelectual criado pelo Acordo TRIPS (World Trade Organization on Trade Related Aspects of Intellectual Property Rights).
- ❖ 2002: ‘Beyond Philanthropy: the pharmaceutical industry, corporate social responsibility and the developing world’ – estudo sobre as respostas das empresas ao desafio do acesso a medicamentos e definição de uma serie de benchmarks para mensurar o progresso.

- ❖ 2007: “Investing for life – Meeting poor people’s needs for access to medicines through responsible business practices.”

Disponíveis em <http://www.oxfam.org.uk>. Acesso em nov/2007.

Os relatórios apontam que há varias fraquezas nas iniciativas da indústria farmacêutica para garantir que as populações pobres tenham acesso a medicamentos.

Para superar sua debilitada performance econômica atual, a indústria vem olhando cada vez mais para os enormes potenciais dos mercados das economias emergentes. Porém, a população pobre que vive neste países ainda não tem acesso aos medicamentos apropriados a ela. É chegada a hora para uma nova abordagem. A indústria deve colocar o acesso a medicamentos no centro de suas praticas e processos de tomada de decisão. Isto significa tanto uma estratégia de negócios mais sustentável a longo prazo como poderá permitir que a indústria exerça melhor seu papel de alcançar o direito universal à saúde.

O acesso a medicamentos é fundamental para que as pessoas alcancem seu direito à saúde. Enquanto governos têm a responsabilidade primaria de garantir o acesso aos serviços de saúde para todos os seus cidadãos, o papel da indústria farmacêutica de prover um elemento vital – os medicamentos – carrega suas próprias responsabilidades.

Ainda, os relatórios chamam a indústria farmacêutica a contribuir para o endereçamento da crise de saúde em países emergentes, desafiando-a a adotar políticas em cinco áreas: precificação, patentes, iniciativas nas parcerias público-privadas, pesquisa e desenvolvimento e o uso apropriado de medicamentos. Desde a publicação do relatório de 2002, aponta-se que a indústria avançou muito pouco e de forma lenta em algumas dessas áreas, principalmente através da adoção de políticas limitadas para promoção da acesso a doenças que chamam muito a atenção, como AIDS, Tuberculose (TB) e malária.

Entretanto, o desafio de garantir que milhões de pessoas pobres tenham acesso aos medicamentos de que necessitam permanece imenso, dado o aparecimento de novas doenças: o ressurgimento de ‘antigas’ doenças, o desafio de pandemias, o crescimento do peso de doenças não-comunicáveis em países em desenvolvimento.

A malária é responsável pela morte de 1 milhão de pessoas todos os anos, principalmente crianças e mulheres grávidas. Outros 2 milhões de pessoas morrem anualmente de tuberculose. A Organização Mundial da Saúde estima que a ocorrência de asma cresce em média 50% a cada dez anos em cidades de países em desenvolvimento. Além disto, atualmente 85% da população mundial esta excluída do mercado da indústria devido aos preços dos medicamentos.

As abordagens da indústria não tratam destes problemas de forma satisfatória. As principais causas das falhas são:

- falha na implementação de mecanismos de preço diferenciados de forma sistemática e transparente para medicamentos importantes às populações pobres de países em desenvolvimento, onde os preços são estabelecidos conforme uma fórmula padrão que reflete a habilidade de se pagar e o preço das versões genéricas onde elas existem;
- Falta de pesquisa e desenvolvimento para tratar da questão da carência de produtos específicos para as doenças que afetam predominantemente as populações pobres de países em desenvolvimento. Isto inclui as formulações que são aplicáveis e úteis no mundo emergente. Entre 1999 e 2004 foram lançadas apenas três novas drogas para doenças negligenciadas de um total de 163 novas entidades químicas (NCE: New Chemical Entities).
- Falta de flexibilidade na proteção da propriedade intelectual e, em alguns casos, lobby ativo para regras de patente mais rigorosas, impedindo o acesso das populações pobres a medicamentos essenciais genéricos de baixo custo;
- O foco dominante ainda são as doações, que, por sua natureza, são imprevisíveis e tem minado a competição entre os produtos genéricos e provocado caos no mercado de produtos de baixo custo.

A OXFAM acredita que o potencial existente para que as companhias farmacêuticas contribuam de forma mais substancial e efetiva para aumentar o acesso a medicamentos para populações pobres de países em desenvolvimento não vem sendo atingido. Há três fatores que vem prevenindo as empresas de se mover adiante neste tema:

1. A busca das empresas por estratégias que tratem da questão do acesso a medicamentos como algo reputacional resultou em abordagens soltas e ad-hoc que falham na entrega de soluções sustentáveis.
2. As respostas da indústria à sua fraca performance financeira – elevação de preços, defesa agressiva de patentes e prolongamento das patentes existentes através da ‘perenidade’, ao invés do investimento em pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos, minou as necessidades de preços mais baixos, abordagens flexíveis às patentes e investimento em pesquisa e desenvolvimento de produtos que tratem doenças relevantes ao mundo em desenvolvimento.
3. A falência da indústria em compreender que o acesso a medicamentos é um direito humano fundamental presente na legislação internacional e para reconhecer que as empresas farmacêuticas tem responsabilidades neste contexto vem impedindo a adoção de estratégias apropriadas.

Está claro que há pressões na indústria farmacêutica para a mudança de curso. O aumento do peso financeiro nos sistemas de saúde devido ao envelhecimento da população e as mudanças nas doenças são chamados estimulantes por menores preços tanto do Norte quanto do Sul. A indústria está sendo desafiada a ser mais transparente na sua formulação de preços de forma que os governos e os defensores da saúde pública possam requerer maior alinhamento entre os preços definidos e o poder de compra. O regime de propriedade intelectual e o modelo de desenvolvimento de produtos focado no mercado são criticados por não entregarem a inovação real requerida para aliviar a crise global na saúde pública.

Ao mesmo tempo, os investidores estão claramente preocupados que a indústria não tem entregue os lucros que costumava entregar. Economias de mercados emergentes vêm sendo identificadas como a possível panacéia deste fraco crescimento. Há enormes oportunidades nestes mercados, incluindo os baixos custos para condução de P&D e testes clínicos e o baixo custo de produção. Estas economias também oferecem um potencial de mercado substancial. Entretanto, para que isto seja possível, a indústria terá que reconhecer que, para servir a este mercados, devesse ter uma abordagem totalmente diferente, que reflita as enormes e significativas disparidades de renda, os impactos dos preços altos no aumento da vulnerabilidade e insegurança e a necessidade de produtos que sejam relevantes e adaptáveis aos padrões das populações pobres.

As pressões na indústria para que sejam atendidas as expectativas da sociedade de acesso a medicamentos deverão continuar por uma série de razões:

1. Um número crescente de governos de países em desenvolvimento vem assumindo compromissos sérios para atingir serviços de saúde viáveis e igualdade no acesso. Sem uma solução para o problema do acesso a medicamentos, eles não poderão atingir seus objetivos e obrigações para com a população. No mundo em desenvolvimento, onde a maioria da população vive na pobreza e é altamente sensível a aumentos de preço, as companhias terão que responder através da implementação de sofisticadas políticas de preço diferenciadas correlacionadas com os diferentes níveis salariais ou pela instituição de políticas de patente flexíveis que garantam que o baixo preço desejado seja atingido.
2. A epidemiologia da saúde pública vem mudando, com uma gama mais diversa de doenças que requerem produtos apropriados. Para os países em desenvolvimento, em especial, suas realidades específicas devem ser consideradas seriamente: precisa-se de novos produtos, as formulações devem ser de fácil uso e as informações e rotulagem devem ser de fácil compreensão. Isto significa que a P&D deve ser adequada às realidades dos usuários finais.
3. As demandas da sociedade civil para que a indústria faça sua parte no contrato social devem aumentar e se tornar mais severas e exigentes. Uma vez que os modelos e incentivos para a disponibilidade de medicamentos que sejam adequados, úteis e acessíveis em termos de preço a populações pobres vem sofrendo crescente escrutínio, estes fatores serão adicionados às pressões crescentes sobre a indústria farmacêutica para que sejam adotadas estratégias diferentes que atendam melhor às necessidades globais de saúde.

Caso as empresas continuem nesta evolução lenta da abordagem existente sem enfrentar as expectativas da sociedade, elas estão fadadas a não conseguir atender aos desafios do acesso a medicamentos. Agora é a hora para que as empresas olhem de forma seria e busquem novas formas de fazer negócios, incorporando um parâmetro de equidade social em seu pensamento, trabalhando de forma mais flexível, transparente e incluindo sua vasta gama de *stakeholders*. A inércia atual no acesso a medicamentos pode ser superada por um enfrentamento das preocupações acerca da acessibilidade (em relação a preços) e disponibilidade no cerne dos processos e operações de tomada de decisão. Para que isto seja possível serão necessárias uma forte liderança e visão de longo-prazo.

A OXFAM também acredita que a integração do acesso a medicamentos no cerne dos modelos de negócios deveria institucionalizar um modelo analítico para que a indústria possa prever, responder e satisfazer as necessidades das populações pobres de países em desenvolvimento. Os investidores que estão encorajando as empresas farmacêuticas a entrarem em mercados emergentes identificam os seguintes elementos como necessários nas estratégias de negócios: adaptação dos preços, maior flexibilidade nos sistemas de distribuição e produtos relevantes aos mercados que serão atendidos. A OXFAM reconhece que o fato de que um bem social vem sendo suprido através do mercado irá sempre apresentar desafios e é suscetível aos problemas de falência do mercado. Por isto, é imperativa a ação coletiva para superar esta questão.

Neste contexto, a sociedade espera que as empresas farmacêuticas, com seus acessos privilegiados ao mercado global, desenvolvam os produtos necessários a preços acessíveis, em apresentações de fácil uso e que sejam comercializados de forma ética. A indústria farmacêutica deve preencher este requerimentos de forma confiável e sustentável e, fazendo isto, estará cumprindo seu papel na ampla responsabilidade de melhorar a saúde de todos.

O estudo publicado em 2007, “Investing for Life”, foi feito para verificar os avanços das empresas na demonstração de seus compromissos 5 anos após o relatório “Beyond Philanthropy”; para avançar em algumas ideias sobre os motivos de as empresas estarem resistindo ao desafio de atingir suas metas e responsabilidades de forma mais eficaz e para exibir fatores que poderiam encorajar as empresas a uma abordagem mais pró-ativa.

As informações do relatório foram obtidas através de entrevistas com as 12 maiores empresas farmacêuticas do mundo (Abbott Ltd., AstraZeneca, Bristol-Myers Squibb, Eli Lilly, IxosmithKline, Johnson & Johnson, Merck, Novartis, Pfizer, Roche, Sanofi-Aventis, Wyeth), bem como uma empresa de biotecnologia (Gilead), devido ao seu portfólio de medicamentos para HIV.

Alguns dados importantes encontrado neste relatório:

- Cerca de 2 bilhões de pessoas não têm acesso aos medicamentos essenciais. A melhora no acesso aos medicamentos existentes poderia salvar 10 milhões de vidas por ano, 4 milhões delas na África e no sudeste da Ásia.
- O acesso a medicamentos é caracterizado por uma profunda desigualdade global: 15% da população mundial consome cerca de 90% dos medicamentos produzidos no mundo, o que significa que 85% da população consome menos de 10% dos medicamentos (P. Hunt -2007 -‘Human Right Guidelines for Pharmaceutical Companies in relation to Access to Medicines’, documento para consulta, preparado pelo Repórter Especial das Nações Unidas sobre o direito de todos ao acesso aos padrões mais altos de saúde física e mental).
- Os gastos com saúde nos países pobres aumentam, mas ainda não são suficientes.
- Nos últimos anos, campanhas de ativistas ressaltaram as responsabilidades das empresas farmacêuticas de promover a saúde pública em países em desenvolvimento. Sob pressão pública, as empresas responderam com cortes de preço, doações e outras iniciativas para aumentar o acesso a medicamentos das populações pobres em países em desenvolvimento.

- Existe um sério desafio, uma vez que as mudanças nos padrões das doenças resultaram em um surto triplo: doenças infecciosas novas e re-emergentes, doenças 'antigas' como infecções do trato respiratório e diarreia e doenças não comunicáveis (DNC).
- Malária: mata 1 milhão de pessoas todo ano globalmente – a maioria crianças e mulheres grávidas .
- Tuberculose (TB): mata 2 milhões de pessoas anualmente; 500mil casos de TB resistente ocorreram em 2004 – o tratamento para este tipo de TB é 100 vezes mais caro que o tradicional.
- Resistência a drogas é um problema para outras doenças: pneumonia, gonorréia – não há P&D suficiente de novos antibióticos para estas doenças, uma vez que as empresas farmacêuticas que fazem pesquisa não as vêem como lucrativas.
- Ainda há 39.5 milhões de pessoas vivendo com HIV, 2.6 milhões mais do que em 2004. Dois terços desta população são adultos e crianças vivendo na África sub-Saariana e o vírus está se tornando resistente a medicamentos de primeira e segunda linha, o que exige novas terapias.
- Vem aumentando a incidência de doenças crônicas, como câncer, diabetes, asma, hipertensão e doenças cardiovasculares, o que faz com que aumente a pressão nos sistemas de saúde e no crescimento econômico. As doenças crônicas são hoje responsáveis por 40% das mortes nos países em desenvolvimento. As razões: mudança na dieta, poluição nas favelas urbanas, crescimento do consumo de cigarro por jovens, exposição a pesticidas, entre outros. Poucos recursos, ainda, são direcionados à prevenção e tratamento destas doenças.
- Quanto mais pobre a população, maior a porcentagem da renda despendida em medicamentos essenciais.
- Brasil: custo dos medicamentos absorvem cerca de 82.5% da renda da população pobre.
- População pobre muitas vezes escolhe não iniciar ou completar o tratamento necessário quando não podem pagar pelos custos dos medicamentos, o que leva à resistência aos medicamentos existentes.
- A maior parte da população pobre depende da competição entre os genéricos para baixar os preços. Um medicamento genérico é vendido tipicamente a cerca de 20 a 90% mais barato do que os medicamentos inovadores, o que muitas vezes faz com que os preços dos inovadores caiam devido à concorrência no mercado.
- Afirmação da World Health Organization: a competição entre os genéricos é a chave e os governos devem fazer tudo o que puderem para aumentar o uso de genéricos de qualidade garantida e baixo preço.
- O regime de propriedade intelectual global, conforme estabelecido pelo TRIPS, representa um grande obstáculo ao acesso a novas drogas por baixo preço. A garantia de 20 anos de proteção patentária a produtos novos e inovadores resulta no monopólio, que faz com que os preços se mantenham altos. Há outros motivos que fazem com que os medicamentos sejam inacessíveis a populações pobres em países em desenvolvimento: tanto medicamentos genéricos como de marca podem ser proibitivamente caros devido aos altos impostos, custos da cadeia de suprimentos e margens de lucro de farmácias. Além disso, algumas autoridades de saúde pública compram marcas inovadoras caras, mesmo quando genéricos são disponíveis, e cobram muito acima dos preços de referência internacionais por estes medicamentos.
- Além dos altos preços, a falta de medicamentos relevantes a doenças do mundo em desenvolvimento continua dificultando a melhora na saúde destas populações (ex: dengue); formulações específicas para as condições dos países pobres. Porém, uma vez que estas são necessidades de pessoas que não tem poder de compra e em países que tem sérios problemas nos sistemas de saúde pública, o retorno sobre o investimento não

é suficiente para incentivar as empresas farmacêuticas a conduzir a pesquisa e desenvolvimento nestas áreas terapêuticas.

- Entre 1975 e 1999, somente 1% do total de 1.393 novas drogas comercializadas foi dirigido a doenças negligenciadas. Entre 1999 e 2004, somente 3 novas drogas de 163 foram direcionadas para doenças negligenciadas. Doenças negligenciadas são definidas pela OMS como aquelas que afetam quase que exclusivamente populações pobres que vivem em áreas rurais de países com baixas rendas. Incluem: leishmaniose, oncocerciasis, doença de Chagas, lepra, tuberculose, esquistossomose, filariose linfática, tripanosomiase africana e dengue. (P. Hunt, 2007 – ‘Neglected Diseases: A human rights analysis’ www.who.int/tdr/publications/publication/pdf/seb_topic6.pdf).

- Indústria farmacêutica alega que sem o regime atual de propriedade intelectual, não haveria inovação e, portanto, avanço na medicina. Este argumento tem sido fortemente desafiado – ex: a Comissão de Direitos de Propriedade Intelectual, Inovação e Saúde (CIPHI), criada pela Assembléia da Saúde Mundial, mostra que altos níveis de proteção da propriedade intelectual não resultaram no aumento de pesquisa e desenvolvimento para as necessidades de saúde das populações pobres.

- A OXFAM acredita que os governos são os principais responsáveis por sustentar um sistema de saúde pública efetivo que seja acessível e, para tanto, é fundamental que se garanta o acesso universal a medicamentos. Acredita, ainda, que é somente através da ação coletiva de todos os *stakeholders* que será possível superar os obstáculos do acesso universal a medicamentos.

- No que diz respeito ao preço, algumas considerações são feitas e apresentadas a seguir:

□ Ponto importante do documento: apesar de o preço ser a área na qual as empresas poderiam fazer mais para endereçar a crise na saúde, era a área na qual elas estavam fazendo menos. Sugestões: adoção de política de preços que reduzisse substancialmente os preços de medicamentos relevantes em países em desenvolvimento, transparência na política de preços para que as autoridades sanitárias possam fazer escolhas de compra adequadas, desenvolvimento de estratégia global de sistema de preços em camadas.

□ Desenvolvimentos desde 2002: várias empresas oferecem agora preços diferenciados, mas especialmente para doenças como AIDS e malária. Algumas estão introduzindo preços em camadas para outros tratamentos. Mesmo com desconto, os preços ainda estão, em geral, bastante acima das possibilidades da população.

□ De maneira geral, a abordagem das empresas ainda é de adotar políticas específicas caso a caso. Por isto, parece que ainda estamos longe de uma estratégia global de preços em camadas, considerando a segmentação de mercado conforme a renda média dos países.

□ Destaque: estratégia ‘Tearing Down the Barriers’ da GSK – vários modelos de preços em camadas entre e dentro dos países, conforme a segmentação de renda.

□ Pouco avanço foi feito na transparência, tornando difícil a verificação dos preços ‘sem fins lucrativos’ ou ‘de custo’. Ideal: racional de preços que refletisse o poder de compra e as necessidades de saúde da população.

□ Indústria alega impostos abusivos e ineficiência dos sistemas de distribuição públicos como causas dos altos preços.

□ OMS recomendou que os governos removessem as tarifas, impostos e taxas em produtos de saúde, quando apropriado, no contexto das políticas para aumentar o acesso a medicamentos.

- Mas, a margem de lucro dos fabricantes ainda é o principal responsável pelos preços altos.

- PESQUISA E DESENVOLVIMENTO (P&D):

- Em 2002, nenhuma empresa estava preparada para expor o valor ou proporção de seus investimentos em P&D em doenças infecciosas, o que não oferecia nenhuma indicação de quanto as companhias priorizavam as necessidades de saúde.

- Desenvolvimentos desde 2002: varias empresas aumentaram seus investimentos em P&D para doenças infecciosas prevalentes em países em desenvolvimento (principalmente HIV, TB e malária – importantes pela questão da resistência a medicamentos), através de parcerias público-privadas (PPPs) globais, de forma geral. As empresas entrevistadas em 2007 acreditam que, uma vez que não há incentivos comerciais para conduzir estas pesquisa, as PPPs são a forma encontrada para desenvolver estas pesquisas. Porém, a OXFAM reconhece que apenas um produto, para malária, chegou ao mercado como resultado de PPP. Um tema relevante é se os produtos desenvolvidos através de PPPs podem ser patenteados (Sanofi-Aventis acha que não, Novartis acha que sim).

- As empresas ainda não publicam o total investido em pesquisa para doenças prevalentes em países em desenvolvimento.

- As empresas parecem não endereçar separadamente políticas de preço para os produtos desenvolvidos via PPPs.

- Há uma necessidade critica de as empresas terem um portfólio mais diversificado de P&D que melhor reflita a falta crônica de inovação para doenças que afetam populações pobres em países em desenvolvimento.

- PROPRIEDADE INTELECTUAL:

- Em 2002, as empresas foram chamadas a rejeitar o cumprimento de patentes onde isto poderia exacerbar problemas de saúde, dando suporte aos mecanismos dos TRIPs, mas rejeitando lobby para aplicações mais severas dos TRIPs (TRIPs-plus).

- Nenhuma das empresas tinha políticas corporativas que refletissem um compromisso maior a uma abordagem mais flexível das empresas à proteção patentária; nenhuma empresa apoiava a quebra de patentes para países produtores de genéricos.

- Desenvolvimentos desde 2002: apesar das demandas de autoridades públicas, de organizações inter-governamentais, da sociedade civil e de grupos de pacientes, a indústria farmacêutica mantém suas visão de que o atual regime de propriedade intelectual não constitui uma barreira séria à garantia de acesso a medicamentos às populações pobres. A Federação Internacional das Associações da Indústria Farmacêutica (IFPMA) afirma que os argumentos de que patentes são uma barreira ao acesso a medicamentos são infundados e imprecisos. Muitas empresas ainda acreditam que regras mais rígidas de proteção a propriedade intelectual são necessárias para estimular a P&D, mesmo em países em desenvolvimento. Ainda, não enxergam a possibilidade de assumirem diferentes níveis de proteção intelectual para compensar os níveis de desenvolvimento econômico diferentes e as necessidades de saúde pública. Segundo o documento, algumas empresas (Merck, J&J e Pfizer) argumentaram que é necessária uma proteção patentária mais rigorosa (regras TRIPs-plus), o que impediria os

países em desenvolvimento de introduzir versões genéricas de medicamentos durante a vigência das patentes, atrasando a introdução dos genéricos no momento em que as mesmas expiram.

□ As empresas afirmam que apóiam as salvaguardas do TRIPS reafirmadas pela Declaração de Doha, insistindo que mesmas somente devem ser usados em caso de emergências ou situações urgentes, em países em desenvolvimento e para o tratamento do HIV/AIDS. Porém, somente algumas agem de acordo com suas afirmações.

□ A OMS afirma que: onde os mercados tem poder de compra muito limitado, como nos países em desenvolvimento, as patentes não são um fator relevante ou eficaz em estimular P&D e trazer novos produtos ao mercado. Afirmam também que os governos devem tentar procurar os genéricos disponíveis de melhor qualidade e menor preço e, para tanto, devem empregar as ferramentas políticas disponíveis, inclusive as flexibilidades e salvaguardas do Acordo TRIPS para garantir a saúde pública.

□ Problema: lobby das indústrias farmacêuticas contra o uso das salvaguardas e licenciamentos compulsórios de medicamentos durante a vigência das patentes.

□ Importante: o Acordo TRIPS isenta os países em desenvolvimento da aplicação de suas regras até 2016. Além disso, estes países tem uma capacidade de fabricação de genéricos pequena de forma geral, o que faz com que seja pouco provável que as patentes das empresas seja desafiada por estes países (Brasil e Índia são exceções).

□ Em geral, quando as empresas farmacêuticas emitem licenças voluntárias para a produção de genérico, a questão do preço já esta ultrapassada (ex: antiretrovirais de primeira geração). A OXFAM reporta raros casos de licenças voluntárias para: Bristol – Atazanavir (antiretroviral de segunda geração) - licença para a empresa de genéricos indiana Emcure; Roche – Tamiflu - licença para a empresa de genéricos indiana Hetero.

□ A OXFAM acredita que, apesar de as licenças voluntárias poderem contribuir para a redução de preços, elas não tem sido o método preferido para garantir baixos preços. A competição entre os genéricos é a forma mais eficaz e comprovada de reduzir os preços de medicamentos. Porém, as licenças voluntárias tem um papel pequeno atualmente – para serem úteis de fato, devem ser transparentes, não excludentes e incluir a transferência de tecnologia sem o pagamento de royalties.

A indústria farmacêutica se moveu além da filantropia? Um pouco, mas não o suficiente para solucionar o problema, segundo a OXFAM. Houve aumentos nas iniciativas das empresas em P&D, porém os desafios à saúde pública global se intensificaram, fazendo com que uma resposta adequada da indústria farmacêutica se tornasse mais crítica ainda. Os principais problemas incluem:

- falência na implementação de mecanismos de precificação sistemáticos e transparentes para todos os medicamentos essenciais de valor terapêutico para populações pobres em países em desenvolvimento, onde os preços refletem a habilidade de pagar o preço das versões genéricas onde elas existem;
- falta de endereçamento das questões de P&D para produtos dedicados às doenças que afetam predominantemente populações pobres em países em desenvolvimento, o que inclui as formulações que se aplicam ao mundo em desenvolvimento;

- inflexibilidade em relação à proteção da propriedade intelectual e, em alguns casos, lobby para regras mais rígidas e desafios legais aos usos das salvaguardas do TRIPS pelas autoridades públicas, impedindo a população de ter acesso às versões genéricas dos medicamentos essenciais.

O que se nota, de forma geral, é um ênfase ainda muito grande nas doações ao invés de buscar novas formas de atingir a meta do acesso universal a medicamentos. Os medicamentos doados, muitas vezes, são inapropriados para as situações doadas, perto do prazo de vencimento e pouco conhecidos pelos médicos locais; as doações são imprevisíveis em relação ao tempo e quantidade e, muitas vezes, não estão dentro dos padrões clínicos locais. Por estes motivos, as doações acabam criando caos no mercado, uma vez que não favorecem o planejamento da quantificação das necessidades e afetam todo o planejamento das cadeias de suprimento dos produtos de baixo custo.

Gargalos para o progresso

A OXFAM acredita que há dois fatores que impediram as empresas farmacêuticas de progredirem na melhoria das condições de saúde globais:

1. O fato de as empresas endereçarem o acesso a medicamentos como algo relevante para a sua reputação e não como um componente central de seus modelos de negócios fez com que as abordagens fossem isoladas, ad-hoc, falhando na entrega de soluções sustentáveis. A preocupação com doações e projetos comunitários demonstram isto claramente.
2. As respostas das empresas aos problemas financeiros - incluindo o aumento de preços e a defesa agressiva das patentes - e o aumento da concorrência minaram a necessidade de preços mais baixos, abordagens flexíveis às patentes e os investimentos em P&D em doenças relevantes ao mundo em desenvolvimento.

Apesar de a indústria farmacêutica ser uma das mais rentáveis no grupo da Fortune 500, nos últimos anos ela vem experimentando uma performance abaixo da média devido à deterioração da produtividade de P&D, às patentes expiradas, ao aumento da concorrência pelos genéricos e empresas de biotecnologia e à erosão de sua reputação (perda da confiança dos investidores na capacidade de crescimento da indústria).

Algumas explicações:

- dependência de drogas *blockbuster* = drogas que geram US\$1bilhão por ano (modelo que não entrega mais o retorno que entregava)
- altas margens de lucro
- defesa das patentes
- prolongamento do tempo de vida de um *blockbuster* por mudanças na formulação
- dificuldade das empresas de mudar a cultura corporativa e forma de conduzir as estratégias de negócio, quebrando velhos hábitos, mesmo quando as estratégias não fazem sentido moral nem comercial

Conseqüências:

- dificuldade de atrair atenção da alta gerência para a questão do acesso a medicamentos
- preços proibitivos em países em desenvolvimento
- bloqueio da entrada de genéricos de baixo preço no mercado

A OXFAM acredita que o potencial das empresas farmacêuticas para contribuir de forma mais eficaz para aumentar o acesso a medicamento das populações pobres em países em desenvolvimento ainda será atingido. Alguns ainda argumentarão contra a necessidade de as empresas fazerem mais do que já fazem ou adotarem políticas que eles consideram serem inimigas da lucratividade. Entretanto, as novas expectativas e realidades podem significar que a mudança nesta direção será um requerimento inevitável para a sobrevivência a longo-prazo. Fatores que podem influenciar a mudança:

- Redução dos preços e transparência: o escrutínio persistente da sociedade civil e dos grupos de pacientes resultarão em maiores níveis de transparência na definição de preços e outros aspectos da performance das empresas. A comunidade científica, os reguladores e governos também querem maior transparência em relação aos dados de estudos clínicos. Essas pressões predizem um fim para a longa exclusividade e segredo ao redor da definição de preços.
- Pesquisa e Desenvolvimento: exigências de reforma do regime de propriedade intelectual de maneira a recompensar as verdadeiras inovações vêm crescendo. O argumento é que o regime atual faz com que as empresas tenham menos estímulo para investir em P&D de novas drogas ('ever-greening' através de modificação nas formulações). Reforma no regime de patentes deve correlacioná-las a maiores ganhos terapêuticos e eficácia ao invés de prolongar a exclusividade dos blockbusters. Além disso, os investidores esperam que as empresas diversifiquem seu portfólio para reduzir o risco.
- Novos mercados, novas oportunidades, necessidades diferentes: as economias emergentes (ref83) estão provando ter grande potencial de mercado para o crescimento da indústria farmacêutica. Estes mercados oferecem meios de reduzir os custos de P&D e fabricação e oferecem vantagens claras na melhoria do desenvolvimento de drogas (estudos clínicos mais baratos e mais rápidos que nos países desenvolvidos, talentosos cientistas e tecnologia na Índia e China – grandes fornecedores de matéria-prima para as empresas globais). Para atender a estes mercados, investidores sabem da necessidade de adaptação de preços, do emprego de sistemas de distribuição flexíveis, de se abandonar o modelo blockbuster em favor do desenvolvimento de drogas para nichos de mercados e, se necessário, um modelo de negócios de alto volume e baixa margem de lucro.

Para a OXFAM, há dois fatores-chave que as empresas devem levar em conta no desenho de suas estratégias para entrar em mercados de países em desenvolvimento:

- a) Preços devem ser equivalentes àqueles que os concorrentes genéricos podem oferecer ou deve-se pensar em licenciamentos de produtos patenteados para empresas de genéricos;

b) Deve-se apoiar explicitamente os governos a usarem as salvaguardas para a saúde pública do regime de propriedade intelectual.

Além disso, as empresas devem investir no desenvolvimento de produtos que sejam relevantes para mudar o perfil de saúde dos países, incluindo doenças que afetam predominantemente populações pobres em países em desenvolvimento, com formulações apropriadas.

Outro ponto importante se refere à informação: a promoção de medicamentos tem especial significância nos países em desenvolvimento devido à falta de oportunidades dos médicos e farmacêuticos de se atualizarem. Mesmo em países desenvolvidos, os médicos são altamente influenciados pela promoção de medicamentos, o que representa uma preocupação seria dado que ha forte correlação entre a prescrição irracional e o uso de fontes comerciais de informação (ref89). O importante em qualquer caso, seja de promoção ou teste clínico, é que as empresas apliquem os mesmos padrões usados no Norte e no Sul, atendendo às exigências de diretrizes da OMS.

É certo que as pressões na indústria para atender às expectativas da sociedade em termos de acesso a medicamentos irão continuar por uma serie de motivos:

- os governos têm assumido compromissos no sentido de alcançar serviços de saúde viáveis e de acesso igualitário. Sem uma solução para o problema do acesso a medicamentos, eles não atingirão seus objetivos e obrigações com a população. Por isto, no mundo em desenvolvimento, as empresas terão que implementar políticas sofisticadas de preço correlacionadas aos diferentes níveis de salários ou sendo flexíveis na proteção patentária para garantir que o preço baixo desejável é atingido. Com a sociedade civil mais ativa e eficaz em insistir nos resultados, os governos terão que encontrar formas de responder e irão devolver o desafio às empresas, para que elas os apoiem.
- a epidemiologia da saúde publica esta mudando, com novas doenças que exigem produtos apropriados. As pressões virão de todos os lados, incluindo riscos de fronteiras e problemas que afetem a performance econômica dos países. Para países em desenvolvimento, são necessários novos produtos, formulações adequadas e informações e rotulagem compreensíveis.
- as demandas da sociedade civil para que a indústria cumpra sua parte do contrato social devem aumentar. As exigências por produtos adequados, apropriados e acessíveis só tende a aumentar e a pressionar a indústria a adotar diferentes estratégias para atender melhor às necessidades de saúde globais.

Caso as empresas decidam canalizar suas energias em defesa de seu *status quo*, elas correm o risco de perder a oportunidade de adotar modelos de negócio novos e inovadores que atendam às suas necessidades de lucratividade elas atrairão enorme censura por parte de pacientes, sociedade civil e governos. Ainda, caso elas continuem nesta lenta evolução da abordagem atual sem alcançar as expectativas da sociedade, elas não conseguirão alcançar os desafios do acesso a medicamentos.

Além disso, caso as empresas não compreendam que o acesso a medicamentos é um direito humano fundamental assegurado por legislação internacional, reconhecendo que as empresas farmacêuticas tem responsabilidades neste contexto, elas não conseguirão adotar estratégias adequadas.

Agora é a hora de as empresas buscarem novas formas de fazer negócios, incorporando um parâmetro de igualdade social no seu pensamento, trabalhando de forma mais flexível, transparente e envolvendo diversos *stakeholders*. A inércia atual no acesso a medicamentos pode ser ultrapassada pela inclusão de temas como acessibilidade (produto e preço) no cerne do processo de decisão do negócio. Para tanto, são necessárias forte liderança e visão de longo-prazo.

Ainda, a integração do acesso a medicamento no cerne do modelo de negócios poderá promover a institucionalização de uma ferramenta para a indústria de previsão, resposta e satisfação das necessidades das populações em países em desenvolvimento. Os investidores que estão encorajando empresas a entrarem em economias de mercados emergentes identificam a necessidade de adaptar preços, de flexibilizar os sistemas de distribuição e oferecer produtos relevantes aos mercados sendo atendidos como elementos necessários da estratégia de negócio.

A OXFAM reconhece que o fato de que um bem social é fornecido através do mercado sempre apresentara desafios e é suscetível aos problemas da falência do mercado. Por isto, é imperativa a ação coletiva.

Neste contexto, a sociedade espera que as empresas farmacêuticas, com seu acesso privilegiado ao mercado global, desenvolva os produtos necessários a preços acessíveis, em apresentações adequadas e que sejam comercializados de forma ética. Espera-se que estes requerimentos sejam preenchidos pela indústria de forma confiável e sustentável que, desta forma, estará cumprindo sua parte na ampla responsabilidade de melhorar a saúde de todos.

ANEXO C.2 – PHARMAFUTURES

PharmaFutures é um projeto desenvolvido pela consultoria SustainAbility que busca, através do diálogo entre a indústria farmacêutica e seus investidores, captar a discussão de como a indústria farmacêutica e seus investidores podem evoluir de forma a melhorar a comunicação e alcançar um melhor alinhamento entre os interesses dos acionistas e os interesses da sociedade, entregando valor de longo-prazo para ambos os públicos. O projeto teve início em 2004 como um exercício de planejamento baseado em cenários e evoluiu para uma exploração mais prática e focada em soluções e propostas para relacionar os modelos sustentáveis de gestão de negócios na indústria e os resultados globais na saúde.

O objetivo principal da iniciativa é construir a confiança e favorecer o surgimento de um ambiente no qual possa haver colaboração e parcerias entre a indústria e seus principais *stakeholders*, levando a um aumento nas oportunidades de negócio e na melhoria da saúde da população mundialmente.

Já em sua quarta edição, o projeto PharmaFutures vem evoluindo em sua abordagem:

- PharmaFutures 1- O Setor Farmacêutico: uma visão valiosa de longo-prazo delineia possíveis cenários para a indústria e endereça o dilema de como convencer investidores de manter a lucratividade enquanto, simultaneamente, se atende às expectativas crescentes e mutantes da sociedade.
- PharmaFutures 2 – Prescrição para geração de valor a longo prazo analisa parâmetros chave para a indústria e para a sociedade, focando no ambiente operacional atual.
- PharmaFutures 3 – Oportunidades Emergentes foca na identificação de soluções inovadoras e ao mesmo tempo práticas, como novos modelos de negócios, parcerias, que resultem em sucesso comercial e melhorias na área de saúde em países emergentes; explora as relações entre modelos de negócio sustentáveis e resultados em melhoria da saúde em mercados de renda média, incluindo a China, Índia e Brasil.
- PharmaFutures 4 – Valor Compartilhado: Reconstruindo o Contrato das Farmacêuticas com a Sociedade explora a necessidade da indústria de refazer seu contrato social para assegurar que os sinais do Mercado sobre as necessidades não atendidas dos pacientes e os incentivos para pesquisa e desenvolvimento estejam mais bem alinhados. É um diálogo entre investidores institucionais e executivos do setor sobre três importantes tendências: o aumento das agências de tecnologia na área da saúde e novos desafios relativos ao acesso a mercados; a inovação e o capital natural, incluindo as mudanças climáticas e a biodiversidade.

Contexto do projeto

O PharmaFutures foi criado como uma resposta aos sérios desafios que a indústria farmacêutica enfrenta e, especialmente, a questão do dilema de apresentar resultados de curto-prazo para os investidores e, ao mesmo tempo, atender as crescentes expectativas da sociedade por medicamentos eficazes, acessíveis financeiramente e disponíveis.

Os principais desafios enfrentados pela indústria são:

- Limites a inovação: a indústria enfrenta uma onda de patentes sendo expiradas sem que haja compensação por novas aprovações de drogas, aumentando, ainda, a concorrência pelos genéricos. Neste mesmo contexto, a indústria passa por uma experiência de fortes limitações em inovações, ou por uma “crise de produtividade”, devido a um desequilíbrio nos três fatores que direcionam o sucesso da indústria: um forte processo de pesquisa e desenvolvimento; um sistema de recompense que encoraje a inovação e a descoberta de novos medicamentos que as pessoas querem ou precisam e a disponibilidade e acessibilidade dos medicamentos. Nos últimos dez anos, o número de aprovações pelo FDA de novas moléculas (NME – new molecular entity) apresentou queda, enquanto os investimentos em pesquisa e desenvolvimento mais do que duplicaram (PharmaFutures).
- Demandas crescentes da sociedade por melhorias na saúde: o cenário e de mudanças nas doenças, incluindo doenças crônicas que requerem tratamento prolongado, aumento da idade da população, levando a um aumento na demanda por medicamentos por um período de tempo maior.
- Pressão nos orçamentos da saúde, tanto em governos como em corporações de assistência / seguro, para redução das despesas com saúde. Este cenário tem levado a uma busca de maior eficiência nos sistemas de saúde em todo o mundo, fazendo com que as despesas com medicamentos estejam em avaliação detalhada, especialmente na Europa.
- Preços e patentes são outro assunto importante no setor. Os preços vem sendo cada vez mais controlados, as empresas são continuamente questionadas sobre suas políticas patentárias, de precificação e inovação. Ao mesmo tempo, vem se discutindo formas adequadas de recompensar os investimentos em inovação disruptiva ou incremental.
- Perda da confiança com stakeholders chave. As pesquisa de Mercado concluem que a indústria farmacêutica ainda tem muito a fazer para manter a confiança de seus *stakeholders*. A pesquisa de 2007 do Ipsos sobre a percepção das grandes companhias mostrou baixos níveis de confiança no setor farmacêutico.

Impactos ambientais – as restrições e oportunidades associadas a contribuição que o ambiente natural faz a prosperidade econômica devem se tornar mais evidentes na indústria farmacêutica nos próximos cinco anos.

ANEXO D – Normas para transcrição fonética (UFRJ/ABNT)

Conforme já referido, a respeito das normas utilizadas para transcrição fonética – transformação em texto de depoimentos orais gravados, foram utilizadas as recomendações da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), adaptadas a partir das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para a transcrição das entrevistas realizadas para fins deste estudo. A reprodução das referidas normas consta a seguir.

Normas de transcrição

Tendo em vista a tradição empregada na transcrição grafemática das entrevistas em cada centro de pesquisa, as regras empregadas no Brasil e em Portugal apresentam diferenças. A seguir, detalha-se o significado de cada convenção empregada nas transcrições do PB e do PE:

a) Nas transcrições das entrevistas do PB:

Situação	Convenção
Qualquer pausa	...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Comentários do transcritor	((ruído))
Truncamento, interrupção discursiva	/ (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer...
Alongamento de vogal e consoante (como r, s)	: ou :: (se for muito longo)
Interrogação	?
Entonação enfática	Maiúsculas (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)
Silabação	- - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)
Aspas	Discurso direto
Superposição, simultaneidade de vozes	[[(ligando as linhas) Obs.: Se o primeiro locutor continuar falando sem parar, apesar da superposição de vozes, colocar um sinal de = ao fim da linha e recomeçar, após a fala superposta, com um sinal de =, para indicar a continuação. Exemplo: L: eu gosto muito de histórias infantis... [sempre que eu =

	<p>D: [sei</p> <p>L: = posso leio pros meus netos</p>
--	---

Observações:

1. Iniciais maiúsculas só para nomes próprios (figuras públicas, locais etc.) ou para siglas.

2. Se houver nomes citados durante a entrevista (o nome do informante, por exemplo), usar os seguintes “códigos”, para que seus nomes não sejam divulgados: LM, no caso de informante/ locutor masculino; LF, no caso de informante/ locutor feminino; D, no caso do documentador.

Ex.:

D: bem... Maria... você trabalha? = D: bem... LF... você trabalha?

L: Silvia... trabalho demais da conta = L: D... trabalho demais da conta

Outras pessoas citadas serão identificadas por M. (no caso de masculino) ou por F. (no caso de feminino).

3. Fáticos: ah, eh, ih, oh, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó (=olha), pô. (Obs.: Diferenciar eh (marcador, interjeição) / é (verbo); né (marcador) / não é (verbo))

4. Números: por extenso.

5. Não se usa o ponto de exclamação.

6. Podem-se combinar sinais (::...).

7. Não se usam sinais da língua escrita (vírgula, ponto etc).

8. A transcrição não é fonética; deve-se seguir, em linhas gerais, a ortografia-padrão – qualquer pronúncia de você: “você, ocê, ce” = você; “dum, de um, duma, de uma” = de um, de uma; “pruma, pra uma” = pra uma; “prum, pra um” = pra um; “cantaru, cantarum” = cantaram; “cantum, cantaum” = cantam; etc. Registrar os grafemas finais de “falou”, “tou”; “cantar”, “saber”; “vamos” – independentemente da pronúncia.

Algumas concessões à pronúncia (usos muito cristalizados):

i) Registrar “da”, “do”, “na”, “no”, “num”, “numa”.

ii) Registrar “pra(s)/ pro(s)”, quando se fala “pra” e “pa” / “pro”; registrar “para” quando se fala “para”.

iii) Registrar as variantes de “estar” da forma como forem ditas, de fato, pelo informante: tá, tou, tava ou está, estou, estavam, etc.

iv) Registrar “vô” (= avô)

9. Antes da fala do documentador, colocar D: (se houver mais de um: D e D2)

Antes da fala do informante, colocar L: (se houver mais de um: L e L2)

b) Nas transcrições das entrevistas do PE:

Situação	Convenção
Pausa breve	-
Pausa mais longa	--
Pausas preenchidas	ah eh mmh
Hipótese do que se ouviu	/hipótese/
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Comentários do transcritor	((ruído))
Interrogação	?
Exclamação	!
Superposição, simultaneidade de vozes	Sublinham-se as duas falas sobrepostas

Observações:

1. Iniciais maiúsculas só para nomes próprios.
2. I = Informante; D = Documentador / inquiridor.
3. Não há sinais de pontuação, exceto ? e !.
4. Várias instanciações da mesma palavra: transcrevem-se todas (por ex.: a a a a caixa).
5. Faltas de concordância: mantêm-se, sem correção.

ANEXO E – Transcrição das entrevistas realizadas

A seguir, a transcrição das entrevistas que compõem o banco de dados empíricos desta dissertação.

ANEXO E.1 – Entrevista – **Empresa 1**

Tempo: 00:31:27

Entrevistador – primeira pergunta que eu quero te fazer Entrevistado é o que que você entende por responsabilidade social?

Entrevistado – pra mim responsabilidade social é:: é o meio onde a empresa... pode atu/ atuar no no no meio onde ela ta inserida... tanto () fazendo ganho pra ela e ganhos pra sociedade... é no no *shared value*...() valor compartilhado

[
Entrevistador - ahan...

[
Entrevistado - tanto com a empresa quanto com o meio...

Entrevistador – e sustentabilidade é:: mais ou menos isso ou você acha que é diferente?

Entrevistado – sustentabilidade é diferente... pra mim sustentabilidade é o todo sustentabilidade/ uma empresa tem que ser sustentável em tudo que ela faz certo? Sustentabilidade/ lucro... () sustentável (nos) produtos que ela faz... sustentável em tudo... sustentabilidade é um termo que _e super mal empregado... sustentabilidade _e em tudo... é um termo que o marketing pegou pra colocar e... () a empresa é sustentável se não... não ganha nada...

Entrevistador – se não não tem futuro...

Entrevistado – se não não tem futuro...

Entrevistador – e::: _e acha que:: esses conceitos de responsabilidade social sustentabilidade de alguma forma se relacionam com a ética?

Entrevistado – () acho que

[
Entrevistador – como?

[
Entrevistado – eles () se relacionam... acho que o... espera-se que... uma um/uma (atuação) ética tem que ser sustentável ou atu/atuando de acordo) com uma responsabilidade social... uma responsabilidade social pressupõe que você está sendo ético...

Entrevistador – ta:...

Entrevistado – ()

Entrevistador – e::: na indústria farmacêutica vamo pensar especificamente... de que forma que esses conceitos se relacionam?... _e acha que é um caso especial?... ou a indústria farmacêutica é como qualquer outra indústria?

Entrevistado – Não eu acho que a indústria farmacêutica é ((gaguejo)) um caso a parte porque a ética na indústria farmacêutica é mai/é mais forte... mais a indústria farmacêutica com relação à ética porque ela lida com vidas... lida com saúde... e... a responsabilidade social vem _e/vem... juntamente... co/com a ética porque ta/ ela também da mesma forma ta lidando co/com vidas... então ela tem que garanti/garantir... garantir todos esses papéis...

Entrevistador – _e... legal... éh:::: como que:: a indústria avança na tua opinião?... ai você vai dar uma visão de alguém que trabalha numa indústria que faz pesquisa... né que desenvolve medicamentos... ela avança de que forma?

Entrevistado – de... () geral?... em todo?

Entrevistador – pensando em:: produtos mesmo né... como que::... é o processo de crescimento de uma indústria...

Entrevistado – ué... eh ela cr/ela cresce acho que ela cresce e cada vez mais ela ela tenta olhar para doen/ pra pra medicamentos e pra doenças negligenciadas né:: eu acho que iss/esse é:: o... é é é uma mudança de paradigma que a gente ta/ta tendo que/ na última década... tem se falado mais em...em... em medicamentos pra doenças negligenciadas... e e e.. grande parte disso é porque os países emergentes têm pod/poder de compra... acho que também nu/num dá pra ser... demagógico e falar que ((com tom irônico)) ah.. a/ah:: estamos sendo bonzinhos e:: () estamos criando medicamentos pr/pra doenças negligenciadas que antes (a gente)... que nu/num... num conseguia.... a indústria sempre conseguiu... a questão é que a ca/cada vez mais as pessoas tem um poder de compra...

Entrevistador – Uhum...

Entrevistado – co/como eu tava falando tem que ser sus/... tem que ser sustentável/ alguém tem que comprar o medicamento porque... o me medi/o medicamento dem/demanda um um custo alto à empresa... o o maior custo da empresa é na pesquisa... então você precisa que alguém... banque ess/esse custo de pesquisa...

Entrevistador – e na pesquisa... no processo de: inovação de desenvolvimento de um novo produto... _e acha que qualquer resultado é válido? (então) eu to desenvolvendo um produto... pra uma doença xis e ele atua/ descobre-se né? No final do processo que ele é muito bom... pra combater essa doença... mas ele tem alguns outros efeitos... _e acha que qualquer resultado é válido?

Entrevistado – acho que é é/ acho... que se você ta sendo transparente... se você tem () tudo processo que que... que você segue e () tudo como processo () é um processo grande e::... e ai ai ai eu acho que num cabe cabe.. num num cabe muitos erros... eu acho que acontecem erros ma::... nu/num num tem muito espaço pra erros...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – então tod/todos os os efeitos... e tod/todos os os – vamos chamar de efeitos colaterais – de de de... de um/ da descoberta de um medicamento... eu acho que cabe.... eu acho que::... faz parte do processo... eu acho que dificilmente (co/consta)::... eu acho que pesquisa é nada mais/menos que:: tentativa e erro...

[

Entrevistador - Uhum...

[

Entrevistado – você espera::... achar u/um resultado a mas _e pode acabar achando o resultado b... e o b: pode ser melhor: ou pior que o a mas você... ((chiado)) () que chegou lá...

Entrevistador – _e... então _e acha que é a transparência que manda... mesmo que você tenha um monte de:: efeitos colaterais... indesejáveis... éh::: uma vez que você é transparente que você::...

Entrevistado – eu acho que _e::: _e::... () no processo... primeiro é na criação do produto e aí na/ durante a criação você pode ter efeitos colaterais muito pesados ou muito ruins ou muito danosos... daí você tem todo o processo de descontinuação desse produto você num/nem colocou o produ/produto em mercado... o produto ta na sua fase de pesquisa... aí _e _e tem a fase que _e ta comercializando o produto... aí quando _e ta comercializando o produto você/ espera-se que você não tenha pro/problema algum... de efeitos colaterais pesados... () você tem toda um:::/uma fase de testes pra evitar que isso aconteça e logicamente _e/pode acontecer... acho que _e tem (dois) caminhos a seguir... acho que se _e tem u/um um medicamento que ta ta com efeitos colaterais novos... e esse medicamento já _e sendo comercializado... você deve/ você de/deveria retirá-lo e e e seguir de uma forma diferente... e não quem nem falar ((em tom irônico))... ah... descobrimos... que pena que descobrimos agora tarde demais... uma postura ética des/de uma companhia deveria ser... retirar o produto e e e seguir de forma diferente...

Entrevistador – ta... legal... _e já ouviu falar do princípio da precaução?... conhece ele?

Entrevistado – não...

Entrevistador – então vo lê ele pra você...

[

[

Entrevistador: também não conhecia... ta... comecei a pensar:: nesse princípio da precaução... a partir de um documento que minha orientadora trouxe... uma reunião que ela foi agora há pouco no Uruguai... que é do comitê::... de ética... pra ciência e tecnologia da UNESCO que ta discutindo ética nas mudanças climáticas...

[

Entrevistado - Uhum...

[

Entrevistadora - e eles falam muito do princípio da precaução... aí a definição que eu vo lê pra você/ ela foi consagrada durante a eco 92:: no rio... e:: ela tem um viés muito ambiental... mas:: eu acho que serve pra a gente pensar:: no princípio... aplicável a qualquer esfera... então eu vou ler aqui pra você... é o princípio quinze...

[

Entrevistado – uhum...

[

Entrevistador – da declaração do rio... “com fim de proteger o meio ambiente o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis... ausência de certeza científica absoluta... não será utilizada como razão para o adiamento de medidas economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental”... então vamo tentar fazer uma transposição do ambiental pra área da área onde atua a indústria farmacêutica... _e acha que esse princípio seria aplicável?... quando _e ta pensando no desenvolvimento de um produto novo?... como?

Entrevistado – eu acho que/ é ((gaguejo))... um pouco mais complicado porque você não tem sempre a certeza eu acho que:: é difícil você ter a certeza que _e ta:: (desenvolvendo) um medicamento... eu acho que _e tem/ _e tem alguns danos que você tem conhecimento e que _e pode/ você tem controle deles... que/que tão na sua mão o controle mas _e tem alguns danos que você não tem como mensurar e _e nem como esperar... eu acho que esses danos você... como eu falei... cê tenta controlar... mas eu acho que tem out/outros danos que você pode _e pode melhorar... com ganho que é a questão/ toda a questão de acesso de de desse produto... a questão de... de de do ganho que esse produto vai te quando... quando quando ele (está) sendo comercializado... e acho que pen/pensando já no fato de da com/ de comercialização do produto...

[

Entrevistador - uhum...

[

Entrevistado - pensando você () o produto... pesquisou ele e já está sendo comercializado... eu acho que/ você poder colocar ele:: de uma forma mais acessível... permitindo que mais pessoas tenham acesso a ele e não colocando como um... como um novo produto... e colocando preços muito alto... e colocando () ape/apenas pr/prá pro acesso de uma elite... eu acho que você garante:... garante... que ele seja:: que ele seja menos danoso... pro pro pro:: meio em que ele esta...

Entrevistador – ta:... mas vamos pensar assim o produto que:: no processo de desenvolvimento dele... _e:: ta investindo milhões...

[

Entrevistado - uhum...

[

Entrevistador- que as cifras são muito altas né?... e aí você:: se depara com um:: dano que é muito grave:... e que as vezes é irreversível... pra aquele:... ser humano que ta tomando o medicamento... seja ele::/ bom provavelmente durante a fase de teste... a gente não ta pensando na comercialização ainda... você acha que se a gente obedecer:... o princípio da precaução... a gente vai pra frente ou você acha que o princípio da precaução é um luxo:: é algo que:: não... faz sentido... na indústria farmacêutica?... durante o processo de desenvolvimento...

Entrevistado – olha pe/agora pe/pe/pensando na indústria como um todo é difícil falar... porque _e tem/_e/sabe de indústrias e indústrias... _e tem empresas que vão seguir um caminho _e tem empresas que vão seguir outro caminho... ah::... voltando um pouco na/ voltando um pouco na ética _e tem a a ética... regimenta algumas indústrias mais que outras... ah seguindo pela ética você/ah... você deveria retirar e e e e e cessar a pesquisa por aí... eu acho que se você tem um dano irreversível pra/prá prum ser humano... eu acho que independente do ganho que você vai ter... logicamente... _e tem algumas doenças terminais que _e tem um ganho de vida/uma sobrevida um pouco maior aí você/ uma questão maior mas... se você ta não/tendo um dano pra essa pessoa e e e o ganho não é maior o/ou aí você para ou ces/cessa a pesquisa por aí... independen/independente do do do valor que foi investido...

Entrevistador – ta... e com relação às pessoas que participam desses::... testes dos testes clínicos... no desenvolvimento de produtos _e acha que elas são adequadamente informadas treinadas... o que que::... poderia ser melhorado nesse processo na tua visão?... pensando no princípio da precaução...

Entrevistado – eu acho que/ a questão é... manter/ trazer o processo mais à tona eu acho que o processo ainda tá um pouco no ainda é uma coisa que poucas pessoas conhecem... ainda ainda é desconhecido... toda to/todo todo trabalho que é feito em cima do/de pesquisa de medicamento... ah o medicamento nunca chega... a um ser humano... poucas vezes chega a a a um ser humano (tra)/com grandes chances de de fazer um mal... tem toda fase/ tem todas outras fases de teste antes pra prevenir... que que faça mal a uma pessoa....

[

Entrevistador - _e acha que isso é:: na maioria das indústrias? Ou... bom... _e...

[

Entrevistado – nas grandes indústrias de pesquisa... eh eh:: o processo é regimentado ele segue assim... ele segue com... com/pelo/pelo menos duas fases antes... pra:: evitar que que que isso sej/... chegue... possa causar o mal para um ser humano...

Entrevistador – ta... legal... aí eu já te perguntei né? Como você acha que deveria ser a pesquisa de um medicamento antes dele ser lançado?... é um pouco do que você tava falando....

Entrevistado – é é/mas eu/ mas...

[

Entrevistador - que seria a ética e precaução nesse caso?

[

Entrevistado - eh... aí eu acho que/é um tema bastante controverso né... porque _e tem o uso de animais... _e tem o uso de:../_e tem vários usos de... de animais animais diversos _e tem... um trabalho sendo feito pra tentar utilizar modelos de computador:: pra tentar prever:: o que vai acontecer o que não vai acontecer e tudo o mais... mas eu acho que/com tudo isso _e ta/_e ta lidando com vidas ta lidando com sistemas vivos... _e ta/ é é orgânico a coisa... então _e não pode substituir muito assim... _e tem/_e tem que utilizar animais::... _e tem que utilizar:: seres humanos.. e e... num/eu acho que que... é complicado porque::... _e fala/_e fala sofrimento e sofrimento acaba sendo inevitável nessas horas:: as vezes eh/as vezes é é uma troca de::... eh... seis por meia dúzia às vezes... _e pega u/uma pessoa doente e:: e e troca uma doença:: por um efeito colateral ()...

[

Entrevistador - uhum..

[

Entrevistado – eu acho que isso é é... de repente se (evitar) ao máximo... mas evita-se cu/cu/cum a descoberta _e fala olha::... descobrimos que i/isso aconteceu... na próxima vez na/não vai acontecer... e e: eu acho que a/as vezes é a (mascara) do ser humano... tem que fazer:: pra descobrir... que isso aconteceu...

[

Entrevistador - mas _e acha que isso é aberto assim transparente::... é...

[

Entrevistado - não eh:: eu acho que isso não é aberto não é transparente eu acho que isso/... é é esse processo todo que a pesquisa ainda é muito nas (trevas)... e e... como muita coisa na industria farmacêutica eu acho que deveria vir mais à tona... que tam/tamém tamém... traria à tona o porque (as vezes) do preço do medicamento se/se/ser tão elevado...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – as vezes as pessoas nu/num entendem porque o (perco do) medicamento é tão elevado... e toda essa bronca em cima da indústria... ((imitando pessoas)) ceis tão querendo ganhar dinheiro fácil em cima da doença... tem esses... esses dizeres que se escuta por aí ((novamente)) ah mas a indústria farmacêutica cria doenças:: a indústria farmacêutica quer ganhar dinheiro:: na verdade eh...

Entrevistador – é que tem alguns casos emblemáticos né?... de:: lucros... bons... os *blockbusters* () como se fala... que o lucro é:: demasiado:... na área que se está...

Entrevistado – então... é por é por isso que é interessante trazer à tona todo o processo porque se/se/ pra cada molécula:: descoberta... _e _e tem cem outras que não deram certo que não foram pra frente... e e os cientistas tão () descobertas... os pesquisadores ta/tão pesquisando as moléculas e ta/tão querem/tão querendo trazer algo à tona... que muitas vezes não vai pa frente mas:: eles num/assim.. a gente nu/num pode pagar... o pesquisador simplesmente pelos ganhos que ele traz... o medic/medicamento que que que te/que teve comercialização... senão aí:: _e te/ _e tem de novo uma insustentabilidade do do negócio... eu acho que:: ah: todo processo de pesquisa... deveria ser... ser trazido à tona... e de forma transparente fala olha utilizamos cobaias::... te/te/tem pessoas que part/participam de tes/testes clínicos... e e:: acho que isso... ta se falando... um pouco mais eu acho que:: te/tem um caso recente eu acho que na na a a:: a mídia trouxe bastante:: de uma paciente de *Parkinson* que te/que _e participando/ isso também faz parte de teste clínico... de um procedimento novo... pr/pr pra::... pra curar o mal/ma/mal de Par/de Parkinson::... i/isso faz parte de de tentar:: minimizar um pouco esses males: de da de... causados pelas pesquisas clínicas que as pessoas ainda tem essa visão errônea de achar que... são pessoas:: enclausuradas... que ficam: recebendo doses de ninguém sabe o que::... pra tentar descobrir o que vai acontecer com elas...

Entrevistador - talvez falte então abrir um pouco mais:: o que é feito:: até pra que: possa... haver uma contestação::: do real...

[

Entrevistado – uma um/uma contestação de que/de quem vai comprar e o o medicamento no final da/no final da linha... a indústria farmacêutica durante muito tempo... se fechou nu/num gr/num grande clube... acho que:: as indústrias em si elas elas ()... _e tem o clube da indústria farmacêutica o clube da indústria química... o clube da siderúrgica:: ah: e elas sempre se conversavam e e elas se controlavam e... o mun/o mundo comprava delas e ninguém queria saber o que tava acontecendo... eu acho que cu/cu/cum esse acesso mais rápido a informação... que ta/que/essa transformação de cinco anos pra cá::... as pessoas querem saber::

[

Entrevistador - uhum...

[

Entrevistado - o que ta acontecendo por trás de tudo... e aí logicamente se se se tem essa relutância em mudar... essa relutância em mudar é é... é mais uma coisa nata do ser humano... ninguém gosta de mudar... mas aos poucos:: a ge/a gente tem que... tem que... tem que:: abr/abri mão do do:: antigo e fala poxa vamos fa/vamos fazer... fazer um novo modelo e... e ceder... ceder nesse nessa muralha que temos... porque não mostrar... ou senão vamos mostrar algo que está errado:: e vamos ver o porque que ta errado e e e modificar....

acredito que a transparência é é:: realmente a cha/chave a chave... pra se conseguir grandes::... _e_/grandes conquistas...

Entrevistador – ela ta relacionada a ética... na sua opinião...

[

Entrevistado - a ética... a ética e a transparência a/a/andam de mãos dadas...

[

Entrevistador – ta... éh:: hum:::... você acha que isso tudo que a gente falou:: ta relacionado de alguma forma: com a responsabilidade social? Com a sustentabilidade::? Você vê isso:::... no teu trabalho::

Entrevistado – a questão de pesquisa? A questão de...

Entrevistador – essas questões que a gente abordou... a ética:: a questão da precaução na pesquisa:: no desenvolvimento de um produto novo:::...

((falando ao mesmo tempo)) ()

Entrevistado – eu acho:: acho... que no Brasil a pesquisa ainda... ain/ainda é é é pouco tratada... den::/dentro desse viés de responsabilidade social::... por dois motivos ainda a pesqui/a responsabilidade social no Brasil ainda é vista como filantropia:: como doação de dinheiro:::... esse:: esse esse braço... o braço que eu brinco que é é o *teleton* da responsabilidade social... mas::: e e e pesquisa clínica no Brasil ainda e/é::/ainda é pouco utilizada...

[

Entrevistador – uhum...

[

Entrevistado – porque o Brasil tem:::... alguns::... alguns entraves pra se fazer... pesquisa clínica no Brasil... mas::: a:: a/aos poucos que:: a pesquisa clínica ta sendo permitida no Brasil... e a/as indústrias:::... e as indústrias de pesquisa são todas internacionais... nenhuma:: _e num te/_e num tem pesquis/(indústria) de pesquisa no Brasil ainda... mas:::... então você num tem/num consegue ter grandes: pesquisas: no Brasil acontecendo:: _e tem pequenas acontecendo... e as::/e _e te/_e tem que ba/balancear o que o que acontece::... no Brasil:::... com a sua matriz:::...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – e com a sua política de responsabilidade:: social:: que ainda é vista: como doação de dinheiro... então _e tem... e e esse...

[

Entrevistador - mesmo estando:: numa indústria... que:::... tenha sua matriz fora? Então que:: em tese... já tem uma visão diferente do que é responsabilidade social...

[

Entrevistado - sim...

[

Entrevistador - _e acha que isso acontece aqui ainda?

Entrevistado – ah:::... acon/acontece acontece... nu/num/no meu caso por exemplo:: ah: a gente teve a/ma/a:::... a minha matriz gosta: muito do que acontece com com/ do que acontece de pesquisa clínica no Brasil... eles tem curiosidade de saber::: eles querem saber:::.. mas o Brasil num tem (tanta) curiosidade... eles num que/num querem exporta...

[
Entrevistador - entendi...

[
Entrevistado - eles são relutantes em fala de números em fala de pacientes:: eles acham que isso pode::... expor a indústria de de alguma forma... então é é interessante...

[
Entrevistador - isso dentro da mesma empresa??

[
Entrevistado - me me me... da própria empresa.... então é é:: é engraçado a área área de pesquisa/a área de pesquisa é uma/uma:: área que se (fecha) ainda mais... tem uma não/uma muralha:: dentro da pro/da própria pesquisa... acho que se falar de números:: se falar de dados:: pode-se estar expondo...

[
Entrevistador – então falar de precaução na área de pesquisa:: _e acha que é um:: tabu ainda... num tem:::...

Entrevistado – é um tabu porque é::: eles ah: alega-se sempre que se/que segue-se os protocolos: mas fala-se (tipo) quais são os protocolos?... segue-se os protocolos... é é o clássico a policia segue/a policia segu/se/segue segue a constituição... ah mais:::... cadê? Mas segue... bom podemos ver? Mas segue nós seguimos:: não precisa ver nós seguimos... então:: é aquela questão é...

[
Entrevistador - e _e fica confortável com isso? _e acha que:::...

[
Entrevistado - não:: nu/num fico... se você/assim... se _e for ver nu nu esse último relatório o o:: último relatório a gente:: a gente a gente:::... foi visitar um centro de pesquisa... nu nu nu Brasil.... e o trabalho realizado é bem: interessante... a gente tem.... mas a a::: () são fases mais tardias de pesquisa que acontecem no Brasil... mas o tra/o trabalho é be/bem interessante... e e e todo inte/todo interesse da matriz em utilizar o o o Brasil como centro de pesquisa...

Entrevistador – porque?

Entrevistado – porque:: é uma população grande é uma população e/economicamente crescente:::... e é é uma população diferenciada... é diferente você testar medicamentos numa população homogênea: com/como como a Europa... como os Estados Unidos:::.. ou uma _e/pop/população miscigenada como é no:: Brasil...

Entrevistador – _e acha que é mais pela miscigenação:: do que pela questão de custo::? Ou não?

Entrevistado – não.... é é... fortemente pela questão de custo... se o Brasil não tivesse _e/poderio econômico pra com/prá comprar o medicamento ninguém (testaria)... é é o gran/é o grande caso que a gente te/que a gente tem com a malária... porque ninguém/ ninguém () pra malária... porque ninguém/num/num é...

[
Entrevistador - porque a população afetada:: num tem:: condições de pagar...

[

Entrevistado - não tem co/num tem condições de pagar:...

Entrevistador – mas a pesquisa no Brasil:: ela é muito mais barata do que a pesquisa na Europa:... também:?... quando eu digo custo é o custo:: da pesquisa mesmo...

Entrevistado – ela ela:: ela é mais barata ela é mais barata mais ao mesmo tempo agent/agente não tem condições de trabalhar as primeiras fases que são as fases mais caras... ah::... cê te/cê te/_e tem quatro fa/quatro fases grandes de pesquisa... a a a primeira fase:: é a fa/é a fase dos pesquisadores mesmo... e isso o Bra/o _e_ia... é deficiente porque num (há)/num é investimento nas faculdades...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – aí a segunda fase é é:: é um braço desse... aí fase três e fase quatro a gente já consegue que é a fase que já tem pacientes utilizando e tudo o mais:: que já é um trabalho da indústria com os médicos... essas fa/essas fase a gente consegue () que é a fase que al/al:: algum paciente com alguma doença vai poder utilizar:: um medicamento teste...

Entrevistador – aí o Brasil realiza? Fases três e quatro?... e as outras _e acha que não realiza porque:::...

Entrevistado – não tem::... te/te/tem tem e/e/esse esse breque da:: da do governo brasileiro não permitir que/ que a indústria in/invista no Brasil.. que nenhuma indústria invista no Brasil e pra/porque o governo brasileiro: não invista na/na/nas universidades... então...

Entrevistador – mas fora:: os centros de pesquisa são das:: indústrias ou eles:: são parcerias com universidades?

Entrevistado – é parce/é parceria com universidade... então _e te/_e tem o o::... pessoa que ta estudando:... farmácia ou (xis pê te ó) coisa... e el/e ele não/e ele sai da universidade: e vai pro centro anexo:: que é uma construção: parceira da universidade com a indústria...

Entrevistador – entendi...

Entrevistado – então essa união não é permitida no Brasil...

Entrevistador – no Brasil... e::: depois disso tudo que a gente conversou você:::... continua definindo sustentabilidade responsabilidade social como você falou no início::? _e agregaria alguma coisa::?... _e acha que... tem a vê o que a gente colocou...?

Entrevistado – na/na não eu acho que o qu/o que eu coloquei no começo é a questão ética acho que atuação ética... tudo isso que a gente discute/discuti e acaba sendo::... sendo natural pra mim... mas::: não pr/pr quem ta la fora... eu acho que é::... é é um grande problema pra quem ta sempre lidando com responsabilidade social ta sempre pensando:: ta sempre querendo fazer mais::: éh... a gente tem que/... esquece do do do (gasto) da ética... eu acho _e ser transparente e e e querer ser o o o/ porque ta fazendo... então eu acho que esse/ acho que é o grande diferencial se/um::/numa atuação ética...

Entrevistador – e você vê::: isso sendo aplicado no teu dia a dia? _e consegue::? _e acha que _e enfrenta... barreiras pr/pr pensar e agir dessa forma?

[

não e/ e e/enfrento muitas barreiras eu acho que::... na na na minha vida pessoal não... na minha vida pessoal eu tenho gran/grand/grandes ganhos... mas na/na empresa eu enfrento não/muitas muitas barreiras...

Entrevistador – de que tipo?

Entrevistado – ah:: desde de ta sendo.../éh:: é é eu acho que:: a frase que eu mais escuto na na::/no meu dia a dia é eu quero salvar o mundo... então você::... e e acho que que/eu acho que não tem/é é um jogo de não/é uma pesquisa também:: é um jogo de tentativa e erro... eu acho que como _e/_e ta::... _e tem ideias esquisitas e _e tem ideias que podem dar certo... a questão:: é tentar sentar e ver se vai dar certo ou não... mas a a a... como/co/como (eu coloquei) as pessoas tem um receio em mudar... e eu acho que esse receio em mudar faz com que ela não tenham/estejam confortáveis como elas estão... ((imitando “as pessoas”)) mas porque eu vou querer fazer algo a mais?... vou querer:: criar:: uma iniciativa... que recicle tal: coisa porque que nós:: queremos:: alterar isso: ou não isso vai salvar o mundo não quero... deixa isso pro... *greenpeace* e tudo o mais... o pessoal... acha que::... responsabilidade social é é... uma questão de de... reacionária::... uma questão ()

[

Entrevistador - não tem nada a ver com o negócio::... as pessoas acham?

Entrevistado – ainda não... as pessoas não/ as pessoas não vêem o ganho que _e/pode trazer::... éh::... as pessoas assim tipo::... eu digo a a a maioria

Entrevistador – é... a maioria...

Entrevistado – mas _e/_e:: _e tem um () o outro que já consegue ver::... ou ou:: ou ler... _e tem reportagens ótimas:: saindo _e tem blogs ótimos tem pessoas que falam muito bem a respeito... qu/que mostram ganho de responsabilidade social... co/como vai trazer uma sustentabilidade (pro negócio)... ai eu/ai eu falo a sustentabilidade:: pro seu negócio... (_e/poder) andar melhor com suas próprias pernas... acho que esse é o negócio () se não você... _e não tem o seu dinheiro... _e nu/não tem o seu dinheiro no final do mês... ai eu brinco que ninguém ninguém é madre Teresa de Calcutá... ningu/ninguém ta aqui pra trabalhar sem dinheiro...

Entrevistador – éh: o sistema:: dentro do qual a gente vive e atua né::? Não tem como negar...

Entrevistado – acho que num tem/acho que não tem como negar... acho que _e/_e tem a/ações que _e pode fazer/trabalho voluntário é essencial:: pra você::... se tornar mais mais humano... se não _e vive... fora se tem algumas maluquices que todo mundo... gosta de fazer... (ou pelo menos) deveria gostar mas _e... mas no dia a dia _e... _e precisa... _e precisa::... ganha o seu dinheiro... mas...

Entrevistador – mas _e acha que:: o principal limitador:: é o:: modelo mental:: das pessoas? A forma como elas pensam:: e::: a barreira que

[

Entrevistado - é o comodismo... éh...

[

Entrevistador - elas teriam pra pensar diferente?

Entrevistado – é o comodismo... éh:: eu acho que as pessoas/ todas as pessoas ain/ainda enxergam que... eu posso continuar fazendo o que estou fazendo que nada vai mudar... aquela questão de estamos/es/estamos consumindo seis planetas... no ritmo que estamos/as pessoas ai/ainda não enxergam isso... acho que e/e/essa questão ainda nu/nu/num _e/_e/num chegou pra elas... e em tese eu não as culpo porque... as/elas estão há... muitas pessoas estão há décadas fazendo a mesma coisa nunca mudou nada pra elas::... e e e as vezes precisa de u/de um empurrão maior... precisa de um...

Entrevistador – mas _e acha que é possível... ou é impossível... essa transposição acontecer um dia:?

Entrevistado – é é é:: uma junção...eu acho que é por isso que::/é por isso que... é é... é uma coisa que eu discuto assim a gente tem que () de (custo) maior:: por exemplo de (forma) sustentável::... tem um grupo no () você

junta mais pessoas _e sempre _e mostra um poderio maior:... ai a pessoa sente mais/ma/as pessoas se sentem mais confortável... fala... acho salvar o mundo não ta tão chato assim...

Entrevistador – ta...

Entrevistado – acho que se tem alguma coisa errada no me/no meu meio de pensar vou refletir a respeito.... (tam/tamém) sozinho... sozinho é complicado... par/parece que... é formiguinha demais...

Entrevistador – mas ainda hoje você se sente::: um:::/uma formiguinha:: dentro de um sistema maior... que não ta pensando nessas questões que a gente abordou::?... ou ta?

Entrevistado – hum...

Entrevistador – ta no meio auto/ta no automático? ... () se imagina um cara de:: *marketing*:: de produto::... será que ele para pra pensar::: como é que foi desenvolvido aquele produto que ele ta vendendo que ele ta promovendo::?... será que essas questões da ética da precaução incomodam: ele de alguma forma ou _e acha que ta muito::: distante:::....

Entrevistado – não pr/pra pra *marketing* o/a responsabilidade social é é uma (coisa) distante... a a o o *marketing* usa sustentabilidade pra:: pra coloca:: logo:: e selinhos e verde nas embalagens... eles aind/eles ainda não/nem/não encararam que responsabilidade social... da real forma... eu acho que e e... de novo eu acho que... tem que ser um trabalho conjunto... acho que a a o o *marketing* pra não/vender produto tem tem que vim e entender::... a a a responsabilidade social da melhor forma:: e e e ser trabalhadas na na/não espero que a pessoa do marketing::... _e/venha:: venha e e e faça discursos::: sobre sobre a ética do seu produto::

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – mas também... me me deixa:: um pouco::... pouco incomodado com a questão de... de de... querer vender o produto com a causa que não é a verdadeira.... ah:: é é um balanço... um um balanço ma/mais honesto... em relação a (todos)...

Entrevistador – ta...

Entrevistado – mas espe/especificamente de pesquisa eu acho que _e/pouco é falado ainda porque... a população ainda na/na/não se... tem essa curiosidade... não tem essa necessidade de saber::... e e::... e internamente no Brasil ai/ain/ainda é um tema um _e/pouco (tabu)...

Entrevistador – fora _e acha que é mais aberto?... ou não?...

Entrevistado – é mais aber/é mais aberto... é mais aberto... ((gaguejo))...

Entrevistador – as pessoas conhecem mais:: os processos::

Entrevistado – é:: eu acho que tem menos estigma... num temos/nu/nu/num tem tanta essa questão de achar que é:: que é/um não/conglomerado querendo dominar o mundo: querendo ganhar dinheiro fácil::... utilizando-se de me/de me/de meios quase ilícitos pra co/pra conquistar... eu acho que sabe-se a verdade... acho é/acho es/es/essa ver/essa questão... é o viés:: científico que tem por trás disso...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado – eu acho que é tirar um pouco... tirar um pouco o dinheiro acho que o Brasil sempre se falou muito no... no no (lado) econômico então olha:: xis... e pra cada xis:: gasta-se y pra cada y gasta-se _e::... e e e fazer toda a/a esca/escadinha de valor:: porque que... o medicamento chego/chegou a tal: valor... e e e e (tira-se) isso eu acho que... la fora se/o qu/o que se vê mais é falar: olha... é uma pesquisa:: o/olha o trabalho que é uma pesquisa... então é... e/eu eu eu não sei: se se isso no Brasil co/co a população (geral) a gente conseguiria mostra esse lado científico olha... _e imagina que pra descobri que pra água... pra água ferver você precisa colocar

calor... e colocar calor (o cara) precisa descobrir que... pra aquela caloria foi um y de gás... não sei se conseguiria colocar colocar colocar essa visão: mas... eu acho que é é:: é o caminho mais correto é tirar essa/esse lado:: econômico deixa o lado econômico com a economia e deixa o lado científico com o medicamento... o medicamento...

[

Entrevistador - uhum...

[

Entrevistado - precisa do dinheiro que ta fazendo::/ pro ()/ pro cientista:: ta fazendo... ciência... não ta fazendo economia... (acho que é...)

Entrevistador - muito bom... eu acho que era isso::... tem alguma coisa que _e queira colocar::?... _e acha que:::...

[

Entrevistado - na/na não... eu acho que

[

Entrevistador - os (sistemas) são: pertinentes::?

[

Entrevistado - eu acho que são pertinentes... acho que ah::... assim... na/a a indústria farmacêutica... ta mudando ta... ta ta crescendo n/no/no meio da sus/da sustentabilidade::... () responsabilidade social a a... e a indústria nacional ta/ta ta crescendo na área de pesquisa... _e tem grandes empresas: nacionais... queren/querendo abraçar pesquisas querendo entrar na área de pesquisa:: e eu acho que com isso não/muita coisa va/vai mudar... eu acho que que entrar numa área de pesquisa não é fácil num é de/num num é nada fácil... competir com as grandes com as grandes que tão ai... não mai/não mais de um século... e as indústrias nacionais tem esse histórico de serem::... máquinas de xerox...

Entrevistador -()...

Entrevistado - co/co/coma (a que) elas mesmo brincam... então::... e elas:: cansaram desse rótulo até porque não é um rótulo economicamente viável::... então e/eles tão investindo em pesquisa...

Entrevistador - uhum...

Entrevistado - e co/e sendo/sendo nacionais:: elas elas tem um caminho muito mais fácil pra (trilhar) dentro do Brasil... () esperam que elas consigam... por que ai elas cons/conseguem () alavacar a a a as faculdades... alavancar:: as pesquis/pesquisadores locais::... e com isso a indústria ((gaguejo)) as multinacionais também: conseguem: andar... em paralelo... acho que a/a/é... o legal da indústria farmacêutica é que não tem/não tem essa rixa que ca/acontece em outras indústrias... () to/todas/todas se dão muito bem todas andam... ()...

[

Entrevistador - cada uma tem o seu espaço né...

[

Entrevistado - todas tem o seu espaço... to/todas conversam e/e... entre si... uma coisa interessante...

Entrevistador - muito: bom::... legal...

Entrevistado - obrigado...

Entrevistador - brigada: então::... vou parar aqui...

[FIM]

ANEXO E.2 – Entrevista – **Empresa 2**

Tempo: 00:59:53

Entrevistador – () então a primeira pergunta que eu queria fazer pra vocês:: é o que vocês entendem por responsabilidade social?...

Entrevistado 1 – éh: no meu modo de entender:: são as decisões que uma companhia pode tomar... avaliando os impactos dessas decisões... para... ah... o ambiente as pessoas.. ah... com visão de futuro.. éh::... que decisão tomar... que impacto essa decisão pode causar se é positivo ou negativo... anh:: e o quanto isso contribuirá... para ah::... o::: desenvolvimento éh::: socioambiental presente e futuro... pra fugir:: dessas denominações padrão:: assim né:: que a gente tem ai até de memória... né...

[

Entrevistador -

é:... essa que é a ideia mesmo...

[

Entrevistado 1 -

porque a experiência na

Empresa 2 é essa... então esse::/nós temos um determinado plano de saúde que atende aos colaboradores de todo Brasil e suas respectivas famílias... bom... vamos mudar esse plano de saúde... éh::: em função... de ajustes orçamentários... por exemplo... qual é o impacto que isso vai causar para a esposa de um colaborador do Chuí:: que está na terceira gestação no meio do período sendo atendida por um médico que vai deixar de atendê-la? Então... vamos rever esta decisão... e vamos buscar individualmente soluções... verificando que impacto: esta decisão vai causar... na qualidade de vidas das pessoas... isto eu to dando um exemplo de uma ação:: bastante operacional... anh::: com impacto obviamente na vida das pessoas... e eu to falando de responsabilidade social para público interno:: como o âmbito da responsabilidade social é gigante:: e compreende inclusive o meio ambiente a preservação... anh:: vamos dizer assim do sistema::: da biodiversidade e a preservação dos:: sistemas urbanos... porque o meio ambiente também prevê essa:: né?... te/essa questão dessa preservação tal... éh:: então eu to falando/to dando um exemplo pra::: ficar um pouco mais explícito esta definição anterior...

Entrevistador – uhum... mas você entende que ela engloba::... todos os públicos não só o público interno... claro quando _e fala... decisões:: impacto: ai você ta pensando... no público interno:: e::... nos outros públicos... que podem ser impactados pelas atividades da empresa...

Entrevistado 1 – interno externo público atual e gerações futuras...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – todo esse: esse contexto... por isso que é complexo por isso que não é uma e/equação simples de fechar né... e por isso que é diferente de investimento social... é diferente de:: apoio a causas e tudo o mais... e ai tem uma outra:: linha do que pode ser responsabilidade social empresarial que é:: desenhar programas processos e projetos... alinhados éh/anh à essência do negócio:: de maneira que... ao mesmo tempo que você promova um desenvolvimento econômico pra própria companhia e para a sociedade e para a comunidade... você promova a inclusão:: ou a educação para inclusão... então como a responsabilidade social é um âmbito... tão grande: a a medida que você desdobrando... eu definiria como... as decisões que você pode tomar... analisando o impacto dessas decisões... e o quanto elas serão positivas ou negativas para:... ahn:: as populações: vamos dizer assim atuais... e para gerações futuras... mais ou menos isso... não sei se::... () acrescentar Entrevistado 2?

[

Entrevistador - perfeito... e você Entrevistado 2... que que você:...

Entrevistado 2 – não:: e:/eu concordo eu vejo que responsabilidade social empresarial é:: essa capacidade que a empresa tem que ter de analisar.../de equilibrar o:: o... o que é da: própria empresa como o:: éh:: negócio dela... com a:: o:: impacto que ela tem::... nos seus diversos público... então seja no âmbito social como no ambiental como nu::/do negócio... essa capacidade de análise e de ação em cima disso pra mim é o que define a responsabilidade social empresarial...

Entrevistador – ta... e a sustentabilidade?

Entrevistado 1 – uhum...

Entrevistador – que é um outro termo.. que se usa muito... é diferente de responsabilidade social?... é:: maior? É menor? Que que vocês...

Entrevistado 1 – não.. não é diferente... mas ela traz em seu escopo em seu conceito... ahn:: algo mais amplo:: do que isso que nós acabamos de citar... ela traz a revisão.. de modelos de comportamentos de processos... ela traz a revisão de um modelo mental.. ahn:: pra que a gente:: consiga resolver o desenvolvimento econômico... junto com... o desenvolvimento social e a preservação ambiental... ahn:: sem que um seja ahn:: prejudicado... a despeito do desenvolvimento do outro... então ahn:: eu diria que... sustentabilidade:: não é só:: pensar em energia limpa... é também:: energia limpa... né?... então.. a gente tem uma definição pra sustentabilidade recente... que eu posso passar pra você... que na minha opinião é muito verdadeira::... eu vou depois... pegar ali nu/num/numa revista que eu tenho... que eu acho que traduz bem esse conceito:: ampliado... ahn... de:: de:: pensar... de um jeito novo... e: em função desse novo pensar::... assumir novos comportamentos... e isso é mudança cultural::... e isso leva tempo... ahn:: investimento... e predisposição... é mais do que isso ainda... éh:: uma visão... éh:: uma capacidade de ser visionário... e ter fé::... ness/é uma questão de fé pra mim acreditar:: ter crença... que esse novo modelo... vai te levar ah:: ao sucesso econômico:: e de preservação social e ambiental...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 2 – só complementando... pra mim a sustentabilidade ela tem:: uma:: palavra associada a ela que é essa... continuidade... então () é justamente isso que a Entrevistado 1 falou... com a capacidade de dar continuidade... de uma forma:: equilibrada... a sua empresa...ao seu projeto.. ao seu país... ao seu planeta...

Entrevistado 1 – é::... muito bem colocado porque a sustentabilidade:: ela está ligada a:: perenidade... e a responsabilidade social não necessariamente... porque:: você pode dizer que uma empresa é socialmente responsável:: se ela trabalha... é:: pelo presente... todos os dias ela ela vai.. promovendo uma inclusão social: um desenvolvimento sócio econômico:: e ambiental... sem essa visão de perenidade... eu acho que a sustentabilidade ta muito ligada...

[

Entrevistado 2 - eu acho que um bom exemplo do que você falou é por exemplo um projeto de investimento social.. que pode ser:: de um ano... isso pode ser definido como parte uma responsabilidade social sem necessariamente ser alguma coisa sustentável... ele é um projeto único específico...

[

Entrevistado 1 - é::... ele pode até levar anos:: todos os anos você investe... pode levar anos... mas não tem na essência:: a visão de:: ahn:: perenidade... no sentido de:: ser sustentável:: ao longo das gerações:: e tal...

Entrevistador – ele vai sempre:: depender:: de::... alguma outra questão?... é isso que vocês tão..

Entrevistado 2 – () pontual né?:

[

Entrevistado 1 - é ele é pontual... éh...

Entrevistador – muito bom... e vocês acreditam que esses conceitos:: se relacionam de alguma forma com a ética?... sustentabilidade responsabilidade social... se relacionam com ética?

Entrevistado 1 – bom::...ahn:: essencialmente sim... não tem como desvincular... né::... porque.. ahn:: uma empresa que: não tem:: como um valor:: a ética... pode.. ahn:: fazer investimento social?... sim... ahn.. pode ser socialmente responsável? Ou ambientalmente responsável?... não... então... ahn:: se::... por exemplo... você:: você::/vamos tomar como exemplo a *Empresa 2* né... não é o que acontece... então a *Empresa 2* investe::... ahn:: em programa de inclusão de jovens... de famílias de baixa renda... capacitando esses jovens o/dando a eles um/uma:: profissão::... com reconhecimento do MEC::... e empregando-os na própria *Empresa 2* ou fora da *Empresa 2*... esse projeto custa xis por ano pra *Empresa 2*::... e já acontece a cinco anos... a *Empresa 2* está fazendo um investimento social::... e toca a vida... as relações que a *Empresa 2* tem com os seus outros públicos::... se são relações éticas ou não... não estão em questão... o projeto social de inclusão de jovens continua acontecendo:: beneficiando essas famílias:: mudando a vida delas.. independentemente da *Empresa 2*... ter uma postura ética:: em tudo que faz...

Entrevistador – aham...

Entrevistado 1 – então isso pra mim é um investimento social tal.. agora ser uma empresa socialmente responsável... que é diferente de fazer investimento social::... prescinde:: de ser uma empresa ética... eu não tenho dúvida nenhuma... por exemplo você::... vou trazer pro negócio... nós ahn:: lançamos há três anos atrás o (produto x)... um medicamento pra tratar:: hipotireoidismo congênito::... essa doença... se detectada até setenta e duas horas após o nascimento do bebê... a criança::... ahn::... vai ter um tratamento e vai deixar de ser... ahn::... cretina... cretinice é uma doença né?... advinda oriunda do hipotireoidismo congênito... no Brasil é política pública:: fazer junto com o teste do pezinho... o não do hipotireoidismo congênito... as mães não sabem... os planos de saúde não fazem... porque custa caro::... as mães não exigem e a gente ta aí::... hum:: uma infinidade milhares de adultos com cretinice:: com imbecilidade por conta da falta desse teste... né... bom... aí tem uma questão uma política pública que não ta sendo cumprida... uma população que não tem informação::... e tudo o mais... quando nós lançamos o:: o:: (produto x)... junto nós lançamos uma cartilha de educação::... para... todas as mães do país... informando que elas podiam exigir isso do convênio medico ou do próprio SUS... já que é uma política pública... essa cartilha chama o segredo do pezinho... depois eu posso até te dar um exemplar.. e explica o que é isso... bom: ahn::... a receptividade a essa cartilha:: por parte dos médicos:: obstetras e pediatras que sabem da importância disso: sabem que::... no/se é uma política pública e que não é cumprida que força::... tem.. né... os médicos pra:: ah::... dentro de um hospital falarem olha:: vocês tem que fazer e tal... os médicos eles se sentiram tão:: privilegiados como:: portadores dessa notícia para o paciente deles e tudo o mais::... que nós recebemos assi/inúmeras cartas:: elogiosas... pedidos de impressão da cartilha.. autorização de impressão assim inúmeros... deixamos o *download* no no site.. pra quem quiser imprimir... ahn:: e de (mídia) espontânea gerou mais de quarenta... mídia espontânea é essa:: iniciativa... ahn:: porque que uma empresa como a *Empresa 2*:: ao lançar um produto.. se mostra desse jeito largamente?... e mostra a cartilha e mexe com... com o governo?... é política pública vocês não estão cumprindo agora o *Empresa 2* ta aqui pra falar que tem que fazer::... porque ele

tem uma relação ética com o governo... né... porque e/ele tem.. dentro de casa tudo que é preconizado como melhores práticas.. porque senão teria receio em fazer... isso é responsabilidade social não é investimento social... então... quem faz responsabilidade social precisa ser ético... senão ele:: fica com telhado de vidro... né... pelo menos é o meu entender assim... com exemplo prático...

Entrevistador – muito bom... nossa... é interessante isso que você colocou... eu não conhecia...

((alguns balbucios))

Entrevistado 1 – () é...

Entrevistador – e você Entrevistado 2? Que que você gostaria de...

Entrevistado 2 – eu concordo... na verdade pra mim... éh:: ética ta muito ligado a::... inclusive a::: ao termo de sustentabilidade: também... _e não consegue ter... continuidade no seu negócio por muito tempo se você não tiver aplicado nele::... uma ética::... éh::... bastante:: coerente com o que você ta falando... você fica realmente com um telhado de vidro... a sua reputação... corre um risco muito grande... se você não atrelar as duas coisas... a ética:: a a de uma forma coerente...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 2 – então pra mim é: (bem) assim...

Entrevistador – e vocês acham que a indústria farmacêutica:: é um caso especial ou ela é como uma indústria de qualquer outro setor?... pensando ainda:: nessa questão que a gente ta conversando:: que é a questão da ética...

Entrevistado 1 – ah:: é um caso especial...

Entrevistador – é especial...

Entrevistado 1 – é muito especial... muito... muito... muito porque:: a natureza do negócio... requer uma ética... intrínseca né... ao negócio... é::... muito diferente... você sabe que eu tenho um/uma grande amiga que hoje ahn::... trabalha na XXX e que trabalhou durante muito tempo no XXXX... a XXXXXX...

Entrevistador – a xxx:: estive com ela hoje...

Entrevistado 1 – é:: mesmo?...

Entrevistador – é... eu não a conhecia...

Entrevistado 1 – é::... ela é muito amiga minha... nós nos conhecemos há anos... acho que há::... mais de quinze anos...

Entrevistador – olha só...

Entrevistado 1 – e a xxx:: quando chegou na xxx... de vez em quando ela me ligava assim ela tinha umas crises assim ela falava Entrevistado 1:: eu to em crise.. ((risadas)) () eu to em crise::... e colocava questões que/ ahn porque quem não/depois de um/eu quando cheguei no setor farmacêutico: também:: tive... essa ess/esses questionamentos né::... e as vezes você vai até ficando numa empresa porque você começa a ver o quanto ela é ética... e também uma empresa é ética no limite do que ela pode ser ética também né::... não tem um... ahn:: essa coisa de de de ética também... o morro tem uma ética... os traficantes tem uma ética própria... o código de ética dos traficantes é muito diferente do nosso... mas pra eles aquele ética tem que valer... _e num pode vender no no:: ponto do outro... é uma ética né::... então essa coisa de ética é muito::... ahn:: mais:: ahn::/então a indústria farmacêutica é muito específica... então eu acho que quem vem de outro setor: quem nem eu::... eu vim da xxx... não tem nada a ver::... quando eu cheguei aqui eu falei nossa:: que mundo a parte...

Entrevistador – é::... porque lida:: com a:: saúde...

Entrevistado 1 – é é:... é... com a vida:...

[

Entrevistador - com a vida:.... _e concorda:?

Entrevistado 2 – concordo concordo.... ela lida com questões muito:: ahn:: delicadas...então _e tem que ter:: uma/um peso:: e uma medida pro que você faz:: muito particular com:: relação a outras coisas... (então) que/produtos como por exemplo produtos alimentares não sejam:: também:: diretamente:: ligados à vida... mas é... numa proporção menor do que:::... ahn no caso de um medicamento...

Entrevistado 1 – é é... você veja: é/ a questão a acessibilidade...

Entrevistador – é:...

Entrevistado 1 – se você não não na/não pesquisa:.... ahn:: para descobrir:: ahn: cura para determinadas doenças:: que são doenças de pobre... de gente pobre... que não pode comprar... vai depender do *SUS*... gasta milhões de pesquisa pra vender:: medicamento pro governo... ahn porque o governo vai ter que dar:: esse medicamento pra população... () qu/qual indústria farmacêutica que ta pesquisando doença pra pobre?.... que eu saiba:.... só aparece ai no (*clipping*) diário que tem umas outras mas até agora eu não vi o medicamen/o comprimidinho aqui na minha mesa eu ainda não vi...

Entrevistador – é:.. é... bem o que você falou... são as:: as:: ditas doenças negligenciadas...

Entrevistado 1 – é:.... é....

Entrevistador – negligenciadas porque as populações tão:.... silenciosas... são populações que não tem voz...

Entrevistado 1 – não tem voz... é:: exatamente:...

Entrevistador – então morrem:: não sei quantos milhões:: de malária tuberculose... coisas que...

Entrevistado 1 – é gente transparente né.... então... é bem específico sim... agora:: acessibilidade: a *Nestlé* vai pensar em acessibilidade?... imagina:.... ahn:: a a a:: a *Kraft*... (*Fudges*)... imagina... tem gente fazend/a *Smack* faz salgadinho por um real o deles é três:.... quem pode comer de três como quem pode comer de um come... com medicamento não é bem assim:: porque nem o genérico:: gerou essa acessibilidade... a gente sabe...

Entrevistador – é:.. mas ai tem aquilo que vocês colocaram... a natureza do negócio... né que é muito:: distinta... agora pensando:: na evolução... no crescimento de uma indústria farmacêutica... como é que vocês acham que uma indústria cresce? Lançando:: produtos novos:: fazendo pesquisa:: de medicamentos:: inovadores:.... ou de:: genéricos:: enfim como é que vocês vem/ e aí eu vou entrar:.... é só um pouquinho...

Entrevistado 1 – uhum...

Entrevistador – mas é a visão de vocês.. né:.... não é necessariamente o que acontece no *Empresa 2*...

Entrevistado 1 – ta...

Entrevistador – eu gostaria de ouvir a visão de vocês....

Entrevistado 1 – éh:: uma indústria farmacêutica:.... ela pode crescer:.. ahn::: com produtos similares... não necessariamente pesquisando nem descobrindo novas moléculas e tudo o mais... bom:: ela cresce desse jeito:.... por um tempo... ou fazendo aquisições pra completar portfólio e tal... por um tempo... agora:: esta:: sustentabilidade... que leva: a um crescimento continuado... que faz com que a empresa mude:: de patamar... e passe por exemplo de uma empresa de um bilhão pra uma empresa de dois milhões.. por que ela foi valo/ de dois bilhões por que ela foi valorizada:: em função de um crescimento:: ano a ano... e ai ela mudou de patamar... e ai ela ta num novo patamar::: e ela va/ela vai ter que se sustentar... essa sustentabilidade:: no mercado farmacêutico:: que é muito competitivo:: ela só vai alcançar... com a pesquisa... a inovação... e as novas

moléculas... né... então formas de crescer tem várias:: vai comprando empresas pequenas vai com/co/complementando portfólio:: vai copiando medicamentos e vai lançando medicamentos mais baratos::... copiam referências... copia e faz genérico... isso é tranquilo... é relativamente tranquilo... é que não é tão simples assim copiar um medicamento:: é mais simples do que::...

[

Entrevistador -
desde o início...

mas é mais simples do que... você desenvolver

[

Entrevistado 1 - quinze:::: anos de pesquisas... então por exemplo eu acho que eu/(teve) essa experiência com o produto x... então: ahn::... a gente sabe o quanto::... ahn: é:/é um orgulho pra *Empresa 2* o produto x... bom... éh:: eu acho que a empresa pode crescer assim... mas ela pra:: sustentar o negócio e ir mudando de patamar... ela tem que pesquisar sim ela tem que inovar... não tem outro caminho... não tem...

Entrevistador – e pensando então nessa inovação... a gente sabe que quando se faz pesquisa:: se um novo medicamento... você:: pesquisa dez pra acertar um... num é?

Entrevistado 1 – é...

Entrevistador – mais ou menos essa::...

[

Entrevistado 1 - mais ou menos essa a proporção::...

Entrevistador – e:: isso porque?... éh:: qualquer resultado:: que você obtém... a partir de uma inovação na visão de vocês:: é válido? Quero dizer com isso o que?... vamos dizer que eu to pesquisando:: um medicamento:: pra... dor de cabeça... pra cefaléia... e eu achei um que é:: excelente... _e... toma um comprimido e cinco minutos você já não tem mais a cefaléia... mas ele tem como um efeito colateral::... um:: processo de dus/de destruição de células do fígado... eu to usando um exemplo hipotético...

Entrevistado 1 – ta::...

Entrevistador – não se se isso::... existe... vamos supor... que isso aconteça... durante o processo de pesquisa:: de inovação... isso é válido? Na opinião de vocês?... ou seja esse produto é bom ele deve ser lançado?... porque ele é excelente:: pra dor de cabeça...

Entrevistado 1 – não... não deve ser lançado... né porque la:: na frente... depois que esse produto tiver no mercado:: vamos partir do pressuposto que ele passou por todos os:: teste ahn:: de pesquisa:: clínica::... chegou no teste de pesquisa em humanos::... ahn:: foi la pra ANVISA... a ANVISA aprovou... pode lançar... suponhamos que ele passou por todo o crivo e chegou ao mercado... depois que ele chegou ao mercado ele é monitorado o medicamento vai sendo monitorado... nós vamos ter que fazer um *recall*... assim ah: mas e enquanto você estava vendendo esse medicamento o quanto você lucrou?... deixa::: o dia que tiver de fazer o recall faz... ahn::: na minha visão pessoal não é válido... porque você/a gente chega a ter cento e cinquenta e cinco projetos de pesquisa... você tem outras opções:: pra continuar a sua::... a sustentabilidade do negócio né::... ahn: então não é válido porque la na frente você vai ter dor de cabeça com isso... então... éh:: e/eu imagino que todos os laboratórios ahn::: enfrentem esse dilema ético... em algum momento... e tem tomar a decisão aborta aqui::... esse processo de pesquisa mesmo/quanto já gastamos ah: já gastamos... ahn:: sei lá... dez:: milhões... eu vou falar em milhões porque::... ai fora se gasta bi né... você que vai pra uma multinacional você sabe né: aqui na *Empresa 2*/ não aqui no Brasil as nossas pesquisas não podem alcançar as cau/a casa dos bi né?... senão a

empresa fecha mas... ((risadas))... mas assim... () já gastamos quanto milhões e ai vale seguir ou vale:... o/o/ou para aqui?... eu/assim eu acho que tem que parar...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – minha visão...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – não sei se eu fosse:: presidente... ou a diretora do unidade de pesquisa:: desenvolvimento e inovação... o que eu faria... não sei.. mas... ahn assim... como eu num/não ta nas minhas mãos tomar essa decisão é muito fácil falar eu pararia né... mas eu pararia...

Entrevistador – mas é:: a sua visão mesmo... que eu gostaria de ouvir...

Entrevistado 1 – ah:: não tenha dúvida... não tem dúvida.. pararia...

Entrevistador – e você Entrevistado 2 que que _e pensa em relação a isso?

Entrevistado 2 – _e::/eu também acho que não justifica:: nada que cause maior dano a longo prazo justifica você ter o lucro a curto prazo... então se você tem uma ética sustentável dentro da sua empresa se você trabalha com essa visão... você não pode:: lançar um medicamento que no longo prazo vai te::... vai: éh::... inclusive causar dano na sua reputação... então éh:: ou você segue na mesma:: no mesmo padrão... e você é coerente com o que você fala::... ou então:: você... éh:: usa outra forma de:: abordagem...

Entrevistado 1 – é:: tem um questão importante de reputação... éh: isso mesmo...

Entrevistado 2 – no longo prazo... se você colocar esse medicamento lá... você vai ter um problema de reputação... então iss/isso é válido?... nem do ponto de vista do negócio:: eu acho que é válido... quanto mais do ponto de vista::... humano: se você ta consciente que aquilo vai:: causar um dano maior pra pessoa... né...

Entrevistador – o que você colocou:: é mais ou menos:: o que o princípio da precaução coloca... vocês já ouviram falar do princípio da precaução?...

Entrevistado 1 – não...

Entrevistador – então eu vou ler:: por que eu também nunca tinha ouvido falar...

Entrevistado 1 – legal...

Entrevistador – e:: acho que seria interessante a gente falar um pouquinho sobre ele::... porque tem muito:: a ver com o que o você colocou agora... ele foi... consagrado: durante a eco noventa e dois... a reunião que acontece aqui no Rio... então... o princípio quinze... da declaração do rio sobre meio ambiente e desenvolvimento:: ele diz o seguinte::... com o fim de proteger o meio ambiente... o princípio da precaução deverá ser amplamente: observado pelos estados... de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves... ou irreversíveis::... ausência de certeza científica absoluta... não será utilizada como razão para o adiamento de medidas economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental... aqui a gente ta falando muito de ambiente::... porque ele foi consagrado:: na época...

((confusão de pequenas falas das entrevistadas))

Entrevistador - mas consegue extrapolar::... pensando nele como um princípio da precaução geral... né...

Entrevistado 1 – sim... é isso mesmo...

Entrevistador – então:: tem muito a ver com o que você colocou... e ai:: a minha pergunta é:: vocês acham que esse princípio:: seria aplicável?... na indústria farmacêutica?... durante:: o processo... de inovação... de pesquisa?

Entrevistado 1 – então.. ahn:: éh:: ne/ele ele deveria né... ahn: de fato ser um.... princípio né? ((risos))... éh:: agora... como aplicar... esse princípio:: talvez:: com::... ahn: um::/uma: um comitê... ahn: de pessoas de alto

saber... que possam... ahn:: diante de um:: de um:: dilema deste né... porque você pode dizer hoje eu tenho o/outras opções para aliviar a dor de cabeça... então pára aqui e se eu não tivesse?... e se esta fosse... a única opção pra alívio da dor de cabeça?... e ao longe de:: vinte anos... apenas e/que iria comprometer o fígado... mas ao longo de vinte anos essa pessoa vai deixar de ter dor de cabeça... e ela não tem outra alternativa... e aí o que fazer?... então eu acho que você precisaria de pessoas de alto::/um comitê de pessoas de alto saber... pra tomar a decisão::... se você aplica ou não::... o princípio... de precaução/precaução?

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – de precaução... e eu acho que deve deve ser aplicado... mas ahn:: hoje a gente sabe que se não tem o produto x/ vou falar o nome do concorrente *produto y*... ((risos)) mas e se não tivesse?... e se eu pudesse fazer a escolha:: olha eu prefiro viver os meus próximos vinte anos sem terríveis dores de cabeça... ahn:: e saber que meu fígado vai tá comprometido daqui a vinte anos... e se no meio/se nesses vinte anos surge... uma droga... que resolve o problema do meu fígado... entendeu...

Entrevistador – aí você tocou num ponto muito importante... você falou:: eu prefiro sabendo que... né... então você vai decidir... sabendo... olha:: ele vai tirar minha dor de cabeça eu sei que vai... provocar mau pro fígado... mas eu:: decido porque eu sei eu tenho a informação.. agora vocês acham que essa informação:: ela sempre está disponível? E aí:: eu to colocando: assim... hum::... vamos pensar num medicamento que não existe... realmente né por/ a gente usou o exemplo da dor de cabeça::... eu acho que ele é:: um/uma coisa muito:: comum... vamos pensar num mais complexo:: vai... num pra:: diabetes:: pra doenças crônicas::... enfim... éh:: a equipe que tá no processo de desenvolvimento daquele produto::... e aí:: as pessoas que estão::/são as voluntárias pros testes... pelos quais os produtos precisam passar::... elas começam a relatar... coisas que não eram esperadas... e que são:: graves ou irreversíveis... que é:: o que o princípio da precaução coloca...

Entrevistado 1 – uhum...

Entrevistador – como se::... comportar diante:: de uma situação como esse?... como vocês enxergam?

Entrevistado 1 – bom::... eu acho que as pessoas que são convidadas:: a fazer parte de testes... com novas drogas::... elas: devem ser prevenidas... de absolutamente: tudo... e ainda assim assinarem o termo... ahn:: ciente dos riscos ahn:: do processo... eu acho que/nossa naturalmente::... devem saber... eu tive um caso aqui eu tive um caso de um rapaz::... o xxx ele veio da empresa x:: ele trabalhava na empresa x::... morava aqui na zona norte:: e num processo de seleção ele se candidatou aqui e eu acabei o contratando... pra trabalhar em responsabilidade social... extremamente inteligente... com formação em jornalismo:: por graduação em empreendedorismo social... um menino assim: nota dez... e ele assim:: fazia seis meses que tava aqui na minha equipe descobriu uma doença::... uma insuficiência pulmonar::... esse insuficiência pulmonar o levava a não poder fazer::... gestos assim::... tipo triviais... como escrever... durante muito tempo...

[

Entrevistador - ele ficava cansado?

[

Entrevistado 1 - ficava cansado::... e (de/eu lembro) que quando ele se afastou eu fui visitá-lo:: e tudo::... e a esposa dele deixava um prato de comida de manhã:: dentro do microondas:: porque:: pra ele abrir o microondas:: botar o prato... e e comer já cansava... então ele só podia comer... então alguém ligava lá o microondas e trazia pra ele::... aí ele comia e descansava... gravíssima a e/essa doença... e:: e ele::... tinha acho que:: vinte e seis anos... vinte e seis anos... e ele se:: candidatou... a uma nova

droga... de um laboratório:: multinacional... porque essa droga custava:: doze mil reais... e ele tinha que tomar uma dose mensal la... e ai ele se candidatou e tudo... e ao assinar o termo de compromisso/até numa das visitas que eu fiz pra ele ele chegou a me mostrar... assim que os efeitos:: colaterais eram os mais... terríveis possível... e de fato não deu certo... a droga acabou não dando certo: pro caso dele: e tal... mas tava tudo relatado ali e ele assinou... né então:: eu acho que isso é: o que deve ser feito não sei se: todo mundo faz... mas...

Entrevistado 2 – éh:: ahn:: eu acho que o princípio da precaução é:: aplicável e:: inclusive: ela tem:: essa:: característica do... da livre escolha... né então:: eu acho que... tudo que o::/dentro da indústria farmacêutica tudo que você faz se você quiser fazer de uma forma sustentável: e ética... tudo tem que ta muito aberto: muito claro... né você tem que tê:: os efeitos ali numa bula:: você tem que ta com toda:::... todas as informações que você têm: disponíveis... inclusive as que você não tem você tem que avisar olha:: pode ser que tenham informações... que a gente não tenha descoberto... uma das coisas que a gente faz aqui é a (fármaco – vigilância) é justamente isso... é buscar:: informações:: das:: pessoas de eventos adversos que não estavam previstos... porque as vezes o teu organismo é diferente do organismo do outro... e:::...

Entrevistador – com certeza... é diferente né

((confusão de falas))

Entrevistado 1 – nós temos uma::: é uma campanha muito legal: né Entrevistado 2: a Entrevistado 2 até que trabalhou na comunicação dessa campanha:: cada um de nós é um fármaco – vigilante... porque a gente relata o efeito adverso na sogra:: no sogro:: na prima:: e traz aqui pro *Empresa 2*...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – ahn::: porque tudo: que se sabe ta na bula... e o que não se sabe ainda?... e é isso que a *Empresa 2* quer né::... desenvolver...

Entrevistador – então isso que não se sabe ainda:: vocês acham que é uma coisa:: que é descoberta:: com: o medicamento já no mercado?

[

Entrevistado 1 - sim porque...

Entrevistador – ou será que o desenvolvimento:: dos produtos: ele deveria ter algumas etapas a mais::... enfim que que seria a ética:: e a precaução::... nesse processo de desenvolvimento do produto?

Entrevistado 1 – é que/é que essa campanha ahn: da fármaco - vigilância é assim::... um refinamento:::... assim ahn é é aquele:: a mais... ahn:: de um medicamento que já passou pelo crivo de todo mundo já foi registrado na ANVISA e já está no mercado... então a gente: parte do pressuposto que ele atendeu a todas essas:::...

[

Entrevistado 2 - o efeito adverso normalmente:::... é uma coisa específica... por exemplo:: é:::...uma uma forma como você tomou o medicamento:: ou ao teu: organismo... não é alguma coisa:: provavelmente:: éh:::éh: não é que nem o efeito... que ta normalmente na bula... () uma característica mais específica...

Entrevistado 1 – não é aquilo que é: amplamente:: documentado:: porque foi amplamente verificado... é um ev/um ev/um evento adverso é específico:: do organismo de um indivíduo...

Entrevistador – entendi....

Entrevistado 1 – e que:: a Empresa 2 também quer conhecer... então já é um refinamento do...

[

Entrevistador - então vocês acreditam no:...
que:... o produto só é lançado uma vez:: que se tem:: segurança... tranquilidade... que todos os princípios éticos de precaução e tudo o mais que possa existir:: tenham sido obedecidos... vocês acreditam que é assim que funciona?...

Entrevistado 1 – eu acredito...

Entrevistador – ta...

Entrevistado 1 – eu acredito...

Entrevistador – então vocês não pensariam em:: agregar:: nenhuma fase: ao processo de desenvolvimento:: vocês acreditam que é suficiente o que é feito? Que as pessoas que se voluntariam:: elas são devidamente treinadas e preparadas:: pra aquilo

Entrevistado 1 – sim.. sim... eu acredito nisso... porque eu não consigo conceber nada diferente...

Entrevistador – entendi...

Entrevistado 1 – então:: não conheço: profundamente... estes processos... na/não/nesse segmento farmacêutico... mas eu posso dizer que eu conheço bem::... na *Empresa 2*...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – então eu to falando assim: com base nisso...

Entrevistador – perfeito... perfeito... é a impressão de vocês...

Entrevistado 1 – é...

Entrevistador – ta legal... e... depois disso que a gente conversou... vocês:: acreditam que:... o que vocês definiram como responsabilidade social e sustentabilidade: é aquilo mesmo?... vocês pensariam em::... ampliar: depois dessa discussão que a gente fez sobre a precaução:: a ética?... ou:: ta dentro daquilo que vocês colocaram?

Entrevistado 1 – éh::... eu acho que é/n/no no conceito de... éh::... tomar decisões avaliando os seus devidos impactos:: cabe... ahn:: exatamente isso... bom peraí:: essa decisão aqui ó: parece que o impacto... não vai ser positivo vamos voltar atrás... né então:: eu acho que cabe eu acho que caberia... pra mim tudo bem...

Entrevistado 2 – pra mim também... pra mim o princípio da prevenção ta muito ligado a essa continuidade:: tanto::... econômica quanto:: social e:: ambiental de uma empresa... não tem:: sustentabilidade num ta: _e_ia::/o que a gente falou de sustentabilidade não ta desconexo com o que a gente conversou depois...

Entrevistador – ta...

Entrevistado 1 – é... então:: por que Luciana?... nós somos uma empresa de capital fechado... nós agimos como capital aberto:: mas ainda não somos... a gente sabe que vai mudar alguma coisa quando a *Empresa 2* abrir o capital... a *Empresa 2* já anunciou que vai abrir capital a gente não sabe quando mas sabe que vai abrir... então a gente sabe que vai mudar alguma coisa:: mas não vai mudar radicalmente::... já que nós temos um comportamento... de prestação de contas:: e tudo o mais como uma empresa de capital aberto... só que hoje:: nós temos três acionistas... e no futuro:: talvez nós tenhamos trezentos:: ou três mil... e a gente vai ter um acionista... la na Dinamarca... não é?... que vai entrar no site da *Empresa 2*::... ahn: que vai acompanhar as contas trimestrais o relatório anual:: que vai acompanhar o *clipping* diário:: e que::...ahn:: e que sabe o valor... ahn:: do seu dinheiro:: em função daquilo que a empresa: tem:: principalmente::... ahn:: na maneira de se relacionar::... com seus públicos né... então ahn::: cada vez mais essa questão da ética e da transparência: e tudo o mais é

valorizada... neste mundo que... né... já é:: pequeno né... ficou num tamanho::... num mundo de CNN... onde nada mais fica escondido::... onde:: as torres gêmeas tão caindo e você ta vendo né... pra mim e inimaginável: eu sou de uma geração/eu tenho cinquenta anos... eu sou de uma geração que viveu por muitos anos sem computador e sem celular... né... ahn:: é...

Entrevistador – e hoje a gente não consegue::: imaginar a vida sem isso...

Entrevistado 1 – isso::... pois é... ainda bem que eu consigo... ((risadas)) inclusive no::/o dia que eu não () mais () (coorporativa) eu não vou ter mais um celular...

Entrevistador – vai ficar livre...

Entrevistado 1 – () livre... vou ficar livre... eu vou voltar às origens... eu vou part/eu vou fazer parte daquele movimento de pessoas *vegans*::: que tão começando () voltar às origens... () direcionado pra isso...

[
((risos))

[

Entrevistado 1 -

então era

inimaginável:: porque a notícia chegava no Brasil::... a Europa já tinha visto... só que a gente não tinha::/ou os estados unidos... só que a gente não tinha tevê:: aberta.. né... ahn: tevê a cabo... então:: a notícia chegava pra nós::... aquelas imagens feias:: do jornal nacional em branco e preto lá falado pelo Cid Moreira... chegava depois de::... uma semana que tinha acontecido né:: agora:: eu lembro no dia da queda das torres gêmeas... eu coordenava o (ano) nacional do voluntário:: no Brasil... e eu fui numa reunião ahn: com o:: a: a: o primeiro time da igreja dos mórmons:: ahn no país... porque a gente queria fazer uma (ponte) com a igreja americana de *Utah*... queria fazer umas umas bagunças assim:: pra disseminar o ano no Brasil tal... tinha lá dois::... dois caras lá de Utah que eram os tops da igreja lá nos estados unidos... mais os do Brasil... e eu tava numa reunião com eles e entrou um daqueles meninos loirinhos lá... de camisa branca na sala desesperado ((imitando o menino)) com licença com licença... bispo::/porque a turma dos mórmons:: o grau máximo é chamado de bispo... bispo::: ahn:: estão atacando os estados unidos... e eles todos:: gringos:: tudo americano né::...

Entrevistador – desesperados::...

Entrevistado 1 – atacando os estados unidos sim... estão atacando os estados unidos... porque:: ninguém tinha entendido ainda... era a queda da primeira torre... bom: o menino tava vendo... menino tava vendo:: na e ia t... isso é inimaginável... você imagina:: o grau de ética e transparência que empresas tem que ter pra sustentar:: o seu negócio... então o que acho:: sabe o que é::? Na boa:: não é não é escolha.. é necessidade... hoje a empresa não tem mais... ahn outra escolha ser ou não ser ético... ela pode até não gostar::: mas ela tem que ser...

Entrevistado 2 – ela pode até não ser::: mas ela vai sofrer... na reputação dela

((confusão de vozes, mas todas concordando))

Entrevistador – com certeza... bom... como vocês enxergam tudo isso no trabalho::: eu acho que é:: o que vocês tão colocando:: né... o que vocês fazem:: como é que é o dia a dia de vocês::...

Entrevistado 1 – éh:: na verdade () eu enxergo i/como eu enxergo isso no trabalho: viu Luciana::... é que nem to/nem todos... ahn: os colegas da liderança::... ou nem toda a liderança/ vamos dizer assim:: corporativa está ahn com essa visão:: nem preparada pra isso... você vê líderes: ahn::: escondendo as coisas da equipe... você vê líderes que não conseguem ser transparentes com medo de outras pessoas... então no no no trabalho no mundo do trabalho:: a gente vê que as lideranças precisam evoluir muito... porque muitas vezes as: as bases estão mais

evoluídas... agora o líder: com aquele falso:: poder... com aquela falsa:: noção de que ele:: pode:... acaba..
 ahn::: meu não vou nem falar de dar exemplo::o cara/não é que ele da exemplo ruim ou:: bom... ele... ele nem
 sabe o que é exemplo: né porque... ele se atrapalha... então eu acho que... no trabalho falta:: preparo da
 liderança...

Entrevistado 2 – é eu:::...

[

Entrevistador – você acha que isso pode ser/desculpa Entrevistado 2... só pra::... isso pode ser algum limitador...
 no seu trabalho?... na sua atuação?... uma vez que:: você:: é:::...

[

Entrevistado 1 -

pode:::...

[

Entrevistador -

a pessoa que lidera:: a

área de sustentabilidade:::... que levanta:: as questões ()... você acha que...

[

Entrevistado 1 –

pode::: e é:::...

na verdade... é...

Entrevistador – é um limitador...

Entrevistado 1 – é um limitador::... é um limitador... porque::... onde está:: a ahn:::... o grande problema das
 grandes organizações:: hoje?... na liderança... nós temos chefes: não temos líderes... nós temos gente que quer
 mandar... não quer aprender não quer ouvir não quer compartilhar... nós temos gente que não ta preparada pra::
 ahn:::... trabalhar na complementaridade... aquele:: líder... que não vê as suas próprias deficiências::... e que não
 estrutura uma equipe de pessoas:: melhores do que ele::... esse ta morto... o verdadeiro líder:: ele... es/estrutura
 uma equipe de pessoas melhores:: do que ele... que vão sustentar:: aquilo que... muitas vezes ele... ahn:: não tem
 o conhecimento pra fazer:::... e ele vai pensar no desenvolvimento dessas pessoas:::... pra haver sucessor::: e ao
 mesmo tempo ele vai se desenvolvendo pra ocupar novas posições... é um conceito:: ahn que deveria ser muito
 claro... e nesta:: neste conceito está... vou me relacionar com transparência:: com verdade:::... vou dar feedback...
 né vou pedir ajuda:: vou falar das minha deficiências:::... vou:: falar da deficiência da pessoa... vou falar até onde
 eu posso ajudar:: né e... assim:: pra cima:::né sentar na frente do presidente... e falar pro presidente:::...
 ((simulando o empregado)) e: eu: conheço a hiera/a hierarquia dessa empresa:: eu o respeito como meu líder::
 mas eu quero colocar que:: essa e essa e essa atitude sua: ó::: não vem ao:: encontro com o nosso código de
 ética... vem de:: encontro... então:: o senhor me desculpe... mas isso daqui não é pra todos?... eu acho que... se:: o
 presidente... que também precisa de pessoas assim... o o/começasse a ouvir isso de líderes que:: tem segurança::
 do próprio comportamento... as organizações ficariam mais humanizadas:::... com o clima melhor pra
 trabalhar:::... haveria todo um novo::: modelo... essa coisa/o novo jeito de pensar... que te leva a um novo
 comportamento a uma nova atitude que te leva a exemplos que as pessoas querem repetir::... porque reconhecem
 ali:::... uma coisa... onde todos ganham:: tal tal tal... é difícil é bem difícil... mas eu no meu dia a dia sinto muita
 falta de:: lideranças melhores preparadas... tem muita gente que sai da companhia dizendo:: eu amo o *Empresa*
2... na entrevista de desligamento... eu amo:: essa companhia... mas eu não: não conseguia mais trabalhar com o
 meu líder... é comum... mas isso não é só no *Empresa 2* né?...

Entrevistador – não... isso eu acho que é:: geral...

[

Entrevistado 1 – é... então eu eu... sinto...

[

Entrevistador - infelizmente né...

[

Entrevistado 1 - é... eu fico... é: infelizmente...

[

Entrevistador - talvez muito mais comum do que... a gente gostaria que fosse...

Entrevistado 1 – é:: é... eu sinto como fator limitador sim... pro desenvolvimento até:: da própria companhia... né porque::... então:: ai está um outro foco::/e/eu comecei a conversa dando um exemplo de responsabilidade social no âmbito interno::... e ficou meio estranho:: né... nossa: será que ela ta com uma visão só interna né:: não... mas:: é:: dentro de casa que a gente deve começar::... esse negócio... porque a *Empresa 2* é muito:: bem visto na comunidade de Guarulhos... na cidade de Guarulhos... é muito bem visto fora:: de Guarulhos... a gente é uma empresa muito:: bem vista... né... ahn:: então::... tem um efeito positivo:: e verdadeiro::... externo: tem claro que tem... mas assim... e aqui dentro?... como estão as pessoas né...

Entrevistador – as pessoas estão felizes?

Entrevistado 1 – é::... exatamente... ou vamos sair daqui... o dia que a gente:: por alguma razão:: deixar a companhia... e falar assim: mas você não sabe o que é trabalhar lá...mas você não sabe::: o que eu passo lá... ou o que eu passava lá... né... isso chega em quem: num chega no ouvido do consumidor?... não chega no ouvido daquele cara que:: quando for comprar *Empresa 2* pensa... eu não:: eu não vou comprar aquele negócio lá é um moedor::... eu vou comprar da:: empresa x .. entendeu?... ((risos)) que na empresa x as pessoas são felizes... é::...

Entrevistador – ((risos)) gostei dessa definição...

Entrevistado 1 – é... é... ((risos)) é um moedor...

Entrevistador – mói as pessoas...

Entrevistado 1 – se acha que não chega nos consumidores?... claro que chega...

[

Entrevistador – mas é verdade... a ética chega nesse nível também né::...

Entrevistado 1 – é:::...

Entrevistador – como você se relaciona:: dentro:: do seu ambiente::...

[

Entrevistado 1 – então... exatamente... eu tinha uma aluna... eu dava aula na ESPM::... e eu tinha uma aluna:: que:: falava: ((simulando a aluna)) ô:: professora... eu fico ouvindo você falar em responsabilidade social e eu fico encantada... só que quando eu volto pra empresa que eu trabalho... ahn:::... eu não acredito... eu não acredito que a gente (passa) lá... ela falou::... a empresa que eu trabalho... é a melhor:: empresa:::... no atendimento ao cliente... ela ganha estourado da concorrência... ela ganha: estourado nas nas pesquisas: e nas revistas segmentadas: que avaliam a melhor empresa de atendimento ao cliente... só que é/isso acontece:: a um custo... para o colaborador... que ela me cha/me falava assim ora tal/era uma japonesinha/ () que a senhora não tem ideia:: ela falava pra mim... agora:: a empresa ... eu espero que a

empresa tenha deixado claro:: para o colaborado quando:: admitiu olha... a nossa empresa trabalha com o foco no cliente... o colaborador não é... o importante pra nós... _e quer trabalhar aqui::?... a eu quero: mesmo assim eu quero... então ta bom o nosso foco é no cliente... nos queremos ser os melhores do mercado:: para o cliente... ponto... se:: combinar a regra do jogo:: também não tem problema... também não tem::/o problema é mudar: no meio né...

Entrevistador – é:...

Entrevistado 1 – aí:: é judia muito...

Entrevistador – _e compra uma ideia:: e:: vai ver lá na frente e é completamente diferente...

Entrevistado 1 – é:: me contaram uma história né::... aí é complicado..

Entrevistador – é:...

Entrevistado 1 – então eu acho que a ética:: ta:: principalmente dentro... né de casa... e aí... isso vai::... vai desdobrando... vai desdobrando... então... por isso que assim:: eu não consigo falar de responsabilidade social sem pensar primeiro... no público interno...

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – nós fizemos Luciana/ eu tenho esse trabalho:: também não sei onde ta... quando nós encerramos::/o:: o:: eu fui aluna do:: do (MBA da FIA)::... ahn:: subsidiada pela *Empresa 2*... e fiz parte de um grupo de gestores que foram selecionados pra fazer esse MBA... quando nós terminamos o curso:: a *Empresa 2* nos pediu... pra desenvolver projetos aplicáveis na companhia... então nós fizemos um diagnóstico:: e cada um desenvolveu um projeto pra aplicar na própria empresa... o meu grupo... diferentemente dos demais... quis fazer um projeto de qualidade de vida... o direto de RH:: pulou pra trás ((simulando o diretor)) vocês tão loucos?... a empresa gastou:: não sei quantos milhões:: pra vocês fazerem MBA e vocês querem:: querem fazer um projeto de qualidade de vida?... ai a gente... assim:: se ressentiu porque o direto de RH falando isso né...

Entrevistador – é: ele devia valorizar...

Entrevistado 1 – é... bom... ai::... nós falamos pra então... só que:: o nosso projeto... não é aquele blábláblá das pessoas irem pro clubinho fazer ginástica... não tem nada a ver com isso... o nosso pro/nosso projeto pega o BPSO né: o bio-psico-social... e organizacional::... pega o ó do organizacional... faz um diagnóstico da perda:: de qualidade de vida em função do modelo de gestão... e: nós vamos trabalhar... porque as pessoas não tem:: qualidade de vida... por pressão psicológica:: por problema de liderança::... por reuniões sem pauta prévia::... a pessoa vai pra uma reunião não sabe nem o que ta fazendo lá: foi convocada num tem nada a ver com ela:::.... o modelo gestão... (então) tal tal tal tal tal... só que:: doeu né... doeu porque quando a gente foi apresentar pro presidente e pra diretoria:: a coisa era meio assim... o modelo:: de gestão de vocês... é a principal causa da perda de qualidade de vida... e a: pesquisa do bio-psico-social ta aqui... todo mundo:: deu nota acima de nova... porque tem um ótimo restaurante:: tem um ótimo plano de saúde.... super:: clube pro colaborador e pra família... tem tu::/tem festa:: de dia da criança festa junina... o filho do colaborador passa férias na empresa:: tem festa de fim de não/tem tudo::: mas o clima organizacional:: ta uma bosta... modelo de gestão... liderança... ai quando a gente...

Entrevistador – _e cutucou o vespeiro...

Entrevistado 1 – é... quando a gente::... ((risos)) ai nós pegamos também a WBS:: que era la um::: um sistema:: de de estrutu/estruturação de projeto que a gente aprendeu dentro da aula de estratégia e jogamos o programa de qualidade de vida dentro da WBS e tal... até o nosso grupo... ahn de avaliadores la que foi a:::

Entrevistador – a Rosa Maria... Fischer...

Entrevistado 1 – a Fischer:... a outra la: a:... aquela menina da qualidade de vida da FIA:: que é super conhecida... bom...

Entrevistador – ai eu não conheço...

Entrevistado 1 – é:... e o:... e o professor:... () Dutra... e mais um professor... bom eles deram dez:: tal... até pelo uso da WBS:... que a WBS/nós entregamos um projeto de qualidade de vida num modelo de projeto:... pra qualquer pessoa que um dia chegue na companhia:: e queira implementar:... é só pegar e da pra implementar... que até hoje a gente () ((risos))... do grupo do MBA só tem três aqui:: do meu grupinho... eram:: cinco só tem três... dois (gerentes) já saíram... mas... ahn: a perda... ahn muitas vezes:: da qualidade de vida está no modelo:: de gestão... e esse modelo de gestão tem muito a ver com a liderança:... então responsabilidade social e qualidade de vida são coisas que caminham juntas... se uma não estiver:: embaixo da outra... porque:: muito provavelmente seu o nível de qualidade de vida melhora ou piora em função do nível de responsabilidade social que:: você tem né... ahn:: então é:: é:: isso né responsabilidade social é muito amplo né:... mas o foco pra mim é a liderança: assim.. né de tudo que nós falamos: precisamos de líderes mais preparados sim... tanto:: que... aplicamos os indicadores do FarmaSustentável o Marcelo Weber sabe disso... compartilhamos com ele... aplicamos os indicadores... o presidente olhou:... falou esse ano não vamos publicar no relatório anual no próximo ano vamos... só que você vai voltar pra cada:: líder que respondeu isso aqui... e _e::/antes dessa perguntas aqui:: você vai fazer... uma... você conhece a empresa que você trabalha?... que teve líder:: que respondeu cada absurdo tão grande:... ou pra mais ou pra menos... que não é que os nosso indicadores são ruins:: eles ficaram distorcidos...

Entrevistador – entendi... falta de informação...

Entrevistado 1 – pra você ter uma ideia... nós vamos retomar esse ano já ta até na hora de retomar... () não conhece:: a empresa... né... então eu acho que isso:: é um fator limitador sim...mas estamos... ((risos))

Entrevistador – no caminho...

Entrevistado 1 – () é no caminho...

((confusão de vozes))

Entrevistador – que bom... e você Entrevistado 2:: que que você gostaria de:: colocar mais...

[

Entrevistado 2 - na verdade eu ia falar:: o:... final do que a Entrevistado 1 falou... que:: éh:: ahn... a gente ta:: como:: sustentabilidade ta muito conectado a:: a: cultura... ah:: o que acontece... normalmente:: com a nossa cultura?... a hora que você estabelece o modelo o modelo já ta atrasado:... né então quan/a gente costuma:: trabalhar na empresa: com um modelo de:: cinqüenta anos atrás e éh:: os nossos gestores são pessoas que vão/tão acostumadas e viveram naquele modelo... então tendem a repetir:: ahn::... esse modelo:: atrasado... pra:: trabalhar hoje com sustentabilidade pra trabalhar no ritmo da:: da: nossa sociedade hoje que é um:: ritmo muito mais rápido:: que a informação ta disponível pra você:: no mesmo momento que ela acontece.... você precisa se uma pessoa... e você precisa ta:: alinhado com esse tipo de:: de atitude... você precisa trabalhar no futuro... você não pode pensar mais:: no passado... no modelo de gestão atrasado... então a prática profissional e éh:: e esse alinhamento com o que vai:: acontecer e não com o que: éh:: já aconteceu...tem que ser:: éh:: parte da sua sustentabilidade de como você atua né... só que... o que acontece... como é uma mudança cultural... ela demora:: um tempo.. e as pessoas tendem a esperar:: que esse tempo

aconteça... pra elas poderem entrar num modelo de gestão novo... e isso acaba atrasando:: e prejudicando muito o trabalho de quem tem que trabalhar pensando no futuro:: por causa da: sustentabilidade... hum:: éh:: era só complementar: na verdade...

Entrevistador – muito bom...

Entrevistado 1 – (sustentabilidade está) profundamente ligada a futuro né:... éh:: profundamente ligado a futuro.. a: a:: perenidade mesmo...

Entrevistado 2 – a capacidade de você ser visionário né:... porque:: éh:: se você pensar.... hoje que que acontece por exemplo:: com o:: a:: mudança climática... a gente ta trabalhando:: em (efeitos) de coisas:: num modelo de:: de gestão atrasado num modelo de vida:: atrasado... cultura atrasada... se ah:: há cinquenta anos atrás... alguém tivesse pensado:: que o lixo que a gente ia produzir:: não ia desaparecer do nada::... talvez a gente não tivesse passando pela situação de hoje... Então hoje:: a nossa geração:: além de:... olhar pra trás e falar meu... que que a gente faz com esse negócio que chegou até a gente.. a gente ainda tem que olhar pra frente e falar... bom não deixar isso acontecer de novo... né então:... esse é o desafio...

((balbucios de todas))

Entrevistador – muito bom...

((balbucios))

Entrevistado 1 – () vê se ta aqui... porque pode ser que eu tenha:: () (onde) tem a frase daquele líder... () que pra mim...

((corte))

Entrevistado 1 – restaurante:: vai... que:: até o ano passado ia pro minhocário... éh:: la pra::... pras minhocas se alimentarem:: la: pra excretar o (humos) que: aduba todo o parque ecológico do Tietê... é um conceito de desperdício zero:: porque até a sobra:: do prato::... tem um destino... e eu não pego esse orgânico e:: e: joga em qualquer lugar que::... não é simples... o orgânico é um excelente adubo lá::... ahn:: num processo de::... compostagem né que chama?

Entrevistador – uhum...

Entrevistado 1 – mas _e não pode fazer compostagem em qualquer lugar... e:: se você leva pra algum lugar num caminhão:: esse caminhão ta queimando diesel:: pneu:: tem um custo... e o que vale mais?... você deixar o caminhão parado pra não sair por aí... queimando diesel ou levar o orgânico pra:: pro lugar onde não tenha risco de contaminação do solo?... né então:... éh:: a gente tem uns indicadores aí né:: só que a discussão ta mais ampla... éh:: mais profunda aliás:: e ampla também né...

Entrevistador – eu trouxe:: essa ideia::... até foi uma sugestão daminha orientadora... ela acabou de voltar de um reunião::... do COMEST que é comitê:: de ética::... da UNESCO pra discutir:: a ética na mudanças climáticas... e ele voltou agora: deve fazer:: um mês e pouco.. e ela:: chegou com esse material e falou:: pára tudo e vamos conversar...

Entrevistado 1 – ai...

Entrevistador – e ai eu falei:: parei::... e fiquei encantada com a discussão... falei realmente::... extremamente relevante... a gente poderia falar aqui de acesso a medicamentos que também é relevante...

Entrevistado 1 – é: é:...

Entrevistador - mas que já se discute bastante... não é Entrevistado 1?

[

Entrevistado 1 - bastante:... é: é:...

Entrevistador – você tem o (Access to Medicine)... _e tem:... empresas:: já criando seus departamentos de gestão:: de acesso a medicamentos:... então a gente sentiu que é uma discussão que já está acontecendo... se ela ta:: no nível que deveria estar:... ai num:... num cabe a mim julgar... né...

[

Entrevistado 1 - uhum...

[

Entrevistador - ta acontecendo...

[

Entrevistado 1 - ta acontecendo...

Entrevistador – agora:: e esse ponto aqui:?... da ética.. da precaução:... ta sendo discutido? E é isso que a gente ta querendo ver:... ta querendo medir:: de alguma forma...

Entrevistado 1 – é:: então:: eu acho que é legal mesmo:... mas éh:: pode pode obviamente seguir na linha de indicadores né: eu acho que sim mas talvez ai:... pensando um pouco nessa questão de ética né:...

Entrevistador – é:... é porque eu não vou fazer um estudo:: dos indicadores das empresas:: que era:: a primeira ideia..

Entrevistado 1 – é é:...

Entrevistador – por isso que eu pedi os relatórios:: de todas as empresas... os relatórios são importantes... ma o que:: a empresa tem a dizer:: ta dito la... eu quero ouvir o que vocês:: tem a dizer... que não necessariamente... ta relatado ali...

Entrevistado 1 – é...

Entrevistador – a gente sabe:: eu trabalhei em uma organização né isso não é::/não posso ser ingênua de acreditar que todos os funcionários participaram que aquilo lá é um consenso.... a gente sabe como funciona:...

Entrevistado 1 – é: é:... claro...

Entrevistador – então:: eu::.. a minha ideia...

[

Entrevistado 1 - a empresa se mostra como ela quer:: né:... e não como ela é:...

Entrevistador – exatamente:... então assim:... eu não sou uma auditora: eu acho que quem audita: é a sociedade::.. se a sociedade _e auditando ou não... eu acho que em alguns setores mais do que em outros... talvez no farmacêutico menos do que deveria....

Entrevistado 1 - é:... é:... é...

Entrevistador – até pela:: dinâmica desse setor que é muito complexa:: que envolve governo:: comunidade:: medica::.. pacientes: organizações...

Entrevistado 1 – e:: interesses em tanta coisa né... principalmente os interesses...

Entrevistador – interesses... exatamente....

Entrevistado 1 – nossa:... os interesses então:...

Entrevistador – interesses algumas vezes (escusos):: né você se questiona... é um profissional da saúde ele ta zelando pela saúde de quem::?... do bolso dele ou pela saúde do paciente?... né... então alguns momento a

gente... eu fui parar nessa área de sustentabilidade porque um dia eu comecei a questionar... eu falei... num to feliz.. qual é o meu papel aqui? Eu num so/num vim aqui pra mudar:: o mundo... mas eu:: posso pelo menos me questionar... será que o que eu to fazendo realmente faz sentido:?... eu acordo com uma:: causa:... minha causa:... mas é uma causa.. né... então eu acho que esses questionamentos:... quando a gente começa a trazer:: pro nosso:... pra nossa atividade diária mesmo... a gente pode:: mudar... (ter) a mudança...

Entrevistado 1 – é é: e é isso que as pessoas precisam ter... é um/é é uma coisa que meio de (chamamento) interior... tipo:: ouvi um chamado:: é a minha hora... ahn de fazer: a minha parte... o que tão fazendo a minha volta:... não posso mudar né mas:: a minha parte eu vou fazer... é uma coisa de chamamento:: porque::... se não for assim:: os interesses ((risos)) são/eu to falando: ainda vou ser *vegan*... ((risos)) já andei olhando aí uns sites de roupa orgânica::...

Entrevistador - ai que legal::...

Entrevistado 1 - já andei olhando se são bonitinhas::... que eu também não quero:: né... usar roupa orgânica e ficar...

Entrevistado 2 - saco de batata não né?...

Entrevistado 1 - é::... ficar que nem uma *hipoca* fora de época::...
((risos))

Entrevistado 1 – cinquentona *hipoca* não vai dar... mas...

Entrevistador – não pode perder a auto-estima né...

Entrevistado 1 – não:: de jeito nenhum... eu tenho minhas amigas lá que:: num::... numa passam tinta no cabelo::... ahn mas já tava na hora:: já tão la com::... os brancos de fora::... falei não não::... ainda não... calma que eu ainda vou chegar lá: quando tiver setenta eu paro....

((risos))

Entrevistado 1 – ainda tenho muita coisa pra fazer aí: preciso ficar bonitinha...

Entrevistador - é isso aí... com certeza...

Entrevistado 1 – então Luciana:: a gente fica aqui a disposição....

Entrevistador - muito obrigada::...

Entrevistado 1 - você pode:: passar email pra mim pra Entrevistado 2... Entrevistado 2:: você quer anotar seu email no:: no meu:: cartão...

Entrevistador - eu acho que:: você me::... você me copiou a Entrevistado 2::...

Entrevistado 1 - ah::... () legal

Entrevistador - eu tenho... eu tenho naquele::... então...

[FIM]

ANEXO E.3 – Entrevista – **Empresa 3**

Tempo: 00:46:18

Entrevistador - bom... a ideia da nossa: conversa hoje então... falar um pouco sobre a responsabilidade social a sustentabilidade no setor farmacêutico... então primeiro eu queria ouvir de vocês:... qual é a visão:: de vocês/que que vocês entendem... por responsabilidade social...

1 – bom eu entendo que responsabilidade social é a forma como a empresa se relaciona com os públicos... então existe uma série de conceitos hoje aplicados... tem sustentabilidade que às vezes conflita um pouquinho... mas é uma de/denominação... pra mim re/responsabilidade social... é bem claro... é como a empresa se relaciona e de que forma responsável ela coloca se/se/seu relacionamento... insere... essa ética essa transparência... ou essa relação de ganho a ganho que tem que existir na gestão do negócio...

Entrevistador – legal... _e quer completar com alguma coisa 2?

2 - acho que complementando acho que a responsabilidade na verdade compartilhada... em tudo:: que a empresa participa... na verdade...

Entrevistador – uhum... e a sustentabilidade vocês acham que:: é:: diferente disso?...

1 – na/não não vejo como diferente não eu vejo como complementar...

[
ta...

[

1 – e/são por exemplo existem três termos que são bem aplicados hoje em empresa... eu acho que falando dos três fica um pouco mais:: claro ilustrar como eu vejo os três então tem investimento social privado::.. que é como a empresa começa:: a se relacionar com os (públicos)/começa a ter um olhar:: voltado à sociedade... e às:: comunidades (com) qual ela (impacta) seu negócio:: ou quer se relacionar... mas bem focado em:: contrapartida... eu entendo assim então o que ela pode:: devolver pra sociedade...

Entrevistador – uhum...

1 – ou o que ela pode contribuir... mediante o negócio que ela tem... responsabilidade social: abre um pouco mais o guarda-chuva... já é começar a olhar além de comunidade:: além de projeto social todos:: os outros públicos que a empresa tem... então eu acho super... positivo quando a empresa consegue:: usar ferramentas pra mapear... quais são esses seus públicos já começa demonstrar um grau maior de maturidade da responsabilidade social...

Entrevistador – uhum...

1 – primeiro passo é entender quem são:: esses públicos... e o que ela faz com relação a esses públicos que tipo de relacionamento ela faz e até onde ela vai... e a sustentabilidade amplia esse guarda-chuva mais ainda... que além de entender como esses públicos funcionam... como ela se relaciona com esses públicos... o que que ela pode fazer pra minimizar impactos e pra sustentar o seu negócio... na sociedade:: no meio ambiente...

Entrevistador – uhum

1 – pensando nesses públicos também...

Entrevistador – perfeito...

1- então eu entendo que um/que é uma evolução... então primeiro se/investimento social é um pouco mais tranqüilo e confortável...

Entrevistador – uhum...

1 – porque já vem todo de uma... de uma... de uma evolução de filantropia:: de caridade... então é um terreno um pouco mais confortável pra empresa iniciar... passa pra os públicos... e passa ai sim seriamente pra (ver) o negócio como esse relacionamento com os públicos ou como esses negócios são feitos... podem impactar no negócio diretamente que a empresa desenvolve...

Entrevistador – perfeito... e::: vocês acham que a ética... _e citou ai ética... ela de alguma forma se relaciona com essas duas abordagens:: da responsabilidade social e da sustentabilidade?

1 – ela tem que se relacionar...

Entrevistador – como? Como é que você pensa?

1 – eu acho que é justamente pensando::/é a relação de ganha-ganha... ela tem que se relacionar mas não é sempre:: que ela consegue:: atingir o grau ideal que seria de ética...

Entrevistador – uhum...

1 – mas você tem que pensar em todos os seus públicos e como fazer pra que todos ganhem na mesma proporção... e é esse equilíbrio que eu acho que é o grande:: desafio que as empresas tem... seja a indústria farmacêutica ou seja outro segmento... que é tentar manter o equilíbrio dentro de um universo capitalista que sempre fala eu ganho::/primeiro eu ganho... então depois vamos ver o que que eu posso dar de contrapartida... que investimento social um pouco é isso também... então eu acho que a ética... deveria ser o ponto principal algumas empresas aplicam outras não... algumas utilizam a bandeira de ética até um determinado ponto::... e não e... e não tentam: expandir pra outros... mas eu acho que é uma evolução... acho que todo mundo vem aprendendo::... tem uma demanda de sociedade tem uma demanda de organização social... de públicos organizados que faz com a empresa cada vez mais... olhe pra todos esses... esses... esses meandros:: e essas pontas que ela tem pra se relacionar... deveria... eu ainda acredito que ainda não é cem por cento...

Entrevistador – e você colocou:: que você acredita que deveria em qualquer empresa?

1 – em qualquer empresa...

[

Entrevistador - mas ai você acha:: que no setor farmacêutico... é diferente?... deveria ser diferente ou não? É com/ é um caso especial ou () como qualquer outra empresa...

[

1 - não... como qualquer outro... como qualquer outro...

Entrevistador – pelo negócio::... pela::... missão::...?

1 – eu acho que... tem/tem que ser como qualquer outro mas tem um/um agravante ai... u/um peso maior....

[

Entrevistador - uhum...

[

1 - _e ta mexendo com vidas diretamente né... alguns segmentos tem essa::... essa vertente de mexer diretamente com vidas impactar:: na vida de algumas pessoas a médio ou longo prazo... e a indústria farmacêutica tem isso... então acho que ai que ta.. eu acho que a questão da ética tem que permear todos:: os momento da empresa.. seja com seu público interno... ou seja na conta:: na hora de regularizar um... medicamento:: ou... apresentar um dossiê ou fechar uma parceria com uma outra empresa::... ou um relacionamento com um medico... então isso tem que ser buscado cada dia mais....

Entrevistador – ta::... que que você pensa sobre isso mi?

2 – sobre toda essa (questão) que foi falada até agora?... posso voltar um pouco?

Entrevistador – claro...

2 – bom... éh::... da parte de () (eu tava) ouvindo a (Entrevistado 1) falar... acompanhando essa evolução... é que eu tava estudando um pouco esses dias... essa parte da evolução::... do investimento social::... pra responsabilidade social e a sustentabilidade... e a gente coloca muito hoje a empresa como::: protagonista da história... e:::... eu pelo menos vejo hoje:: um outro caminho se abrindo... quando fala da coisa da co-responsabilidade... que é::... uma abertura pra que os públicos também participem... então eu acho que responsabilidade social hoje... e o alcance da sustentabilidade tem muito mais a ver com isso... com a abertura pra que os públicos também sejam... participantes e atores do processo e não só receptores: da informação... e receptores:::... dos benefícios... então... tem a ver com essa mudança de postura...

Entrevistador – uhum...

2 - e pelo menos o que eu conheço/o pouco que eu conheço... da indústria farmacêutica de modo geral... a maioria delas principalmente aqui no Brasil ainda ta muito nesse papel de:::... de provedora... e não de dialogo... de troca... eu acho que essa é uma posição que precisa ser pensada...

Entrevistador – uhum... interessante...

1 – só complementando... eu acho que quando você fala de muito de de tripé social ambiental e econômico... o social evoluiu demais... nas empresas... o meio ambiente então:: nem se fala... tem NÃO:::... tem ferramentas pra medir::: ferramentas de impacto... aonde ainda pega... esse tripé que ainda: éh:::meio::: precisa de uma muletinha... é no econômico...

Entrevistador – uhum...

1 – que é também... o recurso mexe com o financeiro... com os resultados da empresa.. mexe diretamente com o que ela tem de controle... e é ai que esbarra a questão o que que eu posso abri... o que que eu posso prover... e o que que eu tenho que reter... então passa por capitalismo:: passa por negócio... por concorrência... tem a questão de fornecedores... que você tem poucos fornecedores... na indústria farmacêutica que você pode abrir mão ou não...

Entrevistador – uhum...

1 – então... quando pesa o econômico... ai eu sinto que ainda tem muito pra evoluir... tem muito pra crescer... a ética é um dos pontos que precisa ser um pouco mais trabalhada um pouco mais cobrado... mas eu acho que o próprio segmento não tem::: uma/um... retorno da própria sociedade pra essa cobrança... a ANVISA ela coloca algumas:: regulamentações::: que são importantes... tem a questão da premiação do médico::: de congresso... que já vem começando a se regulamentar...

Entrevistador – uhum...

1 – mas isso não sinto que éh:::... que tem um... um apelo da própria sociedade... de políticas públicas nesse sentido... vejo como algo bem pontual... e não sei se tem tanto controle assim... de vez em quando surge um escândalo na imprensa:::... alguém fala de uma empresa que fez determinada coisa... ai ta... o assunto volta... depois o assunto some de novo:::... e volta todo mundo na sua:::... na sua rotina... ()

[

2 -
alheia

eu acho que a sociedade ta um pouca

[

1 - eu acho que tá um pouco distante ainda né... porque quem são os público que se relacionam com a indústria farmacêutica... é o governo:: empresas como os hospitais e os médicos diretamente... o consumidor na ponta:: ele ainda cobra demais o produto de qualidade com preço... mas o valor agregado do impacto que a empresa gera::... falo da indústria farmacêutica mas falo também de outros segmentos também... o impacto que a empresa gera::... o tipo de relacionamento que ela mantém... isso não vem a cobrança ainda... então isso ainda não pesa... no bolso... não pesa no resultado financeiro da empresa...

E – então... (isso) que você tá colocando... a gente poderia:: dizer que:: seria importante partir da empresa:: uma vez que a sociedade ainda não cobra?

1 – deveria... mas pra partir da empresa (...)

[

Entrevistador - (...) a sociedade ainda não valoriza...

[

1 – ainda:: não coloca isso como diferencial... quando você faz uma série de pesquisas:: com o consumidor... _e percebe claro que uma empresa socialmente responsável é importante::... uma empresa que faz (reciclagem de seus resíduos (...))... isso é importante... mas você sabe diferenciar que empresa faz ou não?

Entrevistador – uhum...

1 – na hora de escolher um produto pra compra... então isso ainda:: é fraco... mesmo com... um monte de pesquisa que tem::... (...) médico tem uma pesquisa nova... os índices (...) ainda são bem

[

Entrevistador - uhum...

[

1 - pequenos... não um movimento da sociedade grande nesse sentido... então eu acho que as empresas acabam de acomodando um pouquinho dentro do seu limite... então meu econômico tá dando certo ok... faço as (algumas concessões) ... eu mudo algumas coisas::... eu melhora os meus processos... mas:: o meu resultado se mantém...

Entrevistador – uhum...

2 – por exemplo... isso como modismo é... é parte... por responsabilidade não só da empresa dos próprios públicos também... falta uma interação de modo geral...

[

1 - é::... falta vontade de todo mundo eu acho que de fazer né... da empresa de tomar coragem e fazer mais... e da sociedade de cobrar também...

Entrevistador – de entender o seu poder... qual é o seu poder

[

1 - é::... exatamente...

[

Entrevistador - nesse cenário né::... agora avançando um pouquinho aqui... éh:: como vocês acham que a indústria farmacêutica evoluiu?... aí eu sei que tem uma diferença entre a indústria nacional:: que evoluiu muito mais pela pesquisa incremental... e a

multinacional... vamos pensar então na nacional... que é:: do que a gente ta falando... como vocês acham que ela:: evolui?... como que ela:: cresce?

1 – e/e... dentro do/e... levando em consideração a responsabilidade social ou como negócio? Como um todo?...

[

Entrevistador - pensando como um negócio... ela cresce porque ela inova?... ela cresce porque ela::: abaixa preço?... como é que é essa: dinâmica de crescimento?

1 – Olha:: eu to a dois anos ainda... só pouquinho tempo na indústria farmacêutica... eu vim de outros segmentos... talvez a Luciana que ta não mais tempo lá possa ajudar um pouquinho melhor... mas quando eu vejo até como consumidora:: ou como::... usuária a serviço ou funcionária é mais um pouco à parte da área de negócios... eu acho que parte da demanda mesmo... da demanda do mercado::... de novos medicamentos... mais ainda é um pouco poroso demais o processo de inovação... então a gente sente um pouquinho disso aqui::... eu acho que poderia ser mais ágil.. mas eu não sei se é o próprio processo de produção de desenvolvimento:: de um produto que é realmente mais lento.... mas:: o crescimento vem de demanda... vem de demanda de mercado de espaço pra crescer...

Entrevistador – pensando em novos produtos então... como vocês acham que é?... pela pesquisa de novos medicamentos::?... pela inovação? Quando a gente pensa numa indústria nacional?... é pela:: melhoria de algum produto que já existe::?

1 – éh... eu acho que os três principais nacionais hoje pelo que eu conheço cresceram demais com o genérico...

Entrevistador – uhum,...

1- não sei se eu vou falar besteira aqui:... aí você.. apaga da sua gravação... mas eu acho que:: ele vem de... da do que eu comentei/da própria demanda...

[

Entrevistador - da demanda...

[

1 - que o mercado abre... então abre-se uma nova possibilidade de::... ah: desenvolver um medicamento como o genérico... então isso é um ganho de mercado pra empresa e é uma forma de crescer... o desenvolvimento de novos produtos na indústria nacional eu não vejo tão grande assim...

Entrevistador – uhum...

1 – não sei se é a minha percepção pelo o que eu acompanho aqui...

Entrevistador – ta...

1- entre::... comparativa é muito mais... descobrir as oportunidades que o mercado ta abrindo... de quebra de patentes... que é o que faz o mercado crescer...

[

2 – eu acho que é isso mesmo... eu concordo com você...

[

1- do que o desenvolvimento de produtos...

[

2- () muito poucas parcerias com universidades... muito pouca... pesquisa interna... maioria (é cópia mesmo)...

1 – cópia né...

Entrevistador – cópia... então como pensar:::...

[

2 - e tem muita disputa de preço ainda... aí nesse cenário eu acho que a questão da sustentabilidade fica mais uma vez marginal... que a questão dos preços ainda é muito::: sensível...

[

Entrevistador - forte:::....

[

2- é a parte que fica assim... na cobertura do bolo...

Entrevistador – uhum...

2- as pessoas vão falar... no comparativo entre as indústrias... e olha que ninguém conhece a indústria farmacêutica né::: sempre vai pela marca do medicamento ao produto de prescrição::: de acordo com a necessidade... que ninguém quer usar:: né... igual seguro...

Entrevistador – éh...

2- então a ()...

[

1- você que esteja disponível...

[

2- exatamente.... então o melhor não usar...

[

1- você prefere não usar...

((risos pela simultaneidade dos comentários))

2- então quando você vai falar de pesquisa de concorrência... e eu acho que as pessoas ainda vão muito pela questão do preço... então o mercado farmacêutico ainda é muito guiado pela questão do preço...

1- e muito fechado ainda né... em termos de informação...

2- sim...

1- pra chegar no consumidor... demais... a questão de propaganda/ propaganda não se pode fazer... a propaganda a mídia a comunicação acaba educando as pessoas de forma... maior... uma massa maior... e o fato da indústria farmacêutica não::: poder fazer essa propaganda/ ela não poder falar dos seus produtos... reduz ainda mais::: aumenta ainda mais:: a distancia do consumidor final... que é quem:: realmente tem o poder de decisão...

Entrevistador – sim.... então a gente::: vamos fazer um exercício de um caso hipotético:: supondo que aqui tivesse um produto sendo desenvolvido.. do zero.. então vamos dizer que é uma pesquisa radical... vai começar um medicamento/_e ta inovando:: descobrindo:: uma npva molécula... vocês acham que::: qualquer resultado é válido?... então você investiu um monte... _e fez toda pesquisa.. e::: você descobriu que aquele medicamento atua bem:: pra aquilo que você ta pesquisando... e tem outras coisas também que acontecem... quando a pessoa está sob tratamento... qualquer resultado então é válido?... nesse novo medicamento... que a gente ta pensando... ou seja... se ele produz o efeito desejado... pra aquilo que você ta pensando... mas ele provoca outras coisas...

[

1- os fins não justificam os meios então... mais ou menos isso...

[

Entrevistador - vocês acham que qualquer resultado é válido... desde que ele atenda:: aquilo:/ele atinja aquele objetivo principal:: que você colocou: pra aquele produto?

1- é difícil...

Entrevistador – eu fui clara?

1- foi...

Entrevistador – na minha....

1- foi... é isso.. é os fins... justificar o meio:: que ta sendo feito... ou todos os os contras que o medicamento pode ter... aí que entra a questão da ética da empresa o quando ela abre isso de forma clara e transparente:: em alto e bom som pra todo mundo saber o risco que ta correndo... eu to tomando determinado medicamento eu sei que vai:: curar:: a minha dor de cabeça... crônica.. mas em compensação vai destruir meu fígado... eu deixo isso tão claro (sim)... ou isso fica na bula::... fica o conhecimento focado no médico... o médico decide o que ele fala ou não... ou na (ANVISA) que (/então::... é complicado::... eu acho que:: a empresa vai pela questão do investimento que ela fez nesse produto... e minimizar o máximo possível os resultados adversos... mas se houver (liberalidade) da ANVISA ou dos órgão reguladores eu acho que ela vai lançar... qualquer indústria farmacêutica...

Entrevistador – e você acha que isso ta correto?

1- não não ta... deveria sim... se você quiser lançar você tem que colocar todos os riscos... e a população deveria julgar isso... o médico:: deveria ser mais criterioso nisso... então você tem uma série de resultados adversos... será que um tempo maior de pesquisa... um tempo maior de desenvolvimento... não faria com que esses resultados... fossem reduzidos cada vez mais... mas esse tempo todo implica em recurso financeiro pra se bancar... então que que você escolhe fazer?... ai é parte da ética...

Entrevistador – uhum...

1- então é muito difícil... e eu acho que muita coisa ainda é aquela:: questão do::... ser humano mesmo né... eu faço a minha parte mas se eu puder deixar que o outro decida:... eu fiz a minha parte... então quando está na mão mesmo dos órgãos reguladores tomar essa decisão e quanto esses órgão são criteriosos ou não nessa escolha... então um exemplo claro pra colocar... a gente queria muito::/a empresa quer demais desenvolver coleta seletiva... de:: embalagens primária e secundária também... nunca nada no Brasil de regulamentação nesse sentido... absolutamente nada... a ANVISA não se posiciona de forma nenhuma nesse sentido...

Entrevistador – é mesmo:?...?

1- então:: é é () de medicamento é a secundária né... não tem... se você procurar aonde eu posso descartar esse medicamento... você não tem essa informação... então quando eu participo de grupos::... seja do (edso) ou outras organizações::... pra falar de responsabilidade social... e falo que sou da indústria farmacêutica... as pessoas vem ávidas por informação... ((simulando uma pergunta)) ta mas que que eu faço com aquele remedinho:: que sobrou em casa::: com aquela embalagem... eu posso descartar na pia? Eu descarto no vaso sanitário? Eu misturo com o lixo comum:::?... não tem... e você não tem autorização pra poder colocar uma informação que não seja realmente validada pelo órgão regulador... então tem muito *gap* ainda... tem muita coisa que dá:: pra fazer... mas ainda o segmento farmacêutico ta muito na mão:: da política da questão política ainda...

Entrevistador – uhum.... da questão policia _e diz::... dos órgãos reguladores...

[
1- dos órgão reguladores... e ai todo mundo se acomoda um pouquinho... bom não () que eu faça a minha parte... o outro não faz a dele... eu tenho que esperar ele fazer...

Entrevistador – e aí tem a relação entre a indústria e o órgão regulador?...

[
 ((alguém)) – ninguém corre o risco:...
 (“uhum” coletivo))

1- o quanto você compra a briga:... o quanto isso pode impactar numa situação adversa pra você no futuro...

Entrevistador – que que você acha mi?

2- eu concordo...

[
Entrevistador - em relação a isso que a gente tava falando.... da inovação:: de qualquer resultado/_e acha que qualquer resultado é válido?

2- não::: Não... com certeza não... eu concordo com a Entrevistado 1... mas eu acho que também é muito difícil pra quem é leigo fazer essa observação... do que é o risco válido... pra conseguir um resultado efetivo... do que que é um menor impacto pra um melhor resultado... eu acho que tem que ter um conjunto de forças atuando pra tomar essa decisão... e ai entra mais (ainda) a questão da co-responsabilidade.... (quando) a gente fala de responsabilidade compartilhada acho que ta em tudo... éh:: quem se compromete pra assumir/ quem tem um conhecimento bastante pra assumir::... o que é um risco válido pro benefício necessário... se é a indústria se o órgão... ou se são os::: profissionais:: da saúde:... se é a própria pessoa que vai:: consumir o medicamento... mas pra isso é preciso ter a informação...

1- éh:... levando pra um lado até mais... mais simples... a questão da:: eutanásia:: a questão dos hospitais públicos que escolhem quem vai ser atendido primeiro... quem não vai... pela demanda de pessoas que tem lá... como é que você faz né?... então a escolha fica na mão de quem... então essa pessoa que tem o poder de escolha/ele brinca de deus de alguma forma... e é muito difícil pra ele fazer a escolha.. então talvez por isso seja mais:: difícil ainda... você conseguir aprovar um novo produto:: um produto inovador... tem uma série de riscos que ninguém quer assumir... é muito difícil assumir... uma coisa é você assumir um risco numa empresa que ta produzindo eletroeletrônicos:: que lá na ponta:: o equipamento por alguma razão não atende as necessidades do consumidor... você tira aquele produto de linha:: se o consumidor comprar:: e não tiver satisfeito:: ele não vai morrer por aquilo... ele vai ficar muito bravo:: vai querer o dinheiro de volta vai querer devolver o produto... quando você fala na indústria farmacêutica:: quando você fala em medicamento é vida... então o que você ta fazendo impacta de alguma forma... e ai eu acho que todo mundo::... segura um pouquinho... porque é uma responsabilidade muito:: grande... eu acho que: dos tipo de segmentos que existem hoje de negócios:: de produção... éh:: é o que ta na ponta mesmo:: pra decidir se a gente (pode) viver... ou não...

2 e 1 – ((falamos juntas)) ()

2- e não fazer errado no mínimo né...

1- o ideal mesmo seria não fazer errado

2- () fazer certo é bem mais difícil...

Entrevistador – e::: vocês já ouviram falar no princípio da precaução?...

1 e 2 – não...

Entrevistador – então:: eu vou... ler aqui... ele foi::/ o termo foi consagrado na eco 92... então o princípio quinze:: da declaração do rio... sobre meio ambiente e desenvolvimento... ele diz o seguinte... “com o fim de proteger o meio ambiente.. o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados.. de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis... ausência de certeza científica absoluta não será utilizada como razão para o adiamento de medida economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental”... aqui é bem focado na questão ambiental... mas eu queria que a gente fizesse:: uma transposição disso... pra tudo que a gente ta conversando... né pensar no princípio da precaução como um... guia... pra indústria farmacêutica... vocês acham que esse princípio é aplicável?... na indústria?... seria aplicável?...

1- lê de novo..

Entrevistador – vamo ler de novo... quer ler?

1- eu leio... vamo lá “com o princípio de proteger o meio ambiente.. o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados.. de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis... ausência de certeza científica absoluta... não será utilizada como razão... para o adiamento de medidas econo/economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental” o que eu entendi que diz é que... se não tiver certeza absoluta... eu posso continuar... ou não?... é o contrario?...

Entrevistador –eu entendo... que que você entendeu mi?

2 – não... é ao contrario...

((confusão de vozes por 3 segundos))

1- eu entendo que é ao contrario.. exatamente você não tem a certeza absoluta você não faz... você deve:: pelo menos.... pesquisar mais... pra que os riscos...

((alguém)) –

[

aham...

[

1 -

de causar danos...

sejam menores...

Entrevistador – você tem que intervir...

2 – é que esse é um/esse foi um dos debates da NÃO (vinte seis mil) ... se eles iam incluir ou não... do princípio da precaução.... se eles iam (aplicar)...

Entrevistador – ah::: é::? E foi incluído ou não?... ou ainda ta em discussão?

((confusão de vozes por 2 segundos))

2- não sei... não sei... teve a última reunião mas eu não li ainda... se entrou ou não... se (ele) entrar.../porque é justamente isso.... se você não tem uma comprovação científica... totalmente embasada de que aquilo é um risco real... é justamente isso.. então ninguém se responsabiliza ninguém faz nada... e esse princípio diz que não... se existe um risco você tem que intervir pra que não () aconteça... e ai::/ de novo uma discussão complicada:: porque se você intervir... em tudo... ninguém ()

[

1-

você não faz nada:::.....

()...

[

2- mas se você não interfere em nada... os desastres acontecem... éh:...

1- é a questão do equilíbrio... e a a/e a questão de brincar de deus:... o que que eu decido o que que eu não decido:: pelo meu (*feeling*)... eu assumo o risco ou não assumo o risco... quando você fala em empresa... se eu:: assumir o risco:: e tocar em frente::... ir lá fazer e acontecer::... e tiver um impacto extremamente negativo?... comprometer vidas?... num é só a imagem daquele produto que vai... que vai ficar ruim... é da empresa... que pode:: começar a entrar num () de queda...

Entrevistador – uhum...

1- então é muita coisa que envolve... e ai eu acho que é a hora que todo mundo segura:: e não faz... ou se faz... faz o possível pra não demonstrar os riscos que tem...

Entrevistador – perfeito...

2- eu acho que:... tem/isso aí a gente volta pra mesma... pra/eu acho que é por isso... pensando bem agora... não é nem minha opinião mas... amarrando tudo que a gente ta falando... acho que por isso cada vez mais a/as pessoas estão se voltando pra essa questão de:... de/ da questão da rede:... e das discussões (*multistakeholders*)... de fazer os painéis::... e é por isso que a sustentabilidade ta tão ligada a questão do engajamento... essa questão da responsabilidade compartilhada... deve ter a ver com isso de não tomar a decisão sozinho... por justamente ninguém tem a propriedade pra tomar a decisão sozinho sobre nada não é?... então eu acho que essa tendência a tomar as decisões em conjunto:: deve ser pra... se/é/resolver esse tipo de questão...

Entrevistador – pra de alguma forma:: deixar a precaução:: ter voz:: no processo...

[

1 e 2 - ((ambos concordam com o dito))

[

2 – como se posicionar:: numa posição que não tem uma comprovação científica:: ou um embasamento... cem por cento:: comprovado... necessário... sendo que na verdade nunca ninguém vai ter... () sobre nada... é pra pegar o maior número de opiniões... possível::... que seja um consenso... que seja né::... que tenha u/um... grupo de conhecimento:: pra tomar o melhor caminho... acho que:: esses processos que a gente tem visto... tem a ver com isso...

Entrevistador – então::... seria aplicável...

2- seria...

Entrevistador – na indústria... o princípio da precaução?

(2) – por essa linha seria sim...

Entrevistador – e ai::... voltando pra aquele nosso caso hipotético:: do medicamento novo... pra que... o princípio da precaução fosse aplicado e obedecido::... como vocês acham que deveria ser a pesquisa?... de um medicamento novo... você já comentou um pouquinho... você falou que... as etapas deveriam ser mais longas::... o processo de... descoberta:: de pesquisa deveria envolver outras etapas... fala mais um pouquinho em relação a isso...

1- olha:: o que eu acho que deveria ter... as pesquisas deveriam ser realmente abertas a população... o que não existe:: hoje na indústria farmacêutica não existe/ mas existe em algu/alguns segmentos... a consulta pública... eu não sei tem... eu não sei se na indús/ em alguma fase:: de algum medicamento acontece isso com a (ANVISA)... talvez não... porque é muito técnico::... mas quando uma hidrelétrica:: vai se instalar em algum

lugar... num pólo eletrocri/químico... não:: sei:: se feito da forma totalmente correta... mas tem a questão da consulta pública...

Entrevistador – uhum...

1 – e eu acho que isso é uma coisa que não tem... que a consulta pública te dá a possibilidade de conhecer o processo inteiro:... não só a leitura técnica... porque a leitura técnica pra quem vai ser atingido por aquele:: serviço... por aquele produto... bla bla bla... não vai ter jeito... vai ter um termo la que não vai entender e vai passar por cima... e as vezes é esse termo que vai pesar... mas as consultas não... ouvir as outras partes:: que é o grande exercício as empresas precisam fazer... pra realmente falar de sustentabilidade:: e de responsabilidade social com propriedade:... então:: hoje se fala muito no que eu faço... mas eu to parando pra ouvir o outro?

Entrevistador – uhum...

1- então são situações que a gente enfrenta todo dia... puxa que legal vamos fazer um manual:: novo um relatório:: anual da empresa... e vamos publicar.. ok fizemos nossa parte publicamos... como talvez (deve) ser um dossiê... ta aqui ta publicado... mas e ai::?... quem vai receber:: quer saber exatamente o que ta ali::?... não tem nenhuma outra informação que seria importante colocar::? Ou retirar informação::: que não é necessária... então acho que o primeiro conselho é esse... estar disposto a ouvir... e:: mais do que ouvir né:... acatar... que ai quando você fala de alguns segmentos é muito:: complicado..

Entrevistador – éh...

1- ouvir já é difícil.. acatar então::... estar aberto a acatar decisões... ou então mudar o ritmo... mudar seu rumo... conforme a opinião do outro: é muito complicado... mas:: seria um grande avanço... a empresa que conseguir fazer isso... realmente na prática aplicar::... e mudar os seus processos correr um risco por isso ai sim a gente podia dizer:: que::... a responsabilidade social e a sustentabilidade estão inseridas no negócio... (eu) já acho que:: ainda::... eu sou um pouco cética/eu to já: não uns dez anos ai na área... mas eu vejo demais... boa vontade demais das empresas de fazer::... qualquer segmento.. mas... o pé atrás quando mexe com o meu território...

Entrevistador – uhum... meu território:: diga-se:: território econômico?...

1 – território econômico... e o ambiental e o social eu faço... mas eu faço dentro do que eu posso oferecer... então o ambiental eu to/faço um... mapeamento:: dos meus riscos::... eu faço um mapeamento dos meus resíduos::... dos impactos (dos resíduos) naturais que eu utilizo... como eu devolvo isso pro meio ambiente... mas tudo isso ainda é controle meu né::?... então eu mando () uma estação:: de tratamento e a minha estação... eu:: trato aquela água... e eu:: devolvo... então que eu vou fazer/o que se faz alem disso... tirando algumas empresas que tem um impacto muito maior... hidrelétrica:: petroquímica::... que ai sim tem que pensar... talvez numa cidade inteira::... mas quem/a a indústria em si... medicamentos ou outro tipo de indústria... ainda é::: só o que impacta devolução do que você efetivamente usou... e eu acho que na questão de inovação de medicamentos ainda::... é muito nessa linha.. talvez até mais...

Entrevistador – e as pessoas:: que passam pelos teste da indústria?

1 – pois é...

Entrevistador – como é que::...

1- quem é?... onde estão?... quem são elas?... elas tem voz?

((silêncio prolongado))

1 – difícil...

2- acho que ta dito...

((risos e concordância))

Entrevistador – depois de tudo isso que a gente falou... vocês continuam achando que responsabilidade social e sustentabilidade é aquilo que vocês colocaram no começo da conversa?... vocês: agregariam:: alguma outra coisa::?...

1- olha::... eu continua achando que é isso mesmo... mais do que... fazer:: ações:: mudar sua forma de agir...então ainda:: a gente trabalha muito::em fazer:/perde-se demais energias em querer fazer... então vamos construir um novo projeto vamos fazer uma estação maravilhosa vamos reciclar ok importante... mas ainda é mais agir:: do que sentir:: do que mudar comportamento... então eu acho que é bem isso ainda... ainda permeia a ética:: permeia relacionamento em todo:: o tempo.. o básico o operacional o trabalho braçal as empresas aprenderam a fazer muito:: bem... então agora tem que subir um pouquinho de nível...

Entrevistador – uhum... muito bom... e::... como vocês enxergam isso... no dia a dia do trabalho de vocês? _e colocou um pouquinho... a particularidade de estar numa indústria nacional... mas:: pensando no seu trabalho como um todo... no trabalho de vocês como um todo... como vocês enxergam essa questão da ética.. da precaução que a gente colocou... _e ta falando da evolução né... de sair de um patamar... e evoluir pra outro... como que vocês _e_i isso no dia a dia de vocês?

1- olha... aqui na empresa por exemplo éh/existe: um:: interesse no (ouvir)... quando vai se mudar algumas coisas ainda é um processo de amadurecimento então muita coisa cresceu:: muita coisa evoluiu... realmente no âmbito social e ambiental a empresa hoje é... é... modelo:: tem excelentes projetos:: tem excelentes iniciativas... e já ouve um pouco mais... então a gente já tem liberdade por exemplo:: pra aplicar algumas ferramentas como são os indicadores *ETHOS*:: e mostrar o resultado.. então eu acho que esse: primeiro ouvir.. seja da diretoria:: dos acionistas... do comitê executivo é muito importante... então... justame/a empresa sabe o que ela faz.. aonde ela está e o que ela pode fazer pra melhorar... e existe uma visão a longo prazo de ir inserindo esses processos mais:: de uma forma orgânica de uma forma:: um pouco mais lenta... pra absorver isso... e correr o menor risco possível... mas existe a::... a intenção e o desejo de ouvir.. e eu acho que isso já é:: um ponto importante.. e esse acesso a auto direção de passar essas informações... que dependendo do tipo de empresa que talvez a multinacional não tenha... chegar essa informação até o topo.. seja no () mundial seja na própria diretoria nacional... é um pouco mais difícil.. então eu sinto que na: empresa familiar ou nacional isso tende a ser um pouco mais () desse ouvir.. e ai ta o grande:::/a grande ferramenta ou a grande oportunidade de fazer a diferença também... mais rápido do que: grandes corporações... eu trabalhei numa empresa não é do segmento farmacêutico e do segmento de varejo... que:: era extremamente complicado você ter voz ativa perante os diretores:: sobre sustentabilidade ou sobre responsabilidade social... porque as premissas que vinham da matriz mundial:: eram outras... era negócio::... quando a matriz começou a falar em sustentabilidade.. ai sim... abriu-se uma porta... pra você começar a colocar coisas que você já vinha fazendo a um tempão... como (área) independente::: ou como interesse pessoal de uma diretoria... então... o processo é inverso... então na empresa nacional quando os donos... quando os acionistas:: são mais próximos do negócio... você consegue falar mais... pelo menos esse ouvir... e eles entendem:: que isso é um processo irreversível... em algum: momento essas questões vão ter que ser realmente inseridas no negócio... ainda está no momento de analisar em que momento é... e que momento esse mercado está pra começar a haver essa cobrança... haver esse impacto maior...

Entrevistador – e você acha:: então que não existe ainda essa transposição das ideias da responsabilidade social.. de quem ta no dia a dia.. trabalhando com isso... uma transposição pra áreas de negócio... se você está nas áreas de negócio...

[
((interrupção e confusão de vozes))

1 - mas a gente que ta mais no dia a dia... na parte técnica.. ainda tem muita coisa pra se fazer... a gente já consegue chegar muito:: próximo.. quando se fala em investimento social e meio ambiente... mas sustentabilidade na gestão do negócio... ainda não tem... a não ser o impacto ambiental.. isso sim.. mas ainda é o impacto do resíduo ou da:: do recurso natural que a empresa utiliza... nas áreas de negócio: em si... ainda não... eu não vejo...

2 – () que ainda é muito... didático ainda... como se fosse: estudar... no colégio.. as disciplinas são todas divididinhas como se um mundo fosse quadrado igual um jogo da velha... e não como se fosse tudo uma coisa só integrada... sistêmico... aqui funciona ainda dessa forma... ainda não é integrado.. então as ações existem... são boas ações estruturadas.. só que cada uma:: dentro... da sua caixinha ainda... dentro da sua área...

Entrevistador – vocês acham que é:: impossível haver essa transposição?... essa::/superar esse pensamento em caixinhas?... superar essa dificuldade que as áreas de negocio tem de:: entender que sustentabilidade... tem que estar inserida no negócio?...

1- não... totalmente possível... totalmente possível...

Entrevistador – mas você colocou que ainda:: não acontece... porque que não acontece?...

[
1 – não... (precisa) de espaço... espaço... tempo.. eu venho batendo demais a dois/não/() desde que eu cheguei com um programa: de educação de sustentabilidade consistente::... uma coisa que você possa... da mesma forma que você treina as pessoas pra/ em atividades do seu dia a dia... que sustentabilidade seja também inserido nos treinamentos... isso eu falo aqui::... tentei em outra empresa também... inserir sustentabilidade como tema transversal em todos:: os treinamentos que a empresa realiza::... mas ainda não...

Entrevistador – e porque?

1- () porque o foco:: principal ainda é o investimento social e ambiental... é o que aparece hoje...

Entrevistador – você acha que é pelo que:: se enxerga?

1 – isso... e pela própria abertura:: da cultura da empresa:: em abrir pra esse tema cultura é muito direcionada pra negócio:: desenvolvimento de produtos:: processos... então é muito processos processos processos... e trazer algo que seja cultural.. que seria cultural num primeiro momento... educar as pessoas pra esse tema... abriria um leque de possibilidades:: gigantesco... e esse leque faria mexer nos processos.. que nesse momento não se quer mexer... ou porque se tem outros:: desafios mais importantes pra serem feitos... dificuldades do dia a dia::... dificuldades de produção:: de resultado.. então esse é o foco principal agora... mas sustentabilidade ainda não é... sustentabilidade ta ai::... em algum momento nós vamos ter que mexer nessa caixinha... mas por enquanto tem outras prioridades... eu vejo dessa forma bem...

Entrevistador – e isso não te frustra?

1 – muito...

Entrevistador – te frustra...

1 – frustra... mas é porque eu trabalho demais com ela... o importante eu acho que é você tentar:: saber onde é a sua dificuldade:: e bater sempre nela... enquanto você tiver aqui... eu acho que a contribuição que você pode dar é essa... então o quant/eu sei que é essa minha dificuldade então é nela que eu vou voltar sempre... de alguma forma pra tentar abrir espaço... fazer bem o qu/o que a empresa valoriza... porque isso também:: faz com que se tenha gosto pelo pelo trabalho da área: _e conheça a área você reconheça a área... e reconhecendo a área: você ganha peso... e esse peso que vai fazer você ir la... toda vez bater um pouquinho bater um pouquinho até conseguir abrir um espaço maior...

E – então você ta colocando ai:: uma questão de poder?

1 – de poder...

Entrevistador – dentro:: da área... () organizacional.

1 - e de prioridades que esse poder coloca... eu que pra quem trabalha com isso é importante não perder a visão do que é o certo do que é o ideal... e a partir desse ideal fazer o que você é comprometido pra fazer porque a empresa te cobra... mas sempre com um olhar la na frente... poderia ser melhor... eu poderia fazer melhor... então o que que eu posso fazer melhor?... não se acomodar ou não.. éh...éh... se condicionar a fazer só o que a empresa quer... eu acho que pra você ter um profissional:: de sustentabilidade é nessa linha... a maioria que eu conheço tem suas dificuldades::... tem o (perfil) de falar poxa:: vida eu faço isso mas:: o correto mesmo:: legal:: seria se eu pudesse fazer isso isso isso... eu acho que essa visão do profissional de sustentabilidade que tem que existir... ele entender () o que pode ser feito e... ter um olhar:: sempre: treinado pra achar alguma oportunidade e inserir alg/algum dado:: alguma informação:: alguma coisa nesse processo... é difícil... é difícil... se () fosse fácil a gente não tava aqui...

((risos e confusão de falas))

1 – a mais tem um lado positivo poxa... as empresas:: investem cada vez mais em cria/ esse é um contra-censo absurdo né? As empresas investem em criar diretorias::... áreas de sustentabilidade... (mantem) uma estrutura que não:: é barata é cara ()... tem:: um investimento financeiro grande nessa linha... mas... não ()... é é muito louco isso...

2- então mas o que eu ia falar... ((risos)) é que o Entrevistado 1 começou a falar justamente da linha né do processo do investimento social da responsabilidade:: social e da sustentabilidade... e nesse caminho::... eu trabalho nisso a bem menos tempo... mas quem tem experiência/ a gente vê... também... o processo de amadurecimento das empresas né... desse trajeto... que é o caminho mais ou menos comum... acho que identificar o ponto:: em que a empresa se encontra:: nesse caminho... e respeitar também esse nível de maturidade identificando essas oportunidades de que a Entrevistado 1 falou agora... pra poder fazer a intervenção mais correta... eu acho que também faz parte do trabalho...

1 – até pra que seja consistente...

2 – exatamente::... então não adianta a gente:: saber que o ideal seria chegar na sustentabilidade::: trabalhar com base na (pirâmide)... inserir nas áreas de negócio... sendo que a empresa ainda ta la:: na primeira ponta... ela não sabe nem o que é o investimento social por exemplo... talvez... funcionasse ir direto começar da outra ponta... inovar e fazer de um jeito totalmente diferente... mas as:: experiências mostra que não... que existe um caminho a ser trilhado... um processo todo de educação:: de formação de cultura... então as vezes como você falou frustra um pouco sim... mas a gente tem consciência de que esse caminho... ele é:: feito:: aos poucos... então...

Entrevistador – uhum...

1 – que é até o que as pessoas dão conta:: de: absorver... de:: rever:...

2 – exato...

1 – porque:: a gente.. provoca de alguma forma uma reflexão... e não é instantâneo que você:: reflete... e muda...

[

2 - e a gente ta falando ()... da empresa...

[

1 - () e tem que absorver... a informação () ... que:: é diferente de quando você vai () (exemplo):: eu vou:: construir:: essa caneta... o que que eu precis/é muito prático é muito racional... quando você fala em sustentabilidade:: você não ta pedindo pra que ele mude... algo... de imediato.. você ta pedindo pra que pessoa... o gestor:: ou o envolvido no processo... ele entenda:: o que é sustentabilidade::... e entendendo o impacto que a sustentabilidade possa ter:: no trabalho dele.. ele faça as inserções eu acho que esse é o meio mais::... correto de se aplicar a sustentabilidade... as pessoas entenderem o que é e... aos poucos irem mexendo nos seus processos e incluindo algumas coisas... básicas: mas incluindo a questão de acesso de medicamentos por exemplo... o quanto isso é questionado ou não o quanto isso é importante ou não... na hora de preencher um relatório::... pra algum órgão::... que seja::... a a::... patronal ou um órgão que (reúna) um grupo de empresas...

((celular tocando))

1- desculpa ()...

Entrevistador – claro...

2 –não então... que a gente tava discutindo essa semana justamente isso... que eu mandei pra ela o pré projeto:... do trabalho... falando da questão do:: dos (stakeholders) que é::: a responsabilidade social exige essa discussão:: () (stakeholder) bla bla bla... e ela pediu pra eu prestar atenção... ela falou: esta frase... que::: o::... termo stakeholder e esse conceito está caindo por terra... pra eu trabalhar com as questões das redes sociais e das redes digitais... que é a nova tendência... e ai:: eu comecei a discutir com ela justamente isso:: que apesar de ele ta caindo por terra:: dentro da nossa: panelinha aqui da () ele é muito::: explorado... inclusive dentro da própria NÃO que ainda:: vai ser lançado em dezembro

1 – é mesmo...

2 – então:: na verdade... ele é usado à rodo assim/ só o que se fala do tal do público de interesse... (enquanto) dentro da área da comunicação que é aonde a gente trabalha... e que é o... meio fundamental de disseminar os conceitos:: de mobilizar as pessoas.. de fazer a tal de da mudança da cultura.. isso já é considerado algo totalmente obsoleto... ()

[

Entrevistador – mas as redes não são o seu ponto de contato:: com os públicos de interesse?

2 – exato...

Entrevistador – então:: uma coisa não invalida a outra?

1 – não.... acho que forma nenhuma... (acho que) uma coisa complementa a outra

[

2 – mas o que eu acho que ela quis dizer foi justamente isso... quando a gente fala de público estratégico desse processo de STAKEHOLDER:: a gente segmenta muito:: ainda.. não só dentro da

empresa... mas dentro da nossa área de comunicação mesmo.... a gente divide tudo como se governo:: fosse uma coisa que não tem contato: com comunidade que não tem contato:: com... clientes...

Entrevistador – entendi...

2 – que não tem contato com o público interno... que não tem contato com:: nossa área comercial...

1 – cada um cuida do seu público...

2 – é.. sendo que na verdade a gente no ano passado... por exemplo fez o painel de sustentabilidade:: aqui... e a palestrante:: ela começou falando de responsabilidade:: individual... ao invés de falar de responsabilidade social empresarial... falando que cada:: colaborador da empresa... é na verdade um indivíduo dentro e fora daqui... e que se ele não incorpora esses conceitos de responsabilidade pra própria vida... se ele não muda o próprio... jeito dele de fazer as coisas dentro: de casa... com a família... na relações que ele tem... como que ele tá preparado pra fazer isso dentro da empresa?... e mudar a postura que ele tem:: com a empresa... e mudar a maneira que ele tem::: de pensar e fazer os negócio/o trabalho dele no dia a dia::... relacionamento com cadeia de valor... ou não é capaz de compreender isso no micro universo da é a vida dele... ele não consegue ampliar isso pra fora...

1 – perfeito... entender qual é o papel:: de cada um...

2 – exato...

1 – (eu sou) o porta-voz de quem?... quando eu to aqui dentro?

2 – exatamente então... ()

((confusão de vozes))

1 – () um chapéu de gerente de não sei o que.... e eu to falando... em nome de quem...

2 – exato...

1 – será que essa pessoa... que eu to representando::... concorda...

2 – é... exatamente... e aí a sustentabilidade...

[

1 - (e você entende o) mínimo de tudo que o outro:: quer saber?

2 – uhum...

1- exatamente... você conhece.. o outro... quais são as expectativas... as necessidades reais? É:: difícil...

2 – então era mais ou menos isso... eu acho que esse conceito do de:: (regência)... a integração... com o outro... dentre os outros...e não as pessoas::... do... de forma separada...

Entrevistador – que legal...

2 – acho que é::... mais ou menos isso.... aí eu acho que vai por essa linha:: o trabalho... não sei... ()...

Entrevistador – vocês querem colocar::: mais alguma coisa::?... porque... meu roteiro... a gente seguiu assim::... completo... foi até o fim... vocês querem agregar::: alguma coisa::?

1 – acho que não... acho que...

Entrevistador – por que a ideia agora vai ser a segui...

[FIM]

ANEXO E.4 – Entrevista – **Empresa 4**

Tempo: 00:33:44

Entrevistador (E)– a primeira pergunta: que eu quero te fazer: Entrevistado é o que você entende por responsabilidade social:: sustentabilidade:...

Entrevistado – ta... pra mim tem muito a vê com:/bom não só pra mim pra empresa também... tem muito a vê com:: com o impacto que:: que a gente produz como empresa....

E – uhum...

Entrevistado – então::: o tipo de atividade de conduta:: que me permite:: contribuir com a: comunidade em que eu vivo... que me permite:: ter uma boa condição de:: de operação... que me permite ter::... benefícios para todos os envolvidos né... pra mim como empresa que opero:: pra comunidade que eu to instalada::... tanto no sentido de::... éh:: melhoria de::... qualidade de vida mas também de respeito a legislações locais:: de respeito a:: toda::: toda a conduta que já foi criada pra::: pra que a operação ocorra numa boa... num é: sem impacto negativo para ninguém...

E – legal... e::: você acha que esses conceitos de alguma forma se relacionam com a ética?

Entrevistado – completamente...

E – completamente....

Entrevistado – completamente né:: porque:: a gente:: especialmente indústria farmacêutica que::: tem o foco:: total em saúde né... independentemente de qual ela seja todas nós: trabalhamos por saúde... então não faz sentido... eu por um lado falar em saúde e por outro lado denegrir a própria saúde por meio da minha operação... num é então:: tem muito a ver com transparência:: tem muito a ver:: com::... com ética tem muito a ver:: com a própria integridade da empresa operando: em cada: comunidade né... da::/enfim todos os países que a gente atua...

E – ta... é você:: já colocou uma pergunta que eu ia te fazer em seguida... de que forma que a ética se relaciona com as atividades da indústria?... e se é um caso especial?... na sua visão...

Entrevistado – eu nu/eu não acho que seja::: éh: um caso especial... até porque eu acho num::: que não existe ninguém meio ético né::... então ou você é ou você não é... então o que eu que as empresas tem mais dificuldade:: e eu sinto essa dificuldade no dia a dia porque::... a gente falar em ética éh::... é relativamente fácil a gente fala bom: a gente vai uma::: conduta positiva... uma conduta que respeite todos os nossos stakeholders... que garanta a continuidade do negócio com benefício pra todos... no dia a dia: você tomar decisões de negócio que assegurem isso não é tão simples assim...

Entrevistado – não é tão simples porque você chega a uma série::... éh: a concorrência as vezes é desleal e ai te dou um caso muito específico... éh a gente tem uma política não só de ética mas de compliance muito muito: específica e muitas vezes mais restrita do que as legislações vigentes... isso quer dizer que se a gente tiver um (rep) por exemplo que oferece um::... ar condicionado para a clinica... que é uma atividade ou um bem que não está:: necessariamente relacionado com o bem estar do paciente e o benefício médico: eu posso de/desligar seu funcionário... por justa causa... porque ele sabe ele é treinado que:/quais são os limites da nossa atuação porque:

toda: a nossa conduta com o médico: eu não falo diretamente com o paciente... mas conduta com o medico eh:: tem que ser relacionado diretamente com a conduta médica...

E – uhum...

Entrevistado – portanto eu vou fazer uma pintura de parede pra melhorar uma clínica ou dar um ar condicionado você ta:... realmente claramente fora da política... então ele sabe que ele é desligado... só que ele me fala: só que a concorrência faz:... então se não me permite fazer eu perco a competitividade e nosso concorrente faz... e o que a gente responde internamente:: esse problema é do: concorrente aqui esta é a nossa conduta e ela vai ser preservada acima de tudo... então fica pra nós:: que existe uma política ou educativa ou corretiva então simplesmente: a gente fala em ética e *compliance*... a gente tem um procedimento muito:: abrangente dentro de casa.. pra que::.. primeiro... a regra seja clara... segundo:: as pessoas:: tenham e_ia apropriados pra tirar dúvidas:: se elas precisarem:... terceiro... que el/que as pessoas sejam absolutamente seguras... de que:: (a má conduta não) é tolerada... né então:: esse é um processo de muitos anos... agora o que eu posso dizer pra você é que a gente tem tido um sucesso muito grande nisso porque:: embora a gente tenha:: obviamente:: decisões descentralizadas:: na empresa é sempre um risco:: porque você tem: dois mil funcionários eu posso dizer que toda vez que a gente faz uma pesquisa de cultura... e a gente vem fazendo isso há:: pelo menos quatro anos... noventa e oito por cento dos funcionários nos dizem que a regra é clara e aplicada... então assim:: de toda a minha pesquisa de cultura... eu tenho noventa e oito: noventa e nove por cento... dos funcionários dizendo:: isso me protege: isso é melhor pra cá....

[

E -

excelente

Entrevistado – né: então: é uma conduta:: que embora a gente tenha um trabalho muito: intensivo... a gente:: tem muitas formas pra tratar: desse assunto internamente:: mas os benefícios também são claros... a gente não tem dúvida sobre o benefício que isso traz pro negócio.... por mais que em algumas ocasiões:: a gente perca:: na: na opinião do (*rep*) uma certa competitividade:... que na verdade a gente não ta muito preocupado com isso... né essa é a forma certa de atuar e a gente não abre mão...

E – e essa visão... coincide:: com os teus princípios?

Entrevistado – coincide... coincide:...

[

E - () de hoje você ta aqui... né... hoje:: você ta aqui e amanhã você pode estar numa indústria de alimento...

[

Entrevistado –

então:...

Entrevistado – eu to aqui há doze anos... então isso... isso...

((risadas))

Entrevistado – diz um pouco sobre a ética da empresa... é muito difícil você ficar muito tempo num lugar:: que não preserva:: isso....

E – sim...

Entrevistado – né é muito difícil você construir uma história:: num lugar em que: vo/que os seus valores pessoais não batam com os valores da empresa... e eu:: não me lembro de nesses doze anos eu ter sido colocada por algum executivo dentro de casa em uma situação constrangedora... de ter que abrir mão:/bom dia/de qualquer

tipo de ética... não me recordo... então o assunto é trabalhado:: muito as claras... a gente tem muitos fóruns abertos especialmente esclarecimento:... quer dizer:: não tem cultura de punição... livre:: livre de qualquer outra coisa:... é uma conduta de:: esclarecimento... pra que as pessoas tenham segurança::

[

E -

()

[

Entrevistado - exato... pra que as pessoas tenham segurança de atuar... o que significa também que né:: quer dizer:: eu tenho regra... pra todos os meus *stakeholders* sobre o/a minha: conduta específica do que eu posso e do que eu não posso fazer... mas _e tem dúvida se fosse:: capa de um jornal: você ficaria orgulhoso da sua imagem la?... porque se você não ficar: esse é seu teste decisório: não faça... aí a gente tem tido um bom sucesso... com isso né... éh:: eu poderia te contar um muitos de/ muitos mini casos: disso mas: tem sido:: positivo...

E – uhum... legal... e:: Entrevistado como que você acha que a indústria farmacêutica avança?... a gente ta:: falando claro no caso de uma multinacional...

Entrevistado – eu acho que todos: avançam pra ética... porque é um caminho sem saída... o consumidor cobra mais::... o medico cobra: mais... o que eu acho que::... eu acho que o cerne da discussão é:: embora seja um caminho que seja inevitável pra todos... o mercado ta mais regulado:: o consumidor exige mais::... a gente tem uma: conscientização maior sobre::... éh: o que é necessário do ponto de vista da: empresa da iniciativa privada pra:/porque a gente tem a melhor (condição) do negócio:... mas o que é ética pra mim não é ética pra você... e aí que eu acho que é o grande ponto... então a gente faz pesquisa: por exemplo com médico e a gente vê que::... no nosso código de ética eu não posso por exemplo:: fazer um::... um evento num sábado pra médico e permitir que ele leve a esposa e pagar:: o custo da esposa... se ele quiser levar ele paga por conta própria tudo bem é uma decisão dele... porque pra nós isso ta fora de (*compliance*) né: que pra nós é aplicação: da letra e do espírito da ética né: da lei... éh:: a gente pergunta pro médico o que ele considera e ele considera isso totalmente normal... entende:? Então:: éh... o o que é difícil: nesse setor é que a ética: na verdade ela:: é um pouco de repositório de valor:: é um pouco de repositório... de:: de uma certa experiência uma cer/uma certa expectativa.. então nessa história toda a gente tem embates...

E – aham...

Entrevistado – né então você tem toda uma discussão na indústria sobre:: fazer ou não: propaganda de medicamento.. porque tem gente que acha que isso:: éh: uns certos setores que: éh: acham que: isso amplia: a automedicação.. _e tem: uma série de: de fazer: programa de desconto pra paciente se isso:: faz sentido ou não... então as discussões não são simples:... porque não tem:: e nem é possível que haja: uma ética única:... uma ética que realmente guie toda:: conduta.... e aí:: a gente tem uma discussão que pra mim é bastante curiosa... que é::/e essa é uma opinião muito pessoal.... não é:: essencialmente a opinião da empresa... mas

[

E -

que é o que eu quero ouvir... pra mim é super importante ouvir a sua opinião pessoal... independente:: claro eu imagino que coincida::... em muitas questões com a empresa... porque você já ta há bastante tempo()...

[

Entrevistado - coincide:... e eu acho que não vai contra... mas eu acho que eu sou mais:: xiita...

E – ta.... pode colocar:...

[

Entrevistado - que é::: que é o seguinte a gente tem uma super discussão se a gente deveria ou não pagar::: né: é uma discussão da: indústria como um todo... se a gente deveria ou não pagar.... a ida de médicos pra congressos: pra atualizações científicas... e::: é bastante curioso ouvir médico:: dando entrevista... éh::: em jornal revista rádio dizendo que isso é um absurdo: que isso não devia acontecer:: que a indústria ta errada::: mas pergunta pro médico se ele nega quando ele recebe... entende... então é fácil jogar a culpa no outro:: pra você colocar um *spot* uma luz ai: pra esclarecer quem quem tem historicamente uma:: uma imagem negativa... porque a indústria: sempre foi muito fechada demorou pra abrir... demorou pra:: compartilhar:: a sua visão de negócio então isso permitiu que o mercado tomasse uma dada: impressão a respeito:: da sua atuação... isso é muito negativo ainda e::: predomina uma série de::: éh::: de informações que: não são em seu todo verdade... que é: que a gente ganha dinheiro em cima de quem é/de quem:... a gente:: vende: né (cria) () pra vender saúde.. e enfim::.. que cria cobaia humana uma série de credices ai que são absurdas... agora éh::: por outro lado: a gente olha a necessidade do nosso maior cliente: que é o médico:... ele é um cara que é::: praticamente:: motorista de *_e_i_*... porque ele trabalha em três quatro lugares... pega trânsito o dia inteiro... trabalha em três quatro lugares porque ganha pouco... porque ganha pouco não se atualiza... então eu me pergunto qual é a ética da gente parar de patrocinar isso porque no final das contas é o paciente que vai ter uma qualidade de atendimento inferior... porque o medico não tem condições de pagar pra:... participar de tudo isso.... *_e* tem uma elite: uma minoria absoluta que vai continuar fazendo isso sempre... *_e* tem uma enorme::: maioria que a indústria ajuda na formação e na excelência científica por meio de educação médica continuada séria... que se/pode deixar de existir... eu me pergunto onde ta a verdadeira ética nisso? Entendeu então pra mim faz muito mais sentido que você patrocine e:: seja muito claro... pra compartilhar:: o que patrocinou:: quem foi:: quanto ganhou pra fazer isso... et-cetera e tal pra ter uma agenda:: aberta do que propriamente impedir que ela:: exista... porque::: o medico hoje é um cara que provavelmente ao quarenta anos ganha o que eu ganhava aos vinte e cinco.... entendeu... então não é um cara que tem::: assim.. o glamour ficou no passado: é um cara que trabalha muito que ganha pouco que é pouco reconhecido... na prática... então... se a gente olhar as necessidades dessas pessoas:: eu não vejo com maus olhos que a gente continue bancando a educação médica continuada: porque faz parte do trabalho da indústria... a gente tem *know-how* pra isso... éh::: e quem no final das contas () quiser ser impactado ()...

E - éh::: ()

[

Entrevistado - então eu não sou:: contra... eu acho que tem que existir de uma forma transparente:: eu acho que::: tem que existir sempre a ética médica de que: não é porque ele é patrocinado por um laboratório que ele tem que se comprometer:: com prescrição... eu acho que faz parte da: indústria promover educação pra que o médico tenha: condição de tomar suas próprias decisões terapêuticas.... com base na necessidade de cada paciente.... não tem nada de errado nisso...

E – aham...

Entrevistado – mas é uma discussão hoje muito acalorada... no mercado: que eu acho que ninguém sai ganhando.... né quer dizer a indústria sai ganhando se gasta menos com isso porque a gente investe uma fortuna... em educação medica continuada.... a gente deixa de gastar: mas no final das contas... qual o benefício que o paciente tem com isso que tem que ser a minha principal::... preocupação do ponto de vista ético:... não é? Porque eu não converso com o paciente... então a gente tem uma série de ações... por exemplo a *Empresa 4*:: faz:: desde::/a mais de um século na verdade/produz um livro... éh::

E – o manual xxx...

Entrevistado – o manual xxx...

[

E - maravilhoso::..... eu usei na faculdade...

Entrevistado – então:: legal né... então:: ele tem toda família né: ele tem o índice: o médico o família o geriátrico.... o idoso tem o/enfim uma série... e:: é um material que a gente::... éh sempre produziu acreditando na educação médica continuada até que a gente resolveu produzir a versão pra leigos:... pra ajudar a relação e a conversa entre o médico e o paciente... então não deixa de ser educação médica continuada... né... éh se esse tipo de coisa perder espaço né: o livro não porque ele é independente mas:: o quanto eu:: invisto... nos médicos pra que eles atendam melhor o paciente: não deixa de ser uma postura responsável da minha parte....

E – uhum...

Entrevistado – então eu acho que essa... éh::... essa onda de que nossa:: isso é um absurdo: ah::: a indústria farmacêutica compra médico é uma bobagem absoluta... não vou te dizer que tenha () que eventualmente tenha uma::... use:: essa ferramenta essa oportunidade de uma forma:: que eu não concorde... que a indús/que a minha indústria não concorde... mas: de qualquer forma e eu acho que a gente tem que separar o joio do trigo não simplesmente baixar:: portaria de que::... éh:: não pode ser feito... que ninguém ganha com isso...

E – agora pensando em: pesquisa... vamo entrar:: um pouquinho no assunto de pesquisa de novos medicamentos... éh:: você acha que: quando se ta no processo de pesquisa e desenvolvimento... qualquer resultado é valido?... (eu vou ser) mais específica:... se ta pesquisando um medicamento pra::: cefaléia... pra curar dor de cabeça... só que:: você descobre numa fase do processo.. que ele tem como um efeito colateral uma destruição das células hepáticas... grave... _e acha que esse resultado é válido?... que:: deve-se seguir a diante... qual que é a tua visão?

[

Entrevistado - eu acho que toda pesquisa é válida quando você tem::: como objetivo final melhorar a vida das pessoas e prolongar a vida de uma forma geral... agora quando você chega num determinado momento de um estudo que se imagina que::... o risco não compensa o benefício não vejo:: razão nenhuma pra ter continuidade...

E – ta...

Entrevistado – acho absolutamente antiético ter continuidade... alias:: eu também acho que se decretado uma situação limite como essa a indústria tem como obrigação: dar atendimento a todas as pessoas que participaram de um dado estudo... que pode ter um risco aumentado.. por mais::: que ele saiba que existe consentimento acordado e quando ele entra no estudo ele assumo o risco... ta... mas eu acho que faz parte::: da responsabilidade da indústria:: porque tem mais condições... de de atender até o limite que for necessário cada um desses pacientes: que por::: ventura tenham um risco aumentado... agora... o que eu também vejo da: da () é que a

gente é muito:: rigoroso em estudo clínico... a gente tem um acordo global de publicar: qualquer resultado de estudo: independentemente de qual ele seja... e eu acho que esse é o jeito certo de fazer... que dizer eu não posso ter estudo que::/primeiro que a gente tem um sistema de estudo que é (duplo cego): randômico que é o que se espera:... não é? Em sua maioria... que se espera que seja:: a melhor forma de fazer: a forma mais transparente de fazer pra ter resultados mais claros... e provar benefícios de trocas... segundo que a gente tem esse compromisso de que:: se existe um risco: aumentado... paralisa o estudo porque:: é o limite que ele vai... isso tem sido:: feito... num:/no:: limite... do que é uma empresa xiita ()... a gente realmente tem um compromisso:: muito grande de expor: e publicar todo e qualquer dado de pesquisa... a despeito de qualquer problema de imagem que isso nos cause e vem causando.... né os últimos dois:: três anos foram muito ricos... em histórias de:: do quanto... essa postura:: completamente transparente de falar tudo:: as vezes até::... éh: nos cause problemas de imagem porque: nem sempre a:: leitura médica é a leitura que o jornalista é capaz de fazer... então muitas vezes a gente tem problema de::... éh: de ter alguma coisa publicado que não representa a real realidade:: o que acaba colocando luz numa coisa que é:: muito:: pequena... porque falta conhecimento do lado de la sobre como acontece como são esses tipos de:: de procedimentos... mas:... eu acho que o princípio da companhia de ser:: transparente nos seus:... éh estudos clínicos continua existindo... e que eu acho que isso nos:: dá como profissionais uma tranqüilidade muito grande de trabalhar num lugar:: que você não tem dúvida que vai tomar a melhor decisão... que as vezes internamente a gente até até questiona fala:: nossa... existe um... existe um pequeno risco:: não comprovado: de aumentar::... de causar o problema xis... recolhe tudo ()... entendeu então é uma empresa realmente séria pra fazer esse tipo de coisa.... o que nos da: bastante:: tranqüilidade de trabalho...
E – legal... então eu:: na verdade queria te perguntar se você conhece:: o princípio da precaução...

Entrevistado – não...

E – muito do que você ta falando: Entrevistado: é isso... eu vou ler pra você... ele tem um viés muito mais ambiental:: porque ele foi cunhado:: durante... a *eco noventa e dois* ... ta: então ele diz o seguinte o princípio de numero quinze na declaração do rio sobre meio ambiente e desenvolvimento.... com o fim de proteger o meio ambiente... o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados... de acordo com suas capacidades.... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis:... a ausência de certeza científica absoluta não será utilizada como razão:: para o adiamento de medidas economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental....

Entrevistado – eu não conhecia:: mas eu estou completamen/nós estamos...

[

E – não é?:... não é?...

Entrevistado – a nossa... _e me da um minuto que isso aqui é importante....

E – claro::... claro...

Entrevistado – alo... oi...

((corte))

Entrevistado – eu:: não conhecia ele dessa forma mas essa conduta:: de negócio da companhia... não só de meio ambiente... em meio ambiente a gente faz a mesma coisa... na verdade... mas em geral é um princípio que guia:: a nossa conduta:: completa... né de:: expor o mínimo possível o risco pro paciente...

E – ta... então:: isso que eu ia te perguntar... se esse princípio seria aplicável:: na indústria farmacêutica...

Entrevistado – completamente...

E – no processo de desenvolvimento:: de um medicamento novo...

Entrevistado – completamente...

E – e como que ele seria aplicado?... acho que você poderia descrever um pouquinho...

[

Entrevistado - então:: eu acho que isso as vezes é impossível/é eu tenho/ e eu posso/poderia () eu já tive droga descontinuada:... por conta:: desse:: de:: de a gente:: entende: que o risco:: não compensa:: o benefício.... droga descontinuada:: em fase três... droga descontinuada em fa/em fase quatro que foi o caso de:: do produto x ... ele não só foi descontinuado como ele foi retirado completamente do mercado... e assim por diante... então em qualquer momento que a/que a gente identifica... qualquer:: problema... sai do mercado...

E – agora quando você fala em fase quatro ele já ta:: em comercialização...

Entrevistado – isso... a fa/na verdade você precisa completar a fase três:... pra colocar no mercado... quando o medicamento já está no mercado:: a gente pode fazer estudos adicionais:: pra tentar:: amplia a bula:: pra ver se não tem outro benefício que não foi identificado:: durante as fases tradicionais de pesquisa... que a gente chama de estudos fase quatro... no caso de *produto x*:: a gente descobriu um possível aumento de eventos cardiovasculares numa população muito pequena... que utilizava o medicamento por dezoito meses consecutivos... na fase quatro... que é onde a gente:: fazia um estudo pra ver:: qual era a eficiência do produto x na:: contenção: de pólipos (adonare/adonoretum:.... retometais)... exatamente faz tanto tempo isso que eu já nem lembrava o termo:....

((risadas))

Entrevistado – então:: éh::... esse é um exemplo... o *produto x* era o principal produto da companhia... e nem por isso: era o me/menor produto inve/o quarto maior produto inventado no Brasil:: era nosso maior faturamento global::... e nem por isso:: por um benefício econômico a gente decidiu manter... a gente foi muito punido por causa disso inclusive::... a forma como a gente tomou a decisão enfim... tem muito aprendizados disso... mas não significa:: em nenhum momento:: que eu tenha ouvido de qualquer alguém dentro dessa empresa que a gente se arrependeu... de tomar uma decisão que a gente entendia benece/que beneficiava: re/respeitava os pacientes...

E – então: mas aí na sua visão:: será que o processo:: de desenvolvimento... não deveria ser mais extenso?... antes de ele cair no mercado::?... de ele...

Entrevistado – ai não acho...

E – não?...

Entrevistado – não acho porque:: se a gente imaginar:... e eu sou muito impactada pela característica da linha da (MSD)... que é a linha:: que eu tenho muitos produtos de resgate... muitos produtos pra pessoas que estão em estágios terminais... de ene doenças:: ou que tem a qualidade de vida muito:: muito muito comprometida... se eu pesquisar mais quatro anos de mortes:: que eu deixo acontecer... então num::/assim os estudos já são desenhados pra trazer uma dada segurança num limite que eu possa dizer que eu assumo... que isso é verdade pra (eu lançar)... se eu pesquisar:: dez ano a mais cada paciente: quantas vidas eu também deixo de salvar:: por conta de uma pesquisa tão mais ampla... então:: eu acho que:: pelo menos acredito que ele já sejam desenhados de uma forma:: pra você ter um controle:: razoável do benefício que ele:: pode te oferecer... ainda considerando que:: obviamente... eu acho que hoje:: a gente tem uma qualidade:: de pesquisa e de análise muito mais sofisticado do que existia no passado... tanto: que: se a gente olhar a curva... a gente um investimento muito mais alto em

pesquisa e desenvolvimento:... demora muito mais tempo pra trazer drogas... e a gente tem muito mais falências ao longo do processo.. porque o processo é melhor... então a chance: de a gente identificar cada vez mais esse tipo de:: microproblemas::... é muito grande: só que é o que a gente fala aqui dentro:: e aí eu ouço isso da área médica:: ouço da área legal:: ouço isso de todas as áreas... não importa que atinge cinquenta pessoas:: são cinquenta vidas... então tanto faz se são cinquenta pessoas ou cinquenta milhões... é vida... então a minha conduta pra:: cinquenta:: pessoas ou cinquenta milhões de pessoas tem que sempre ser a mesma... né... porque não tem como:: né... qual que é o preço da vida:? Qual que é o:::...

((confusão de vozes por 2 segundos))

Entrevistado – quando é alguém da sua família é cem por cento... então:: éh:: eu acho que a gente:: também por ética também por respeito *ad eternum* porque você deixa de trazer uma condição importante:: pra pessoas se beneficiarem disso... pensa em drogas pra câncer:: em drogar pra AIDS:: em drogas pra tantas doenças que são:: críticas que:: até... a chance que a gente trás pro Brasil especialmente ter estudo clínico eu antecipo qualidade de tratamento pra muitas pessoas que participam do estudo... não é? Gente que possivelmente:: não estaria entra nós se não tivesse tido essa chance...

E – e como você contornaria então: essa questão de um:: produto... já ta no mercado que é:: o exemplo que você deu do *produto x*... já ta no mercado e:::... apresentou-se um problema:...

Entrevistado – tira do mercado... né quer dizer... eu tenho::/lembra do produto x que era um risco: aumentado pra quem toma dezoito meses consecutivos...

E – eu lembro porque minha irmã tomava...

Entrevistado - que era um negócio que éh:::... inclusive é muito difícil de provar causa e efeito porque era uma situação muito muito muito:: específica... né... nem por isso a empresa falou ah: vai: risco pequeno é um por cen/é menos vai zero vírgula um de quem toma... né... _e vai falar assim então se o risco é completamente ínfimo a gente vai deixar:: que tudo bem?... porque o benefício pra uma imensa maioria de pacientes compensaria o risco?... não foi essa a decisão da companhia... a decisão da companhia foi que vida é vida... portanto vai ser preservada... por mais que ela seja zero virgula zero um por cento... _e vai fala assim ah:: mais porque que tirou se você entende que o benefício era maior que o risco?... porque existe outras opções terapêuticas... não é o caso que a gente tem por exemplo de algumas doenças que mais raras:: que você tira o medicamento tem muita:::... toxicidade... que a gente sabe... ta descrita em bula:::... só que se eu:: tirar do mercado não tem alternativa pro paciente:: o paciente morre... então... é melhor:: agüentar a toxicidade do medicamento e:: prolongar a vida do que::: tomar a decisão de:: não te-lo... porque eu não dou alternativa pra esse: pra esse grupo de pacientes que de/que dependem... desse medicamento...

E – mas ai de quem você acha que é a decisão de:::... ah é melhor:: então eu tenho a toxicidade:... ()

[

Entrevistado - eu acho que é decisão da área médica... né quer dizer:::... de lançar (né) o medicamento é da área médica da companhia... de administrar::: o medicamento:: considerando:: o risco benefício do paciente é do médico...

E – E qual seria o papel da companhia nesse caso:: assim...

Entrevistado – o papel da companhia é deixar o risco claro... quer dizer:: bom... vale a pena:: eu:: lançar esse produto com esta:::... porque ele tem esse benefício comprovado e ele preenche uma necessidade médica não

atendida portanto existe o benefício dado:: e o risco: é esse... ao médico:: cabe avaliar: na necessidade específica do paciente::... se pra aquele:: paciente naquela:: condição específica:: vale o risco...

E – você acredita que o médico abra:: esse::: nível de detalhe: de informação: pro paciente?

Entrevistado – ta em bula...

E – éh:: mas a gente sabe que o paciente não lê bula né:: quer dizer... a grande maioria...

Entrevistado – mas::... então mais ah::... aí é uma questão de:: é uma questão cultural... ele tem:: essa informação... então quanto mais a gente esclarece pra população a necessidade de dialogar com o médico e de entender sobre sua própria saúde::... que eu acho que também é uma dimensão ética da indústria:: a gente vê em:: não só a Empresa 4 mas várias::: falando sobre isso... inclusive nas associações da classe... na Interfarma né:: até então (Febrafarma) et-cétera e tal... é um pouco de esclarecer:: que:: a gente não pode ser::... a gente precisa entender risco e benefício de tudo que a gente faz::... não só de medicamento mas tudo na nossa vida... então::... por mais que ele não leia a bula:: o médico... quando... te coloca uma situação:: ele precisa conversar com você sobre risco e benefício a mesma coisa numa cirurgia::... bom ela é cem por cento possível de êxito? Não é... então quando você toma uma decisão por uma cirurgia:: o teu médico tem que te falar:: se::/qual é o risco envolvido:: você administra esse risco?... tanto que:: existe uma conduta:: médica que é muito conhecida... que é ta tudo certo pra uma cirurgia:: pra uma intervenção::... o paciente fala eu vou morrer:: para tudo... não se opera... porque o médico respeita: um sentimento do do do paciente: que pode ser crítico num momento como esse... então eu acho que tem muito a ver com a ética médica que::: eu me sinto bastante confortável de saber que isso é uma conduta coletiva... né?::... assim:: de respeitar o momento e a decisão do paciente....

E – uhum....

Entrevistado – mas eu acho que:: como todas as questões de saúde que:: que não são... não são cartesianas:: precisa haver conversa... né porque o que é importante é que riscos e benefícios estejam claros... então eu como indústria preciso garantir que a minha parte eu faça... agora: obviamente _e tem um investimento enorme em pesquisa:: et-cetera e tal:: (a gente) descontinua muitas drogas em fases finais de pesquisa:: pra nós é um problema... frustra... mas é o compromisso do médico que trabalha com a gente... enfim... é o compromisso do do:: que eu estabeleço como visão de futuro e de como a minha missão de contribuir com isso... eu tive há um::/uns quatro ou cinco anos a oportunidade de levar um grupo de jornalistas pra::: pra uma das nossa fábricas na matriz.... na verdade:: laboratório de pesquisa né::... não é fábrica... e um deles perguntou::/e um dos médico/e um dos pesquisadores tava falando assim: ah: eu trabalho aqui na Empresa 4 há quase trinta anos:: pra mim é um prazer:: et-cetera e tal... ai:: o jornalista virou pra ele e falou:: ah: mas você não se frustra?... porque há trinta anos você:: trabalha aqui e você nunca descobriu nada?... nada que você falasse::: nossa é uma descoberta::... e::: ele falou assim:: olha::... eu::/esse é o meu papel aqui dentro... o fato de eu nunca ter *descobrido* um medicamento revolucionário:: não significa que eu não tenha aproximado a empresa desse caminho porque eu descartei muitas outras possibilidades... e isso faz parte da rotina da pesquisa... o fato:: éh:: de eu:: continuar trabalhando significa que se em algum momento da vida eu descobrir:: vai fazer diferença pra tanta::: gente que vai ter valida a pena... então é o espírito que:: que eu acho que a empresa precisa criar internamente:: pra garantir que você não perca o () pela pesquisa::... que realmente contribui pra qualidade de vida das pessoas... e que você não se perca do foco... porque a gente decide:: como que eu decido lançar ou não um medicamento::? Pelo/pela quantidade da população beneficiada por ele... ai:: enfim.... isso é interpretado pela população:: então:: você vai lançar:: o que te dá lucro?... no final das contas porque:: s/se o meu pacien/se eu to.. pesquisando coisas que atendem: uma::...

gama muito grande de pacientes porque essa é minha decisão quer dizer eu vou ir pesquisar o que? Em alguma coisa que atende cem milhões ou quatro bilhões de pessoas?... faz sentido é ético que eu escolha quem atenda quatro bilhões de pessoas:: porque eu tenho/eu prolongo:: a vida de muito mais gente... obviamente eu também espero ter um retorno com relação a isso porque isso me permite pesquisar no futuro... né... é:: então é assim: é o lado... que as pessoas escolhem... não é:: que eu tome uma decisão menos ética pra obter mais lucro... porque: es/essa não é... a forma como eu decido o investimento... a forma como a gente define o investimento é olhar na organização mundial de saúde qual é o levantamento deles sobre as doenças mais endêmicas no próximo:: década... no próximo século:: e trabalhar nelas... porque a:: organização mundial de saúde:: definiu como prioridade... ah:: então... eu não vejo nada de antiético nisso... né? A despeito de a gente ser muito::... é:: criticado... pela sociedade: de fazer droga: pra quem tem dinheiro pra pagar:: o que também não é verdade....

E – e que as doenças negligenciadas ficarão negligenciadas... ()...

[

Entrevistado - não::... as pessoas falam de doenças negligenciadas porque elas não conhecem o que as indústrias farmacêuticas fazem para doenças negligenciadas... porque se a indústria não trabalhasse:: existiriam muito outras::... negligenciadas... porque _e tem doenças que:: é... não estão dentro desse escopo porque a indústria as tirou do escopo... a indústria também poderia ter se concentrado em drogas nichadas:: e... ter muito mais:: coisas de:: de países em::... emergentes ou: em desenvolvimento que tive/que fossem problemas reais e não são... mas faz parte da nossa... do nosso dialogo e de/até hoje da nossa baixa eficiência de se comunicar com a comu/com a sociedade.. a respeito do benefício da indústria... né então: também... a gente paga uma conta de água que a gente mesmo criou... então também não ta tudo: errado... a gente::... também precisa ser um pouco mais::... eficiente como indústria:: de compartilhar o outro lado da história....

E – uhum... (pra se) aproximar né...

[

Entrevistado - pra se aproximar...

E – dentro do que a lei permite também né::... tem esse ponto...

Entrevistado - tem... é... quer dizer... eu preciso falar com alguém... preciso construir () em alguém que eu (sequer) posso falar...

E – é é... isso...

Entrevistado - então é:: é critico... não é simples....

E – bom... depois de tudo que a gente falou.... você::... gostaria de agregar alguma coisa: a sua definição de responsabilidades social:: sustentabilidade::... _e acha: que ta tudo dentro... disso que você comentou?

Entrevistado - olha eu::... acho que eu nem te falei isso de uma forma organizada: mas:: eu::... eu te diria que responsabilidade social:: que pra mim se aproxima muito do conceito de sustentabilidade... não é o só pensar:: em ações da comunidade...não é? Que é o que todo mundo fala?... mas é o pensar como é que eu tomo decisões de negócios ao longo da minha cadeia de valor... né:: porque se eu tenho princípios:: esses princípios eles tem que estar presentes des::... do momento em que eu começo:: o meu negócio que é PD::... até o momento que eu vejo o impacto de um produto meu no mercado.... então sustentabilidade pra mim:: é entender: como é que eu impacto a vida das pessoa e como é que eu construo meu negócio:: sabendo que eu preciso controlar o impacto

ambiental:: sabendo que eu preciso tem um:: um:: um benefício social claro... porque afinal de contas eu estou falando de saúde... e que eu tenho:: que ter:: um benefício econômico que me permita manter:: isso por um período:: grande... eu não to dizendo que o lucro que a gente tem:: é adequado... e nem to colocando isso em discussão no momento... só to dizendo que o lucro é necessário:... porque se não:: éh: eu também não consigo criar um ciclo (virtuoso)... porque é muito bom falar em meio ambiente:: é muito bom falar em benefício social mas isso custa... e o estado não paga a conta... então:: se eu não pó/eu preciso:: poder pagar a conta... né:: e pagar a conta pra nós:: tem muito mais a ver:... assim a gente fala em lucro:: porque a gente repe/que a gente... produz novas pesquisas... mas a gente::... como uma grande empresa a gente:: comunica: uma forma positiva de atuar... a gente comunica e:: reconduz os padrões de excelência... a gente permite que muita gente tenha a vida mais digna e possa estar... se beneficiar do trabalho... que realiza por meio de um salário digno... então exis/a gente contribui efetivamente com impostos que a gente paga:: pra melhoria das condições de saúde:: educação e outras várias coisas que chegam pra população por meio de:: gerenciamento... do valor de imposto... então:: é assim... eu acho que é uma engrenagem complexa que eu acho que a gente precisa cuidar... que a gente não pode ser... que ela não pode acontecer na empresa como um resultado:: inesperado... né o que a gente tenta fazer aqui é discutir os pontos:: de uma forma consciente pra gente saber onde é que a gente atua... pra gente entender:: onde são as nossa fraquezas e poder atuar... então toda vez que eu consigo ter dentro de casa uma:: uma discussão aberta sobre isso eu acho que é o caminho pra sustentabilidade... não é? Que é um pouco do que a gente tenta fazer... que é um pouco da minha função aqui dentro... de garantir que a gente crie fóruns adequados:: e fóruns em alta liderança com gente que tem pode de decisão::... pra ver se a nossa conduta de fato é uma conduta que nos orgulha e que trás um benefício:: completo... como a gente acredita: trabalhando aqui... se não não faz sentido trabalhar aqui... entendeu? E eu acho que as pessoas aqui são bem:: sensíveis a isso...

E – eu acho que a próxima pergunta _e já até respondeu... porque eu ia te perguntar como que você enxerga isso tudo no seu trabalho::... se tem aplicabilidade...

[

Entrevistado -

tem... completamente...

E – ou se é impossível:: transpor... você acha que é impossível... quais seriam alguns:: gargalos ou desafios:: que você enfrenta...

Entrevistado – olha: eu acho que o gargalo e o desafio é um pouco do que eu falei la atrás pra você:: e tem muito a ver com o meu:: entendimento de ética e o seu entendimento de ética... a gente buscar o meio do caminho:: não é fácil... é uma necessidade contínua uma discussão contínua... que a gente tem que ta disposto a fazer... então eu acho que:: esse é o ponto... não da::éh.. é assim... ah::... é um:: é uma corrida que a gente não pode cansar... né e assim... quem nos mantém ativos e confiantes:: assim... é um pouco do histórico da empresa:: de você olhar pra trás e ver que de fato você tem um:: respaldo... corporativo de missão:: valórico::... pra que você possa fazer esse tipo de coisa que a gente tem:: isso... então:: éh:: gostoso é prazeroso trabalhar...

E – que ótimo... que bom...

((risos))

Entrevistado – eu acho que é isso...

E – ah: excelente::... brigada.

[FIM]

ANEXO E.5 – Entrevista – **Empresa 5**

Tempo: 00:26:01

Entrevistador (E)– Entrevistado: a primeira coisa que eu quero perguntar o que você entende por responsabilidade social?

Entrevistado – ta:... hoje eu entendo como responsabilidade social... o papel da empresa na sociedade como um todo... então vai desde de: do da:: do que ela faz... na sociedade:: né... então o impacto que ela tem na sociedade e aí você pode falar desde o impacto social do que/do que o business dela traz pra sociedade até de iniciativas que ela faz pra beneficiar a sociedade como um todo... até toda aquela: aquela: parte econômica também: que é importante pra ela poder sobreviver: se manter no mercado e com isso... é::: empregar pessoas:: né pagar impostos::: né: ajudar a economia do país... e também a parte ambiental né: como é que ela se relaciona com o meio ambiente onde ela te né: então... eu acho que é::: responsabilidade social é uma visão... mais ampla do que a empresa faz::: como um todo ... não acho que todas as empresas vêem isso nem: nem que todo mundo consegue de fato implementar isso... porque você olhar isso na teoria... é uma coisa né:... então você olhar... que a empresa:: é::: tem todos seus funcionários registrados::: paga todos seus impostos direitinho... é uma coisa que: que é socialmente responsável né... que ela tá fazendo cumprindo o dever que ela devia fazer.. é::: (fácil) você olhar isso... mas na prática você vê que as empresas entendam que tudo que ela faz tem um impacto social:: é mais complicado... né eu acho que nem todo mundo: ainda mais... é::: na alta gestão... acho que nem todo mundo tem essa visão: do que que: de fato::: é::: a empresa contribui e pode contribuir: qual é o papel dela mesmo hoje na sociedade... né como um todo... eu acho que::: a gente tava até conversando isso um dia desses... ah::: como o governo não consegue ocupar alguns espaços::: hoje né::: ele não tem braço pra ocupar alguns espaços... as empresas acabam ocupando... esse espaço né: e::: e são cobradas até por isso né:... então ah: o governo não consegue ajudar::: é::: acabar com::: desnutrição não sei de um exemplo assim... é::: as empresas são cobradas também por tarem... trabalhando nesse nesse foco... como parte de uma sociedade né então não é mais só o governo...

[

E - (tem) que resolver essa questão também né:...

[

Entrevistado - é::: exatamente... é.. é...

E – e sustentabilidade? Você acha que é diferente disso...

Entrevistado – não:... eu acho que na verdade é a mesma coisa...

[

E - a mesma coisa....

[

Entrevistado - é a mesma coisa... sustentabilidade:: e responsabilidade social... eu acho que sustentabilidade é na/é um termo mais correto até né:... porque::: é::: você tá falando que::: tudo que você faz tem que ter uma forma sustentável né:... então por exemplo pra você fazer uma iniciativa social::: eu vou fazer um projeto (XPTO) em algum lugar:... antes disso você precisa ter uma empresa que tá funcionando::: que tá conseguindo:... ter resultado::: que tá é:::...

pagando seus funcionários direitinho que tem um grupo/que funciona de uma forma correta pra você pode fazer também o bem pra fora né:... se ali não tiver bem resolvido... como é que você consegue:... a imagem que você quer transmitir num: vai casar com a realidade que você tem né... acho que tem um pouco disso...

E – ta legal... e::: você acha que esses conceitos /de alguma forma se relacionam com a ética::? A sustentabilidade a responsabilidade social...

[

Entrevistado -

ah:: eu acho que sim... eu acho que sim...

E – como?

Entrevistado – eu acho que sim porque... é:: na verdade eu acho que faz/tem que fazer parte dos valores da empresa né... então se uma empresa ela num::... assim se uma empresa não é ética... como é que ela vai fazer algumas coisa?... é:: ela até pode fazer algumas coisa pelo outro:: alguma coisa pra uma comunidade específica... mas de novo eu acho que: o::: a imagem que você quer transmitir não vai:: casar:: com o que você é de fato e uma hora isso aparece: né... pode não aparecer logo:: pode demorar muito tempo mas eu acho que uma hora:: isso acaba aparecendo... então eu acho que a ética tem que permear todos os negócios todas as a/as atitudes da companhia em qualquer... segmento:: qualquer área né... então eu acho que ta muito conectado sim... porque não pra você ter um... um trabalho sustentável né: se você não trabalha de uma forma ética...

[

E -

(numa base) né sim sem dúvida...

Entrevistado – é se vai querer:: falar coisas que você não é:: você vai querer demonstrar coisas que você não faz::... e ai e ai: o retorno é bem pior né... era melhor você ter/não ter feito nada né... do que fazer e não ta tão::... alinhado com o que você é de fato né::...

E – agora vamos olhar um pouquinho pro::... pro setor farmacêutico... você acha que a ética se relaciona com as atividade da indústria?

Entrevistado – eu acho que sim... eu acho que sim... prime/eu acho que a gente é um setor/como é um setor muito regulado... a gente é obrigado a fazer muitas coisas.. que outras empresas acabam não tendo essa:: essa::... necessidade né que tão em outro setores: e tal...

E – então _e acha que é um caso especial? O da indústria farmacêutica...

[

Entrevistado -

é:: eu acho que é: eu acho que a indústria

farmacêutica ela tem::/tem que ter um cuidado maior ainda com ética primeiro porque a imagem dela nu/já não é boa né: num.... é::: eu acho que ela tem:: melhorado a imagem tem melhorado um pouco mas a imagem ainda não é uma imagem boa:: tem todo um::... um... dilema ai de você vender: um produto que salva vidas::: né.... e toda aquela coisa de:: eu comercializo uma coisa que as pessoas precisam... ao mesmo tempo também se a gente não comercializa _e num consegue... criar coisas novas né::... então:: é um cenário difícil de explicar... né e eu acho que as indústrias farmacêuticas elas erraram muito... no começo.. em não explicar:: como elas funcionavam né e deixar... é::: ah: não vou falar:: é melhor não falar:: e deixar isso tudo... por baixo do pano e tal eu acho que só de uns quinze::: vinte anos para cá que elas começaram mais a falar... como é que elas funcionam porque que funciona porque que faz isso porque que faz aquilo tal então essa imagem que tem ai de séculos né::... de mais de cem anos que é: a maioria delas tem mais de cem anos... ela acabou se permeando:: e a/ai leva um tempo pra você mudar um pouco isso né.... então como ela já tem essa visão eu acho que todo mundo quando olha já olha

com um:::... né já tem um olhar mais crítico né... e aí não precisa ser só: quem ta do lado de fora... eu acho que governo::: os médicos:: farmácias:: todo mundo que a gente ta envolvido olha ora gente com um olhar mais crítico... então eu acho que... essa parte ética é bem importante... assim... eu tenho um visão que é muito da *Empresa 5* mesmo porque... eu trabalho aqui há muito tempo::: eu trabalhei antes na (empresa x...) então::: num conhecimento muito... o que outras empresas fazem... conheço assim do que a gente vê:: do que a gente escuta.... então assim eu sei que tem outras empresas grandes *empresa y,z ...* que tem/também se pautam tudo pela ética:: né:::... e tem um um (link) também muito focado:: com isso... é::: mas por exemplo eu não conheço muito as empresas de genérico as nacionais... eu não muito como que funciona isso né:::... a gente como uma empresa americana que ainda tem mais:::.... regulação ainda é::

[

E - mais regulação ainda....

Entrevistado - é... e bem pior né... então se tem a/_e tem as regulações... que são do mercado::: _e tem as regulações que são da empresa.... é:::

E - as internacionais:::

[

Entrevistado - as internacionais então assim::... a gente ta sempre meio:: engessado né: pra fazer as coisas se precisa::... sempre olhar bem isso... é::: então talvez o::: o nosso exemplo não seja o exemplo da:: indústria como um todo... mas::: é a empresa como empresa líder acaba pautando eu acho também né... acaba mesmo que levando as outras né: na mesma linha...

[

E - sem dúvida...

Entrevistado - então::: então assim eu acho que é um setor ético::: claro... deve ter gente que não faz coisa certa como eu acho que em qualquer lugar tem né... em qualquer área tem::: né gente que quer fazer coisa que não devia tal::: mas eu em::: em geral não tenho essa percepção de que: ah:::... é::: fazem tudo errado::: faz isso por causa daquilo e tal::... não é essa visão que eu tenho... pode ser meio míope: mas é a visão que eu tenho...

E-

é::: mas é a sua visão.... isso que é importante... legal... e::: vamos pensar na indústria::: avançando... como é que ela avança? A gente ta falando de uma::: multinacional::: que faz pesquisa::: né que faz inovação... _e acha que esse é o caminho então da pesquisa da inovação::: da invenção?

[

Entrevistado - eu acho que é ahn::: eu acho que são dois caminhos um é esse da pesquisa e da inovação de trazer coisas novas... pra doenças que a gente ainda não tem... uma solução::: ideal... né e aí você pega::: *Alzheimer*::: câncer... _e tem umas doenças::: _e tem umas doenças hoje que tão super bem resolvidas né então::: todas as doenças do coração::: essas coisas... você tem tratamentos bons::: e você consegue meio que::: resolver::: basicamente o::: tudo né... mas você tem outras que::: não tem uma solução ainda::: adequada né então eu acho que a indústria::: ela::: ta se focando nessas.... pra trazer mais soluções::: e coisas diferenciadas que vão ser também/eu acho que vão ser um marco que... vão ser tratamentos diferentes do que é por exemplo::: pro colesterol... né não vai ser uma coisa tão::: massificada vai ser uma coisa mais específica:::.... é mais focada né numa população... que tem essa ou aquela /característica né deve ser uma coisa mais::: é::: temos uma palavra... individualizada né::: uma coisa assim... mas eu acho que tem um outro lado também... que até a própria *Empresa*

5 ta olhando:... que é de trabalhar... os produtos que já tão ai há muito tempo né:: que é essa linha de produtos maduros:: de medicamentos que são super:: bons e que tão... pode até ter sido descobertos:: sei la trinta anos atrás mas são Não/os melhores medicamentos pra aquelas doenças: e que as pessoas continuam tendo essas doenças e precisam ser tratadas.... então eu vejo dois lados um que é o lado da inovação... de você buscar coisas novas mesmo... é:: até pra gente é:: da esse salto ai né de:: de anos de vida né hoje e outro é ta/continuar trabalhando nos produtos que hoje atendem:: as doenças do dia-a-dia:: né e expandir isso... por que eu acho que aqui e que a gente começa um trabalho de expansão de acesso né... de mais:: pessoas terem acesso a esse produtos... mais pessoas poderem se tratar:: irem ao médico e tal::... então eu acho que tem um ganho ai de saúde da população como um todo né... eu acho que ta todo mundo caminhando pra essas duas linhas... não acho que seja uma coisa só nossa não... algum/algumas se focam mais num lado:: algumas se focam mais em outro::... outras vêem as duas:: áreas como importante mas::... todo mundo...

E -

[
essa

questão do acesso tem sido bastante discutida...

[

Entrevistado -

bastante:: é... bastante...

E – e Entrevistado::... vamos pensar num caso hipotético que a gente ta desenvolvendo um medicamento... e ai:: você se depara com algumas questões:: que são normais... a gente sabe que quando se está desenvolvendo um medicamento _e tem... a cura:: e com isso se/a cura ou não né::... e _e tem:: os efeitos colaterais... _e acha que qualquer resultado::... nesse processo de inovação e invenção:: é válido?

Entrevistado – não: não é... acho que não... e eu acho que até... e ai de novo né a gente acabou dando por exemplo a *Empresa 5* a própria *Empresa 5* tem mostrado isso ultimamente que a gente teve vários:: estudos /que foram cancelados nos últimos... doze meses né nos últimos dez meses... ontem mesmo anteontem veio um () também de... pâncreas cancelado... /e nem é defeito::... /nem era evento adverso... é:: era até assim:: não era nada... melhor... né que também acho que tem isso né... ah:: ou trazer uma coisa que no final _e vai virar la:: e não vai fazer nenhuma diferença?... não faz sentido também eu trazer uma coisa que não vai fazer nenhuma diferença... só pra confundir a cabeça do médico né::... _e tem mais:: uma opção... e não vai fazer diferença.... então eu acho que::... é: acho que não acho que::... tem que ser uma coisa que vai:: trazer um avanço mas que vai... que vai trazer um lado bom também... a gente sabe que todos os medicamentos tem:: o lado bom e o lado ruim... né _e não pode sair por ai: tomando qualquer coisa né::... porque é um pro/é um produto químico... vai fazer alguma coisa no se/no seu corpo.... mas o benefício tem que ser muito:: maior que o risco né... se o benefício não é maior que o risco acho que não faz::... não faz sentido né...

E – ta... você::... conhece o princípio da precaução? _e já ouviu falar dele?

Entrevistado – não....

E – então vamos lê juntas... também não conhecia...

Entrevistado – é::?

E – foi uma:: ideia da minha orientadora da gente trabalhar esse tema porque ele tem sido muito:: discutido...

[

Entrevistado -

ta

E -

quando se fala de mudanças climáticas...

[

Entrevistado -

ta...

E - a gente vai ler:: da forma como ele foi definido...**Entrevistado -** ta bom...**E -** ele:: e vai vê tem um viés muito ambiental... mas a gente vai tentar fazer uma transposição pra essa nossa discussão...**Entrevistado -** ta bom...**E -** então a declaração do Rio sobre meio ambiente e desenvolvimento: que foi: durante a conferencia das nações unidas em noventa e dois no Rio... consagrou o principio da precaução nos seguintes termos... é o princípio de numero quinze::... com o fim de proteger o meio ambiente... o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados... de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis... a ausência de certeza científica absoluta... não será utilizada como razão:: para o adiamento de medidas economicamente:: viáveis para prevenir a degradação ambiental....**Entrevistado -** ta...**E -** então:: vamos pensar no nosso caso... e acha que ele seria aplicável?... na indústria farmacêutica?**Entrevistado -** eu acho que sim né: eu acho que sim... mudando um pouco né...

[

E -

esse processo de:

desenvolvimento de um medicamento novo... e se sim como?

((pausa))

E - então aqui... e quer reler?**Entrevistado -** () pensando aqui... ()...

((pausa))

Entrevistado - eu acho que sim... eu a/inclusive eu acho que... é:: não precisa nem ser um produto novo só::... pode ser um produto que hoje ta no mercado::: que no estudo a gente acabou estudando em poucas pessoas né::: e:: sei la cinco mil pessoas e ai quando e vai e começa a ser usado por um milhão de pessoas você começa a detectar:: que existe um problema maior::... e que naquele cenário super controlado não apareceu... eu acho que isso também é super válido... e que isso:: na verdade até... é:: acabou acontecendo em vários casos na indústria farmacêutica né: de onde você (vê): olha não tem nenhum benefício/aliás pelo contrários tem um dano muito ruim... tira: não funciona: né... é::... recolhe:: né: muda:: não é pra essa indicação é pra outra:::... eu acho que faz todo sentido... e em produtos novos e nos produtos que tão no mercado hoje em dia... né e eu acho que tem coisas que você só vai também... aprendendo aos poucos né::... o () fala muito uma coisa... que ele falou uma vez né:: e vê aspirina é super bom pra um monte de coisa:: ai um dia descobriram que se você tem dengue:: e você usar ela:: você pode morrer... né então não quer dizer também que você precisa tirar todas as outras coisas boas dela... não... mas que você precisa::... eh:: foca mais:: e explicar onde é que pode onde é que não pode::: né... e isso depois de cem anos você acaba descobrindo... acho que... acho que vale....**E -** e e tocou num ponto super: importante... que é:: o processo da pesquisa... a gente estuda um grupo pequeno::... e de repente assim e cai:: na população... e em geral e começa a detectar coisas... que não foram vistas no estudo...

[

Entrevistado - que lá você não viu:: é... exatamente...

E – você acha que a pesquisa deveria ser diferente? Como que você acha que ela deveria ser?...

[

Entrevistado - não.... eu a...

E - antes do medicamento ser lançado?

Entrevistado – eu acho que não... /porque eu acho que tem coisas que são impossíveis de você ver num estudo clínico... prime/primeiro porque você precisa ter... todo o controle daquele:: daquele ambiente daquelas pessoas:: o que elas tão tomando o que que elas não tão tomando::... todos os exames que elas fazem:: né... de controle e tal... é então eu não vejo como você fazer uma coisa diferente do que acontece hoje::... hoje () já são super controlados: _e tem um monte de dados::... antes _e fazia um exame de:: ah:: você fazia um hemograma e um exame de raio-x hoje _e fa/faz ressonância:: _e faz mil:: exames super complexos... que até tornaram a pesquisa super:: cara por conta disso né... então eu não vejo como como ser:: diferente na pesquisa... eu acho que o importante mesmo é:: esse trabalho de fármaco – vigilância depois:: que o produto chega no mercado... porque não _e vai... testa em populações diferentes:: ou em pessoas que... é:: que falam que vão tomar o remédio todo dia e acabam não tomando:: ou que tomam uma coisa e misturam com outra:: ou que faz isso faz aquilo... então eu acho que esse trabalho... depois que ele chega no mercado é que é:: bem... importante pra você ir acompanhando isso... eu acho que _e/do nosso lado... como indústria:: e como e como... pensando no bem estar do paciente e sempre bom recomendar que ele tome o medicamento... com acompanhamento do médico né::... porque eu acho que aí o médico consegue... ir percebendo se a pessoa:: ta indo/se ta sendo bom pra ela ou não::... e e ajudar:: e ajuda nesse processo de/será que esse produto né?... vai fazer bem pra ela o/de fato ou não... é ... e aí de novo... como a gente:: trabalha muito com o pessoal da área médica: por causa das divulgações de imprensa:: das coisa internas a gente... já visitou centro de pesquisa::... já fez até um *workshop* pra jornalistas sobre pesquisa clínica né::... e foi engraçado que a gente fez esse *workshop* e a gente até::... fez uma dinâmica de estudo clínico com *playmobil*::... cada um ganhou tantos pacientes:: os paciente se (revoltavam) nã _e _e... então é:: foi legal que _e vivencia um pouco isso e _e fala assim olha:: é complicado fazer uma coisa diferente... hoj/hoje _e percebe que ele é muito bem... amarrado... _e tem que ter todo um tipo de controle::... pessoal de pesquisa clínica... se a caneta for preta e _e preencheu com caneta preta... tem que rasgar e jogar fora: tem que ter todo um padrão::... é:: te/as informações tem que ser padronizadas:: né as análises são super profundas... então eu não vejo esse processo como um problema... o acompanhar depois eu acho que é o essencial...

E – então _e acha que:: o princípio da precaução ele é obedecido?... na sua visão?

Entrevistado – eu acho que sim::... eu acho que sim...

E – a ética:: ela é:: a base do processo...

Entrevistado – eu acho que sim... eu acho que sim...

E – então vamos abrir::... vamos... tentar pensar em uma outra situação... _e acha que as pessoas:: que participam desses testes... elas estão devidamente treinadas:: pra se observar::... pra relatar... qualquer diferença... você comentou ah:: de repente ele fala que toma o medicamento e não lembra que tomou outra coisa junto e isso:: pode interferir... no seu resultado...

Entrevistado – eu não::... eu não sei se os pacientes ele ta/eles tão tão bem preparados... é:: que ai eu num num... num sei como::... eu sei que os pacientes recebem todas as informações:: tem todos os dados:: e tal tem::... eles va/eles voltam no médico várias vezes ele fazem xis exames então eu sei que as pessoas que estão em estudo

clínico elas são controladas então ele pode até não falar a verdade mas você acaba meio que:: pegando aquilo né... é:: mas as vezes eu não sei se eles tem uma:... noção... do papel deles né: dentro do processo como um todo... eu acho assim que pro... que::... pra equipe médica que ta envolvida:: né a gente hoje no Brasil tem centros de pesquisa que são:... excelentes: e que são comparáveis a centros de pesquisa nos Estados Unidos Europa:: e tudo... então eu acho que:: as pessoas aqui tão preparadas sim... claro _e pode pegar um ou outro profissional... que não ta tão bem preparado:: que pode fazer uma coisa que num ta/num é certa:: e tal... mas eu acho que em geral a gente ta muito bem preparado: nesses grandes:: centros... né e ai _e pega São Paulo:: o sul... o Rio:: né: eu acho que Minas também tem alguns deles... é:: mas e/mas eu acho que a pesquisa clínica no Brasil é uma coisa nova... né ent/então por isso que eu te falei do problema dos pacientes... eu acho que as vezes eles não tem noção do papel deles:: dentro desse:... desse escopo todo... quando é de doenças mais graves:: tem ... uma pessoa de câncer ela sabe que... () aquele estudo... em geral eles entram porque... não tem mais solução né::... é uma coisa que é super difícil... ai eu não tenho mais nenhuma alternativa vou tentar essa... ele sabe que aquele é uma alternativa:: que aquilo pode não dar certo... mas se der certo vai ser bom pra ele e vai ser bom pra um monte de gente que tem a doença... mas pra outras doenças que não são tão::... não tão graves mas é que::... não chamam tanta atenção né a pessoa não tem tanto essa noção né:: as vezes de que ela pode morrer e tal... não sei se ela tem:: esse preparo... de fato né... eu acho que é um processo longo ainda de:: de::...

[

E -

de educação...

Entrevistado -

é:: e

onde cada um entenda qual é o seu papel:: dentro daquele cenário todo né...

E – e a empresa::... qual que você acha que é o papel dela... nesse cenário?

Entrevistado – eu acho que ai:: o pap/ o papel dela: é::... o papel da empresa não pode ser nunca trabalhar direto com o paciente porque::... não é uma coisa de::...

[

E –

() de relação ()...

Entrevistado -

é: é::... e não é

ético também né... mas eu acho que talvez preparar esses:: profissionais que hoje lidam:: com os pacientes né: esses médicos:: esses monitores:: tal tal tal pra que eles:: consigam... de fato educar esse pacientes::... e mostrar... a importância disso como é que isso funciona:: qual que é a importância:: qual que é o papel dele:: né... pra ele ter uma noção melhor do todo né...

E – porque que você acha que não é ético:: a empresa:: participar de um processo de educação?... dos pacientes?

Entrevistado – dos paci/eu acho até que se ela:: se ela apoiasse sem ta envolvida diretamente: então vamo imaginar que:/ah:: o centro de pesquisa ia fazer uma:: uma palestra:: pra pacientes::... ou uma ação educativa tal tal tal e a empresa:: ser uma das apoiadoras eu acho que não tem problema... mas eu acho que falar diretamente acaba criando::... porque assim... cria uma relação de proximidade: que pode criar problemas no futuro né::... então:: uma pessoa que ta num estudo clínico ela pode ta tomando o seu produto ela pode não ta tomando:: a gente não sabe o que ela ta tomando: né... é:: ela pode te relata uma coisa... que ela (devia) ta relatando:: pro médico né: e ai você ta fora do processo e ai... como é que você arruma aquilo praquilo ta:: de fato relatado nu/como deveria ser?... então eu acho que acaba:: qu/e ai também vem toda confusão de ah:: empresas:: ta influenciando o paciente/ai começa:: tudo né::... ai começa:: o caminho que não tem fim::...

E – a novela:...

((risos))

Entrevistado – então eu acho que o melhor e não ta:: nesse momento não ta:: tão próximo... acho que tem que ta:: por meio do grupo que t trabalhando com os pacientes::... que é como acontece mesmo... mas::: mas acho que não impede de trabalhar junto com esses pesquisadores:: em ações... de educação:: né de:... é::... de de conhecimento::: mais sobre a::... sobre a pesquisa clínica:: e tal... porque tem muita gente que acha... que:: ah que é cobiata né... () (teria) que ser feito um trabalho ma/mais fundo nesse sentido né::... de explicar: como funciona essas coisas né...

E – legal... depois da nossa conversa::... _e acha que:: o que a gen/que::: o que você definiu no começo como responsabilidade social:: sustentabilidade... é aquilo::?... você agregaria:: mais algumas coisa?... pensando nessa discussão que a gente teve...

Entrevistado – eu acho que:: eu acho que é aquilo mas que dentro desse papel da sociedade eu acho que tem que levar muito em conta isso que você falou né de como é que os seus produtos impactam de alguma forma nas pessoas... né então... é::: se eles estão fazendo o bem:: né e como é que ele tão com é que você pode maximizar isso... mas se eles não tão como é qu/qual é a sua responsabilidade dentro desse processo né::... eu acho que ta dentro disso ainda né::... do papel da empresa na sociedade... mas eu acho que na área farmacêutica é uma coisa que _e tem que ter/ta muito de olho né... porque:: faz... parte do do *core business* da empresa...

E – é:: não é a toa que chama vigilância...

[

Entrevistado - é::: exatamente.... é verdade é verdade....

((risos))

E – e:: Entrevistado... como que você enxerga isso tudo no seu trabalho?... _e acha que tem aplicabilidades::? _e consegue:: fazer essa transposição dessas coisas que a gente discutiu?

Entrevistado – tem...

E – _e consegue aplicar::?

Entrevistado – a gente como área que ta comunicando o que a empresa faz.. _e tem que comunica as coisas boas e as coisas ruins... né:: é::: então::: eu acho que a gente tem um papel essencial primeiro de mostrar:: internamente o que precisa ser falado:: o que precisa ser falado de forma transparente:: como ser falado... com quem falar::... e ajudar esse processo de esclarecimento também né... falar olha::... então a gente já passou por rec/por recolhimento de produtos algumas vezes:: que é uma situação super delicada... e cê tem que fazer _e tem que ser transparente _e tem que falar o que acontece... e e é por isso que eu te falei da... da ética.... porque é nesse momentos que a gente percebe muito sabe:: a ar/toda área médica que eu acho que na *Empresa 5* é muito forte:: isso é bem bacana... eu acho que::... acho que empresas farmacêuticas que talvez a área médica não seja tão forte isso seja mais complicado... mas numa empresa como a gente:: que a (área) médica é muito:: forte... quando você senta la pra falar bom: (porque) que isso acontece olha... pode acontecer isso com a pessoa:::... que vai gerar isso... ou não: não vai acontecer isso _e tem essa segurança... sabe _e consegue se sentir seguro quando _e ta sentando com o diretor médico... ele ta te dizendo:: olha pode acontecer isso isso e isso...

E – e _e acha que ele tem força:: no processo?

Entrevistado – tem tem...

E – mais do que a área de negócio?

Entrevistado – tem tem... eu acho que na Empresa 5 em geral... a:: área médica:: e eu acho que é global isso... ela tem uma força grande... muito grande... muito grande.. e aí é é:: ela é formada por médicos que são pessoas que se formaram pra:: né... pra fazer o bem... ele tem isso na formação né.. de com/como é que a gente salva vidas?... né então eu acho que nenhum médico quer::... chegar no fim do dia e falar hoje eu perdi tantas vidas né... eles querem hoje eu salvei tantas vidas... então:: então a comunicação ta muito próxima deles nesse sentido e por isso que eu:: tenho essa percepção de que:: ah:: a companhia ta buscando o que é melhor né:: pras pessoas... quais é:::o que vai trazer o bem... claro que:: todo mun/a gente tem o livre arbítrio e você tem::... é::: sabe seus produtos são indicado pra uma coisa isso não impede de uma pessoa ir la:: e tomar pra uma outra coisa e acontecer:: o mau pra ela... mas eu acho que o:::/a intenção é de trazer coisas boas... né e ai eu acho que a intenção da nossa área é transmitir isso também né::... como é que a gente ta trazendo... como é que a gente ta trazendo coisas boas... se:: alguma coisa não deu certo como é que a gente pode fazer com é que a gente pode melhorar:: enfim trabalhar tudo isso...

E – e quais você diria que são seus desafios:: e os: os gargalos pra esse processo ser:: realmente fluido transparente pra que a comunicação acontece de forma efetiva?... dentro desses:: valores que você colocou...

Entrevistado – então... hoje... de desafio:: eu acho que... meu desafio não tem nada a ver com::/tem mais a ver com o tempo mesmo:: eu acho que até o tempo das pessoas... né não é nem o tempo nosso... mas das pessoas:: poderem captar essas informações::... entenderem aquilo::: digerir aquilo:: aquilo ta.. realmente nelas né... é::: acho que esse é o grande desafio... mesmo quando eu falei... esse negócio de ah:: trabalhar com o paciente e tal... _e tem que ver se a pessoa ta afim né... porque a comunicação as vezes a gente:: pensa:: ah::: é um processo/ah eu falo não... você falar e informar né... comunicar é a pessoa:: entender e te dar uma/um retorno sobre aquilo né... então eu acho que hoje o... o grande desafio é::... essa cultura onde você ta/nunca tem tempo pra nada::: ta todo mundo fazendo mil coisas::: todo mundo correndo todo mundo isso todo mundo aquilo e não consegue perceber:: essas coisas... como é que você: mostra a importância disso né... eu acho que isso hoje é o nosso grande desafio... e eu acho que ainda a gente ainda tem o problema::: ai::: falando da indústria de imagem mesmo né que a gente ainda tem muito pra trabalhar... né ainda tem muito pra trabalhar... a *Empresa 5* tem uma imagem (boa) no setor::: acho que um pouco melhor que as outras até porque também... fa/fala mas tempo::: né publicamente::: teve o *produto x* (querendo ou não) o produto x foi um produto que teve que fazer a empresa:: se abrir:: falar mais e tal... então a imagem ainda é um pouco melhor... mas:: se mistura com (a do setor) né:: e ai:: vencer um pouco esse lado negativo é uma coisa que eu acho que ainda vai levar alguns anos... é um desafio de todo mundo...

E – é: com certeza... muito bom...

Entrevistado ah então ta...

E – que bom Entrevistado... você quer agregar mais alguma coisa:?

Entrevistado – não:: acho que é isso...

E – excelente::...

Entrevistado – vê se eu lembr/se eu eu lembrar de mais alguma coisa eu te falo também... de repente depois lendo o material::...

E – ta bom... agora eu vou transcrever::: vou te mandar...

Entrevistado – não sei se era bem isso que você queria também Lu... se ta::...

E – perfeito::... é exatamente isso que eu queria...

Entrevistado – então ta bom...

E – por isso que eu trago meu roteirinho:: pra guiar nossa conversa:... por que não a gente consegue ser:: bem objetivo...

Entrevistado – é:: legal... que bom que deu pra ajudar.... desculpa viu não te...

[

E - Entrevistado super obrigada::....

[FIM]

ANEXO E.6 – Entrevista – **Empresa 6**

Tempo: 01:06:40

Entrevistador – pronto... Entrevistado então pra começar nossa conversa... eu queria ouvir de você qual que:: é a sua visão sobre responsabilidade social... que que é isso...?

Entrevistado– bom... vamo lá... eu acho que responsabilidade social engloba várias coisas... né? Ah... tem a questão ambiental... a questão social de fato... né? E a questão econômica que taria dentro aí do tripé da sustentabilidade né... ahm:: então se for pensar... na parte mais social mesmo... né? Aí você tem toda a parte de recursos humanos:: quer dizer... os cuidados que as empresas e governos enfim a sociedade tem que ter com o ser humano... seja... empregado:: seja na questão dos direitos humanos:: uma questão... ahm... trabalhista de fato né? De não ter trabalho escravo:: enfim toda essa questão do lado social em relação a funcionários... né? E a questão social mais pro lado de:: assistência que:: seria aí então os projetos sociais... né? De/que beneficiam pessoas que são feito pelas empresas normalmente por iniciativa própria...né? pra beneficiar um número xis ou uma comunidade::... enfim

Entrevistador – aham... legal... deixa eu só colocar uma coisa super importante que eu devia ter dito antes... a nossa conversa assim... é a pessoa física

[

Entrevistado-

aham...

Entrevistador –

porque eu sei que você _e dentro da empresa...

[

Entrevistado- aham...

Entrevistador – mas eu queria ouvir sua opinião

[

Entrevistado-

sim...

Entrevistador –

como pessoa e não como porta-voz da empresa

[

Entrevistado-

não

claro

Entrevistador – porque é aquilo que a gente conversou um pouquinho antes... eh:: o que _e.. o que existe de dado pra reportar _e reportado... né? Então eu posso consultar no ()...

[

Entrevistado-

com certeza...

Entrevistador –

legal... bom e

sustentabilidade? Você acha que... engloba essas questões que você colocou...?

Entrevistado- então... acho que engloba:: ehm... isso é uma parte da questão da sustentabilidade...né? e aí você tem outra parte que é uma parte ambiental que é...que eu acho que é a que _e mais desenvolvida no mundo todo... né? Eh...de cuidado com o meio ambiente:: de/de cuidado com a ação...que a gente tem como cidadão pra não:: piorar... né? O nosso... o nosso ecossistema... quer dizer...aquela coisa de/de fazer com que:: você possa

utilizar hoje as coisas mas sem prejudicar as gerações futuras né? E aí tudo que vai ser no meio ambiente... a água... a energia:: combustíveis...enfim então acho que isso é o que _e mais relatado no mundo todo.. né...é palpável as pessoas enxergam... né? É fácil de explicar e é fácil de vender a _e_ia... então acho que isso funciona em muitas empresas... né? Eh... e a parte econômica né? Que em parte _e:: formalizada também... seja aí pelos balanços:: né financeiros que as empresas emitem... os relatórios e tal... eh...mas a parte financeira ela tem acho que um gap que é essa questão que envolve a ética.. né? Então a ética no/nos relatórios financeiros a ética na conduta financeira na verdade... das organizações seja pequena média ou grande... acho que as grandes até tem mais cuidado com isso porque elas tem... muita coisa em jogo... né? Eh...mas ass/deveria ter desde dentro de casa... né? E aí acho que a gente vê umas/muitas distorções... né? Principalmente em pequena empresa no Brasil você vê que... né as pessoas dão um jeito de fazer as coisas... pra::... né? Investir menos dinheiro...

Entrevistador – então _e tocou num ponto super importante que é a ética... e aí você falou da ética dentro do tripé... de um dos pilares do tripé que é o econômico... agora pensando na ética como um todo... como é que você acha que ela se relaciona com esses conceitos? A ética na sustentabilidade na responsabilidade social...

Entrevistado- eu acho que a ética ela/ela faz parte do processo todo... mas nem sempre ela é:: clara... né? Nem sempre existe uma transparência... eh... então:: no caso de empresas... acho que tem empresas que:: decidem optam por investir em ações sociais culturais educativas... mas com um cunho puramente marqueteiro... né? Então o objetivo é fazer marketing em cima daquilo e:: e não de fato se envolver com a sociedade... com a cultura:: com a educação... né? Então acho que nesse ponto a gente peca um pouco... né? Acho que se você quer fazer então:: vá fundo no negócio né?... senão é melhor não fazer nada porque isso acaba ficando... eh... visível aos olhos de quem né? Observa com um pouco mais de cuidado... né? Pois mesmo nos relatórios que existem né? Se você fala assim “vou dar uma analisada”... você olha você fala “hum esse relatório foi feito pra inglês ver” né? Então ele foi construído ele é todo bonitinho e tal... mas num tem consistência nos dados... _e vê que não tem envolvimento da empresa...

Entrevistador – num tem uma auditoria né? Da sociedade...

Elis: as v/é:: então as vezes até tem uma auditoria naqueles dados que estão ali... só que:: a/a forma com que eles são colocados...eh::... é muito parcial... né? Então:: _e vê... num tem continuidade de um ano pro outro... são ações muito pontuais... são ações que envolvem só patrocínio... quer dizer é só:: só colocar dinheiro...né... e acho que::...aí você/_e tem uma possibilidade de ter falta de ética aí no meio... não que tenha mas acho que existe...né... eh esse viés aí... ao passo que quando você _e envolvido você realmente...compra a _e_ia e vai e põe a mão na massa e faz... isso naturalmente se/se dissipa... né? Acho que não fica nem dúvida se tem ética ou se não tem... é uma coisa bem transparente...

Entrevistador – mais de base né?

Entrevistado– exatamente...

Entrevistador – e pensando agora:: entrando um pouquinho na atividade do setor farmacêutico mesmo... da indústria farmacêutica...de que forma você acha que a ética se relaciona com as atividades do setor e você acha que é um caso especial... por ser farmacêutico ou é como qualquer outro setor né? A gente pode dizer “ah, é igual a automobilístico:, alimentício, enfim...” que que você acha?

Entrevistado- eu acho que... não é igual mas não é exclusivo... eu acho que a indústria farmacêutica como um todo ela é:: muito mal vista...e com razão... pelo histórico que ela tem no mundo...né? então assim... eh::...antigamente... e ainda acontece...as indústrias tinham uma postura considerada hoje não ética em relação a

médicos...em relação... a::... desenvolvimento de medicamento... a:: testes...enfim então eu acho que isso de fato ocorreu... em algumas empresas ainda ocorre... e a sociedade reage a isso... né? A mídia reage a isso... e contribui pra essa imagem que a industria tem que não é nada positiva... então na verdade quem trabalha na indústria tem um desafio enorme... de mostrar que o que você _e fazendo é correto... não que seja lindo maravilhoso...cê só quer mostrar que é certo...né? e isso é difícil na indústria farmacêutica eh... não acho que é mais difícil do que nas outras indústrias... né? Mas acho que é... a farmacêutica é tão criticada quanto... petrolíferas... quanto a indústria do cigarro::... contra bancos::... que são vistos como grandes empresas que tão aí pra:: né? Consumir os pequenininhos... e as pessoas não enxergam o lado positivo de todas essas indústrias... né? Porque tem essa imagem que foi construída pelas próprias empresas...né? não é uma imagem eh::... fictícia... de fato acontecia mesmo... então acho que a gente sofre as conseqüências dos nossos próprios atos... e algumas indústrias ainda trilham esse caminho então é muito difícil né?

[

Entrevistador – mudar a imagem do setor como um todo...

[

Entrevistado- mudar a imagem como um todo né? É um trabalho de formiguinha mesmo... né...até você ganhar:: a confiança daquelas pessoas de novo né? Eu não _e falando de consumidor... na verdade o consumidor _e bem distante né?

Entrevistado- então a gente fala aí de tudo... fala de governo fala de médico fala de imprensa fala... até de fornecedor né? As vezes o fornecedor ele demora um tempo pra perceber que eu como cliente falo “nossa, que empresa legal” né? Porque... num primeiro momento ele só vê a parte financeira “ah, que bom vou ter um cliente grande” eh... mas ele “ah mas é indústria, mas tudo bem né? Vai me dar dinheiro”... depois é que ele começa a perceber que é uma empresa...que tem ética né? Que tem padrão de qualidade que segue vários processos::... aí ele passa até a usar como modelo... né?

Entrevistador – mas tem um caminho né?

Entrevistado- tem um longo caminho né? Eu acho que a gente _e:: talvez começando:: a trilhar esse caminho... eu acho que tem um longo caminho pela frente... né? Não acho que vai:: que vai ser tão rápido... acho que tem que ter uma conscientização das próprias pessoas dentro das empresas...né? pra que esse caminho seja trilhado... então eh... se você falar com pessoas dessa área de responsabilidade social... em qualquer empresa elas podem ter essa mesma visão...agora _e vai no colega ao lado que trabalha com *marketing* de produto... na mesma empresa... a visão dele é outra... na verdade ele nem tem essa visão... né? Ele não pensa::... ele pensa no que ele tem que fazer pra conquistar:: marketear pra vender mais... pra ter uma boa campanha enfim...eh então assim... tem uma briga::... com a sociedade e tem uma briga interna né? A nossa briga interna... é com certeza... mas tem uma coisa ...

[

Entrevistador – que não deixa de ser sociedade né? Sociedade dentro da empresa..

Entrevistado- mas tem uma coisa::... às vezes ele na casa dele ele tem uma consciência...né? do que::... ele deveria fazer ou não... então na casa dele na família dele.. né? Com os amigos dele ele tem...mas na hora que ele chega na empresa parece que ele esquece isso... é outro mundo e só enxerga a concorrência:: só enxerga número::... e esquece de todos esses princípios que ele deveria seguir... então não adianta nada ele economizar... água em casa:: economizar energia em casa... né? Reciclar material plástico e aí ele chega aqui e ele...achata um

fornecedor... né? Então assim:: ele _e cuidando do lado ambiental na casa dele... e aqui ele _e destruindo o econômico... exatamente... e isso é... muito mais comum do que a gente...

[

Entrevistador – e o social né?

Entrevistado- imagina... muito comum...

Entrevistador – e como é que _e acha que isso pode ser... contornado? Com a conscientização:: que _e falou...?

Entrevistado- eu acho que o único caminho é a conscientização... só que::...é um trabalho muito demorado... né?

As pessoas tem que querer serem conscientizadas e muitas vezes elas não querem... porque é cômodo porque aquilo que elas fazem dar certo elas não querem mudar... né?... ahm... e as vezes um bom choque ajuda né?... então assim quando a pessoa:: realmente chega num ponto que não tem o que fazer... ela é obrigada a pensar de outra maneira... né? Acho que nesse caminho as empresas até tem um papel muito importante... de::/então se eu tenho uma política de sustentabilidade em que os funcionários são obrigados a seguir aquela política ou eles saem da empresa... né? Ou eles se adéquam ou eles vão embora...eh:... aos poucos aquilo vai entrando nele...né então ele começa a pensar falar “não, eu tenho que ser ético em todas as relações”... e... e as vezes ele não tem noção que ele não _e sendo ético... ele acha que aquilo é o mercado...

Entrevistador – é uma prática comum...é o business as usual né?

[

Entrevistado- exatamente... que é a questão cultural mesmo do Brasil::... né? Eu não sei a realidade em outros países mas num acredito que seja muito diferente não... acho que deve ser bem parecido...assim o que importa é::... é a conduta que você tem naquele:: naquele negócio específico né? O resto depois você pensa... eu acho que deve ser um pouco assim no mundo inteiro...

Entrevistador – é... é difícil manter a coerência... em todas as...os níveis da nossa vida...

Entrevistado- é... mas mesmo que você não consiga em todos... mas que pelo menos você tente... né? Eu acho que esse é o caminho... assim se não dá pra fazer em tudo então... vamos ver o que que dá... né?... e fazer sua pequena parte...então se você deixar de prejudicar... uma comunidade:: um parceiro...né::... eh um mercado inteiro... já é um bom caminho né... mesmo que _e não consiga fazer nada pra melhorar aquela situação pelo menos que não faça para piorar... não contribua com a ilegalidade:: né então a gente tem muito isso então a partir do momento que al/ “ah você não pode mais contratar nenhum fornecedor que tenha funcionário que não seja registrado”...

Entrevistador – registrado em carteira...

Entrevistado- né... e se você cuida disso...né? então não é só “ah eu sei que eu não posso” não mas... _e/_e foi checar? Né? _e tem meios:: né? Processos pra averiguar?... então se você faz isso... e usa isso como prática já é um caminho...né? _e _e de alguma forma contribuindo pra que as empresas... né? Regulamentem todos os seus funcionários:: e tal... regularizem né a situação... então acho que:: é um pouco por aí né?...agora se eu pensar assim “ah eu vou contratar esse cara... porque ele tem o preço mais baixo” e você nem se preocupou se ele tem se ele não tem... se ele traz produto falsificado... né? Se você nem se preocupa você _e sendo conivente de alguma forma... né? Só que eu acho que:: isso _e muito longe do nível de consciência que a gente tem hoje... acho que as pessoas não tem:: esse nível de consciência...e não importa o cargo...não importa...né? pode ser diretor ou pode ser estagiário não importa...

Entrevistador – o cargo ou o nível né?

Entrevistado- é... eu acho que _e muito mais relacionado à área... de atuação... do que:: ao cargo que a pessoa exerce... né? Então as pessoas ligadas a recursos humanos...a:: eh::... os sistemas de segurança:: né? Segurança ambiental:: eh... comunicação social responsabilidade corporativa elas tão de alguma maneira mais... envolvidas com esses assuntos né? Esses assuntos eles chegam no dia-a-dia... eh:: mas outras... né: que atuam em áreas comerciais:: quer dizer... eh:: *marketing* administração em geral... né? Eu acho que:: eh... _e muito longe do dia-a-dia deles e passa batido...

Entrevistador – concordo... deixa eu entrar num outro caso específico aqui... pensando no avanço na indústria farmacêutica... como que _e acha que a indústria avança? Aqui a gente _e numa multinacional que faz pesquisa... então::... como é que você acha que acontece o avanço?

Entrevistado- bom eu acho que... a gente não consegue fugir do:: da descoberta de novos... medicamentos... novas vacinas:: novos fármacos... isso é um ponto então acho que essa é uma maneira de avançar... eh... numa empresa com o perfil como a nossa...né? eh:: tem outras farmacêuticas que conseguem avançar:: com genéricos... (cópia) é uma forma de avançar também... é uma forma comercial... então acho que essa é uma...né? questão do investimento em pesquisa mesmo... o investimento em pesquisa pra descobrir novas:: funcionalidades... nesses medicamentos já existentes... né? Que muitas vezes o investimento é menor... o tempo é mais curto... né? Benefícios chega mais rápido... éh:: aí acho que você tem a questão econômica mesmo...então de como avançar né? Crescer economicamente... seja... comprando empresas...seja mudando sua política de negócios::... enfim... uma estratégia comercial eh... e eu acho que tem uma questão fundamental que é... avançar:: eh:: inteira... né? Não avançar só na parte tecnológica... mas assim todo... o resto que sustenta a empresa tem que avançar junto... né? Então... pra eu ter um avanço tecnológico significativo:...né? eu tenho que ter pessoas capacitadas... eh... pessoas motivadas pessoas... enfim... envolvidas com aquilo ali... né? E aí vem tudo aquilo que a gente já conversou... pra isso tem que ter uma boa relação de trabalho::... um bom ambiente de trabalho né? Segurança... eh... tem toda a questão ambiental então... acho que faz parte disso né? As pessoas eh por mais que tenha um novo fármaco alguém descobriu... alguém faz o processo alguém conduz... né?... alguém acompanha os testes alguém avalia os resultados... né? Eh:: e lá na ponta alguém toma a decisão do que fazer com isso... né? Então::... é/o ser humano ele é o centro da história...né? num dá pra:: separar... né? E se você não cuidar do ser humano... dele de forma integral você não vai conseguir avançar né? ... ah... mas voltando especificamente a isso...acho que... eh pensando na indústria... né? O avanço em termos de::... de novos fármacos acho que é um::... é um dos pilares aí...

Entrevistador – mas _e acha que... num processo de invenção de um novo fármaco...qualquer resultado é valido?

Entrevistado- dep/depende do que a gente chama de resultado né?... eh... se ele tiver o resultado:: numa... numa comunidade xis quer dizer... então eu atinjo um objetivo seja de curar: ou de tratar: uma doença.. eh... num percentual significativo daquela população... ele pode ser válido... né?... mas isso é muito subjetivo né então assim... é vale-tudo...

[

Entrevistador –
pergunta...

acho que eu podia ser mais específica na minha

Entrevistado- é porque senão assim “ah é vale-tudo” depende do caminho que ele percorreu:: né...

Entrevistador – isso pode ser uma parte da pergunta e outra parte é assim ele é: um medicamento que está sendo desenvolvido pra curar dor de cabeça... ele cura: super bem a dor de cabeça... por outro lado... ele provoca: como efeito colateral... uma destruição de células hepáticas... to inventando uma situação mas a gente sabe que acontece né?... você acha que qualquer resultado é válido?

Entrevistado- eu acho que o modelo que a gente tem hoje... de restrição na indústria ele funciona bem... então assim:...eh esse medicamento ele pode ser válido: mas ele/ele é obrigado né é obrigatório que ele tenha que ele contenha essas informações:... claras e não:: né? De alguma forma:: subentendidas né?... eh... pro médico pro consumidor pra todo mundo porque? Eh:: eu vou ter:: eh sei lá... dez tipos de medicamentos para dor de cabeça... então:: eh...um ele... ele cura só um pouquinho ele não passa a dor de cabeça inteira mas ele não te provoca efeito nenhum mas _e continua com um pouquinho de dor... aí o medicamento dois você tem dor de cabeça e você tem:: sei lá... espinha... aí o medicamento três você não tem dor de cabeça e você tem::... problema hepático...medicamento quatro você não tem dor de cabeça mas você tem problema cardíaco... então acho que tem uma gama... porque ah...se se/se a gente fosse deus né? Ia poder falar assim “ah eu quero um medicamento que cure a dor de cabeça e não faça mais nada”... mas o homem não conseguiu chegar nesse ponto... né? Então assim acho que a ciência ela busca a perfeição mas não é::... tem que ser realista... né? Ela não é perfeita... então claro que se uma indústria descobrir um medicamento que cure a dor de cabeça e que não tenha nenhum efeito colateral ela _e no céu... é isso que todo mundo quer... ninguém quer um medicamento que cure uma coisa e cause outra... né? Por que? Porque é todo mundo bonzinho?... não:: porque as pessoas vão ganhar muito dinheiro... né? Mas a realidade não é essa né? Então conforme as pessoas vão avançando... eu acho que... eh:: fica claro que elas falam “ó nós temos essas limitações... né? Então assim... vamos dar continuidade?” é o que eu te falei tem alguém lá no fim que toma a decisão... né? “vamos dar continuidade?” “vamos” se alguém decidiu dar continuidade e um outro alguém que é um _e_ia regulatório aprovou... né?... eu acho que é válido... né?... desde que isso seja muito explicitado... né? Isso não pode ficar debaixo do pano... né? E aí esse caminho:: ele é longo:: então assim...é a comunicação da indústria com o médico... a comunicação da indústria com o governo com a sociedade... depois do médico com:: o paciente...porque ele não pode achar que o paciente vai ler a bula e vai entender tudo... né? Existe aí uma outra questão que vem sendo discutida pra que elas sejam cada vez mais claras...aí independente de ter bula clara ou não é o papel do médico... deixar muito claro pro paciente ele tendo algum problema pré-existente ou não... então falar assim “ó então você pode ter... este este aquele sintomas” né? Aí fala assim “ah só isso resolve?” não resolve porque o cara vai à farmácia e compra o medicamento sozinho... né? Então aí:: a bula tem que ser clara... né? E o farmacêutico:: tem que ter orientado... né?... ou passar informação ou não vender se não tiver receita... né? Que aí entra uma outra:: parte da nossa regulamentação... aqui no Brasil você consegue comprar quase:: de tudo na farmácia né? E sem orientação nenhuma... então _e tem que cercar por vários caminhos... eh::... acho que a indústria tem uma boa porção dessa responsabilidade mas ela não é a única... e de alguma maneira ela tem que exigir que o médico faça:: isso que ele cumpra:: isso... que o farmacêutico cumpra isso... né? Então assim a indústria pode exigir um pouco o governo tem que exigir outro pouco e tem que fiscalizar...

Entrevistador – e a sociedade exigir outro pouco...

Entrevistado- exatamente...então não é... a culpa de um só e nem o mérito de um só... é um conjunto de coisas mesmo...eu acho que a gente vê pelo mundo que tem um excesso de informação... né? Tem um excesso mesmo... então se você pega aí a população mais jovem né? A população antes de ir ao médico já sabe o que tem... foi na

_e_ia__t já pesquisou tudo já viu os sintomas o que aconteceu com um ou com o outro... agora se você pega a população mais velha... e mais pobre... pessoa não tem a menor noção... ela confia... plenamente naquilo que o médico _e_ dizendo... e se ele não diz nada... a informação que ela tem é zero... né? Eh::... e as vezes nem isso né? As vezes o médico não dá nem bom-dia né? _e_ vê essa interior do país e tudo...as consultas duram dois minutos... então é um problema muito:: maior que assim... a indústria ela tá envolvida mas eu também acho que ela não pode ser a única responsabilizada... então sempre que a gente fala aí de um medicamento isso _e_ no meio da história... e com um agravante a indústria não pode fazer... propaganda de medicamento para o consumidor... né? Pode fazer de cosmético medicamentos... né: de venda livre... mas em geral você não pode ter nenhum tipo de contato direto com o consumidor... então assim também chega numa barreira _e_ chega no seu limite ... por mais que você fale assim “ah não vou explicar:: de uma maneira bem didática” você não pode falar com ele é proibido...

Entrevistado – só o médico...

Entrevistado- só o médico pode falar com ele... e aí você imagina quantos medicamentos que existem::... no mundo pra tudo... né? Então... é uma situação muito delicada mesmo... né? _e_ fala assim “ai eu vou falar o que né? Pra quem?”... então... acho que assim a gente vive:: no meio né? Na corda bamba ali e é assim... é um lado fácil de criticar? É porque é quem produz... é quem _e_ jogando os medicamentos no mercado... então não acho que:: a indústria farmacêutica seja boazinha e esteja isenta da sua responsabilidade pelo contrário... só que também não acho que é tudo culpa da indústria... e aí vai a consciência:: de todo mundo: né? Da sociedade... como que você atua quando você vai à farmácia?... quantas vezes você já foi e comprou remédio sozinho? Muitas.. eu já fui muitas...

Entrevistador – a gente se automedica... péssimo hábito né?

Entrevistado- a gente se automedica... éh:: muitas vezes não tem efeito sério nenhum porque... né? Você já _e_ acostumado ou então a sua mãe _e_ acostumada a tomar remédio fala pra você tomar... né? O brasileiro tem muito esse hábito né? De estimular::: a automedicação... um colega de trabalho alguém _e_ tossindo a gente fala “ah toma tal coisa”... a gente faz isso o tempo inteiro... né? O tempo inteiro... e as pessoas fazem isso com tudo né?... você pega pessoas de mais idade elas fazem isso com tudo...então “ah::: eu tenho problema de pressão eu tomo tal coisa” o outro vai e compra igual... problema cardíaco o outro vai e compra o remédio igual... então a mesma coisa que você faz com uma tosse a pessoa faz isso com problema cardíaco...e faz...né? e o outro vai e compra... né? Então assim eh... falar “ah isso tem a ver com sustentabilidade?” claro que tem...então assim se aquela pessoa não tem educação... né? Uma formação:: que lhe permita avaliar e falar assim “não...não vou ficar falando esse tipo de coisa... deixa” sabe?... “vou ajudar essa pessoa a ir ao médico ao invés de” né? “de falar toma esse negócio que vai passar” ou às vezes toma um chazinho” ((risos)) né?... então acho que assim é tanta coisa...né? que ta... relacionada a isso... eh... e que:: quem acaba levando a fama:: é quem tem a aquisição de mais dinheiro... e nesse ponto a indústria é prejudicada... né? Então como::... são indústrias né? Que tem que ter dinheiro pra investir no desenvolvimento disso... são criticadas... né? Assim como os bancos são porque eles ganham dinheiro... o negócio deles é ganhar dinheiro...né? eles são criticados por isso... então:: eu acho que é a mesma coisa né? O pessoal fala “ah a corda vai pro lado mais fraco” nesse caso é o contrário né? As pessoas criticam::... quem é o mais forte da história... né? Mas criticam sem:: sem entender muito né? O consumidor não sabe::: que a indústria não pode fazer propaganda pra ele... ele não sabe... ele acha “por que que eles não não informam? Por que que eles não divulgam pesquisa?”... porque não pode... né? Então eu participei de um *focus*

group bem interessante que os consumidores falavam assim “não mas por que que a indústria não faz propaganda desse medicamento? Por que que não::... não explica os benefícios dele? Coloca um médico falando porque que esse medicamento é bom” um consumidor pedindo isso... né? Então assim não tem a menor noção:: que é proibido existe uma regulamentação... então::... tem esse outro lado... além dele não saber o que pode::... né? Ele acha que a indústria não faz porque não quer... então assim a imagem negativa fica sempre pra esse lado...né? e aí ela só contribui pra aquela imagem que existe de fato... né? Que tem isso mesmo então tem empresa que fala assim “ah não esse medicamento serve pra tal coisa e ele tem um monte de risco mas eu vou lançar assim mesmo... se passar passou”... então a hora que você junta essas duas coisas é uma bomba... né?

Entrevistador – isso é verdade... _e não sabe o mal que pode _e provocando... você:: conhece o princípio da precaução? _e já ouviu falar dele?

Entrevistado- eu já ouvi falar mas não sei detalhes ()...

Entrevistador – então vamos ler aqui... eu também não conhecia... ele é um princípio que foi:: consagrado durante a ECO noventa e dois:: que foi no Rio de Janeiro né? A Conferência das Nações Unidas Sobre Ambiente e Desenvolvimento... e ele diz o seguinte... no princípio quinze: “com o fim de proteger o meio ambiente, o princípio da precaução deverá ser amplamente observado pelos estados de acordo com suas capacidades... quando houver ameaça de danos graves ou irreversíveis... a ausência de certeza científica absoluta não será utilizada como razão para o adiamento de medias economicamente viáveis para prevenir a degradação ambiental”... aqui ele é muito focado na questão ambiental... mas eu queria que a gente fizesse um exercício e tentasse extrapolar isso... pras atividades do nosso setor... então pensando no princípio da precaução... você acha ele que seria aplicável na indústria... quando::: se desenvolve um medicamento novo? Se você acha que sim como ele seria aplicável?

Entrevistado- eu acho que sim... e eu acho que de alguma forma ele já acontece...né? eh:: porque a indústria não pode mais lançar o medicamento porque ela quer... né? Você tem agências reguladoras no mundo inteiro... então você tem o FDA nos Estados Unidos que as vezes aprova... um medicamento... e chega lá na Europa a Europa não aprova...o mesmo medicamento com os mesmos:: testes... né? Com os mesmos resultados... então um medicamento que é indicado pra mesma coisa:: e que tem os mesmos efeitos colaterais... mas aí você tem um grupo de pessoas que acredita que aquilo é... é mais ruim do que bom... né? E outro grupo que acredita que é mais bom do que ruim... né? E isso é no mundo inteiro...então:: assim cada país tem o seu né? As regiões tem o seu... aqui a gente tem a ANVISA então... eu acho que isso já acontece na indústria... talvez a indústria de medicamentos seja uma das mais avançadas nesse ponto... né? Com a de alimentos por exemplo isso não acontece... né? Então você pode resolver lançar um alimento... do que você quiser...você tem que ter um:: um:: registro se não me engano de:: atestado sanitário... de que você tem boas condições de higiene... naquele ambiente onde ele é produzido... mas se ele faz bem ou se faz mal pra saúde... ninguém _e nem aí... né? Eh::... assim como deve ter... mil outras indústrias...mil outras indústrias de outras coisas... que não são reveladas... então acho que nesse ponto a indústria farmacêutica ela _e avançada... ela tem muito controle...e eu acho que vai ter cada vez mais...né? cada vez mais... eh::... e tem uma coisa né? Acho que teve um avanço que é indiscutível...assim... por que que se faz tanto medicamento? É pras pessoas viverem mais e melhor... né? Num é simplesmente por uma questão econômica né? _e tem uma questão social muito pesada... né? Aumentar a expectativa de vida...então não adianta também “ah:: o cara vive setenta anos mas ele ta:: morrendo” né? Então ele tem que viver setenta anos com qualidade...e como que ele consegue isso?... muitas vezes com ajuda de

medicamento... né? Então... tem uma afecção da sociedade nesse sentido... quando a gente fala assim “será que tudo vale a pena?” né?... depende/depende do ponto de vista e eu acho que tem que ter espaço pro livre arbítrio:... de todo mundo... né? Então assim eh... a pessoa:: que ela tem uma determinada doença e que:: ela sabe que se ela usar um medicamento ela vai ter melhores condições de vida... ou ela vai viver por mais tempo... ela tem que op/poder optar assim “eu quero tomar esse medicamento pra viver assim ou eu não quero... eu quero deixar minha vida correr naturalmente como Deus quis” e aí você entra numa questão:: religiosa... enfim... você tem isso... né? A pessoa fala “não vou tomar”... né?... “não vou me submeter a determinados tipos de tratamento” né? Então tem gente que descobre que tem câncer e que não quer tratar com quimioterápico... e acho que isso tem que ser respeitado... né? Pela família:: pela sociedade pelo:: serviço de saúde... que é a questão do livre-arbítrio... então assim que caminho você quer seguir? Eh... ao mesmo tempo você tem que oferecer condições pra que ela possa

Entrevistador -

[
se decidir né?

Entrevistado-

exatamente... assim “se você quiser _e aqui... _e a sua disposição”... e não é simplesmente assim “ah não então sei lá... xis por cento não querem gente não vai oferecer mais”... eu acho que tem que _e ali à disposição e pra isso tem que oferecer também informação junto... né? Então:: isso pra tudo né? ... pra vacina “ah num quero tomar tal vacina” ... fala assim né “ah uma criança vai poder tomar essa decisão?” não mas a mãe vai... né?

Entrevistador - _e sabe que tem um movimento grande de mães que não vacinam mais?

Entrevistado- então e tem um monte de mãe que faz um monte de coisa... que não dá antibiótico:: que:: enfim... um monte de coisa... eh:: mas elas são recriminadas...né? normalmente elas fazem isso mas não divulgam muito porque::... são criticadas pela família pelo médico...né? em muitos lugares se exige uma carteirinha de vacinação...né? muitas vezes pra você ir viajar você tem que ter... um número xis de vacinas:: lá né... pra você poder ir e voltar enfim... então acho que assim... os governos no mundo inteiro eles criam maneiras... eh... de não propagar... essas doenças que são consideradas epidêmicas né?... é uma obrigação deles... né? Mas por outro lado eu acho que tem que ter sim o livre-arbítrio da pessoa decidir o que ela quer fazer... né? _e dá subsídio mas você:: deixa... a pessoa decidir o que ela vai fazer... eh e com isso você diminui um pouco:: você divide a responsabilidade... né? A responsabilidade não passa a ser:: só... do governo... só do médico... só da mãe ou só da indústria... né? É uma responsabilidade compartilhada...então né? Voltando a essa questão aí do princípio eu acho que::... ele já existe na indústria eu acho que ele _e... bem:: aplicado na indústria... acho que ainda tem um longo caminho pra se percorrer né...eh... e que.. talvez esbarre muito lá:: na ponta... que é nas agências reguladoras... né? Porque no fim: são elas que determinam se você pode ou não pode comercializar...né? a gente já teve medicamento que tava em fase super avançada de pesquisa com bons resultados... e que a indústria reguladora permitiu... mas o/o que a gente tinha de reação... não era tão positivo assim e a empresa decidiu retirar...

Entrevistador – aí usou o princípio da precaução...

Entrevistado- exatamente... mas acontece isso toda hora? Não não acontece... e é uma decisão difícil porque você tem aí... milhões de dólares e:: sei lá... vinte anos de pesquisa investido em um medicamento...

Entrevistador – e que passa pela ética... essa decisão... permeada pela ética...

Entrevistado- exatamente... exatamente... que é o que eu te falei...no fim...são as pessoas que decidem... né?então elas falam assim”ah:... a gente fez um estudo e o resultado é super bom... só que... corre um risco grande” né? E aí:: é uma questão da empresa saber que... o médico não vai orientar direito... que o paciente vai se automedicar... que o governo não vai oferecer... as condições que deveria oferecer de atendimento e de saúde então se aquele paciente tiver um problema né... talvez ele não consiga... né? Um bom atendimento a tempo de não ter um problema mais grave... aí sim acho que cabe à indústria decidir falar “não então assim... os riscos que não são meus... mas os riscos que não dependem de mim eles tão tão grandes que não vale a pena” porque depois a culpa volta pra empresa... né? Se você tem um problema sério... eh:: ninguém vai julgar eh todos os fatores que estão envolvidos naquilo ali... então pura e simples... tomou o medicamento ponto... né?

Entrevistador – isso afeta diretamente a reputação da empresa...

Entrevistado- exatamente ou você tem que tirar um medicamento do mercado por exemplo... porque aí sim pode ser que uma agência reguladora fale “ah então agora não deixo mais...” quantas vezes _e já viu isso? Né? É... mas tem sido por que?

[

Entrevistador: é isso tem/tem sido muito comum... medicamentos que são considerados a princípio super seguros... e num dado momento...

Entrevistado- _e... as vezes eles são assim por que? O processo de aprovação foi mais rápido do que deveria ... envolveu menos pacientes do que deveria... ou envolveu uma comunidade muito específica... e aí a hora que você vai pro:: pro mundo todo as populações tem características físicas diferentes... então:: sei lá você atuou em:: três continentes... o mundo tem cinco... né? Você chega numa determinada população em que ela reage diferente àquele medicamento...e aí:: você tem problema...então vira assim “ah aquela empresa faltou com a ética na hora de fazer?” não... os resultados que ela tinha tavam corretos... né? Mas talvez ela tivesse que ter mais:: estudos... né? Mas fala assim” vai conseguir estudar o mundo inteiro?” não vai... não vai... é por isso que é feito por amostragem...né?... senão não precisava... né?

Entrevistador: então você considera adequado...o processo de desenvolvimento de um medicamento... porque essa é justamente a próxima pergunta que eu queria te fazer.. se você acha que:: o proces/como você acha que deveria ser o processo de desenvolvimento de um novo medicamento?

Entrevistado- então... eu acho que o processo... eu num/eu num conheço detalhes do/do processo de desenvolvimento e de pesquisa...mas... eu sei que normalmente você tem aí uma gama grande aí de:: em termo de quantidade de pessoas que passam pelos/pelos estudos... e também de populações diferentes... mas eu não sei se existe uma regulamentação um número xis um percentual:: enfim...então isso eu desconheço... eu acho sim que você tem que tentar...abranger o máximo de pessoas e de populações diferentes... eh... mas nem sempre o tipo de medicamento que você _e desenvolvendo justifica isso...então as vezes um medicamento de uso relativamente simples em que qualquer risco que ele venha provocar é um risco baixo... né? Então eh.. deve... acredito que exista uma regulamentação internacional pra esse tipo de coisa...com níveis... né? Então níveis de segurança baseado no nível de risco... né? Eh se não existir acho que deveria existir... mas eu acredito que tenha...

Entrevistador - eu desconheço também...

Entrevistado- eh:: mas aí acho que é bem legal você falar com alguém bem focado de pesquisa...eh:: mas eu acredito que tenha... esses protocolos são super... super sérios assim do pessoal seguir então... acredito que tenha...né? e se não tem deveria ter...né? então... considerando sempre o risco e o benefício... né?

Entrevistador – então o que _e _e dizendo:: a gente pode entender que é...o que o princípio da precaução diz... você acha que o princípio da precaução se aplica ao desenvolvimento de um novo medicamento? Deveria ser considerado?

Entrevistado- é... exatamente... com certeza... mas eh... do que eu sei da indústria né nesse ponto ah... eu tenho quase certeza que ele já é aplicado... né? Que ele já é aplicado...porque senão não teria sentido... né? Pra que você faria pesquisa? Num precisaria... né? Então... é a mesma coisa com piloto de avião... por que que ele faz treinamento no simulador e não faz no avião voando? Porque sabe que pode cair... né? Então ele faz no simulador... né? É a mesma coisa... por que que () não sai vendendo direto? Porque sabe que tem risco...então cê tem que testar antes... né? Esse já é o princípio da precaução... agora o que tem que ver é o quanto você testa em quantas pessoas você testa com que abrangência você testa e onde isso vai ser comercializado...porque às vezes ele é testado por uma população sei lá... lá na Eslováquia e que eles querem vender lá...aí o que acontece?... vem uma outra empresa fala: “nossa vende pra caramba esse medicamento... vou comprar e vender no mundo inteiro...” aí é no resto do mundo que ele começa a dar problema porque ele não foi testado no resto do mundo ele foi testado naquela população... né? E ali ele sempre funcionou muito bem... aí ele vem aqui e um índio lá do Xingu usa o medicamento e morre... ele tem outra constituição física né? Então acho que isso sim pode ocorrer... e talvez aí sim seja o caminho de ter um rigor maior... né? Então assim... pra isso tem as agências regionais:: no mundo né? Tem os Estados Unidos tem a Europa... aqui no Brasil a gente só tem Brasil eh:: eu sei que tem uma:: que pega alguns países da América Latina mas não todos... então eu acho que tem que ter esse consenso... então assim “ah por isso que tem medicamentos que são... vendidos aqui que não são vendidos em outros lugares” e se essas agências funcionarem direito ou exigirem:: outros testes e a empresa estiver disposta a fazer esses outros testes... ela faz... e ganha um mercado novo... né? Então acho que assim... o mundo ele já:: né... a OMS acho que fez direitinho... essa lição de casa... né? De/de ter essas agências... talvez elas tenham que ser mais rigorosas... com medicamentos mais simples... porque elas são rigorosas com medicamentos pra cardiologia pra oncologia:: pra hipertensão... eh... mas talvez essas doenças mais corriqueiras ela deixe passar mais fácil né?... mas também to falando:: né sem muito conhecimento de causa né? Então::... quando eu falo em rigor talvez seja um rigor assim... () mas deve ter uma tonelada de pedido de análise de estudo de medicamento... né?... imagina o mundo inteiro produzindo coisa e submetendo pra uma aprovação... e o/e os:: estudos né? Com animais com planta... com paciente independente aí da fase que ele _e... os estudos são enormes... enormes gigantescos assim...então eu vejo assim...as vezes o Brasil participa do estudo de um medicamento... que é uma partezinha... do estudo que ocorre no mundo inteiro...
no mundo inteiro... do/do grupo do _e_i/é exatamente...

[

Entrevistador - que é só uma população...

Entrevistado- e aí assim então no Brasil às vezes você do grupo todo tem cidades diferentes ou se não às vezes _e num tem porque _e num/num/num consegue recrutar paciente que queira se submeter ao estudo...então existe muito essa dificuldade... _e tem que ter centro capacitado pra fazer pesquisa... porque a indústria assim ela não consegue fazer a pesquisa direto...né? então _e tem que ter centro de pesquisa... que vai recrutar esses

pacientes...aí você tem paciente que vai tomar:: o medicamento e você tem paciente que vai tomar o placebo...né? e você tem que ter pessoas capacitadas nesses centros que sejam capazes de:: conduzir o processo sem erro... e depois que sejam capazes de avaliar esse resultado... mandar pra indústria... que junta tudo que é no Brasil pra mandar pro que foi feito no mundo inteiro... ter uma análise global... _e imagina o que é o estudo de um medicamento pra:: uma iniciação... então assim as agências né? O EMEA o FDA:: você deve ter toneladas de medicamentos pra avaliar... então quando fala assim “ah demorou...sei lá... dois anos pra avaliar...” o cara não ficou dois anos olhando esse processo...demorou dois anos porque provavelmente num ano e oito meses ele falou “esse aqui chegou na fila”... e ele avalia em dois três meses...né...

Entrevistador – e com relação as pessoas que passam pelos testes? Você acha que elas são:: devidamente:: treinadas e capacitadas também?

Entrevistado- ass/os pacientes que se submetem? Eu acho que são...eu conheço só a nossa parte... né?

[

Entrevistador - sim...

Entrevistado- eu não conheço a parte de pesquisa aí de outras indústrias... né? Eu sei que é um:: é um:: sistema muito rigoroso... de:: consentimento... né?... e:: e que nem sempre é confiável mas as pesquisas já tem um desvio padrão aí né? Tem uns estudos... por que? Você:: fala que você quer se submeter a... a um estudo de um medicamento xis sei lá...pra problema de pele e aí:: a sua médica:: te receitou um negócio que _e dando certo e ela:: falou que vai por você num estudo...bom aí ela fala pra você assim “ó você tem que passar esse remédio duas vezes por dia...todos os dias sem exceção... você não pode tomar sol e você não pode ficar:: exposto a:: a luz do monitor do computador... aí _e fala “_e bom doutora vou fazer”... _e saiu da sua casa _e tomando sol::...né? você fica no computador o dia inteiro... né? E aí você:: afirma com todas as letras pr’aquela média que você cumpriu isso... então assim aí a responsabilidade do paciente em:: fornecer informações que podem não ser verdadeiras... né?

Entrevistador – e talvez de... de desenvolver uma capacidade de se auto-observar né? “bom será que isso aqui

[

Entrevistado-

exatamente...

Entrevistador – já tinha antes de eu começar o teste ou.. apareceu depois...?”

[

Entrevistado-

exatamente...

Entrevistado- exatamente... então é um processo muito difícil por isso que ele é tão rigoroso...né? eh:: e que você sempre vai ter essas variáveis... né? Porque não tem você vai deixar a...? você tem que/tem que avaliar a ação daquele medicamento na vida cotidiana da pessoa... você não pode fechar ela num... vamos mandar todo mundo prum reformatório e deixa as pessoas lá durante três meses e aí a gente avalia porque aí ela _e fora do ambiente natural dela então aí não vai ter validade também...

[

Entrevistador - É... criar um ambiente de laboratório né?

Entrevistado-

então assim...eu sei que os testes eles já consideram eh... uma perda de informação... considerando isso... as pessoas ou não sabem relatar ou não sabem avaliar...né? ou mentem... mentem mesmo... né? Eh:: e/e/e

muitas vezes não tem essa consciência acha que _e mentindo mas é uma coisinha boba... né?... ou assim ela sentiu:: começou a usar um negócio se sentiu super mal...vomitou foi parar no hospital... e acha que foi a feijoada que ela comeu ontem... ela esquece que ela _e tomando... um medicamento...

Entrevistador – então _e acha que a indústria tem algum papel? Nisso de... treinamento pra essas pessoas?

Entrevistado- eu acho que a indústria como:: como a gente vem falando né? A empresa que faz a pesquisa acho que tem... porque ela/ela tem que ser capaz de treinar quem _e lá na ponta...

[

Entrevistador - é mas e a empresa?

Entrevistado-

quem ta falando com esse:: paciente... na verdade não é nem treinar é conscientizar... né? Claro que tem um treinamento técnico... né? E que isso é muito importante... porque:: num/num centro de pesquisa você tem... o médico que é pesquisador... aí você tem outros médicos na equipe dele...que também conduzem a pesquisa com outros pacientes além paralelo... é tudo o mesmo grupo mas...um médico atende um paciente o outro atende o outro... você tem enfermeiros... você tem:: o pessoal da recepção... né? Então você tem uma gama de pessoas envolvidas naquilo ali... que elas não tem a menor noção da importância do que tão fazendo...então nesse ponto eu acho que... tem uma responsabilidade da indústria de capacitar esses centros... e não só capacitar mas... exigir que seja mantida essa capacitação...né? eh:: e tem uma responsabilidade desses centros em:: em efetivar isso... né? Então.. um médico-pesquisador ele não é um médico comum...né? e ele tem que conhecer o processo todo das/da equipe que _e em volta dele... porque não adianta só ele ser um super expert e fazer tudo direitinho...né? porque aí o paciente chega na casa dele “ah eu tenho uma dúvida” “ah mas... então... será que esse aqui eu tinha que sei lá tomar a cada... vinte minutos □...” aí ele pega e liga pra secretária::... a secretária do médico “aí ele _e atendendo... vou anotar sua dúvida e te ligo depois...” então é um... sabe? É um telefone sem fio... né? Então se todas as pessoas não tiverem:: envolvidas com isso... né? Não souberem da importância disso... às vezes a secretária não sabe que aquele paciente faz parte de um grupo de pesquisa... ela não sabe...muito menos ela sabe se ele _e tomando o placebo ou se ele _e tomando a droga...às vezes ela nem pode saber... né?

[

Entrevistador -

pra não induzir...

Entrevistado- exatamente mas aí você fala assim “poxa mas é a capacitação de uma... secretária uma recepcionista”...é... mas assim... será que ninguém nunca pensou qual é a responsabilidade que uma recepcionista de um consultório médico tem? Ela é igual ao balconista da farmácia...né? porque muitas vezes o paciente não fala direto com o médico... isso eu _e falando em médico particular...imagina serviço público... que cada dia é uma recepcionista diferente...né? então você não tem acesso...você foi lá falou com um médico depois vai lá fala com outro médico...então.. eh:: volta tudo isso pra questão básica da educação:: né? Educação nesse sentido de...de orientar de formar mesmo... de fazer as pessoas pensarem...

Entrevistador – não... sem dúvida... eu concordo com você... eu não tinha:: pensado nessa luz... _e _e colocando a coisa:: de forma muito ampla né... muito abrangente...

Entrevistado- mas é porque é mesmo... né? É o que eu te falei... no... quando você tem uma crise... a culpa vai recair sobre a empresa...isso é inevitável... né? A empresa então ela já/já conta com isso... né? Eh:: mas no dia-a-dia ela tem que trabalhar pensando que tem milhares de variáveis...

Entrevistador – muitos pontos de interface...

Entrevistado- muitos pontos de interface... né?:... muitos não vão depender dela...né? eh:: muitos vão... ou alguns tão no meio do caminho... então assim... aí cabe à indústria pensar “o que que eu posso fazer...pra minimizar isso?” né? Então... “ah eu posso fazer uma campanha?” “não não posso” “ah mas eu posso... treinar o pessoal do centro?” “posso” vai custar? Vai... mas o resultado pra mim vai ser melhor... eles vão trabalhar direito... né? Eu vou ter uma pesquisa mais confiável... né? Vai resolver? Não mas vai melhorar... então acho que tem muito isso e...e aí... o que vai pra falta de responsabilidade é a empresa que fala assim “eu preciso fazer uma pesquisa...” “ah nessa cidade tem... sei lá...cinco centros que fazem pesquisa” aí ele abre uma cotação financeira...entendeu? num é obrigado a ter licitação... né? Empresa particular... então ele abre uma cotação financeira...assim “ah esse aqui é o valor mais barato” aí o diretor da empresa fala “não claro vamos pelo mais barato”... né? “num é tudo centro de pesquisa?” e aí ele vai e:: e/e na verdade ele nem pensa muito no que ele _e contratando... entendeu? Contratando nesse sentido né?... escolhendo né?... ele ta escolhendo:: de repente um prestador de serviço que seria fundamental pra ele... mas ele _e escolhendo pelo preço... e às vezes ele nem tem condição de avaliar tecnicamente se aquele cara tem condições de fazer o trabalho ou não... o problema é mais embaixo né?... às vezes ele não sabe o que ele precisa...então:: ele fala “ah vou escolher esse... esse parece bom né?... esse tem uma cara bonitinha o escritório é legal... o fulano é simpático...” e aí ele acaba escolhendo aquele centro e vira uma cadeia de problemas... porque:: ele não soube escolher direito... ele não sabia o que ele tava procurando...ou ele tomou ua decisão puramente financeira...o centro não tem capacidade de fazer...né? ou faz... mas faz meio que aos trancos e barrancos...né? eh:: o paciente que _e sendo avaliado ali ele não recebe a orientação que deveria... então a chance do resultado dessa pesquisa ser:: péssima... é enorme...né? é enorme:: e aí você fala assim “ah mas... não foi aplicado o princípio da precaução?”... né? “a empresa foi lá... testou...tinham que ter xis pacientes testou xis...não sei quê... fez tudo direitinho” mas se o processo não teve qualidade não adianta nada...

Entrevistador – é... e Entrevistado depois de tudo isso que a gente falou:: que você comentou:: _e continua achando que responsabilidade social e sustentabilidade... é o que você colocou no início? Ou você prefere... englobar... outros pontos e agregar novas _e_ia...?

Entrevistado- não eu/eu acho que/que é bem aquilo que eu coloquei no início... a única coisa é que... quando a gente pensa naquilo a gente tem que ter essa consciência que tudo _e dentro daquilo...que é o que eu te falei... não adianta _e ser de um jeito em casa e de outro jeito no trabalho...então claro a gente aprofundou num assunto... que _e tudo lá dentro...né? eu acho até:: que essa coisa de:: de investimento em pesquisa...eh... o uso de animais em pesquisa... né? Estudo com seres humanos...eu acho que isso... começou antes da questão da sustentabilidade... acho que isso foi uma das coisa que/que trouxe pra discussão... né? O que que pode ser feito... o que que não pode...o que que é ético o que que não é...o que que a gente deveria fazer:: e o que a gente não deveria fazer... né? Eu acho que... né?... essa conversa toda ela é bem anterior à discussão sobre sustentabilidade no mundo...né? o que é uma discussão bem recente... né?... então acho que tem alguns pontos aí daa sociedade que começaram antes...né? eh:: não que eles estejam::... maduros...

[

Entrevistador - maduros...

Entrevistado- mas eles tem a sua parcela de contribuição pro/pro t/ por ter trazido à tona essa discussão... né? Então::... eh:: apesar de a gente ter que seguir um monte de regra na indústria... isso às vezes pode parecer muito chato... porque você fala “meu Deus não

posso isso não posso fazer aquilo não posso fazer nada” ... mas por outro lado te dá uma segurança...né? te dá uma segurança... você tem que seguir determinadas regras... né? Eh e você tem responsabilidade compartilhada...ela não é só sua porque não é mesmo... não é porque eu quero ah eu quero dividir coi/...é porque ela é dividida...né? eh... todo mundo tem a sua parcela de/de responsabilidade nas coisas... né? E acho que o que falta então nessa coisa de sustentabilidade é as pessoas refletirem sobre isso...porque elas não refletem sobre isso...

Entrevistador – seu papel... suas responsabilidades...

Entrevistado- exatamente...

Entrevistador - e::... pensando no seu trabalho...como você vê isso aplicado no seu trabalho? _e acha que tem aplicabilidade...? é possível você transpor as suas _e_ia_ pro seu dia-a-dia? Se não... tem/quais são os gargalos quais são os desafios::?

Entrevistado- eu acho que é possível...mas... eu acho que a gente tem muitos *gaps*...né? eh:: e olha que assim... né? Eu _e numa empresa que:: investe nisso... né? Que exige... né uma postura::...vamos dizer...eh sustentável... dos seus funcionários... e mesmo assim eu acho que é difícil...né então... eh:: como regra geral sim...né? então tem algumas coisas que são:: muito:: muito claras então assim você... faltou com a ética de alguma forma... você _e fora da empresa... eu acho que isso é muito claro...eh:: mas... “ah não eu...sei lá... não _e preocupada com::com manutenção dos recursos ambientais” eu não _e fora da empresa...entendeu? não é uma coisa tão rígida...né? então... acho que dá um caminho pra todas as empresas percorrerem... né? E isso... na verdade normalmente tem que partir dos líderes porque senão isso não acontece...né? pra que esse pilar de fato seja um pilar...né?... e isso _e muito ligado à cultura então assim... uma empresa francesa...que tem no mundo inteiro inclusive no Brasil... a cultura que a gente tem no Brasil é diferente da cultura da França:: é diferente da cultura dos Estados Unidos:: diferente da cultura do Chile... do Egito... né? É a mesma empresa...mas as pessoas são diferentes... então... por mais que eu faça o meu trabalho direitinho aqui no Brasil... eh:: ele não pode valer/ele pode não valer nada em outro lugar... né? Porque a questão:: cultural é uma barreira...eh às vezes tem o contrário... às vezes a gente faz um trabalho maravilhoso que... várias filiais no mundo querem implantar... e elas não conseguem...não conseguem porque tem uma::... tem uma:: resistência cultural...né? e eles acabam desistindo... e/e muitas vezes tem que desistir mesmo... né? Tem que fazer o que vai funcionar lá... não adianta... né? É legal? É maravilhoso mas tem que fazer o que vai funcionar pr’aquele população...

[

Entrevistador -

pensar... globalmente é

() ...

Entrevistado-

se as pessoas não comprarem a _e_ia... né no/no fim é o ser humano que _e ali... se ele não comprar aquela _e_ia aquilo não vai funcionar...então pode ser que a gente tenha dentro da mesma empresa no mundo inteiro... eh:: filiais muito mais preocupadas com a questão ambiental... isso acontece nas fábricas por exemplo... falando só de São Paulo...dentro da mesma empresa... então a questão ambiental é super bem cuidada... né? Super bem cuidada... tem um monte de gente trabalhando nisso...né? redução de:: emissão de CO2 ... do uso da água... mil coisas... né? Assim isso acontece no escritório?... muito pouco... acontece reciclagem de papel... acontecem outras coisas que estão mais ao alcance...né? mas aí aqui por outro lado você tem uma questão... eh:: social muito forte...que pensa na empresa inteira...então...e não tem jeito não dá pra ser diferente...né? mas eu

acho que dá:: é pra gente tentar... pelo menos eh disseminar esses conceitos pra que as pessoas tenham essa consciência na vida delas... se elas tiverem isso na vida delas... automaticamente isso vai se refletir na empresa... né? Então o cara que trabalha lá na fábrica preocupado com o uso da água... ele também vai _e preocupado com a questão trabalhista...né... com o fornecedor:: ele vai _e preocupado com a questão financeira da empresa:: né/ então:: acho que vira uma coisa automática apesar de não ser o foco dele...

Entrevistador – legal...era isso que eu queria te perguntar...não sei se tem mais alguma coisa que você queira colocar...

Entrevistado- não a única coisa é assim... eu não consegui trazer ninguém de pesquisa mas acho que assim... seria muito legal você conversar com alguém...eh:: até pra você entender mais como funciona na prática...esse:: esse processo de um estudo... né? Com a população... aqui/ te falei né? Aqui no Brasil a gente não faz tudo de fase um e dois...né?

Entrevistador – que são as fases mais laboratoriais né?

Entrevistado- exatamente...faz só:: com:: a população... tem muito estudo em andamento... no país todo... e:: acho que é legal você conversar com alguém pra entender... como é...como são os protocolos... pega um protocolo básico... né? De pesquisa... (entende) como ele funciona... e aí pega um exemplo prático ou alguns exemplos... né? Diferentes... então:: o pessoal pode te falar se é entre os que estejam mais avançados:: se é entre os que não estejam tão desenvolvidos ainda... né? Acho que é uma visão:: bem direcionada aí pro que você quer...né? e só uma pessoa de pesquisa pra poder te falar... essas coisas todas...

Entrevistador – é.. tem muito é um nível de detalhe muito grande...

Entrevistado- é... não acho que... essa questão toda da sustentabilidade vai _e na cabeça da pessoa... mas ela vai ter... aquele foco:: em pesquisa:: o que tem que ser feito o que não pode... e o que é obrigatório...

Entrevistador – e _e conseguiria me colocar em contato com alguém daqui?

Entrevistado- acho que sim... eu só preciso ver quem:: que seria a pessoa mais adequada pra isso... porque tem que ser alguém que conheça bastante:: que tenha uma certa experiência...né? que tenha contato com/com o pessoal lá de fora pra ver como/como que é o trâmite quer dizer...vem de fora:: começa aqui... pra você ter uma visão mais abrangente mesmo... eu/eu conheço o pessoal de pesquisa eu vou conversar com uma pessoa pra ver quem que::...que teria essa visão:: do processo todo assim pra você falar...acho que seria bem legal

[FIM]